

Luzia A. Oliva dos Santos
(Organizadora)

Letramento Literário e Ensino

versos e prosas

Coleção

 **SALA DAS
LETRAS**

Vol. 2

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso


UNEMAT
EDITORA

Luzia A. Oliva dos Santos
(Organizadora)

**LETRAMENTO LITERÁRIO E ENSINO
VERSOS E PROSAS**

vol.2



Cáceres-MT
2015

UNEMAT Editora

Editor: Maria do Socorro de Souza Araújo

Diagramação: Ricelli Justino dos Reis

Capa: Ketheley Leite Freire Rey

Revisão: Luzia A. Oliva dos Santos

Publicação *Online*

Conselho Editorial:

Maria do Socorro de Souza Araújo (Presidente)

Ariel Lopes Torres

Luiz Carlos Chieriegatto

Mayra Aparecida Cortes

Neuza Benedita da Silva Zattar

Sandra Mara Alves da Silva Neves

Severino de Paiva Sobrinho

Tales Nereu Bogoni

Roberto Vasconcelos Pinheiro

Fernanda Ap. Domingos Pinheiro

Roberto Tikau Tsukamoto Júnior

Gustavo Laet Rodrigues

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

S2371 Santos, Luzia A. Oliva dos.

Letramento literário e ensino: versos e prosas / Luzia A.

Oliva dos Santos (org.). Cáceres: Ed. UNEMAT, 2015.

v. 2; 215 p. – (Coleção Sala das Letras)

216 p.

ISBN: 978-85-7911-150-1

Coleção Sala das Letras

ISBN: 978-85-7911-147-1

1. Letramento. 2. Literatura. 3. Letras. I. Título. II. Título:
versos e prosas.

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Luiz Kenji Umeno Alencar - CRB1



Unemat Editora
Avenida Tancredo Neves nº 1095
Fone (0xx65) 3221-0023
Cáceres - MT - Brasil - 78200-000

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	6
ACERCA DO EXERCÍCIO DE LER LITERATURA Luzia A. Oliva dos Santos	
A ESPERANÇA, AINDA	8
Marta Helena Cocco	
PARTE I	
1 A “HORA DE DORMIR” E SEUS MEDOS	11
Sidnei Alves da Rocha	
2 A FUSÃO ENTRE O SONHO E O REAL: UMA RELEITURA DO CONTO FANTÁSTICO PETER PAN	44
Cleunice Fernandes da Silva e Márcia Weber	
3 UMA PROPOSTA DE LEITURA DO POEMA “O CERCO”: HOMEM VERSUS MEIO NATURAL	56
Sérgio Cervieri	
4 A CIDADE, UM HOMEM E MUITAS HISTÓRIAS	69
Denis Alves Farias e Marcia Maria Silva de Souza	
5 TERRA & COLONIZAÇÃO	88
Maríndia Becker	
6 TRAVESSIAS DE LEITURA PELAS MARGENS DA CRÔNICA “MURMÚRIOS DO RIO CUIABÁ”	106
Nilze Maria Malaguti	
7 LEITURA DO TEXTO LITERÁRIO: “CONFERÊNCIA NO CERRADO” E A PREOCUPAÇÃO COM O MEIO AMBIENTE	118
Ademir Juvêncio da Silva e Maria Salete Dias Antônio	
8 METAMORFOSE POÉTICA	124
Alessandra de Oliveira	
9 EM BUSCA DO LETRAMENTO LITERÁRIO: UMA LEITURA DO CONTO INDÍGENA “A FORÇA DA SUCURI”	139
Elisângela Dias Saboia	
10 NOSSAS HISTÓRIAS, NOSSO PATRIMÔNIO CULTURAL	150
Edivaldo Aparecido Mazolini e Elaine Lima Xavier Babinski	
11 O BICHO PAPÃO DESMASCARADO	163
César Vicente da Costa	

12 O GÊNERO POÉTICO EM SUAS DIFERENTES MODALIDADES E MÍDIAS	171
Miguel Rodrigues de Oliveira	
13 INTERAÇÃO E REFLEXÃO SOCIAL POR MEIO DO TEXTO LITERÁRIO	187
Elen Cristina Freire e Polyana Sampaio da Silva Scrimim	

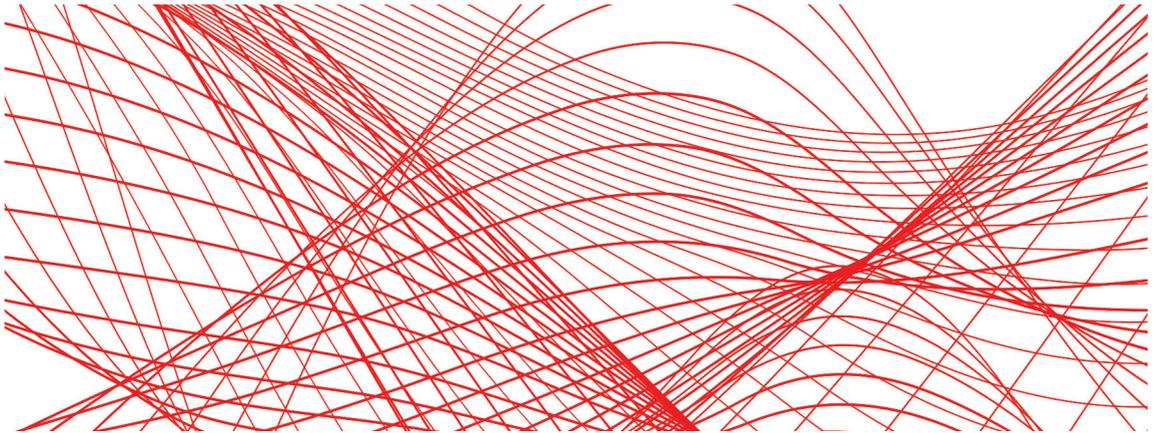
PARTE II

1 SALA DAS LETRAS: O LUGAR DE ONDE FALO	196
Luzia A. Oliva dos Santos	
2 LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA: DESAFIOS E CAMINHOS	204
Antonio Aparecido Mantovani	
SOBRE OS AUTORES	212

Textos didáticos são essenciais para a formação das pessoas, têm seu sentido e seu lugar, mas não formam leitores. É preciso que, concomitantemente, haja acesso à leitura de ficção, ao discurso poético, à leitura prazerosa e emotiva. É necessário que alguém chore, sonhe, dê risada, fique emocionado, fique identificado, comungue, enfim, com o texto, para que ocorra a formação do leitor.

Falar em literatura, como sabemos, significa falar em ficção e em discurso poético, mas muito mais do que isso. Significa abordar assuntos vistos, invariavelmente, do ponto de vista da subjetividade. Significa a motivação estética. Significa remeter ao imaginário. Significa entrar em contato com especulações e não com lições. Significa o uso livre da fantasia como forma de experimentar a verdade. Significa a utilização de recursos como a linguagem metafórica. Significa o uso criativo e até transgressivo da Língua. Significa discutir verdades estabelecidas, abordar conflitos, paradoxos, ambiguidades [...]. Significa, enfim, tratar de assuntos tais como a busca do autoconhecimento, as iniciações, a construção da voz pessoal, os conflitos entre gerações, os conflitos éticos, a passagem inexorável do tempo, as transgressões, a luta entre o caos e a ordem, a confusão entre a realidade e a fantasia, a inseparabilidade do prazer e da dor (uma configura o outro), a existência da morte, as utopias sociais e pessoais entre outros.

(AZEVEDO, Ricardo. A didatização e a precária divisão em faixas etárias: dois fatores no processo de (não) formação de leitores. IN: PAIVA, Aparecida et al (Orgs). *Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces*. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FaE/UFMG, 2007)



APRESENTAÇÃO

ACERCA DO EXERCÍCIO DE LER LITERATURA

Luzia A. Oliva dos Santos

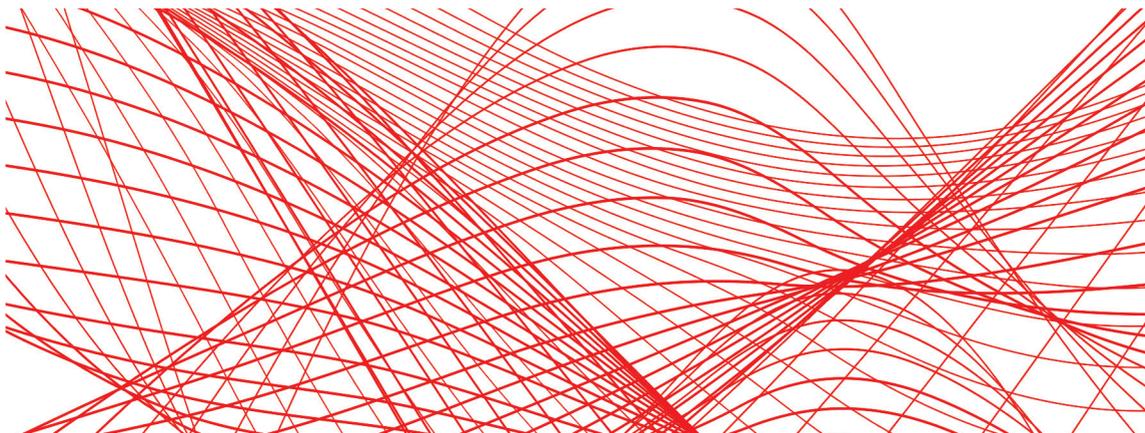
O que nos leva a empreender esta tarefa são os anseios dos educadores que ministram aulas de Língua Portuguesa e Literatura no Ensino Fundamental visando à formação de leitores literários especificamente. Cabe, pois, aqui, apresentar sucintamente o percurso feito pelos professores-alunos do curso de Pós-graduação Profissional em Letras – PROFLETRAS, da UNEMAT - Universidade do Estado de Mato Grosso, *campus* Universitário de Sinop.

Na disciplina de Leitura do Texto Literário, ministrada em 2014/1, um percurso foi feito pelos estudos de autores acerca do direito à Literatura, como Antonio Candido (2004), do letramento literário e da subjetividade na/da leitura desencadeados por Cosson (2006), Rouxiel, Langlade e Rezende (2013), dentre outros, que versam acerca das estratégias de leitura, da interpretação e da produção pautadas na autonomia do aluno como protagonista de sua identidade de leitor.

No contexto em que o PROFLETRAS/Unemat/Sinop se insere, houve a proposição de ler e analisar não apenas obras do cânone brasileiro, mas as que fazem sentido para os alunos da Educação Básica por tratarem de assuntos pertinentes à região em que habitam, abrindo, a partir delas, diálogos com outras obras e autores. Assim, a reunião de leituras aqui postas embrenha-se na captura de diferentes olhares da cultura do Estado de Mato Grosso e suas nuances culturais, históricas e sociais impressas pelo literário, ao mesmo tempo em que cumpre sua função didática de sugerir um dos caminhos possíveis de leitura, conforme preconizou a Estética da Recepção, ao apontar a pluralidade de leituras imanentes no texto.

Ressalta-se que a escolha dos textos, a proposta de leitura e sua disposição no presente trabalho são de natureza subjetiva dos professores-alunos do curso de Mestra-

do PROFLETRAS/Sinop, como também o desenvolvimento da sequência básica ou da sequência expandida (COSSON, 2006). O resultado dessa configuração é decorrente das leituras, seminários e atividades práticas desenvolvidas entre fevereiro e junho de 2014, período em que se aprofundaram as discussões em torno do letramento literário. São propostas de leitura. Não são receitas prontas e acabadas. Objetiva-se contribuir com sugestões que poderão ser modificadas a partir da realidade de cada educador. Para que isso possa se tornar realidade, os textos dos autores selecionados foram colocados nos anexos para que sua manipulação esteja ao alcance dos interessados. Assim, coube-nos a tarefa de propor sugestões, mas a arte de ler literatura é compromisso dos que formam cidadãos.



A ESPERANÇA, AINDA.

Até que o sol não brilhe, acendamos uma vela na escuridão.
(Confúcio, filósofo chinês, 551 a.C. - 479 a.C.)

Se é verdade que não se transforma sem lutas, é verdade também
que não se transforma qualquer sociedade sem poesia.
(Pedro Terra, escritor brasileiro)

Se você acha que a educação é cara, experimente a ignorância.
(Derek Bok – ex-reitor da Universidade de Harvard)

Este livro, organizado pela Professora Luzia A. Oliva dos Santos, a partir de trabalhos realizados por mestrandos e mestrandas do Programa Profletras, da Unemat, *campus* de Sinop, é uma bela iniciativa de um tipo de produções que desejamos ver com continuidade e avanços em nossa UNEMAT. Um dos papéis importantes da universidade é a produção científica que atenda às demandas dos diversos segmentos sociais. No caso das licenciaturas e, mais especificamente, da área das Linguagens, é fundamental que se atenda à demanda da educação básica por publicações que auxiliem o professor que está na escola. Geralmente esse professor está sobrecarregado de trabalho, atuando em mais de um turno, o que torna custosa a tarefa de garimpar novos textos para as produções de leitura. Alguns desses professores, coincidentemente, são os mestrandos que estão em programas de pós-graduação profissionalizante e que, em vez de produzirem uma dissertação final, produzem material didático que possa servir mais diretamente ao ensino nas escolas.

Recebemos com alegria esta primeira produção do grupo de Sinop. São propostas baseadas, entre outras referências teóricas, no que o pesquisador e professor Rildo Cosson chama de Letramento literário e se constitui de sequências didáticas (básica e expandida) que vão da motivação para a leitura à interpretação da obra.

Um dos pontos altos deste trabalho é a inserção de textos da literatura produzida em Mato Grosso e de narrativas de povos indígenas coletadas a partir da expressão oral desses povos, habitantes nativos do território. Essa inclusão é muito importante porque a escola é (ou deveria ser) um dos mais fecundos ambientes em que a criança e o jovem se preparam para o futuro, desde a socialização à produção de conhecimentos científicos, éticos e de cidadania. Essa preparação não pode prescindir de reflexões sobre o seu entorno, sobre questões ligadas ao espaço em

que esses educandos vivem.

O contato e o convívio com a arte literária permitem ao educando uma das experiências mais ricas para a jornada do crescimento humano. Pela poesia e pela prosa desenvolve-se a sensibilidade, além de habilidades cognitivas, entre as quais, as propriamente linguísticas. Quando entramos no mundo das observações e reflexões do eu lírico dos poemas, ou quando tomamos partido das opiniões, paixões, sofrimentos e alegrias dos personagens de uma narrativa, estamos, no fim das contas, colocando-nos no lugar do outro. Esse outro pode nos ensinar sobre atitudes que devemos combater e erradicar e/ou, pode nos ensinar a respeitá-lo, a compreendê-lo e a conhecê-lo e, assim, levar-nos ao próprio conhecimento. Haquira Osakabe, importante pesquisador brasileiro, falecido há poucos anos, em um brilhante artigo sobre a necessidade de enfrentarmos a indiferença decorrente do ceticismo nos comportamentos sociais e políticos, coloca a poesia (e isso pode ser extensivo à prosa) como uma das possibilidades mais fecundas para embasar o “exercício crítico e a perspectiva transformadora”, num tempo e num sistema que nos impõem o critério da “utilidade”. A literatura, que alguns pensam não servir para nada, pelo contrário, é imprescindível na formação humana, o que não é novidade. Se não é novidade, por que precisamos repetir infinitamente que ler é necessário? Talvez por que estejamos imersos numa cultura em que a criticidade, propositadamente, foi relegada a um plano inferior. Há milhares de anos grandes sábios, de muitos lugares do mundo, já disseram e continuam dizendo que o caminho para a construção de um mundo melhor é a educação dos povos. Por que é tão difícil trilharmos esse caminho?

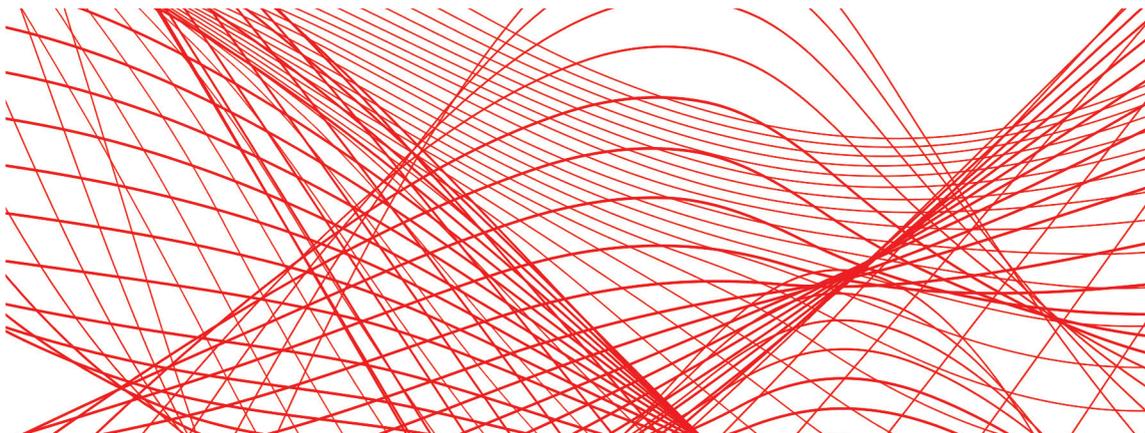
Diante de tantos obstáculos, conhecidos ou obscuros, diante da concorrência com outras mídias que o livro enfrenta na atualidade, um dos maiores desafios do educador ainda é o de formar leitores. Felizmente há quem não desista, há quem persevere no seu trabalho, há quem mantenha a esperança viva. Como esse grupo do Proffletras da UNEMAT, *campus* de Sinop. Rildo Cosson, pesquisador referendado pelo grupo, conta uma história (no seu livro) muito antiga, ocorrida na China, sobre um imperador que não conseguia encontrar um sábio que se propusesse a educar o futuro herdeiro do trono. Não repetirei aqui a história, mas a lição final é a de que é impossível ensinar diante da arrogância, da indiferença e da ignorância. Por isso seu método, considerado por esses mestrandos e sua professora orientadora, prevê uma sequência de ações para a produção de leitura, ocupando-se, inicialmente, da motivação dos leitores. Desejamos sucesso ao grupo liderado pela professora Luzia, agradecendo pela partilha desta publicação. Toda iniciativa em favor da leitura é louvável, pois sabemos que os benefícios virão no tempo que hão de vir. Em educação, o prazo para a colheita não coincide com o intervalo entre uma eleição e outra. Isso explica muito sobre as dificuldades dos professores em sala, isso explica muito sobre os baixos índices de desempenho dos alunos e isso torna ainda mais valiosas as pesquisas e produtos que significam esperança na qualidade da educação.

Marta Helena Cocco
Professora de Literaturas de Língua Portuguesa da UNEMAT
campus de Tangará da Serra.

BibliografiaOSAKABE, Haquira. **Poesia e indiferença**. IN: PAIVA, Aparecida et al (Orgs). **Leituras literárias, discursos transitivos**. Belo Horizonte: CEALE: Autênti-

The background features a vertical black bar on the left side. The rest of the page is white, overlaid with a complex pattern of thin, red, curved lines that create a sense of depth and movement, resembling a wireframe or a stylized landscape. The lines are most dense on the left and right sides, with a central area that is less cluttered.

PARTE I



1 A “HORA DE DORMIR” E SEUS MEDOS

Sidnei Alves da Rocha

1. Texto: “Hora de dormir” (do livro *Correspondências*)

2. Autor: Santiago Villela Marques **Editora:** Carlini Caniato Editorial **Ano:** 2013

Outros textos: Origem e características do Bicho-papão; Chronos devorando um filho (tela), do pintor Francisco de Goya; Zeus e a cabra, de Adriane Duarte; Tutu, A. S. Franchini; Lenda Amazônica: Jacurutu/Garantido 30/06/2007: Festival de Parintins; Poema de circunstância, de Mário Quintana; Poema Boa noite, dia!, de Santiago Villela Marques; A lenda do jacurutu, de Altino Berthier Brasil.

3. Série indicada: 3ª Fase do 3º Ciclo (9º Ano)

4. Duração: 16 aulas

5. Temática a ser debatida a partir da leitura do texto:

Por intermédio do conto selecionado do ficcionista mato-grossense Santiago Villela Marques, esta sequência didática tenciona explorar com os alunos os medos oriundos da infância de cada um, mas também outros medos que podem ser explorados e discutidos e que inúmeras vezes se encontram nos lugares mais recônditos do ser humano, aquele cantinho mais obscuro do íntimo das pessoas, que independe de idade, classe social ou função desempenhada na sociedade.

Para que essa atividade seja realizada da maneira mais lúdica e interativa possível, a exploração das sensações presentes na linguagem, seja ela visual ou verbal, apresenta-se como essencial, pois ela tem o dom de transportar o indivíduo para outros tempos, outros espaços ou mesmo, outros mundos, onde se pode (re)encontrar medos ou compartilhar com outros medos que não lhe pertencem, especialmente utilizando as palavras, analisando os textos e a linguagem alheia ou o próprio corpo linguagem ou as próprias palavras. Pensando nisso é que foram escolhidos os textos mencionados

acima, cheios de imagens poéticas, mitos e lendas que despertam nossos medos por vezes escondidos ou fazem aparecer outros que sequer conhecíamos, mas que, por outro lado, por meio da fruição nos encantam pela força expressiva que contêm e pela força das palavras e imagens que cada um deles carrega.

Mesmo que a proposta seja a de trabalhar também com as artes plásticas, por meio da análise do quadro “Chronos devorando um filho”, de Francisco de Goya, sua interpretação envolverá a palavra falada e escrita. A respeito disso, Cosson (2012, p. 15) menciona que “no princípio e sempre é o verbo que faz o mundo ser mundo para todos nós, até porque a palavra é a mais definitiva e definidora das criações do homem”.

6. Autor:

“A rede prene de peixes é vazia de rios”, mas Santiago não é rede (embora pescador de palavras), é rio caudaloso que corre pelas terras, ilhargas, pantanais mato-grossenses carregado de cardumes de figuras poéticas, de tradições locais, de mitos e lendas do nosso estado. É doutor em Estudos Literários, professor de Literatura e História da Arte, Mitologia e Antropologia, além de poeta e contista. Coleciona diversos prêmios nacionais pela excelência de sua ficção. Santiago Villela Marques (pseudônimo de Paulo Sérgio Marques) nasceu em São Paulo/SP e mora atualmente em Sinop/MT.

7. Estrutura textual:

Serão explorados os elementos textuais do gênero conto, discutindo-se especialmente as reações das personagens diante do medo e procurando, por meio de análises e discussões, levar o aluno leitor a uma compreensão maior dos seus medos e dos possíveis medos que rondam seus familiares e a sociedade nesse e em outros tempos, bem como propiciar aos alunos o acesso a textos diversificados, ampliando o leque de possibilidades que vão desde imagens, a contos, poemas, lendas, quadros a textos informativos, passando por vídeos e letras de músicas.

Procurar-se-á, também, instigar os alunos a se colocarem no lugar das crianças presentes nos diversos textos analisados e compreender as atitudes de cada personagem que aparece tanto no conto como no quadro e os sentimentos do eu lírico que fala nos poemas. No conto “Hora de dormir” (*Correspondências*, 2013), por exemplo, há uma figura submissa, frágil e dependente, representada pela figura do filho; a mãe, por sua vez, representa uma figura do bem, mas que, mesmo sendo carinhosa, atenciosa e quase protetora, não tem em si despertadas ações proativas no cuidado com o filho molestado todas as noites de forma violenta pelo pai, que pode representar, nesse contexto, o mítico bicho-papão da história, a personagem do mal.

As correlações feitas com usos de textos diversificados e de formas diferenciadas (verbais, não verbais, informativos, contos e poemas) trazem aos alunos uma variedade maior de possibilidades de leituras e de interpretações de sua e de outras

realidades, buscando sempre uma análise de forma contextualizada e contemporânea.

Em relação ao texto não verbal, a leitura será feita a partir da tela “Chronos ou Saturno devorando um filho”, do pintor espanhol Francisco de Goya (1746-1828), que mostra toda a crueldade humana na tentativa de manter o poder. A violência contra o filho pode ser confrontada pelo aluno com a violência de pai contra filho no conto “Hora de dormir” (Correspondências, 2013).

O primeiro poema lido, discutido e analisado será o “Poema de circunstância” (*Apontamento de história sobrenatural*, 2005), do poeta gaúcho Mario Quintana, que traz à tona, nessa bela composição poética medos ligados aos verdadeiros papões que, na sua visão são os arranha-céus e não os grandes monstros que surgiram e desapareceram, muitos disputando espaços com o ser humano ao longo da história de sua trajetória pelo sensível ecossistema do planeta terra.

O último texto analisado e confrontado é um poema, também de Santiago Villela Marques, “Boa noite, dia.” (*Selvagem*, 2013), que inverte a relação de medo, não mais da criança com medo do monstro no vão da cama, ou dos fantasmas, dos lobisomens noturnos, mas os medos dos adultos, fora do aconchego da noite, da “hora leve de escutar no escuro o coração”. Nos textos, tanto bem e mal quanto Eros e Thanatos caminham de mãos dadas com o destino e brincam com as personagens que são, muitas vezes, levadas pelas circunstâncias que se lhes apresentam.

8. Objetivos:

Com base nas habilidades e capacidades pertencentes às Orientações Curriculares para o Estado de Mato Grosso, seguem os objetivos principais da sequência literária:

- Compreender, utilizar e interpretar diferentes linguagens para a compreensão do mundo que o rodeia, correlacionando medos expostos em textos literários e não literários a seus próprios medos e medos que o cercam.

- Reconhecer e interpretar obras de arte como produções histórico-culturais a fim de demonstrar domínio da linguagem não verbal em busca da compreensão de mundo;

- Articular informações textuais e conhecimentos prévios para a devida fruição da obra de arte pictórica e escrita;

- Inferir informações explícitas e implícitas presentes nos textos para uma melhor compreensão e fruição.

- Estabelecer relação entre o texto verbal e recursos gráfico-visuais a fim de facilitar a compreensão e a análise dos mesmos, correlacionando-os com o meio em que vive o aluno;

– Discutir com os educandos os textos literários, incentivando-os a pesquisarem outros textos verbais e não verbais, inclusive charges, para facilitar a leitura e a análise dos mesmos;

– Levar o aluno a compreender a importância da leitura prazerosa, tentando incentivá-los à prática cada vez mais constante de leitura em busca da fruição literária;

– Ler com os alunos trechos ou mesmo o texto inteiro caso haja dificuldade no entendimento dos mesmos, discutindo-os, por meio de questionamentos, a fim de facilitar a compreensão.

9. Atividades:

A proposta de atividades apresentada nesse trabalho tem por base a sequência (didática) expandida que envolve leitura, interpretação, intervalos, produções de respostas, pesquisas e leituras extraclasse e avaliação, conforme Cosson (2012).

Parte 1:

1ª Motivação: para a primeira motivação foi selecionado um texto que trata da lenda do bicho-papão, com uma imagem representativa do monstruoso ser, que será lido coletivamente com os alunos.

Em relação ao texto, algumas perguntas e discussões são pertinentes, como:

1. Você se lembra de situações parecidas com as expostas no texto em que seus pais mencionavam o Bicho-Papão? Que situações eram essas e em que momentos aconteciam?
2. A sua reação era de medo ou você nem se preocupava por já saber ser este um personagem mítico? Comente a respeito de suas reações.
3. Você acredita que ainda hoje os pais usem dessas estratégias para fazerem seus filhos dormirem? Já presenciaram algo parecido? Diante do fato, qual foi a sua reação?
4. Você acha normal a atitude dos pais que ameaçam seus filhos mencionando esse ser monstruoso que é o Bicho-Papão para que fiquem quietos e durmam ou, pelo contrário, é uma atitude totalmente condenável? Exponha sua opinião a esse respeito.
5. De que forma você agiria para convencer seu filho a ir para a cama e dormir?

Parte 2:

2ª Motivação: Apresentação em Data show do quadro “Chronos devorando um filho”, de Francisco de Goya e discussão a respeito de toda a carga de crueldade apresentada pela obra.

Na sequência, perguntas são feitas aos alunos, conforme segue:

1. Você conhece o mito grego de Chronos? Em caso afirmativo, como é a sua história? (Na sequência, os alunos são convidados a ler o mito grego “Zeus e a Cabra”, que trata da mesma temática do quadro “Chronos, o Deus do Tempo, devora seus filhos”).
2. O que você achou da atitude extremada de Chronos de engolir seus filhos para não perder para um deles seu trono no Olimpo?
3. Faça um pequeno comentário sobre suas conclusões e impressões a respeito do texto, trazendo as reflexões para as relações entre pais e filhos na atualidade.

Parte 3:

1º Intervalo: Pedir aos alunos que pesquisem e discutam com seus pais em casa a respeito da mitologia e das lendas envolvendo corujas. Caso as circunstâncias não permitam, como falta de acesso à Internet, falta de livros ou outro material de pesquisa, imprimir e passar aos alunos o texto “Corujas: entre lendas, mitos, deuses e demônios”, de Willian Menq.

Ao iniciar a aula seguinte, pedir aos alunos que apresentem as suas conclusões a respeito da pesquisa ou da leitura do texto apresentado pelo professor a fim de que a sala tenha um conhecimento o mais amplo possível. Se preferir, reuni-los em grupos de 3 ou 4 alunos e solicitar que organizem todas as conclusões dos alunos do grupo, sistematizem-nas e apresentem, após aula(s) no LIED, em slides para a turma.

Parte 4:

Conto “Hora de dormir” (*Correspondência*, 2013), de Santiago Villela Marques

Introdução: Breve apresentação do autor e uma breve justificativa a respeito da seleção do conto, contextualizando sua história, sem desvelar, no entanto, seu enredo.

Antes da leitura do conto, e tendo por base somente a análise do título, o aluno é convidado a refletir sobre as perguntas:

1. Quais ideias o título “Hora de dormir” pode suscitar? A partir dele, o que você espera encontrar na história a ser lida?
2. Para você, qual pode ser a temática do texto? O que o leva a concluir isso?
3. O título desperta sua curiosidade? É chamativo, motivador? Por quê?

Após a leitura e as primeiras discussões, são apresentados os seguintes questionamentos:

1. A história superou suas expectativas? Comente.
2. A forma com que são apresentados o cenário, os objetos e as personagens contribui para a compreensão do texto e para enfatizar a relação de medo e de surra

do pai para o filho?

3. O desfecho da história pode sugerir mais de uma interpretação. Qual(is) você consegue vislumbrar? Fale sobre cada uma delas.
4. Reescreva o seu desfecho ou continue a partir do final deixado pelo autor expondo nele uma de suas interpretações possíveis, sem deixar de seguir o estilo do texto.
5. Vocês conhecem a lenda do Bicho Tutu? Não? Estão agora vocês irão conhecer através da leitura do texto extraído do livro “As 100 melhores lendas do folclore brasileiro”, de A. S. Franchini. Concluída a leitura individual ou coletiva da lenda “Tutu”, conforme intenção do professor, questionar os alunos:
6. Qual a relação entre o Bicho Tutu apresentado no conto de Santiago e o Tutu da lenda? O autor trouxe para seu texto as características desse ser monstruoso ou a modificou conforme sua necessidade? Ele lhe meteria medo?

Parte 5:

2º Intervalo: Pedir aos alunos que pesquisem em casa a respeito da lenda do Bicho Tutu. Na impossibilidade de tal atividade, imprimir e entregar aos alunos para leitura em momentos extraclasse do texto “Seres sobrenaturais: Tutu, de Alfredo do Vale Cabral. Ao iniciar a aula seguinte, pedir aos alunos que apresentem as suas conclusões a respeito da pesquisa ou da leitura do texto sugerido pelo professor a fim de tirar possíveis dúvidas e ampliar o entendimento e o conhecimento dos alunos a respeito da lenda em análise.

Parte 6:

Entregar aos alunos a letra impressa da música “*Jucurutu*”, apresentada em 2007 no Festival de Parintins, lê-la com os alunos e, em seguida, com a utilização do data show, mostrar o vídeo “*Lenda Amazônica: Jucurutu / Garantido 30/06/2007: Festival de Parintins*”. Solicitar aos alunos, em seguida, que recontem essa lenda por meio de um miniconto, acrescentando personagens, enredo atual, situações do cotidiano, narrador (em 1ª ou 3ª pessoa) clímax, além de um título chamativo e um desfecho surpreendente ou interessante.

Parte 7:

Texto “Poema de circunstância”, de Mário Quintana.

Concluída a leitura em voz alta do poema, o aluno deve responder às perguntas que seguem:

1. Para você, qual é o tema do poema lido?
2. Reflita e comente: A figura de linguagem básica do poema é a prosopopeia? O que o levou a chegar a essa conclusão?

3. Nesse texto aparece o bicho-papão. Mas ele aparece da mesma forma que o conhecemos na infância? Quem é o bicho-papão do poema? Você o acha perigoso? Sente medo como o eu lírico sente? Comente.

Parte 8:

Poema “Boa noite, dia!”, de Santiago Villela Marques

Após a discussão do texto, o aluno responde às perguntas:

1. Que relação tem esse poema e os textos lidos anteriormente? Faça uma comparação estabelecendo as principais semelhanças e diferenças.
2. A partir das metáforas do texto e tendo por base as imagens poéticas (devidamente explanadas para os alunos), quais imagens poéticas você consegue visualizar? Essas imagens formatadas por você o ajudam a interpretar o poema? Como?
3. Como Cronos, o deus do Tempo aparece representado nesse poema? Explique a passagem do tempo sugerida pelo eu lírico no poema analisado.

Parte 9:

Entregar aos alunos cópia do texto “*A lenda do Jacurutu*”, de Altino Berthier Brasil. Após a leitura e discussão, os alunos são convidados a responder as seguintes questões:

1. Como o autor do conto “Hora de dormir” aproveitou essa bela lenda para utilizá-la em sua história? Você percebe diferenças entre o Jacurutu da lenda e o Jacurutu apresentado por Villela Marques no conto mencionado? Comente.
2. Para concluir: No início de “A lenda de Jucurutu” nos é apresentado o cacique antropófago que comia carne de criança de tribo inimiga, mas começou a comer também carne de criança de sua tribo, tal qual um Bicho-Papão; no “Poema de circunstância”, o eu lírico menciona que “Os verdadeiros monstros, os Papões, são eles, os arranha-céus!”. E no conto de Santiago Villela, para você, quem é o Bicho-Papão? De quem Danilo deve ter medo? Que característica desse ser monstruoso o contista manteve na história e que ações e atitudes ele acrescentou para dar vida a essa personagem?

Todas as questões podem ser exploradas de forma oral, porém, após a discussão e possíveis elaborações de outros questionamentos a partir das respostas e conclusões, é imprescindível que os alunos registrem todas as suas respostas por escrito com o intuito de uma avaliação mais embasada por parte do professor, possibilitando a esse a obtenção da contribuição de todos os alunos, já que, em discussões orais levando-se em conta o número de alunos por turma, é impossível a participação efetiva de todos nas discussões levantadas e nas questões debatidas.

Como produção final, pedir aos alunos como tarefa de casa o reconto da lenda

de Jacurutu ou Jacurutu, trazendo-a para o contexto do aluno ou mesmo inserindo-a em um conto como o fez Santiago Villela. Após a primeira avaliação dessa produção, solicitar a reescrita do texto, seguindo um dos critérios de correção sugerido por Ruiz (1998) da dissertação “Como se corrige redação na escola”, especialmente as questões tratadas no “Capítulo 1. A correção (o turno do professor): uma leitura”.

10. Ferramentas tecnológicas a serem utilizadas:

Data show, notebook, computadores, textos impressos, LIED.

11. Bibliografia:

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: Teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2012.

DUARTE, Adriane. **O nascimento de Zeus e outros mitos gregos**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FRANCHINI, A. S. **Os 100 melhores mitos do folclore brasileiro**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

MARQUES, Santiago Villela. **Correspondências**. Cuiabá: Carlini Caniato Editorial, 2012.

_____. **Selvagem**. Cuiabá: Carlini Caniato Editorial, 2013.

12. Webgrafia:

BICHO-PAPÃO. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/folclore/bichopapao.htm>. Acessado em: 14 de maio de 2014.

BRASIL, Altino Berthier. **A lenda do Jacurutu**.

Disponível em: <http://alyssonneves.blogspot.com.br/p/lenda-do-jacurutu.html>.

Acessado em: 23 de junho de 2013.

CABRAL, Alfredo do Vale. Acheugas ao estudo do folclore. In: CASCUDO, Luís da Câmara. **Antologia do folclore brasileiro**.

Disponível em: <http://www.jangadabrasil.com.br/agosto36/im36080b.htm>.

Acessado em: 17 de junho de 2014.

_____. **Seres sobrenaturais: Tutu**.

Disponível em: <http://www.jangadabrasil.com.br/agosto36/im36080b.htm>.

Acessado em: 23 de junho de 2013.

FESTIVAL DE PARINTINS. JACURUTU – BOI GARANTIDO.

Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=mN7a2Dgt8Bc>.

Acessado em: em 7 de maio de 2014.

FREIDMAN, S. (2013) **Owl Myths and Legends**.

Disponível em: http://wildbirdsonline.com/articles_owls_in_myth.html.

Acessado em: Julho de 2013.

GOYA, Francisco de. **Saturno devorando seu filho**.

Disponível em: <http://abstracaocoletiva.com.br/2012/11/01/analise-do-quadro-saturno-devorando-seu-filho-de-francisco-de-goya/>.

Acessado em: 23 de julho de 2013.

JACURUTU. Disponível em: <http://www.wikiaves.com.br/jacurutu>.

Acessado em: 17 de junho de 2014.

LENDA AMAZÔNICA: JACURUTU / GARANTIDO: FESTIVAL DE PARINTINS. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=mN7a2Dgt8Bc>.

Acessado em: 12 de março de 2014.

LEWIS, D. (1999) **Owls in Mythology & Culture**.

Disponível em:

<http://www.owlpages.com/articles.php?section=Owl+Mythology&title=World>.

Acessado em: 23 de maio de 2013.

_____. **World Owl Mythology**.

Disponível em:

<http://www.owlpages.com/articles.php?section=Owl+Mythology&title=World>.

Acessado em: 23 de maio de 2013.

MERQ, Willian. **Corujas: entre lendas, mitos, deuses e demônios**.

Disponível em: http://www.avesderapinabrasil.com/materias/corujas_crendices.htm.

Acessado em: 23 de junho de 2013.

RUIZ, Eliana Maria Severino Donaio. **Como se corrige redação na escola**. Biblioteca Digital da UNICAMP: 1998.

Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000136078>.

Acessado em: 23 de maio de 2013.

WIGINGTON, P. **Legends and Lore of Owls**.

Disponível em: <http://paganwiccan.about.com/od/othermagicspells/a/Legends-And-Lore-Of-Owls.htm>. Acessado em: 23 Julho de 2013.

ANEXO 1

O bicho-papão é uma figura fictícia mundialmente conhecida. É uma das maneiras mais tradicionais que os pais ou responsáveis utilizam para colocar medo em uma criança, no sentido de associar esse monstro fictício à contradição ou desobediência da criança em relação à ordem ou conselho do adulto.

Desde a época das Cruzadas, a imagem de um ser abominável já era utilizada para gerar medo nas crianças. Os muçulmanos projetavam esta figura no rei Ricardo, Coração de Leão, afirmando que caso as crianças não se comportassem da forma esperada, seriam levadas escravas pelo melek-ric (bicho-papão): “Porta-te bem senão o melek-ric vem buscar-te”.

A imagem do bicho-papão possui variações de acordo com a região. No Brasil e em Portugal, é utilizado o termo “bicho-papão”. Nos Países Baixos, o monstro leva o nome de Zwart Piet (Pedro negro), que possui a tarefa de pegar as crianças malvadas ou desobedientes e jogá-las no Mar Negro ou levá-las para a Espanha. Em Luxemburgo, o bicho-papão (Housecker) é um indivíduo que coloca as crianças no saco e fica batendo em suas nádegas com uma pequena vara de madeira.

Segundo a tradição popular, o bicho-papão se esconde no quarto das crianças mal educadas, nos armários, nas gavetas e debaixo da cama para assustá-las no meio da noite. Outro tipo de bicho-papão surge nas noites sem luar e coloca as crianças mentirosas em um saco pra fazer sabão. Quando uma criança faz algo errado, ela deve pedir desculpas, caso contrário, segundo a lenda, receberá uma visita do monstro.

<http://www.brasilecola.com/folclore/bichopapao.htm>

ANEXO 2



Chronos devorando um filho - Francisco de Goya

ANEXO 3

Hora de dormir

Santiago Villela Marques

Iacurutu, num é hora de saí.

Iacurutu, fecha as asa de voá

Iacurutu, vem fazê o nenê mimi

Iacurutu, vem fazê o nenê naná...

... e Mãe cantencanta de seguidas vezes o mesmo refrão, e que é de menino dormir quando anjos sinfonizam!

Naná-naná-nananá-nanananá... salmodia ele baixinho no acompanhamento do acalanto.

Porém é a noite. Quer-se de criança que durmam com anjinhos sem arpejos ou talentos musicistas. Esse, Danilo, tão bem-criado para as ordens do dia, ora veja, tem sono desobediente.

Iacurutu, vem fazê o nenê mimi...

A asa dos olhos ensaia tremular no recolhimento, mas: madeira de soalho ronca na parede atrás. Danilo chega a pensar que sono calça botas de andar ao sol, faz tanta bulha na aproximação, que as pálpebras esvoaçam, borboletas desfolhadas. Mãe, que tem mão de plumas, recolhe-as do vento.

Iacurutu, fecha as asa de voá.

E a voz de flor escorre até a porta cintilando polens no quarto hipnotizado.

Iacurutu...

Mãe atravessa a porta e tranca a docilidade a chave, para dar boa companhia de sono ao menino.

Do outro lado da parede que engoliu Mãe, é Pai que entra no trote-boi dos homens brutos, a fazenda faz Pai de capataz e Pai ensina à fazenda as suas pesadas lições: à terra sua tarefa de expressar-se em grãos; às cercas o mister de geometrizar riquezas; à alimária a vocação de saber-se bicho, e a mesma lição aos homens.

Mãe aprendia tudo, era boa de escola e queria até ser professora, se não ganhara marido de sabedorias. Maior de informação, Pai sempre encontrava os meios de falha que a boa aluna não via, mas deduzia dos castigos. Pai era providenciado nas clarividências: meia garrafa de aguardente e os embustes do universo se lhe desmantelavam. Reconhecia as manhas do diabo e as de Deus, que não são menores. Mãe, se ser mulher e santa, apanhava pelos dois.

Danilo buscava fazer silêncio no barulho do Pai, repetindo na voz insetinha um bulício de arremedo a Mãe: *Iacurutu, num é hora de saí...* Mas havia sempre a interrupção de palavra a não escutar, e de intrometido ele ouvia seu nome se enfiando no vão da porta – Danilo! –, deslizando sob o colchão, fazendo voltas e nadando no calado espesso do quarto – Li-i-ilo! – e pousando no parapeito da janela, onde o vidro assoviava: Lili-i-inho... Lili-i-inho!

E estrelavam na noite externa os olhos vivenegros de Iacurutu.

Primeira vez, ele ajuizou ser manha do Bicho Tutu, o papa-menino. Enfronhou a cabeça no cobertor, que aquilo é bicho de respeito, que não se enfrenta no escuro. Mas a voz se sucedia insistida, mansinha que nem pardal de quintal sem gato. E parecia com a de Mãe, cantadinha miúda e no calor. De lento, na coragem vagarosa do medo, audaciou de levantar a coberta e verificar as verdades. E elas eram que não pareciam de Bicho Tutu esses olhinhos dependurados no galho da mangueira, nem se desconfiava de seres de maldade aquela vozinha oboé-bambu. Tudo em conforme de bem-aventurança, foi o que ele decidiu de sentir, para convencer o pé de uma aventura até a janela.

E deu-se.

Que era o próprio Iacurutu, jurou-se autoapresentado, e vinha por solicitações do cantar bem argumentado de Mãe.

Fizeram-se, o pássaro e o menino, conversadores, e a amizade se debruçou na janela, de entre.

Iacurutu conta sempre um mundo de outros mundos, que alumia com seus olhos de enxergar a noite. Exageramentos, para criança entender. Conta: brinquedo dos anjos, fingir-se de gente. Conta: o lugar dos bichos, onde homem e beterraba são de igual, a pretendida comida. Conta: os fantasmas, pessoa esquecida do mapa do céu. Conta: o mar, pasto azul dos cardumes. Conta: a floresta de sacis e boitatás e também de Iacurutu.

E Bicho Tutu?

Danilo quer saber o mais – o sabido é o consumido, conhecimento é o que sobra.

O menino se empergunta, a ave desresponde, quem dos dois é o que sabe? – é o que se não sabe.

Danilo vai se formando doutor de insubstâncias, as sabedorias noturníssimas do pouco, e aprende as lições, muitas. Que: morte é quando a vida se distrai. Que: passarinho e borboleta é flor sem lugar. Que: menino é o jacaré da lagartixa. Que: o feio é uma doença de vista. Que: a preguiça é o pecado do paraíso. Que: coragem é medo desembestado.

Pai é que deve de não gostar de tanta lição sem serventia. Na obrigação de ensinar ao filho suas sapiências, Pai esmurra a porta do quarto do menino, grita à chave. Mãe não quer entregar, no seu juízo de arcanjo em portão de jardim proibido.

Arre, mas que tem diabo que nem anjo exorciza. A chave vai parar à mão de Pai, à mão caluda e pesada de Pai, conceituada no ganhar pela força. E vai parar, a chave, à porta de Danilo. E vai o mundo aberto, e Danilo nele, sem chave. Pai afeito nas desmesuras, descomprometido do sutil, Iacurutu dá às pernas. Danilo vai sem asas às suas. Ahh, isso de voar é de jeito! Mas há de ser para quem tem ossos frágeis, não esses grossos e calejados de menino-de-apanhar. O mais é dormir sem Iacurutu, que a dor também é soporativa.

As diferenças são muitas nas razões do corretivo, e Danilo grandemente se instruiu nos relativismos legisladores: apanha-se de não dormir; apanha-se de estar dormindo quando o melhor é acordado; apanha-se de estar à janela; apanha-se de jazer-se à cama em cima, ou à cama embaixo, conforme varia o medo da suspeita ao terror. Parece tudo o diferente, nunca vai o homem na mesma razão – homem é animal de surpresas, só onça é que ataca sempre pelas costas. Daí que toda vez era o recomeço do novo. Vai Mãe, vem Iacurutu; vem Pai, sai Iacurutu. A surra. E as histórias, todas de

meio.

Entra outra noite e Iacurutu, no lado de lá do vidro à janela, conta que Mãe fecha a porta para o Bicho Tutu não entrar. E põe tintas no desenho à língua, magnífica descrição do ser-de-assombro. No bico flautista de Iacurutu, retrato insuflado do sinistro é este perfil de Bicho Tutu: buracos sem fundo de olhos, de enxergar a alma no não-lá-dentro; mas muito em miudinhos, para caber na cara melhor os dentes, cada um na feição de um canivete amolado; dedos tremelicando de aranha-carangueja, passeadores e curiosos de couro de criança; a corcunda seca e calombosa como segunda cabeça; o tronco ondulado de rugas, onde pesteiam vermes e varejeiras; e voa em aparatos de morcego.

Sumamente isto, resume Iacurutu: o que de melhor inventou o Diabo, no aperfeiçoamento do avesso.

Danilo expõe-se ao medo, desabrigado. Iacurutu pede as devidas desculpas, de ser narrador exato, se oferece em proteção: se que o menino Lilo, Iacurutu se faz de pertinho pra montar olho no bicho. Lilinho diz sim, tímido, íntimo.

A noite se abafa em asas e a mangueira se mascara em plumas escuras que deságuam sobre a janela de Danilo. Iacurutu agora é grande, um dobro de homem. Mas ainda entrevado, no peitoral da janela, em fora do vidro, é débil, dúbio. A voz, só, cresce, maior. Conta de outros meninos, que têm pai que também canta que nem Mãe, e mãe que não tem olho roxo de chorar. Quer ver?

E é de?

Se.

Iacurutu pede entrada, abriga-me que te abrigo. A janela hesita, não confia abrir-se. Será?

Na demora do pulo é que sapo se dá à cobra. Acabou o tempo de levantar o vidro, pois aí evém Pai e seu estupro de portas. Quede Iacurutu? Voa... Quede sono? Voa... Quede mundos?

Fica para mais.

Para aquela noite, preparada, em firmezas. A lua já escondeu a cabeça no manito de Iacurutu na janela. Danilo apanhou a coragem, para ter o com-que de alavancar a vidraça.

Mas no espelho espectral do vidro, a transparência outra: a imagem própria de Danilo se iluminou, translúcida, e atrás o escuro, a sombra incerta de Iacurutu, que o fantasma do menino embaçava.

Danilo firmou as mãos. Então, correu para cima, escalando centímetros, a linha de vidro da janela, aproximando e confundindo menino iluminado e pássaro de

breu, os contornos diáfanos da criança à luz de vela transmigrando em massa compacta e negra. Danilo sumindo no espelho da janela e Iacurutu subsubindo forte de corpo...

O horrível!

E era. Era mesmo. Era sem que duvidar. Danilo sozinho. De frente com Bicho Tutu. Canivetes na boca. Dedos tarantulantes. A cabeça acessória às costas. O tudo de nada esperando, na medida do bem descrito por Iacurutu autobiografado. O retrato dito nele mesmo feito. Iacurutu era aquilo: mau em nome bom, para enganar menino.

Bicho Tutu, que era o abstraído, o de pele de sonho, o recortado em palavra e ameaça, o ser de apreensão, Bicho Tutu agora era coisa, corpo de corpo, fato no ato, assunto sem prosa, inteiro de si.

Danilo era o desprevenido. Até o medo assustado, sem serventias. No jeito de quem morre, pensamentos nenhuns, os sentidos só para o ser, desocupado de existir. E? E...?

Vem de novo Pai, de porta abaixo, no estremecimento do quarto. Danilo em só, facinho, a carne nem se ofendia na surra de Pai, o de dentro é que vivia no tempo, suspirava a fuga de Iacurutu e a irrupção do Pai súbito. Danilo transposto, resgatado, o salvamento.

Agora, hoje, é a noite enfim, a outra, a última, a de encorajar enfrentamentos. Danilo apruma, audaciosa a vidraça da janela. O escuro lhe bate ao peito, inteiro, por fora como por dentro. A lua está sem-vergonha e brinca com a lâmina do facão de escamar peixe, na mão do menino. Facão que Mãe reclama de usar, na preferência de uma talher mais mulheril. Danilo, porém, é o homem na faca em punho. Rivaliza, espreira o pretume noturno.

Nem unha de Bicho Tutu. É o medo, é? Danilo é o homem.

Filosofante, a mangueira contempla constelações. Danilo escuta gente barulhenta na casa. Vai à cama, dieta na faca, macha e calada.

Já é muito noite. Aquela hora, a hora. De o mundo existir num silêncio de sapo e grilo, de todas as coisas miúdas murmurarem sua essência.

Defronte, no fundo da porta, a bota do pai arrelia, sem sono; atrás, a mangueira sussurra um pensamento de árvore e um ruflar de asas sacode o luar. A vidraça tilinta, como em dedos de pianista – passos de aranha, bicadas de galinha? A porta enfrenta o pai, em sólido som de embaúba sovada. Iacurutu voou? E essa vassoura de penas que varre o soalho do quarto, tão perto, pertinho, pertissiminho?

O pai é porfioso, como os heróis que morrem cedo. A fechadura engole a chave com raiva. Lençol erguido, um vento de varejeiras arrepia a nuca de Danilo. Um assovio sopra na cama: Lilinho... a faca se embola nos dedos. A porta se entrega,

vencida. Danilo é o *homem*.

– Vem, Bicho Tutu. Hoje a noite está de jeito pra dormir.

ANEXO 4

Zeus e a cabra

Adriane Duarte

Zeus é o filho caçula de Crono, o deus do tempo, e de Reia. Mas nenhum de seus irmãos estava presente quando ele nasceu, pois não tinham visto a luz do Sol por muito tempo. Crono soube por um oráculo que um de seus filhos tomaria seu lugar no trono. O oráculo é uma previsão do futuro que nunca falha, porque é feita por um deus. Mesmo assim, o pai tentou evitar que a profecia se cumprisse. Para isso devorava cada criança que nascia, uma a uma.

Reia não podia mais suportar ver seus filhos tratados desse jeito. Então, quando Zeus nasceu, deu ao marido uma pedra, enrolada em um pano, para que ele a engolisse, e escondeu o bebê no fundo de uma caverna, na ilha de Creta, longe dos olhos de todos.

Lá, a criança cresceu sob os cuidados das Ninfas, divindades que protegem e representam a natureza. Como todo menino, Zeus adorava brincar. Adrasteia, uma de suas mães de criação, fez para ele uma bola especial: quando projetada no ar, ela deixava atrás de si um rastro azulado.

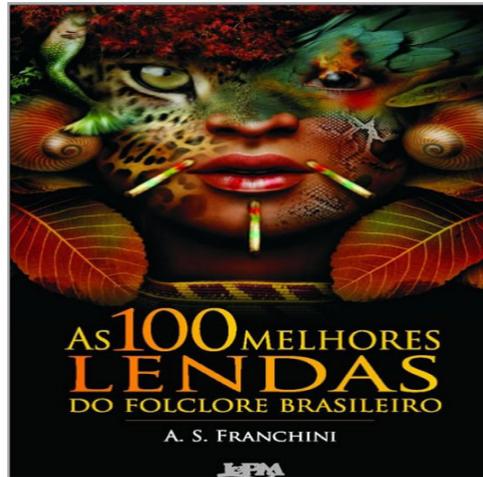
Era esse o seu brinquedo favorito. Mais tarde, quando adulto, sua diversão era atirar raios em direção à Terra durante as tempestades. Também eles riscavam o céu de azul. A criança Zeus era alimentada por abelhas, que produziam mel só para ele, e por uma cabra, Almateia, que lhe dava de mamar. O menino apegou-se ao animal e eles se tornaram inseparáveis. Quando ela morreu, Zeus fez de seu couro um escudo, com o qual enfrentou seu pai e libertou seus irmãos.

Foi assim: Zeus fez com que Crono tomasse uma poção e cuspiasse os filhos, um por um. Eles estavam todo o tempo vivos, dentro do estômago do pai. Já do lado de fora, ajudaram o irmão caçula a tomar o poder e a vigiar Crono, para que não voltasse a ameaçá-los. Como se vê, Crono era esperto, mas Zeus era mais.

Bem que se diz que filho de peixe peixinho é!

ANEXO 5

TUTU



Irmão do Bicho-Papão e do Boi da Cara Preta, o Tutu é uma criatura toda negra, sem ter, porém, forma discernível alguma. (A palavra Tutu, segundo Câmara Cascudo, provém do termo africano quitutu, que significa “ogro” ou “papão”.)

Apesar de não ser tão popular quanto o Bicho-Papão, que chegou a virar termo proverbial, o Tutu é senhor dos terrores noturnos infantis na Bahia, em Pernambuco, no Rio de Janeiro e em Minas Gerais.

Existem várias modalidades da criatura, das quais a mais singular é a do Tutuzambê, que, além de não possuir forma, não possui também a cabeça. Na Bahia, por sua vez, o Tutu deixa de ser uma mera sombra para assumir a forma explícita de um porco-do-mato, graças à semelhança dos termos tutu e caititu. (O caititu, ou queixada, é uma espécie de porco selvagem, montaria predileta do Caipora nortista.)

Segundo a crença, o Tutu persegue as crianças arteiras e, principalmente, aquelas que não querem dormir. O mito, segundo Câmara Cascudo, é importado da Europa e da África. Nossas mães indígenas, ao contrário, preferiam invocar, numa admirável lição de delicadeza, o auxílio dos pássaros ou animais de sono prolongado, a fim de que o emprestassem a seus indiozinhos insones. (Acatipuru, empresta teu sono / para meu filho dormir... / Iacurutu, empresta teu sono / para meu pequeno filho dormir..., diz, como numa oração, o suave acalanto.)

ANEXO 6

SERES SOBRENATURAIS: TUTU



Entidade com que se mete medo às crianças quando choram. É roncador. A forma em que o idealizam na Bahia é a de um catitu ou porco do mato. Deste primeiro nome talvez se originasse o termo *Tutu*, que é popular em todo o Brasil. Ouvei porém dizer que é voz africana e que era usada pelas amas negras. Na Bahia também *Tutu-cambê*: *Olhe o Tutu!... E vem ele!* Quando os meninos choram o Tutu vem comer eles... não chore não!

O Tutu-Cambê é um bicho muito feio e só come os meninos bonitos... Aé vem o Tutu!...

Às vezes o Tutu-Cambê, fazendo a devida roncaria, aparece. Para isso cobre-se uma pessoa com um pano andando devagar e roncando.

O Tutu com facilidade se enxota: basta bater-se com o pé no chão e dizer-se: Xô!... Tutu, vai-te embora que o menino não chora mais.

No sul da província de Minas Gerais o Tutu anda oculto atrás das portas e a sua voz é de trovão. Aí é frase popular: “Oia Tutu qui vem comê minino... não como meu fio não, não leva meu fio não, Tutu!...”

O Tutu do povo brasileiro é idêntico ao Papão e à Coca de Portugal.

Nas cantigas com que as amas costumam acalantar às crianças quase sempre entra o Tutu. São elas as mais das vezes cantadas de improviso e por isso em muitas nota-se-lhes os defeitos da rima. A seguinte é popular na Bahia; dou-o como documento, porque se refere principalmente ao Tutu-Zambê ou Cambê:

Tutu Zambê

Vem papá sinhazinha;
Tutu vá s'imbora
Sinhazinha 'stá dormindo.

Tutu Zambê
Vem papá iaiazinha,
Bébe, aí, boi,
Iaiazinha 'stá dormindo,
Tutu vá 'sembora.

Evem o Tutu
Por detrás do murungu,
Pra comer sinhazinha
C'um pedacinho de angü.

Cala a boca, Iaiazinha,
Que seu pai já vem já,
Foi buscar timão de seda,
Forrado de tafetá.

No interior da província do Rio de Janeiro cantam monotonamente as pretas, umas quadrinhas para fazerem as crianças dormir. Uma delas diz assim:

Tutu vá s'embora
Pra cima do telhado,
Deixa o nhonhô
Dormir sossegado.

O senhor doutor Sílvio Romero nos seus *Cantos populares do Brasil*, v. 1, sob nº 181, coligiu no Rio de Janeiro uma canção que termina com a seguinte estrofe:

T u - t u - r u - t u - t u
Lá detrás do murundu...
Teu pai e tua mãe
Que te comam com angü.

Também a ouvi cantar no Rio de Janeiro desgarrada da estrofe que a antecede na coleção do senhor doutor Sílvio Romero apenas com variante no segundo verso, que diz:

– Por detrás do murundu...

Na província do Rio de Janeiro igualmente coligi a canção do Tutu, que é muito popular entre as amas negras para acalantar as crianças e que apenas se reduz a estes versos:

Tu-ru-tu-tu

Do velho murundu,

Agarra este menino

Comei-o com angu.

Em Campos, ainda na província do Rio de Janeiro, são populares estas duas estrofes:

Tu-tu-ru-tu

Senhor Capitão,

Pegai este menino

Comei com feijão.

Tu-tu-ru-tu

Por detrás do murundu,

Pegai este menino

Comei com angu.

Ora, como se vê na Bahia diz-se *murungu* que rima perfeitamente nas canções com “angu”, voz africana, e no Rio de Janeiro, *murundu*, que dão como significação de um pequeno monte, por detrás do qual se acha o Tutu.

Murungu é palavra guarani ou tupi e nome de árvore natural do país, da família das leguminosas (*Erythrina corallodendron*, Linn). Na Bahia é este o nome que lhe dão; mas no Rio de Janeiro, Maranhão, Pernambuco e Alagoas - o de mulungu. Como o *tijim* ou jequiriti, a semente desta árvore é muito popular entre as crianças pela beleza de sua cor vermelha. Ainda na farmácia brasileira o murungu é empregado. Trata-se pois de uma árvore cujo nome é constantemente pronunciado com a maior clareza.

Entre os brasileiros é frequente, como lapso de língua, ouvir-se a transformação do *l* em *r* e vice-versa. Se porém a palavra murungu da canção da Bahia é brasileira ou corrupção de murundu das do Rio de Janeiro e esta mulundia africana (mbunda

ou angolense), que significa exatamente monte, segundo Cannecattin no *Dicionário da língua bunda ou angolense*, é o que não posso resolver.

Entretanto se na Bahia é realmente palavra Zambê que aduzem ao Tutu e não Cambê (que pode também ser voz africana ou tupi ou ainda corrupção de “comer” português) e se o murungu da canção é a voz mbunda mulundu alterada, é provável o Tutu brasileiro, mas herdado da raça africana.

Zambê será corrupção de Zambi, palavra angolense que significa Deus? ou de Zumbi, voz também angolense que quer dizer alma do outro mundo? Cambê pode talvez ser corrupção do Tambi, que segundo Batista Caetano significa pelo erguido; e como na Bahia dão ao Tutu a forma de porco do mato, é natural que o seu cabelo seja erguido, eriçado, como o tem o catitu quando está zangado. Em umas notas que possuo tomadas pelo doutor Batista Caetano do velho caboclo Pedro João Vieira, na antiga aldeia de São José dos Campos, acham-se as palavras Cambê (*kamby*, ort. de Bat. Caet.) significando leite, e Cambu, mamar. No *Vocabulário* impresso de Batista Caetano encontra-se além de cambi, leite e cambu, mamar, o verbo cambi, que significa magoar, ofender, machucar, etc. Não se deve ainda esquecer dizer que Camba, voz angolense, significa amigo.

De parte a parte, das raças indígena e africana, apareciam objetos, trajes, costumes e crenças novas que não tinham equivalente na linguagem dos invasores. A língua dos indígenas de todo o litoral era o tupi, mas a dos negros compreendia diversos grupos formados por idiomas particulares. Daí era grande a confusão de línguas africanas para poder entrar com mais facilidade maior número de palavras, na formação da linguagem brasileira. É costume nosso dizermos de qualquer palavra dos negros da África – É voz africana, sem, contudo, procurarmos designar ou indagar a que língua ou idioma pertence ela. É o mesmo que se dizer – É voz americana, referindo-se a algum termo dos povos indígenas da América, expressão vaga e que não se aplica senão ao continente a que ela se filia. Assim nos primeiros tempos da introdução dos negros as diversas línguas africanas andavam muito em voga, juntamente com o tupi, de modo que a linguagem falada era quase sempre mesclada de vozes que só os naturais e habitantes da terra compreendiam. Muitos desses vocábulos, como se sabe, ainda hoje permanecem; outros, porém, desapareceram de todo e de alguns que vão aparecendo nos documentos manuscritos até se desconhece o sentido. Não havia dicionaristas da língua portuguesa que o fosse coligindo, só mais tarde o brasileiro Moraes e Silva foi que recolheu alguns para o seu dicionário. Aí estão, por exemplo, as produções do poeta Gregório de Matos, em parte publicadas ultimamente, em que se deparam dezenas de vocábulos por ele empregados, que hoje não se sabe qual a sua origem e o seu verdadeiro sentido. Apesar disso, o poeta baiano como linguista presta auxílio poderoso à linguagem brasileira. É o escritor que nos dá a ideia mais exata do modo de falar e escrever no Brasil no Século XVII. O seu vocabulário é riquíssimo, principalmente em

locações e termos populares da Bahia e de Pernambuco, sem excetuar, já os de origem guarani, já os derivados das línguas africanas, e é o único documento daquele século que possuímos neste gênero de estudos.

É pois constante a dúvida de se saber ao certo a língua a que pertence esta ou aquela voz alterada que se encontra na escrita antiga ou mesmo muito popularizada na linguagem da família brasileira.

Hoje é que se discute a procedência das palavras mazombo, mameluco, emboaba, cafuz, cabo-verde, curiboca, carioca e outras muitas. O doutor Batista Caetano, o nosso saudoso Mestre, cuja perda será sempre lamentada por todos os que se interessam por estes assuntos, descobriu visos que a palavra carapuça era *abañeenga* ou guarani, procurando dar-lhe a etimologia; mas quando leu na carta de Vaz de Caminha que a tripulação da armada de Cabral, que descobriu o Brasil, distribuiu carapuças aos naturais da terra, antes que tivessem os portugueses qualquer contato com eles, viu que tinha caído em erro, erro que o Mestre muito se doía.

A que língua pois pertence a voz Tutu, se de origem africana ou tupi, ou se inteiramente brasileira, e o que não se sabe por ora.

(Vale Cabral, Alfredo do. “Acheegas ao estudo do folclore”. In: Cascudo, Luís da Câmara. *Antologia do folclore brasileiro*)

ANEXO 7

Jacurutu

Coruja grande e poderosa, com “orelhas” proeminentes. Maior rapinante noturno das Américas, também conhecido como João-curutu e Corujão.

Seu nome significa: do (latim) *bubo* = coruja águia; e de *virginianus* = referente ou originário do estado da Virgínia nos Estados Unidos da América. ⇒ Coruja águia da Virgínia. “Great Horn Owl” ou “Eagle Owl” de Albin (1731), e “Strix capite auriculato, corpore ruffo” de Linnaeus (1746) (*Bubo*); “Great Horned Owl from Virginia” de Edwards (1731), “*Bubo virginianus*” de Brisson (1760).

- França: Grand-duc américain
- Alemanha: Virginia-Uhu
- Espanha: Búho Americano, Ñacurutu

Características

Dimensões(Relativas):

- Tamanho Total: 45-60 cm
- Asas: 297-390 mm

- Cauda: 175-250 mm
- Bico: 43-52 mm
- Peso: Machos 985-1585 g Fêmeas 1417-2503 g

Grande e imponente coruja, com orelhas proeminentes, grandes olhos amarelados e garras poderosas totalmente cobertas de penas.

Fêmeas maiores que machos. A cor em geral variando do cinza pálido ao marrom escuro. Partes inferiores barradas (claro e escuro). Garganta em branco puro bastante proeminente quando inflada (vocalizando).

Grande variedade de subespécies. No Brasil apenas a *Bubo virginianus nacrutu*.



jacurutu adulto



jacurutu jovem

Alimentação

Mamíferos menores até o tamanho de lebres, ratões e gambás (suas presas mais comuns). Também aves do porte de patos, gansos, garças e aves de rapina de médio porte (incluindo outras espécies de coruja), répteis, sapos, aranhas e grandes insetos.

Caça geralmente em áreas abertas ou semi-abertas, bordas de matas ou clareiras, partindo geralmente de um poleiro, de onde mergulha para capturar as presas.

Algumas vezes detecta a presa durante o voo, mergulhando para capturá-la.

Mata a presa utilizando as poderosas garras e bicando a cabeça. A presa é então levada a um lugar seguro para ser devorada ou para o ninho. A comida excedente é frequentemente armazenada em “esconderijos” em seu território.



jacurutu se alimentando

Reprodução

O ciclo reprodutivo começa no inverno, quando as noites são mais longas. Após a marcação do território, o macho normalmente contacta a fêmea, frequentemente a mesma dos anos anteriores. Ambos podem ser ouvidos vocalizando em duetos durante a corte.

O macho oferece locais potenciais para o ninho para sua companheira, visitando cada local, vocalizando sons guturais combinados com cantos. Frequentemente o lugar escolhido para o ninho é o mesmo de outros anos. Costumam utilizar ninhos abandonados de grandes aves como Gaviões, grandes “ocos” de árvores, uma depressão em um barranco ou penhasco, entradas de cavernas, entre rochas, etc.

A fêmea põe 2 ovos arredondados e brancos (às vezes até seis) com 50-60 mm x 43-50 mm. Ela os incuba sozinha por 28 a 35 dias, sendo alimentada pelo macho. Quando a comida é abundante, ela é armazenada no próprio ninho, que se torna “apodrecido”.

Os ninhegos tem penugem esbranquiçada. Eles permanecem no ninho por aproximadamente 7 semanas, mas são incapazes de voar bem até a idade de 10-12 semanas (alguns caem do ninho). Os ninhegos são bastante ruidosos quando “pedem” alimento. Eles são alimentados pelos pais até o Verão ou até mesmo o começo do Outono, para então se dispersarem.

A maturidade sexual é atingida no ano seguinte.



Casal de jacurutu

Ninho de jacurutu

Ovo de jacurutu

Hábitos

Áreas semi-abertas com árvores, ravinas, cerrado. Áreas com escarpas rochosas com árvores e arbustos, mesmo em áreas antrópicas ou grandes parques.

Torna-se ativa após o crepúsculo, mas em algumas regiões a coruja está alerta já no final da tarde ou início da manhã.

Descansa no seu esconderijo durante o dia entre densa folhagem de árvores ou arbustos, em reentrâncias de penhascos, entre rochas ou em rachaduras de grandes troncos.

Permanece com as “orelhas” eretas e olhos semi-fechados. No crepúsculo, fre-

quentemente vocaliza alguns chamados de seu poleiro antes de voar para um poleiro em áreas mais abertas, frequentemente uma rocha ou um galho exposto, de onde vocaliza.

Normalmente vários poleiros são utilizados para demarcar um território, com a intenção de atrair a fêmea.

Durante a vocalização, o macho pende a cabeça para frente com o corpo alinhado horizontalmente, com a cauda e asas ligeiramente abaixadas. Nesta posição, a garganta é inflada como uma “bola branca” abaixo do bico. No crepúsculo, esta marcação branca torna-se bastante evidente, indicando a posição do macho. As fêmeas normalmente não performam este display quando vocalizam.

Ambos os sexos podem ser bastante agressivos (mesmo com humanos), durante a época reprodutiva, especialmente após a eclosão dos ovos.

Distribuição Geográfica



Ocorrências registradas no WikiAves

Referências

Konig, Claus & Weick, Friedhelm. **Owls of the World**. 2ed. Christopher Helm, Londres. Disponível em: <http://www.wikiaves.com.br/jacurutu>. Data de acesso: 17 de junho de 2014.

ANEXO 8

Jacurutu Boi Garantido

Jacurutu, pesadelo dos Muras
A noite vem roubar

As crianças da aldeia
Coisa má, coisa má afasta pra lá (2x)
É preciso te enfrentar

Jacurutu devasta plantação inteira
Desafia a sabedoria dos feiticeiros
Gigante covarde infame guerreiro
É preciso te enfrentar

Fome sem fim coisa ruim
Aiça, anati some daqui
Anerê o avô das tartarugas
Foi chamado para te vencer (2x)

E os feiticeiros acordaram Anerê
Para o gigante prender
O gigante Matreiro, vil, sorrateiro
Afogou o anerê no fundo do rio
Mal sabia que era seu fim
A vingança começou assim
De anerê saíram as plantas
Para o pau vermelho dos arcos
A paracuúba para as flechas
A embira para as cordas
E dos seus ossos, a taboca para as pontas

Atingido por mil flechas
O gigante morreu
Do seu sangue brotaram crianças
E o amor mais puro cresceu (2x)

ANEXO 9

Boa noite, dia!

(Santiago Villela Marques)

Quando fiquei grande
e a noite era a hora leve
de escutar no escuro o coração
era de dia que eu tinha medo
onde não podia gritar do pesadelo:
– Mãe!

acende a luz pra eu acordar!
Iluminado o vão da cama
não escondia mais o monstro
que claudicava livre sobre a avenida
e os terrores noturnos
e o uivo à luz dos lobisomens
tomavam a benção ao sol.
Sem mais armário para ocultá-lo
nunca mais
voltou ao cemitério o fantasma
contente agora ao meio-dia
dessa alvorada que jamais desponta
deste eterno tempo de entardecer.

ANEXO 10

Poema de circunstância

Mário Quintana

Onde estão os meus verdes?
Os meus azuis?
O Arranha-Céu comeu!
E ainda falam nos mastodontes, nos brontossauros, nos tiranossauros,
Que mais sei eu...
Os verdadeiros monstros, os Papões, são eles, os arranha-céus!
Daqui
Do fundo
Das suas goelas,
Só vemos o céu, estreitamente, através de suas gargantas ressecas.
Para que lhes serviu beberem tanta luz?!
Defronte
À janela onde trabalho
Há uma grande árvore...
Mas já estão gestando um monstro de permeio!

Sim, uma grande árvore...
 Enquanto há verde,
 Pastai, pastai, olhos meus...
 Uma grande árvore muito verde... Ah!
 Todos os meus olhares são de adeus
 Como o último olhar de um condenado!

ANEXO 11

A lenda do jacurutu



Antigamente, vivia no alto Uatumã um cacique antropófago que só se alimentava de carne de crianças, e que não dava trégua aos belicosos índios aruaques do norte amazônico. Seu nome era Jacurutu. Aconteceu que a partir de certa data, Jacurutu começou a comer os filhos dos índios Muras, seus lindeiros do sul. Os Muras foram ao pajé pedir auxílio para enfrentar aquele abominável vizinho. Vários feitiços foram feitos. Inúmeros emissários foram despachados, mas nada demovia o sanguinário Jacurutu.

E os “curumins” (meninos) continuavam desaparecendo. Desesperados, os Muras encarregaram o avô da tartaruga (yurará-ramonha), que tem um casco pegajoso, de se aproximar do cacique e armar-lhe uma cilada. O velho quelônio procurou, procurou e acabou encontrando Jacurutu. Conversou com ele. Ofereceu-lhe alguns ovos, e disse estar em missão de paz. Depois, falou:

– O Senhor está cansado, descanse o pé sobre minha carapaça.

Ao atender a sugestão do quelônio, Jacurutu ficou com o pé grudado no visgo do casco. Então, o avô da tartaruga arrastou para o rio o cacique, que morreu afogado. Sentindo que ia morrer, Jacurutu deixou um recado aos Muras:

– “Meus netos – disse ele. Comi crianças, é verdade. Tinha para mim que eram da maldita raça aruaque. Só agora estou sabendo que elas eram Muras. Foi um lamentável engano. Sem dúvida, fui traído por Anang – o diabo. Peço que me desculpem e me vinguem. Não se esqueçam que o povo aruaque é o inimigo jurado da nação Mura, e que não vai descansar enquanto não destruir todas as aldeias de vocês.

– Como não posso restituir a vida de seus filhos – continuou Jacurutu, vou deixar-lhes uma herança, capaz de aperfeiçoar suas armas. Meu cadáver vai se transformar em planta. Meus braços, gerarão o pau vermelho do ipê, para os arcos; a taboca,

para as flechas, e a paracuuba, para a ponteira das setas. De meus nervos sairá o tucum para a corda dos arcos; de meus cabelos, o fio de carauá para atar as penas, e de minha gordura, o óleo para lubrificar e amaciar a corda.”

Dito isso, nunca mais se ouviu falar de Jacurutu e de seu “povo”. Os Muras aperfeiçoaram seu arsenal bélico.

Destruíram os aruaques, e ficaram senhores absolutos do rio Negro. Mas eles notaram que foi, a partir dessa época, que apareceu na floresta uma ave estranha do tamanho de um tucano, que nidifica no oco dos paus. De dia, ela dorme em um tronco alto, e à noite passa caçando e gritando a onomatopeia de seu nome. Ouvindo-lhe a voz lúgubre, o índio interrompe qualquer atividade. Permanece parado, mudo, até que aquela ave agourenta pare o seu macabro recital. Os pajés dizem ser a alma penada de Jacurutu, que anda perdida



pelos matos, cumprindo uma penitência imposta por Tupã.

(Amazônia Legendária – Altino Berthier Brasil – Ed. Posenato Arte & Cultura, 1999) <http://alyssonneves.blogspot.com.br/p/lenda-do-jacurutu.html>. Acesso em: 17 de junho de 2014.

ANEXO 12

Corujas: entre lendas, mitos, deuses e demônios



A suindara é muitas vezes perseguida devido aos mitos que a cercam.

Foto: Juniors Bildarchiv

Texto: Willian Menq (**Publicado em:** 04 de julho de 2013)

As corujas sempre despertaram a nossa curiosidade e imaginação. São encontradas em praticamente todas as regiões do planeta, sendo ausentes apenas em algumas ilhas isoladas e nos pontos extremamente frios da Terra. Assim, é compreensível que todos os povos, nos diferentes locais habitados, e em diferentes estágios cronológicos das civilizações, têm ou tiveram conhecimento da existência dessas aves.

Corujas e os seres humanos estão ligados desde o início da história, há registros de corujas retratadas em pinturas rupestres na França que datam de 15 a 20 mil anos. Elas também aparecem em hieróglifos egípcios. Elas realizaram uma variedade de papéis simbólicos na cultura, representando muitas vezes a prosperidade, sabedoria e filosofia. Porém, devido os hábitos noturnos, a vocalização lúgubre, morfologia e suas incríveis habilidades de caça, sua presença foi diversas vezes vinculada ao misterioso, desconhecido, associando-as a sinais de azar, morte e infortúnio e o consequente elo com entidades amaldiçoadas, como bruxas, magos e demônios.

Há uma infinidade de lendas sobre as corujas, e a realidade é tão espantosa quanto o folclore que a inspirou. Na Europa, eram vistas como bruxas disfarçadas e, para espantar o mal que supostamente pudessem causar, eram amarradas em árvores, pelos pés, e assim abandonadas até morrer. Na Inglaterra, as pessoas tinham o costume de pregar uma suindara (*Tyto alba*) na porta de um celeiro para afastar o mal, tal costume persistiu até o início do século 19. Na Escócia e na Irlanda, acreditava-se que se uma coruja pousasse em uma janela três vezes em noites seguidas era um aviso de morte, e se ao atirar sal no fogo não silenciasse a ave, então a morte era inevitável. Na Roma antiga, ouvir o pio de uma coruja era presságio de morte iminente, diz a lenda que as mortes de Júlio César, Augusto, Aurélio e Agripa foram anunciadas por uma coruja. Enquanto os gregos acreditavam que a visão de uma coruja era previsão de vitória para seus exércitos, os romanos encaravam isso como sinal de derrota.



Coruja representada em hieróglifo egípcio.



Tetradrachm ateniense. Moeda grega de prata



Pintura "O Rubor Sanguinis" (2000).

Artista: Madeline von Foerster

Na Grécia Antiga, era a companheira da deusa Atena, deusa da profecia, sabedoria e clarividência. Era considerada a protetora dos artesãos e de todas as pessoas cujo trabalho manual era guiado pela inteligência. A noite era considerada como o momen-

to filosófico, e da revelação intelectual e a coruja, por ser noturna, acabou por se tornar símbolo da busca pelo saber. Devido à associação à deusa Atena, a coruja ganhou status de proteção da cidade de Atenas. Seu simbolismo foi adotado pelos exércitos gregos durante as guerras como inspiração. Foi destaque na sociedade e no comércio, sendo retratada no verso de duas moedas de prata, simbolizando perspicácia e riqueza. A coruja que representou Atena era o mocho-galego (*Athene noctua*), que era abundante na cidade e facilmente encontrada na Acrópole.

Em muitos países africanos, a coruja está associada à magia e feitiçaria. Uma grande coruja rondando a casa era indicativo de que um poderoso xamã mora por ali. Na África oriental, os *Suailis* acreditavam que essas aves traziam doenças para as crianças. Já na Índia, alguns povos usam a carne das corujas para curar dores reumáticas e suas penas usadas nos travesseiros para acalmar crianças inquietas. Na China, alguns povoados associavam elas ao relâmpago, por isso, confeccionavam efígies (tipo de estatueta) de corujas e espalhavam pelas casas para proteger contra raios. A bufo-pescadora-de-blakistoni (*Bubo blakistoni*) é um dos deuses mais importantes do povo *Ainu* nativos de Hokkaidu, no Japão. Ela é chamada de “Kotan kor Kamuy”, que significa o “deus que defende a aldeia”. Eles tinham o costume de construir estátuas de madeira para pregá-las nas portas com intuito de combater a fome e a peste.

No Oriente Médio, a coruja está relacionada com a destruição, ruína e morte. Acredita-se que representam as almas das pessoas que morreram e não foram vingadas. Se ver uma coruja no caminho para a batalha prenuncia uma batalha sangrenta, com muitos mortos e feridos. Já uma coruja na casa de alguém prediz a sua morte. E sonhar com uma coruja pode ser um bom sinal, desde que não ouça sua vocalização. No folclore polonês, garotas que morrem solteiras se transformam em pombas, enquanto as garotas casadas quando morrem se transformam em corujas. Outra história polonesa conta que as corujas não saem durante o dia, pois elas são muito bonitas, e seriam assediadas por outras aves ciumentas.

As crenças sobre corujas variaram muito entre antigas tribos indígenas da América do Norte. Algumas tribos acreditavam que as corujas eram mensageiras de doenças e morte. Outras tribos achavam que eram espíritos protetores, já outras acreditavam que elas eram almas dos vivos ou de pessoas recentemente mortas e deveriam ser tratadas com respeito. Há também aquelas que achavam que as corujas eram encarnações de seus deuses, os índios *Hopis*, por exemplo, acreditavam que a coruja-buraqueira (*Athene cunicularia*) era seu deus dos mortos.

No Brasil, alguns indígenas tinham as corujas como aves sagradas, acreditavam que elas traziam sorte para a tribo. No norte do país, caboclos mais antigos consideravam a caburé (*Glaucidium brasilianum*) como ave de boa sorte, e por isso penas de caburé eram usadas como amuletos. Alguns povoados na Amazônia dizem que a murucututu (*Pulsatrix perspicillata*) é uma alma penada castigada pelo mal que fizestes

em vida, condenada a vagar pelas florestas na forma de coruja, sem que ninguém ouse dela se aproximar ou cruzar seu caminho.



Coruja-das-neves (*Bubo scandiaca*) em cena do filme Harry Potter.



Soren, a coruja super-herói do filme “A lenda dos guardiões”.

Hoje em dia, muitas pessoas adoram as corujas. Muitos colégios e professores fizeram delas seu símbolo, popularizando as figuras de corujinha de toga, capelo e com diploma em baixo das asas. Filmes como os da saga *Harry Potter* e desenhos como “*A lenda dos guardiões (Legend of the Guardians)*”, somado a popularização da internet, a facilidade de acesso às informações e ao avanço das pesquisas, ajudaram a melhorar significativamente a imagem positiva das corujas, como aves maravilhosas, simpáticas e importantes para a natureza. Porém, algumas crendices ainda resistem ao tempo, não é muito difícil ouvir de uma pessoa mais velha, de tribos indígenas ou de populações do interior, mais isoladas da cidade, que as corujas anunciam a morte e trazem má sorte. Uma das superstições mais populares no Brasil é da coruja suindara (*Tyto alba*), algumas pessoas acreditam que a suindara (ou qualquer outra coruja) anuncia a morte quando voa sobre a casa de doentes ou pousa em seu telhado, atraindo a morte. Infelizmente, histórias assim geram muita aversão, preconceito e medo. Com isso, muitas espécies são desprezadas, perseguidas ou exterminadas em função do preconceito.

Todos esses “poderes estranhos” das corujas são apenas adaptações para sua sobrevivência. É verdade que as corujas frequentemente habitam casas abandonadas e igrejas. A explicação é que esses lugares fornecem refúgios seguros contra a caça implacável pelo homem e outros predadores. Também é fato que, às vezes, sua presença é denunciada, na escuridão, por uma estranha luz fosforescente, isso se deve à existência, na madeira apodrecida de seus ninhos, de fungos luminosos, que aderem às suas penas. Seus olhos grandes servem para aumentar a eficiência da visão noturna. A audição apurada serve para auxiliá-la na detecção das presas, através de ruídos. O voo silencioso se deve às penas macias para aproximar-se de suas presas sem serem percebidas. E as vocalizações lúgubres é para comunicar-se com outros indivíduos de sua espécie ou espantar competidores do território.



Família de Corujinhas-do-mato. Sítio no Bom Retiro - Bragança Paulista/SP. Foto: Douglas Carvalho

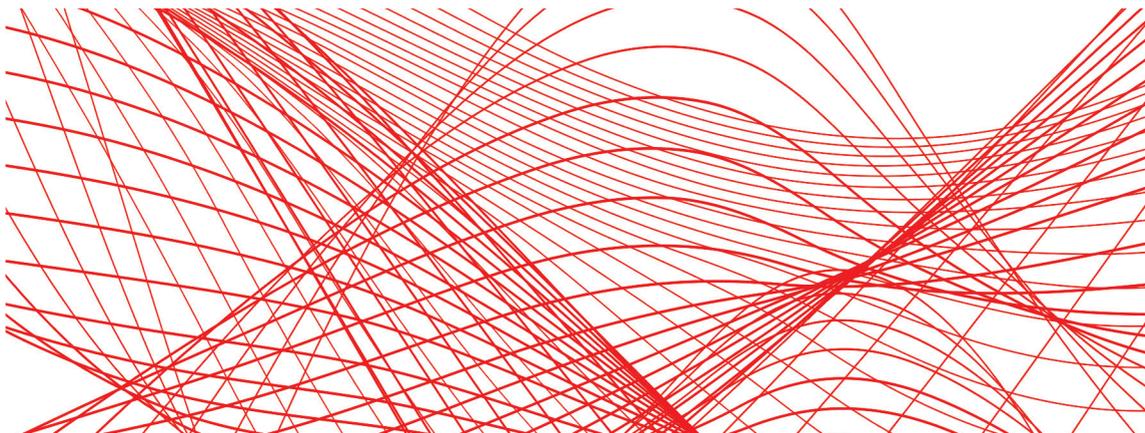


Coruja-dos-urais (*Strix uralensis*), mãe cuidando de seu filhote. Estônia
Foto: Sven Začek



Caburé-acanelado, talvez uma das corujas mais belas do Brasil. Campos do Jordão/SP.
Foto: Willian Menq

Parece estar claro que alguns aspectos comportamentais e ecológicos das corujas, relacionados a questões culturais, são os responsáveis pela imagem negativa que essas aves têm em uma parcela da sociedade e pela criação de muitas ideias errôneas sobre as mesmas. Somente com a conscientização através da educação ambiental podemos eliminar o ciclo de preconceitos e a má informação em torno das corujas.



2 A FUSÃO ENTRE O SONHO E O REAL: UMA RELEITURA DO CONTO FANTÁSTICO *PETER PAN*

Cleunice Fernandes da Silva
Márcia Weber

1. Autor: Wander Antunes

2. Texto: *Isso é coisa de Pirata!* **Editora:** Tempo Presente **Ano:** 1996

3. Anos indicados: 3º Ciclo (7º ao 9º Ano)

4. Duração: 16 aulas

5. Temática a ser debatida a partir da leitura do texto:

A temática escolhida foi “O lugar onde eu vivo”, observando inicialmente a capital do Estado e, na sequência, despertando um novo olhar para a cidade de Sinop. De maneira lúdica e interativa, as leituras e estudos estimulam um olhar diferenciado para a realidade circundante e abre perspectivas de transformação. Há o aguçamento do olhar para o que faz parte do ambiente e que muitas vezes passa despercebido, pois o que é familiar, às vezes não desperta curiosidade tornando o campo visual rotineiro um vazio. O conteúdo que oportuniza a construção do conhecimento precisa envolver os que habitam os diferentes espaços, envolvendo escola, comunidade e culturas global e local. A transformação do olhar é a passagem para uma viagem em terras desconhecidas e ao mesmo tempo tão próximas.

6. Apresentação do autor:

Escritor e quadrinista, Wander Antunes nasceu em 1966, no município de Jataí, e mudou-se para Cuiabá aos 16 anos de idade. Na capital do Estado do Mato Grosso, editou a revista “Vôte!”, que tem sua primeira edição em 1991, e “Estação Lei-

tura”, publicada em 2004. Essas reuniram histórias em quadrinhos, crônicas, poesias e contos de autores mato-grossenses. Em 1996, o autor publica a obra *Isso é coisa de Pirata!* (1996), na qual o universo da “Terra do Nunca” é transportado para Cuiabá.

7. Estrutura textual:

A leitura da narrativa permite ao leitor, segundo Held (1980) (*apud* FONSECA, 2012, p.55) a realização de seus sonhos, já que nesse universo ele poderá “compartilhar a vida animal, libertar-se da gravidade, tornar-se invisível, mudar seu tamanho [...]”. O conto fantástico *Isso é coisa de Pirata* (1996) relaciona o real com o imaginário, visto que algumas situações evidenciadas pela obra não são possíveis em uma realidade concreta. Há uma indefinição entre a realidade e o sonho, pois a Turma do Gonçalves vive uma aventura permeada de seres fantásticos como fada, piratas, barco voador, pó mágico entre outros. A obra *Isso é coisa de Pirata* (1996) permite uma viagem a um lugar desconhecido para o leitor por meio de uma narrativa linear, em que as ações se desenvolvem cronológica e espacialmente. A narrativa é apresentada por um narrador-observador, que relata a história em 3ª pessoa, sem participar das ações. Ele conhece todos os acontecimentos e, por não participar deles, conta com certa neutralidade, apresentando os fatos e os personagens com imparcialidade. O enredo é marcado por situações fantásticas, como a presença da personagem Sininho, uma fadinha, habitante da Terra do Nunca, que dá margem para que fatos irrealis aconteçam ao longo da narrativa. O conflito é apresentado quando o Capitão Gancho sai da Terra do Nunca em busca do ouro enterrado na parte subterrânea de uma igreja situada em Cuiabá. O **protagonista** é Gonçalves, personagem de histórias em quadrinhos de Cuiabá e o antagonista é o temível Capitão Gancho. Há, também, a presença dos figurantes, representados pela turma do Gonçalves e os marujos do navio. Nesse sentido, o trabalho com obras como *Isso é coisa de Pirata* (1996) proporcionará aos alunos a fusão entre o sonho e o real, as possibilidades e impossibilidades da realização dos ideais. Por meio de uma linguagem específica, possibilitando a formação do aluno, enquanto indivíduo e leitor literário.

8. Sequência Didática

Parte 1

Motivação

- Leitura do mapa do Brasil e localização da capital do Estado de Mato Grosso, Cuiabá.

- Vídeo que apresenta a cidade de Cuiabá. Reflexão a respeito do título “Isso é coisa de Pirata!” e estabelecimento de relação com a cidade de Cuiabá.

Objetivos:

- Utilizar diversas modalidades de linguagem, buscando desenvolver a prática da leitura multimodal;
- Sensibilizar a turma a respeito da temática “O lugar onde eu vivo” para que os alunos aprofundem os conhecimentos em relação à capital do Estado Mato Grosso;
- Relacionar os conhecimentos prévios com o título do texto a fim de que os alunos realizem inferências a respeito do que será abordado na obra;
- Proporcionar ações em que professora e alunos trabalhem colaborativamente para desenvolver um trabalho na perspectiva dos multiletramentos.

Parte 2

Introdução

- Conhecendo Wander Antunes.
- Contato físico com a obra *Isso é coisa de Pirata* (1996).
- Visualização e reflexão acerca da capa do livro.

Objetivos:

- Oportunizar o contato físico com a obra, contextualizando-a, bem como a relação do texto com o autor, a fim de instigar a curiosidade leitora;
- Perceber a imagem como modalidade de linguagem para desenvolver ou aprimorar a capacidade relacionada à leitura e compreensão do texto não verbal.

Parte 3

Leitura

- Pausa protocolada da obra *Isso é coisa de Pirata* (1996).
- Registro da leitura: júri simulado.

Objetivos:

- Realizar atividades de letramento literário, exercitando a autonomia de leitura, buscando formar leitores literários;
- Ler, interromper a leitura, e retomá-la, a fim de criar e verificar as hipóteses levantadas pela turma, estimulando a compreensão do texto lido;
- Confrontar interpretações e pontos de vista para relacionar os conhecimentos de maneira intertextual.
- Registrar de forma verbal as impressões, as opiniões confrontadas, sistematizadas.

zando os conhecimentos construídos.

Parte 4:

- Abordagem da organização textual, da estrutura narrativa, das estruturas linguísticas (incluindo marcas de oralidade) que configuram o gênero.

Objetivos:

- Trabalhar as características do conto, ampliando os conhecimentos a respeito desse gênero textual;

- Identificar os recursos linguísticos usados na obra, a fim de compreender a adequação às determinadas situações comunicativas.

Parte 5:

- Produção do texto: Conto fantástico, abordando a temática “O lugar onde eu vivo”.

Objetivos:

- Produzir conto fantástico, observando as condições de produção, recepção e circulação, a fim de que o aluno se posicione como produtor do texto literário;

- Revisar e reescrever o conto, ampliando as capacidades relativas à produção escrita.

Parte 6:

- Catalogação dos contos em um livro.

Objetivo:

Compartilhar as produções realizadas, tornando-as significativas para o aluno e a comunidade escolar.

9. Ferramentas tecnológicas a serem utilizadas:

Livro, data show, computador, caixa de som e impressora.

10. Bibliografia:

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2^{ed}. São Paulo: Contexto, 2014.

PINTO, Luiz Renato de Souza. **Matrinchá do Teles Pires**. Cuiabá: Entrelinhas, 1998.

SANTOS, Luzia A. Oliva dos. **História/Literatura: o (re)encontro com o mito**. Cáceres: Editora Unemat, 2005.

TERRA, Ernani. **Leitura do texto literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

CHAGAS, Catarina. **Gol contra a natureza.** Ciência Hoje das Crianças, São Paulo, 2004.

11. Webgrafia

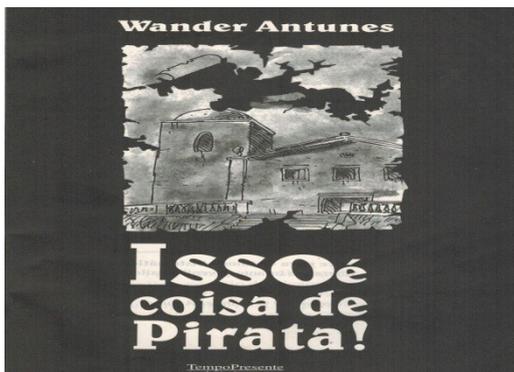
<http://www.youtube.com/watch?v=59EXWjDtdLQ&hd=1#> (Vídeo: Cuiabá-Brasil) Acesso em 05/05/2014.

ANEXO1

Pausa Protocolada (Parte 3 – Sequência Didática)



1



2



1
No silêncio da noite, ela vinha chegando. Já tinha atravessado tanta terra e tanto mar. Voava e voava sem descansar. E nem podia. A sua missão era da maior urgência. Um minuto perdido talvez colocasse tudo a perder.

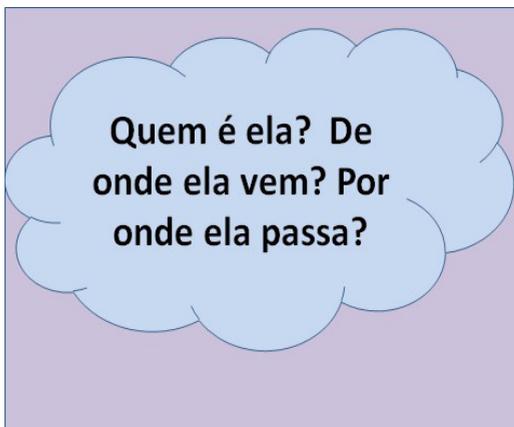
Agora já tinha atravessado um grande platô que terminava abruptamente em paredões, fendas e gargantas. Mesmo na escuridão da noite conseguiu ver uma imensa cachoeira que despencava de toda altura do paredão e sumia na mata escura.

Ela voava decidida, sabendo exatamente o seu rumo. Mesmo assim, movia de vez em quando a cabeça de um lado para o outro, como se procurasse alguém ou estivesse sendo seguida.

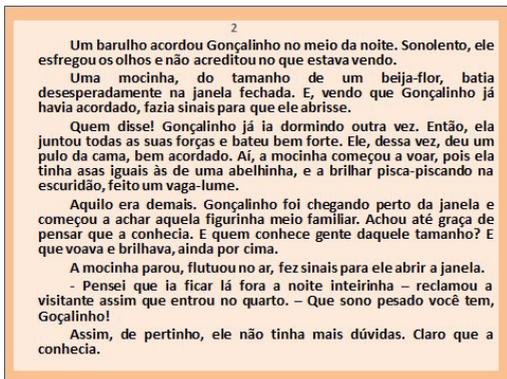
Seu olhar vigilante penetrava a escuridão, visualizando suaves colinas e pequenos rios, serpenteando entre elas.

Viu, afinal, as luzes de uma cidade piscando e suspirou, sabendo que estava ao seu destino.

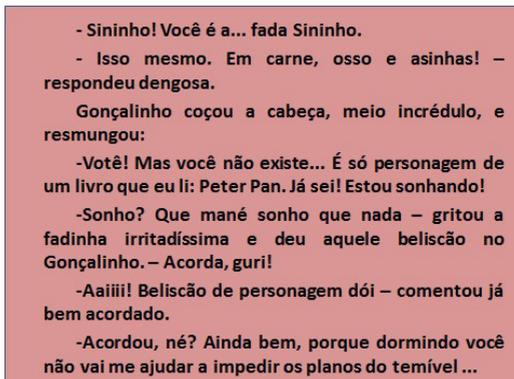
3



4



5



6

- Sininho! Você é a... fada Sininho.
 - Isso mesmo. Em carne, osso e asinhas! – respondeu dengosa.
 Gonçalves coçou a cabeça, meio incrédulo, e resmungou:
 -Votê! Mas você não existe... É só personagem de um livro que eu li: Peter Pan. Já sei! Estou sonhando!
 -Sonho? Que mané sonho que nada – gritou a fadinha irritadíssima e deu aquele beliscão no Gonçalves. – Acorda, guri!
 -Aiiii! Beliscão de personagem dói – comentou já bem acordado.
 -Acordou, né? Ainda bem, porque dormindo você não vai me ajudar a impedir os planos do temível ...

7

Sabendo que a visitante é Sininho, quem será o temível?

8

...os planos do temível Capitão Gancho e do seu bando de piratas. Era uma surpresa atrás da outra.
 -Capitão Gancho? Peraí, Sininho, que história é essa? Então o horripilante Capitão Gancho não foi comido pelo crocodilo? Eu me lembro... Eu li no livro que o Peter Pan lutou com ele no navio pirata e derrubou na água. Aliás, dentro da goela do crocodilo.
 -Sei! Sei! Pois não é que o danado escapou? E é bom você ficar esperto, porque ele vem vindo pra cá. E vem para roubar o ouro da igreja.
 -O quê? O Capitão Gancho vem vindo pra Cuiabá, atrás do ouro da igreja? Que ouro? Que igreja?
 - Então você não sabe que aqui tem igreja que foi construída em cima de mina de ouro? Você não tem estudado muito, rapaz. Até na Terra do Nunca todo mundo sabe disso.
 Gonçalves caiu na risada.
 -Sininho, isso é lenda – falou ao conseguir segurar o riso.
 -Lenda? – Sininho fez cara de mistério. – Gonçalves, você não entende nada de Cuiabá. Tem ouro sim! Ou você acha que o sórdido Gancho viria até aqui à toa?
 Gonçalves achou que não adiantava ficar discutindo. Lenda ou não, com ouro ou sem, o certo é que o terrível Capitão Gancho atacaria a cidade.
 -Eu quero o saber como é que a gente e vai deter o famigerado Capitão Gancho. É bom mesmo! Ou ele vai derrubar todas as igrejas atrás do ouro. Não vai sobrar uma pra contar história – completou Sininho.
 Era verdade. O nefasto Gancho não pararia enquanto não encontrasse ouro. E agora? O que fazer? Quem acreditaria quando ele dissesse que um bando de piratas atacaria a cidade? NINGUÉM!

9

Quem sempre fora o parceiro de Sininho? Por que Sininho procurou a ajuda de Gonçalves?

10

-Ei, o Peter Pan! Ele pode vir ajudar a gente.
 Sininho nem animou.
 -Não podemos contar com ele – suspirou desconsolada. – Aconteceu uma coisa terrível ao Peter...
 -Fale logo. Ele é prisioneiro do traícoiro Capitão Gancho? – Gonçalves tentou adivinhar. – É isso! Só pode!
 Depois de uma longa pausa, Sininho falou:
 -Pior. Muito pior. Ele cresceu.
 Gonçalves não entendeu.
 -Cresceu? O que há de tão terrível em crescer?
 A fadinha ficou calada. A cabeça longe, no passado. Lá na Terra do Nunca.
 -Não faz suspense, Sininho. Qual é?
 Sininho fez a carinha mais triste do mundo, depois arregalou seus brilhantes olhos de fada e reconheceu:
 -Crescer é terrível. Quem cresce esquece os amigos. Só pensa em juntar coisas. Fazer guerras. Nunca tem tempo para nada. As vezes, até vira pirata.
 Gonçalves estava espantado.
 -O Peter Pan virou pirata?
 -Pirata não, Gonçalves. Mas, agora ele não se importa mais que o tirânico Gancho faça as suas maldades. Faz tempo que ele nem mora mais na Terra do Nunca. Ele e os meninos perdidos foram todos embora.
 -O que eles fazem agora?
 A fadinha nem respondeu. Não queria perder tempo.
 -Esquece o Peter. Você vai me ajudar e nós vamos botar e covarde Gancho para correr.
 -Eu? Como? Sou só um menino.

11

Sininho ficou séria.
 -Fique sabendo que um menino é algo muito especial. Meninos acreditam! Depois você não está só. O Dito, o Piá, a Aninha e o Urbaninho com certeza vão nos ajudar.
 Gonçalves se animou:
 -É mesmo. A turma não vai ficar fora deste briga.
 -Eu sei – vibrou Sininho. – E não se esqueça de pôr mágico.
 Gonçalves ficou de queixo caído.
 -Pô mágico? Quer dizer... vou poder voar?
 Sem responder, Sininho voou à sua volta, envolvendo-o com uma poezinha fina que brilhava como se a lua estivesse refletida em cada um dos seus grãos.
 Gonçalves tentava segurar a poezinha, como quem tenta segurar bolhas de sabão. Sininho deu uma risadinha de fada, vendo que ele começava flutuar sem nem dar por isso.
 -Ven comigo – gritou puxando Gonçalves pela janela afora. Era uma noite de lua. Lá vinha ele, gordo e emerele, subindo lentamente detrás da Chapada.
 -Votê! Demais de bonito Cuiabá de aqui de cima. – Gonçalves gritava olhando para todos os lados. – Dá pra ver e cidade interinha. Dá pra ver tudo, até o Rio Cuiabá. É demais. Vemos lá, Sininho!
 Mal falou, disparou rumo ao porto. Mas, como não estava acostumado a voar, foi alcançado o rio bem longe, rio acima.
 -Me espera, menino – gritou Sininho.



12

O rio, como a lua estava baixa, era um breu só. Mal dava para notar as ilhas no meio de suas águas. Nas barrancas, umas luzes fraquinhas, das casas dos ribeirinhos.
 -Que cheiro estranho – disse Sininho.
 -É o cheiro da água, da umidade. Super gostoso! – Explicou Gonçalves todo metido a sabido.
 -Não é esse cheiro. Esse eu conheço. Mas, tem um outro – fungou Sininho. – Parece peixe...
 - É! É o cheiro dos peixes subindo o rio. Nós chamamos de piracema. Não tem isso na Terra do Nunca?
 E antes que Sininho dissesse qualquer coisa, Gonçalves saiu voando baixo, o corpo quase encostando na água. Sininho só conseguiu alcançá-lo quando ele sobrevoava o velho Mercado do Porto.
 -Guri, deixa de ficar passeando à toa. Esqueceu que o malvado Gancho tá vindo aí?
 É mesmo. Gonçalves tinha esquecido completamente. Também, quem é que não esqueceria de tudo, se de repente pudesse sair voando por tudo quanto é lado?
 Sininho tinha pressa.
 -Não podemos perder tempo. Vamos chamar seus amigos, temos que nos preparar para enfrentar o horrórico Gancho.
 - É mesmo! – disse Gonçalves. – Vamos chamar a turma!
 E voou tão rápido que Sininho teve que se apressar para alcançá-lo.

13

3

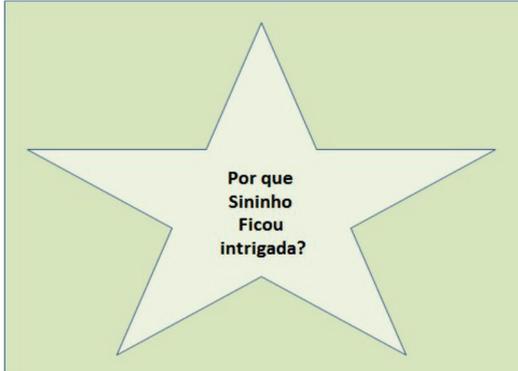
Naquela noite, quem olhasse para a igreja Nossa Senhora do Bom Despacho, no alto do Morro do Seminário, e observasse sua torre gótica, veria a silhueta de umas crianças sentadas sobre ela. Era Dito, Piá, Aninha e Urbaninho, além, é claro, de Gonçalves e Sininho. As crianças já a par das informações, confabulavam.

Onde fica a Igreja Nossa Senhora do Bom Despacho e o Morro do Seminário? O que as crianças confabulavam?

14

-Qual igreja o salafário Gancho vai atacar? – quis saber Dito. Cuiabá tem demais de igrejas.
 -Ora, a que estiver em cima do ouro... – disse Sininho. – Certeza que ele já sabe qual. O safado é muito bem informado.
 Mas qual? Podia ser qualquer uma.
 -Será que é a Matriz? – perguntou Gonçalves e olhou pra Sininho. – A Matriz é aquela igreja de duas torres, com relógio, lá no centro – apontou.
 -Eu acho que não – interveio Aninha – ela é uma igreja muito moderna. Eu acho que o ouro deve estar numa igreja mais antiga.
 -Ué? Mas, eu ouvi dizer que a Matriz é a igreja mais antiga de Cuiabá...
 -Não! Essa antiga foi derrubada faz muito tempo – explicou Aninha. – Ai, essa foi construída no mesmo lugar.
 -Derrubaram? – Sininho ficou curiosa. – Por quê?
 Aninha continuou, depois de ficar por um minuto tentando lembrar a história que ela tinha ouvido de sua avó.
 -Parece que estava pra cair. Disseram que se não derrubassem ela ia cair no meio da missa – fez uma pausa e continuou. – O gozado é que quando foram derrubar, com dinamite, ela não caiu. Ai, eles tiveram que explodir outra vez...
 Sininho ficou intrigada.

15



16

- Essa história está mal contada. Se estava pra cair, como é que precisou explodir... ainda por cima duas vezes!
 - Pois é! Parece que ela estava bem inteirona – falou Gonçalves.
 - Credô! Isso foi coisa de pirata – falou sininho, com um arripio que sentia cada vez que se lembrava de piratas. – E eu pensando que em Cuiabá não tivesse piratas... Pois, sim!
 Os garotos riram da fadinha.
 - E não tem! Foi gente daqui mesmo.
 - E pirata é só quem vem de fora? Foi pirata sim. Pirata daqui mesmo... – e olhou para a matriz. – Ai não deve ter mais ouro nenhum.
 Dito se lembrou das igrejas do Porto.
 -Eu acho que a igreja de São Gonçalo e a de Nossa Senhora Auxiliadora, aquela do Colégio dos Padres, são mais antigas que a nova Matriz.
 -Mas, não são do tempo dos bandeirantes – falou Aninha. – Se alguma igreja tiver ouro, tem que ser do tempo deles, que foi quando tinha muito ouro aqui. Dizem que Cuiabá era onde tinha mais ouro no Brasil, já pensaram?
 Gonçalves deu um grito:
 -Votê! Então já sei qual deve ser.
 Todos olharam pro Gonçalves.
 -Qual? Diga logo!

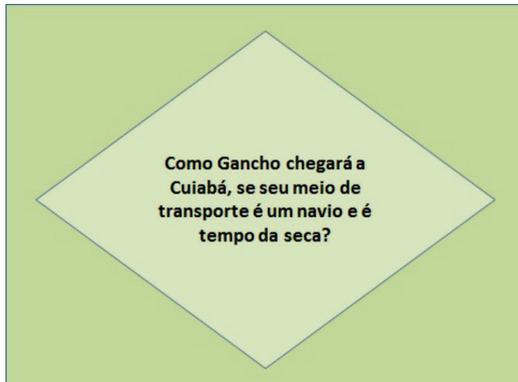
17

Gonçalves voltou-se para o outro lado e apontou a Igreja do Rosário.
 -Sabem porque eu acho que é a Igreja do Rosário? É que eu tô lembrando de ouvir o seu Siriri falar que uma vez uns índios foram procurar mel e encontraram ouro. Sabem onde? Perto da Igreja do Rosário – falou estalando os dedos. – Isso no tempo do Pascoal Moreira Cabral, que foi o bandeirante que fundou Cuiabá.
 Foi isso mesmo. Todos concordaram.
 -Como é que eu não lembrei? – falou Urbaninho, coçando a cabeça.
 Gonçalves ficou todo metido.
 Ah é! E não falou por quê? Qual é? Sabia nada. Eu que falei! Eu que sabia! Sininho tratou de acabar com a discussão.
 -Meninos, deixem de ser bestas. Por acaso vão brigar agora, é? Quero ver essa igreja de perto. Vamos lá!
 Dai a pouco, já estavam sobrevoando a Igreja do Rosário.
 Sininho ficou dando voltas em torno dela e, de repente, começou a gritar pisca-piscando feito um vagalume:
 -É aqui! Só pode ser. Tenho a intuição que é aqui mesmo. Agora temos que ficar vigiando que o pilantra do Gancho pode atacar a qualquer momento.
 -Sininho, o Gancho vem de navio da Terra do Nunca até aqui? – perguntou Dito.
 -Claro! Ele nunca desce daquele navio sebososo – Sininho torceu o nariz.
 Dito caiu na gargalhada.

18

- Então, descansa Sininho. Agora é época da seca. Aquele navião nunca que vai conseguir chegar. Vai encalhar em tudo que é baixio.
 -Baixio? – quis saber Urbaninho.
 -É! Os bancos de areia. Nesta época, só pequenos navios conseguem chegar. E assim mesmo, se forem orientados por um prático muito experiente – Completou Dito que tinha muito orgulho do seu avô, um prático muito conhecido.
 A turma ficou olhando um pra cara do outro. A preocupação foi sumindo e num instante estavam comemorando o fracasso dos planos do vil Gancho.
 -Mas, você não perdeu a viagem, Sininho – falou Aninha. – Já que o Gancho não vem mais, vamos passear de barco e tomar banho de rio. Adoro tomar banho de rio.
 Sininho tinha más notícias.

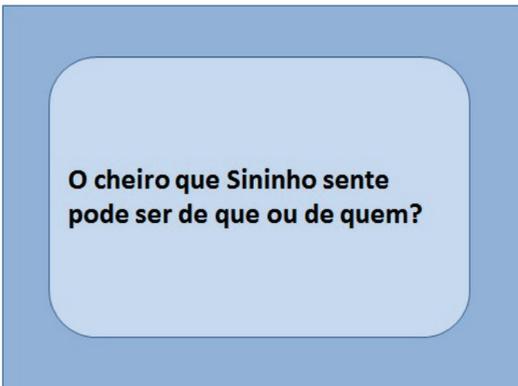
19



20

-O larápio Gancho virá sim. O malvado roubou uma sacola inteira de pó mágico – revelou meio sem jeito. – O navio vem voando.
 A garotada ficou sem fala. Um ataque aéreo, de navio pirata, cheio de piratas e canhões. Ficaram em silêncio. Cada um tentando bolar uma ideia salvadora.
 4
 Nenhum barulho. Nem mesmo uma leve brisa soprava na noite cuiabana. As palmeiras da praça em frente nem se mexiam.
 O silêncio foi rompido quando Sininho, assustada, começou a cheirar o ar noturno.
 -Esse cheiro... aliás, esse fedor eu conheço bem. É catianga de pirata.
 Os garotos sentiram um arripio de medo.
 -Cheiro de que, Sininho? – perguntou Aninha, medrosa.

21



22

-Catinga de pirata, Aninha. Esses malvados não gostam de tomar banho. Com este calor, então, estão empasteando o ar.

Acima do medo, as crianças sentiam um fedor insuportável.

-Está cada vez mais forte - falou Sininho. - O Gancho deve estar por perto.

Então, todos olharam para o céu, em todas as direções, em busca do navio.

-Olham lá! Vejam! Bem no alto, perto das Três Marias! - gritaram de uma só vez.

De fato, camuflada pela escuridão, uma enorme silhueta negra pairava ameaçadora sobre a cidade. Mesmo no escuro, dava pra ver que era enorme. Dava também para ver que era enorme. Dava também para ver a grande quantidade de canhões. Encimando os mastros negros, com as velas arriadas, a bandeira pirata, com a caveira, não tremulava por absoluta falta de vento. Cracas dos sete mares estavam encrustadas no seu casco, parecendo escamas ou mesmo a couraça de um dragão.



23

-Meu São Benedito! - gemeu Gonçalves.
-Ave Lola! - sussurrou o Dito.
-Parece uma nave espacial! - exclamou Urbaninho.
-Uma nave do mal! - gaguejou Piá.
-O navio do maldito Capitão Gancho. - corrigiu Aninha.
Sininho foi até o navio. Dalí a pouco já voltava com boas notícias.
-Que sorte! Aqueles salafrios dormem como anjinhos - revelou animada.
- Parece que a farrá foi grossa ontem, pela quantidade de garrafas de rum vazias.
Animado, Gonçalves cantou como um pirata bêbado:
-Oh! Oh! Oh! Uma garrafa de rum.
Oh! Oh! Oh! E não sobrou nenhum.
-Que canção é essa Gonçalves? - quis saber a fadinha.
-Que sorte! Aqueles salafrios dormem como anjinhos.
-Só que esses piratas são de um livro, Gonçalves -riu Urbaninho. - Quem cantava esta canção eram os piratas da "Ilha do tesouro".
-Isto não é hora de conversa fiada - cortou Aninha, nervosa. - É hora de ação.
Sininho completou:
-Isso mesmo! Todos ao navio.
Sininho e os meninos soaram até o navio, em silêncio para não acordar os piratas.
Nem era preciso tanto cuidado. Os piratas dormiam profundamente. Pelo convés, muitas garrafas de rum. Vazias.
Com as cordas encontradas no convés, os garotos foram amarrando, um a um aqueles piratas imundos. Como fariam. E como roncavam também.
-Missão cumprida, turma! - Comemorou Gonçalves, quando amarraram o último pirata. Todos festejaram. Menos Sininho, que parecia muito preocupada.

24

Onde estava o Gancho?
Por que Sininho estava preocupada?

25

-Onde está o Gancho? - quis saber. - Não o vi entre os prisioneiros.
Então os garotos repararam que entre os prisioneiros nenhum tinha um gancho. Será que o vilão ainda estava solto?
-Ele escapou! - alertou Sininho. - Eu sei. Cuidado que ele é o mais peerrigosa...
Nem deu tempo de Sininho terminar o que ia dizendo. Surgindo de um buraco que quer dizer o convés, a figura do sinistro Capitão Gancho e ZAP! Agarrou a fadinha e empurrou pra dentro de uma garrafa de rum. - Hello, clandestinos! Exclamou o pirata gargalhando e sacudindo a garrafa. - Did you miss me, children? Oh! Vocês não entendem inglês, seus pirralhos. Eu traduzo: Sentiram minha falta?
As crianças estavam paralisadas. O odioso Capitão Gancho, ao vivo, em pessoa, era muito mais horrível que nos filmes ou no livro. Vestia roupas sujas. Cetim e rrendas negras. Mastro encardido e esfarrapadas que...
- Parece o Freddy Krueger - sussurrou Urbaninho para Aninha.
O Gancho olhou ameaçadoramente para os garotos.
- Detesto cochicho e detesto crianças intrmetidas - berrou o sórdido Gancho enquanto enfiava a garrafa no bolso de seu casaco fedorento. - Sabem o que vou fazer? Acabar com todos vocês. Um por um.
Foi aquela correria. Os meninos correram cada um pra um lado. O abominável Gancho gargalhava, saboreando o medo estampado no rosto deles.
-Só Sininho pode nos salvar - pensou Gonçalves. - Tenho que tirá-la daquela garrafa.
Teve uma ideia. Talvez desse certo.

26

-Você quer brigar, barqueiro? - desafiou provocadoramente.

Pra quê? O sanguinário Capitão Gancho ser chamado de barqueiro era demais.

-Barqueiro? - berrou furioso. - É muita ousadia, fedelinho insolente - e partiu, de espada em punho pra cima do Gonçalves.

-Corre, Gonçalves! - gritaram os meninos desesperados.

-Eu te pegoi! - berrava zangadíssimo o Gancho.

E o Gonçalves só provocando:

-Vem grumetel Vem marinheiro!

Quando o enraivecido Gancho estava quase em cima dele, Gonçalves apanhou as bolas de gude que trazia no bolso e as atirou as o pé do pirata.

O vilão desequilibrou-se e o Gonçalves, corajosamente, aproveitou para apanhar a garrafa de seu casaco fedorento.



27

Num segundo, Sininho estaria solta. Era só tirar a rolha e pronto.
Mas quem disse que ia ser fácil? Gonçalves puxou com toda força e nada. Vendo que não conseguia tirar, tentou empurrar a rolha pra dentro. Pôs toda a força. A rolha nem se mexeu.
E lá vinha o colérico Capitão Gancho, já refeito do tombo, bufando de ódio.
-Me dá essa garrafa, guri.
Gonçalves disparou pelo convés, agarrado com a garrafa. Lá dentro, a fadinha parecia desmaiada ou bêbada com cheiro rum. O pirata tinha asas nos pés e, dali a cinco passos, já estava "pescando" o Gonçalves com o gancho.
Foi quando um laço certo caiu sobre ele.
-O quê? - gritou com os braços apertados pela corda.
-Não disse que pegava o bruto? - gabou-se o Piá, que nunca andava sem seu laço.
A alegria durou pouco. O grotesco Gancho deu um tranco no corpo e o Piá levou o maior tombo.
O pirata, num segundo, se livrou da corda e fuzilou o gauchinho com o olhar.
-Você vai me pegar, moleque. Depois que eu recuperar a garrafa... - e voltou-se para o Gonçalves. - Onde nós estávamos, herói?
O Gonçalves, na prosa, tentava abrir a garrafa.
-Você não vai conseguir, pivete. Pra tirar essa rolha só eu te emprestar o meu gancho. Oh! Oh! Oh! Oh!

28

Num segundo, Sininho estaria solta. Era só tirar a rolha e pronto.
Mas quem disse que ia ser fácil? Gonçalves puxou com toda força e nada. Vendo que não conseguia tirar, tentou empurrar a rolha pra dentro. Pôs toda a força. A rolha nem se mexeu.

E lá vinha o colérico Capitão Gancho, já refeito do tombo, bufando de ódio.
-Me dá essa garrafa, guri.

Gonçalves disparou pelo convés, agarrado com a garrafa. Lá dentro, a fadinha parecia desmaiada ou bêbada com cheiro rum. O pirata tinha asas nos pés e, dali a cinco passos, já estava "pescando" o Gonçalves com o gancho.

Foi quando um laço certo caiu sobre ele.

-O quê? - gritou com os braços apertados pela corda.

-Não disse que pegava o bruto? - gabou-se o Piá, que nunca andava sem seu laço.

A alegria durou pouco. O grotesco Gancho deu um tranco no corpo e o Piá levou o maior tombo.

O pirata, num segundo, se livrou da corda e fuzilou o gauchinho com o olhar.

-Você vai me pegar, moleque. Depois que eu recuperar a garrafa... - e voltou-se para o Gonçalves. - Onde nós estávamos, herói?

O Gonçalves, na prosa, tentava abrir a garrafa.

-Você não vai conseguir, pivete. Pra tirar essa rolha só eu te emprestar o meu gancho. Oh! Oh! Oh! Oh!

29

O pirata dobrou seu corpo e olhou para Sininho dentro da garrafa. Ai, soltou a risada mais tenebrosa do mundo.

-Ora! Ora! Parece que a fadinha não tem mais ar pra respirar... - fez cara de piedoso. - Tadinha, acho que ela vai desta para pior. Oh! Oh! Oh! Oh!

Na confusão, Gonçalves não tinha notado que Sininho estava desfalecida, por falta de oxigênio.

- Fale comigo, Sininho! - gritou.

O sarcástico Gancho ria sem parar.

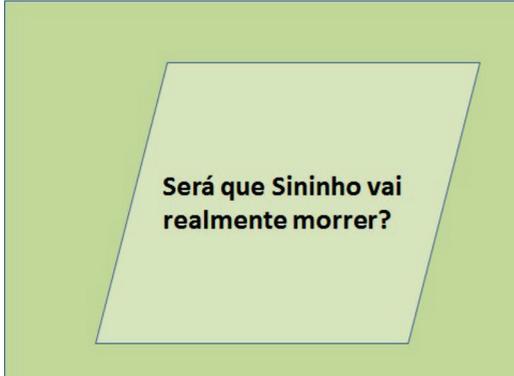
-Oh! Oh! Oh! Oh! Não acredito que o nosso herói vai deixar sua amiguinha morrer desse jeito... Que crueldade... Que morte horrível! - provocou, dando as costas para o Gonçalves e indo soltar seus homens.

-Você perdeu. Falhou. E Sininho vai pagar o preço da derrota, morrendo sufocada na garrafa - dizia entre gargalhadas. - Coitadinha... em suas mãos, guri. Oh! Oh! Oh!

La mesmo. E só tinha um modo de evitar. Gonçalves não pensou duas vezes. Correu até o pirata e implorou:

-Solte ela, solte! - pedia tentando colocar a garrafa na mão do pirata. - Tira a rolha, tira! Por favor, Capitão.

30



31

O tenebroso Capitão Gancho fez que não ouviu. Terminou de soltar um de seus homens e ordenou:
 -Liberte os outros. Depois capturem essa molecada.
 Gargalhountriunfante. Dono de si. Dono do navio. Dono do mundo.
 Gonçálinho continuava implorando por ajuda:
 -Solte ela! Solte ela!
 O Gancho voltou-se cinicamente para Gonçálinho.
 - Está pedindo ajuda pra um pirata? Se humilhando? Querendo **Minha** ajuda? Pois fique sabendo que eu quero é me livrar dessa fadinha abelhuda. Fadas me dão cócegas. Oh! Oh! Oh!
 Gonçálinho, muito pálido, repetia:
 -Solte ela! Solte!
 -Que nível! Eu odeio essa cara de criança chorona que você está fazendo - gritou batendo o gancho violentamente na garrafa.
 A garrafa escapou das mãos do Gonçálinho e caiu longe. Gonçálinho já ia atrás dela quando o traiçoeiro Gancho o segurou pelo braço.
 -E agora... o que eu faço com você, meu herói chorão?
 Enquanto isso, os piratas, já libertos, acabavam de capturar os meninos.
 -Pegaram todos? Então, falta a menina? Onde está ela? Se espera escapar... Aninha não pretendia escapar. Estava era procurando a garrafa, que caiu atrás de um barril de pólvora.

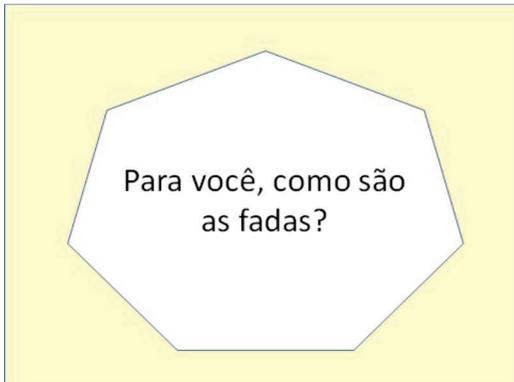
32

-Desculpe, Sininho, só tem um jeito - Aninha falou olhando a fadinha desmaiada. Não pensou duas vezes. Antes de ser capturada, bateu com toda força a garrafa na roda do leme. Foi cacó pra tudo quanto é lado.
 O irado Gancho, que estava dando uma sacudida no Gonçálinho, vendo aquela cena, berrou aos seus homens:
 -Maldição! A fada! Peguem-na, antes que esta peste escape! Depressa! Voltou-se para o Gonçálinho.
 -É só precaução, meu pequeno herói. Quem sabe se ela não está até morta? Oh! Oh! Oh!
 Os piratas procuraram. Procuraram de novo. Remexeram em tudo. Tiraram os barris de lugar. Olharam no meio das cordas. Nada!
 Um pirata caolho gritou:
 -Ela escapou, Capitão. Escapou ou caiu no mar.
 O intratável Gancho berrou furioso:
 -No mar não caiu, imbecil! Esqueceu que estamos no ar, em cima da cidade?
 Fez uma pausa e continuou:
 -Mas, tanto faz. Fada desmaiada não voa. Oh! Oh! Oh!
 Gonçálinho olhou bem nos olhos do ardiloso Gancho e falou;

33

-Não voa? Quem disse? Eu acho que voa!
 -Não voa! Não voa! Com mil trovões, não voa! - gritava furioso o Gancho, vermelho que nem um pimentão.
 O Gonçálinho, com lágrimas nos olhos, explodiu:
 -Voa sim! Ela estava em suas mãos e escapou! E vai salvar a gente!
 Era verdade. A fadinha estava presa, quase morta e no instante seguinte, ninguém sabia onde estava.
 O torpe Gancho falou, tentando esconder a raiva que sentia:
 - Não conte com ela, heroizinho! - gargalhou, jogando Gonçálinho no chão imundo do convés. - Fadas são frágeis. Fadas são solúveis. Fadas são medrosas. Se ela não estiver morta, deve ter desistido de desafiar o grande Gancho. Já deve estar pra lá da Chapada! A meio caminho da Terra do Nunca.

34



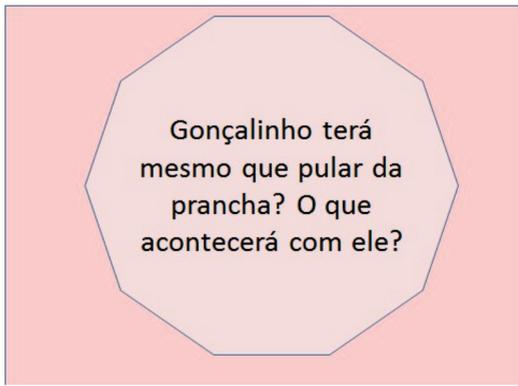
35

O soturno Gancho caminhou pensativo pelo convés. Que pensamentos sinistros deviam passar pela cabeça daquele monstro.
 De repente, olhou divertidamente para Gonçálinho.
 -Já sei! *Little Hero*, você vai conhecer uma velha brincadeira de piratas. Oh! Oh! Oh!
 Num segundo, arrastou Gonçálinho até a prancha, sobre a amurada do navio.
 Lá embaixo, muito lá embaixo, brilhavam as luzes da cidade adormecida.
6
 As crianças se agitaram. Cada uma bem presa nas mãos de um pirata, cada um mais maldoso que o outro. Nada poderiam fazer para ajudar seu amigo.
 O navio balançava suavemente. Gonçálinho se equilibrava, com braços entreatbertos, sobra a prancha.

36



37



38

-E então, herói? Ainda acha que sua amiguinha irá salvá-lo? "Nunca se deve confiar numa fada", já diziam meus avós. - zombava o tenebroso Capitão Gancho.

Gonçalinho não disse uma palavra. Achava que o pirata tinha razão.

-Será que Sininho que foi embora? - pensava. - Que nem o Peter Pan?

Para os piratas era uma festa. O Gancho cutucava, de leve, o Gonçalinho com sua espada.

-Chega de conversa - disse. - Você vai pular de livre e espontânea vontade ou vai precisar de uma ajudazinha? .

Vocês acham que Sininho seria capaz de abandonar a Turma do Gonçalinho?

39

-Eu não vou pular coisa nenhuma - gritou Gonçalinho. - Vem! Mas largue essa espada e lute de homem pra homem.

E pirata lá é de dar chance para prisioneiros? O desleal Gancho deu uma forte estocada com a espada e o Gonçalinho teve de recuar pra não se ferir... despençou escuridão abaixo, sem um pio.

Os garotos gritaram apavorados. Os piratas ficaram rindo, mas um riso muito sem graça. Eles gostavam mais quando o prisioneiro implorava para não ser atirado da prancha. O Gonçalinho não fez nada disso e ainda chamou o infame Gancho pra um duelo. Abusado!

-Tanto tempo sem ver alguém caminhar na prancha e quando acontece é tudo tão rápido... - lamentou um tipo com perna de pau.

-Rápido demais - emendou outro. - O moleque caiu muito fácil.

Eles não queriam admitir, mas sabiam que o Gonçalinho fora muito valente.

-Pois eu acho que esse moleque teria sido um pirata e tanto - falou o execrável Gancho, olhando com desprezo os seus comandados. - Um pirata e tanto!

40

Os piratas queriam mais. No minuto seguinte já arrastavam os outros prisioneiros à prancha. Com as mãos amarradas os garotos não podiam se defender. O Piá veio dando chute a torto e a direito, acabando por acertar a canela de um dos piratas.

-Uuii! Moleque, por causa disso quem vai te fazer saltar sou eu.

Foi nessa hora que o Gancho deu uma ordem surpreendente:

-Parem! Chega de prancha por hoje. Levem os prisioneiros ao porão.

Os piratas não ficaram nem um pouco satisfeitos com o fim de sua diversão.

-Com mil tempestades, Capitão - desabafou um grandalhão. - Logo agora que estava ficando animado?

-É mesmo. Por que parou? Parou por quê? - gritaram todos.

O dissimulado Gancho não disse uma palavra. Olhou, furiosamente, para seus homens. Foi o bastante para que eles se arrependessem de discutir suas ordens. Quando isso acontecia, ele virava onça.

-Fim da diversão? Por que parou? - repetia, encarando, com os olhos vidrados, os seus comandados. Mesmo o pirata mais destemido tremeria dos pés à cabeça diante do Gancho, quando ele exibia aquele olhar.

-Quem disse que a diversão acabou? Quem disse que parou? Oh! Oh! Oh! Acabo de ter uma ideia formidável.

41

Quem disse que a diversão acabou? Quem disse que parou? Oh! Oh! Oh! Acabo de ter uma ideia formidável.

Quem já tinha ouvido o Capitão falar naquele tom de voz não tinha dúvidas que algo terrível estava para acontecer. Alguns piratas até pensaram em se jogar do navio.

Então, em meio a um silêncio ensurdecedor, o medonho Gancho falou gargalhando:

-À noite, não dá para ver as crianças caindo, bando de imbecis. Agora, explosões são uma beleza à noite. Noites são para Explosões. Oh! Oh! Oh! Vamos fazer o que viemos fazer: BOMBARDEAR A IGREJA! Um barril de rum pra quem acertar primeiro!

Os piratas respiraram aliviados. Daquele tinham se safado. Em um minuto já estavam disparando sobre a igreja do Rosário. Mas os disparos passaram longe do alvo e se perderam na noite, confundindo-se com os trovões que rompiam o silêncio, anunciando uma chuva que não vinha.

O Gancho ficou uma fera.

-Por Netuno - berrou. - Será que eu mesmo vou ter que acertar essa igreja?

E foi derrubando os marujos que o separavam do canhão mais próximo.

-Vou mostrar como um pirata de verdade usa o canhão. Oh! Oh! Oh!

Logo, logo, seria uma vez uma igreja. O diabólico Capitão Gancho nunca errava um tiro.

Cã está, cã está, bem na minha mira.

42

Agora, bem acima do navio, sentada no bote, ela assoprava o pó das bolas e a gravidade fazia o resto.

Choveram balas de canhão sobre os piratas. Logo, havia um montão deles estirados pelo convés, com um bruto galo na cabeça, que pontaria de fada não falha. Os outros correram pra se abrigar nos porões.

-Gonçalinho, tá na hora da gente voar.

Embora? Gonçalinho não queria de jeito nenhum.

-Mas, Sininho? E deixar os piratas derrubar a igreja?

-Não se preocupe. Esta noite eles não atacam mais - explicou Sininho. - Eles não me viram e vão pensar que as balas de canhão estavam enfeitiçadas... Piratas são muito supersticiosos. Vão se esconderem suas cabines até o amanhecer.

Sininho tinha razão. Assustados, os piratas iam deixando o convés e se refugiando nas cabines, todos temendo um novo ataque das balas assombradas.

-Então temos até o amanhecer pra bolar um plano... Eeiii! Tive uma ideia. Sininho, vem comigo.

E, deixando para trás o sinistro navio pirata, os dois voaram em direção ao Pantanal.

7

A cidade amanheceu sob a sombra do navio pirata. Gigante, ela se estendia por todo o centro.

-Nuvem faz cada desenho gozado... - pensou um garoto, indo apressado para a escola. - E que nuvem escura.

43

Os habitantes da cidade de Cuiabá podiam imaginar o que estava acontecendo no céu?

44

Ninguém acreditou estar vendo um navio sobrevoando a cidade.

Ninguém, não. Mas quem lá sair por aí falando que estava vendo um navio no céu? Um navio pirata! Quem viu não abriu a boca. Fingiu que não viu. Achou melhor nem ver. Ficou o dia todo olhando para baixo, torcendo para ele ir embora.

Por isso, ninguém viu quando um bando de jacarés apareceu, voando, vindo dos lados do Pantanal e cercou o navio. Nem os piratas. Eles haviam tido uma noite agitada, que terminou mal pro lado deles.

Quando o primeiro pirata surgiu no convés e avistou os jacarés voadores, pensou que estava vendo coisas. Pudera, afinal tinha levado uma bala de canhão no meio da testa, na noite anterior.

Ao ver Gonçalinho montando o maior dos jacarés percebeu que era um ataque. Ia dar o alarme quando o tique-taque de um relógio rompeu o silêncio. Baixinho no começo, foi ficando cada vez mais alto.

TIQUE-TAQUE! TIQUE-TAQUE! TIQUE-TAQUE! TIQUE-TAQUE! TIQUE-TAQUE! TIQUE-TAQUE! TIQUE-TAQUE! TIQUE-TAQUE!



45

O neurótico Capitão Gancho acordou em pânico. Limpou o suor que escorria por sua testa e resmungou:

-Com mil naufrágios! De novo esse maldito pesadelo. Até em sonho esse crocodilo danado quer me devorar. UFAL! Esse foi tão real... parece que ainda ouço o tique-taque do relógio que ele engoliu.

Imaginou que um passeio pelo convés, ou, quem sabe, fazer alguém andar na prancha o acalmasse.

-Esse tique-taque não sai da minha cabeça. Preciso de ar...

Ao se levantar ouviu uma gritaria vindo do convés. Pensou que seus homens tinham começado a bombardear a igreja, ou a atirar os prisioneiros do navio.

-Vou pô-los a ferro! É muito atrevidamente começaram a festa sem mim.

Ao sair da cabine foi atropelado por seu bando, que fugia apavorado.

-É terrível! - Exclamou um pirata de perna de pau que o Gancho conseguiu agarrar antes que entrasse na cabine, junto com os outros. - Estamos cercados.

O Gancho não teve dúvidas:

-Só pode ser coisa da Sininho... e do moleque penelho. Devem ter trazido reforços.

Ordenou que os piratas voltassem ao convés. Trancafiados na cabine do ensandecido Capitão, diziam que não iam sair de lá nem que o navio naufragasse (ou desabasse). Pra garantir, um deles até engoliu a chave da cabine.

46

-Vergonha da pirataria! Já pra fora! – o Gancho berrou. – Venham covardes.

Já ia derrubando a porta quando ouviu umas risadinhas no convés. Depois começaram a gritar que “Gancho não é de nada”...

-Agora eles foram longe demais. Vão se ver comigo, esses intronitados.

O Gancho nunca estivera tão furioso. Desistiu de arrancar os amotinados da cabine. Estava disposto a acabar, sozinho, com Sininho, Gonçalinho e quem mais estivesse com eles.

-Estou indo, xeretas!

Assim que chegou ao convés, o pirata ficou meio cego por causa do sol. Só por um instante. Então, o pesadelo.

Por que Gancho pensou estar em um pesadelo?

47



48

-NÁÁÁOOOO!

Ao ver todos aqueles jacarés, olhando furiosamente para ele, o covarde Gancho quase teve um ataque do coração. Seu pior pesadelo tinha se materializado, multiplicado por mil.

-Olá, Ganquinho – brincou a fadinha, vendo o pirata tremer feito vara verde – Olha só meus novos amigos. Eles estão loucos pra experimentar sanduiche de pirata, sabia?

O Gancho, desesperado, implorava para Sininho que não deixasse os jacarés se aproximarem dele:

-Não os deixem-me pegar! NÁÁÁOOOO!

Estava acabado. O medo vencera o invencível Capitão Gancho. Encolhido trêmulo, apavorado, transtornado, ele não oferecia mais perigo algum.

-Vencemos! – comemorou Gonçalinho. – Ô verdade! O cafuçu tá que dá dó.

-Isso mesmo – concordou a fadinha. – Agora vá soltar seus amigos. Eles devem estar apavorados, trancafiados lá no porão.

Antes que Sininho terminasse de falar, Gonçalinho já corria, todo aceso, para a escada, rumo ao porão.

49

8

O Piá, o Dito, a Aninha e o Urbaninho, aprisionados não sabiam dos últimos acontecimentos e quando a porta foi aberta entraram em pânico. Não tinham dúvidas de que eram os piratas vindo buscá-los.

Então, que surpresa, o Gonçalinho surgiu à entrada do porão.

Não deu pra acreditar. E não tinham visto ele andar na prancha cair? Mas como Gonçalinho continuava ali, foi até dar um abraço neles, finalmente acreditaram que ele estava vivo.

Encheram o amigo de abraços. Apertaram, beliscaram pra ter certeza e ninguém conseguiu segurar as lágrimas, de felicidade, que brotavam de seus olhos. Fizeram a maior festa. A parte que o Gonçalinho mais gostou foi quando a Aninha tascou um beijão no rosto dele. Maravilha!

-Mas como? – perguntou Dito, os olhos arregalados. – A gente viu você cair.

Gonçalinho contou que ao cair, quando já ia se esborrachando em cima da igreja, Sininho apareceu e jogou um punhado de pó mágico sobre ele.

50

-Ela estava meio tonta, por causa do cheiro de rum da garrafa e quase não conseguiu...

Ficou saboreando a curiosidade estampada no rosto dos amigos, depois continuou. Contou a aventura:

... E aí eu tive a ideia de trazer jacarés, pra dar um susto no cretino Gancho. Pra não ter erro, fui até lá em casa, peguei o despertador do papai e coloquei no pescoço de um jacaré bem grandão. E funcionou, o Gancho tá manso que nem um bezerrinho.

-Então acabou o perigo! – comemorou Aninha.

Quem disse! Foi a Aninha falar e o navio dar uma bruta de uma sacudida. A turma se esparramou, uns sobre os outros, no chão imundo do porão.

-Puxa! Agora quando! – gritou Dito. – Parece que o navio tá caindo!

O navio está caindo, será que os nossos heróis conseguem se salvar?

51

-Caindo? Mas e o pó mágico? Por que a Sininho não joga mais pó mágico em cima dele? – quis saber o Urbaninho, ao se levantar.

- E se ela não tiver mais? Acho que depois do que aconteceu ela deve estar demais de fraquinha – lembrou Gonçalinho.

Nesse momento, o navio deu uma nova sacudida e desceu mais um dois metros.

-Estamos afundando... quer dizer, caindo! – apavorou-se o Piá. – Vamos sair daqui.

Subiram a escada e num segundo estavam todos no convés, cada um mais assustado que o outro.

-Meninos! O navio vai cair. Eu não posso impedir – explicou a fadinha assim que os viu.

Essa não! Depois de vencer os piratas, quando tudo parecia acabado, o navio ia despencando sobre a cidade.

-Se ao menos tivesse um vento bem forte... eu acho que dava pra tirar o navio daqui – disse Sininho.

Mas não tinha vento. Era um daqueles dias de calor sufocante, sem nenhum ventinho pra dar uma refrescada.

52

-Que vento? – gritou Urbaninho, meio desesperado. – Cê acha que é só chamar o vento que ele aparece?

Sininho olhou, misteriosamente, para os meninos.

-ISSO! ISSO! Boa ideia! Vamos chamar o vento! – vibrou. – Todos juntos. Quem sabe ele vem.

Urbaninho não queria saber dessa história de “ficar chamando o vento”.

-Que nada! Eu não acredito nisso.

Sininho não se intimidou:

-E em fada, você acredita?

-Deixa de ser bobo, Urbaninho – falou Aninha. – Você não vê que é nossa única chance?

Era mesmo. O navio voltou a balançar e ia cair a qualquer momento.

-VENTO! VENTO! – começou a gritar Sininho. – VENTO! VENTO!

Os meninos, depois de um instante, sem saber o que fazer, deram-se as mãos, fecharam os olhos e gritaram a uma só voz:

-VENTO! VENTO! VENTO!

Chamaram o vento um tempão e nada. Já não tinham mais voz. Cairam sobre o convés, desanimados. Tinham desistido. Sininho também.

53



54

Foi quando começou a soprar uma brisasinha fresca, que foi encorpando, encorpando, até virar uma ventania capaz de arrastar o navio até o Mar do Nunca, na Terra do Nunca.

Animada, Sininho tratou de içar rapidamente as velas. Não havia tempo a perder. Era preciso aproveitar o pé de vento.

-Vão embora – gritou jogando um pouco de pó sobre os meninos. – Rápido! O pozinho só dá pra um voo até a cidade.

Então, sem despedidas, os garotos se apressaram em deixar o navio, que disparou, rangendo assustadoramente, rumo a Terra do Nunca, escoltado pelos jacarés voadores.

-Tomara que Sininho consiga – falou Urbaninho, assim que eles chegaram a cidade.

-O Gancho eu sei que não vai criar problemas. Senão os jacarés... Ô! – divertiu-se o Dito imitando um jacaré com a boca aberta. – Essa ideia do Gonçalinho, de assustar o piratão foi demais de boa.

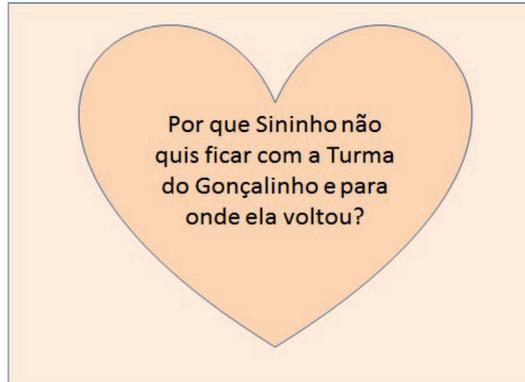
Quando o Dito falou no Gonçalinho, a turma percebeu que ele não estava com eles.

-Ele não saiu do navio – concluiu Aninha. – O que ele está tramando? Nisso, no navio, Sininho descobre o Gonçalinho ainda a bordo.

-Você tem que ir embora. Não pode ir a Terra do Nunca.

-Eu sei! Mas você pode ficar com a gente. Por que não? O Peter Pan foi embora.

55



56

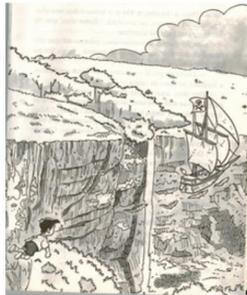
Sininho quase chorou, de tanta felicidade. Ia falando que depois de levar os piratas ela voltaria, mas...

-Não posso. Foi muito triste ver o Peter crescer – murmurou triste. – Não quero ver isso acontecer com você.

Gonçalinho ia insistir, mas Sininho voltou-se para o leme e pareceu esquecer da sua presença.

Não havia nada a fazer. Sininho não queria conversa.

Estava decidida. Vencido, Gonçalinho flutuou e ficou para trás, olhando o navio desaparecer no horizonte montanhoso da Chapada dos Guimarães.



57

9

O Dito, a Aninha, o Plá e o Urbaninho, nos dias seguintes só falavam na aventura. Entre eles, que se contassem ninguém ia acreditar.

Gonçalinho andava misterioso, parecia até que não estava contente de ter vencido os piratas. Fazia tempo que nem saía com a turma.

-Deixa ele pra lá – diziam e voltavam aos piratas, a Sininho, ao ouro da igreja...

Um dia, uns meses depois, começaram a se perguntar se tinha mesmo acontecido aquilo, ou... e se tivesse sido um sonho? Era bem capaz. Pronto! Mais um pouco e já duvidavam. Depois esqueceram, que todo dia tinha uma novidade e aquela história foi ficando mesmo velha.

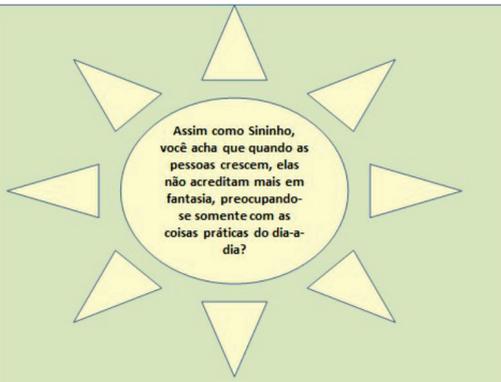
O Gonçalinho, não. Estava feliz por terem impedido os planos do ambicioso Gancho, mas não conseguia tirar da cabeça as palavras de Sininho. Uma noite, desolado, não conseguia dormir.

-Votê! Quem falou que eu vou ficar que nem o Peter Pan? Quem disse que todo mundo cresce e daí deixa de se importar com as coisas...

Começou a achar que Sininho não entendia nada "desse negócio de crescer".

-Fada acha que sabe tudo. Quando? O Peter Pan não cresceu coisa nenhuma. Deu foi pra ficar besta.

58



59

Foi até a janela e ficou olhando para o céu, cheio de estrelas.

-Ô Sininho, fica preocupada não. É um tantinho assim de gente que vira pirata – sussurrou. – Mas não se preocupe, enquanto existir piratas haverá um menino pronto para enfrentá-los.

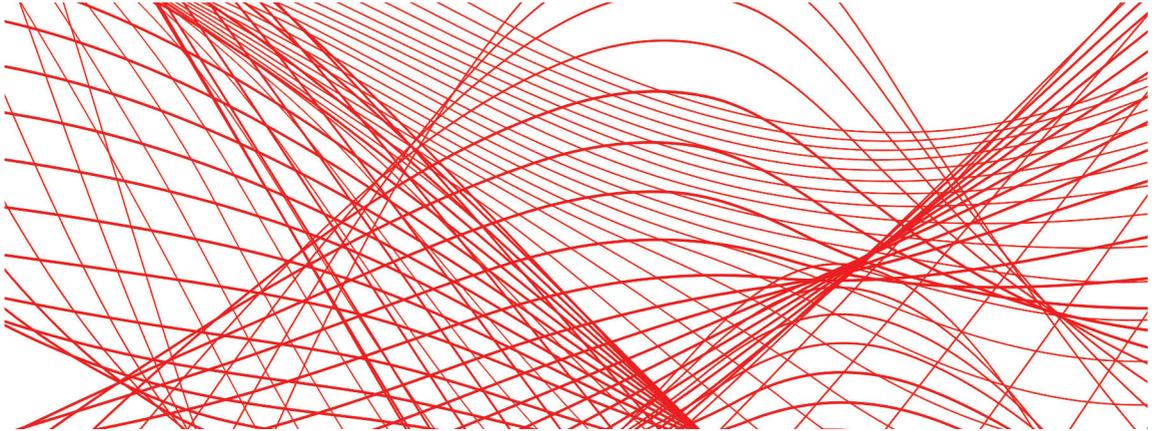
Sonolento, fechou os olhos e deixou a brisa envolvê-lo, num abraço fresquinho. Sentiu o corpo leve, como se estivesse flutuando, como se estivesse subindo, subindo. Então, de repente... TUM! Bateu a cabeça no teto da casa.

-Votê! Eu to... tô voando.

Não demorou nadinha e já tinha disparado, pela morna noite cuiabana, direto à segunda estrela a direita e em frente até o amanhecer, rumo à Terra do Nunca.

Mas isso já é outra história...

60



3 UMA PROPOSTA DE LEITURA DO POEMA “O CERCO”: HOMEM VERSUS MEIO NATURAL

Sérgio Cervieri

1. Texto: O cerco

2. Autor: Aclyse de Mattos **Editora:** Carlini e Caniato **Ano:** 2011

3. Série indicada: 1ª fase do 3º ciclo/7º ano

4. Duração: 20 aulas

5. Temática a ser debatida a partir da leitura do texto:

O poema “O cerco” do poeta mato-grossense Aclyse de Mattos faz um convite ao leitor para que esse mergulhe na imaginação e se sinta em uma aldeia no Pantanal Mato-grossense cercada pela inundação e sitiada por onças pintadas, prontas para atacar e “comer” a aldeia do mapa.

A temática da relação homem x natureza observada no poema, pode ser discutida em sala de aula nos seguintes aspectos: como tem sido essa relação ao longo do tempo? Quais os problemas surgidos disso? Como deve ser? Quais as consequências do mau relacionamento entre esses dois elementos? Como foi, ou como é esse relacionamento na comunidade em que a escola está inserida?

6. Apresentação do autor

Aclyse de Mattos nasceu em Cuiabá, dias antes da cheia de 59 que inundou o Porto. Poeta nas horas cheias e professor nas horas vagas. Além de Cuiabá, morou também no Rio de Janeiro e São Paulo. Professor do Departamento de Comunicação da UFMT, mestre pela ECA-USP e doutorando pela UFMG. Escreveu livros de poemas como Assalto à mão amada (1985), Papel Picado (1987), Quem muito olha a lua fica louco (2000) e Festa (2012). Também escreve contos (O Sexofonista, 1986), literatura para crianças (Natal Tropical, 1990) letras de música e roteiros. Participou de diversas

revistas e antologias nacionais e internacionais de poesia.

7. Estrutura textual:

A obra de Aclyse em estudo é um poema, formado por dez estrofes, cada uma com número irregular de versos, sem medida idêntica, alguns rimados e outros livres.

A estrutura formal não vai merecer uma atenção especial nessa proposta de letramento literário. Ao contrário, os recursos estilísticos e imagens poéticas serão sim tema de apreciação nesse trabalho.

Com relação à análise de elementos linguísticos, há o uso dos verbos no modo imperativo, que marcam o sentido do convite que permeia o poema, convite esse, para o leitor entrar no mundo imaginário do poema. Aliás, o poema começa e termina com esse convite: “Faça de conta que está chovendo”, “Afinal nada é melhor para a alma que vagar pelos pantanais”.

Há também uso da metáfora no trecho “diamantes de água”, usado para se referir à água que escorre da boca do onça, e o uso da expressão “não se sabe se gota ou saliva” na sequência do verso, contribuindo para a instauração do clima de expectativa e mistério. Esse clima, também é retomado em expressões como “fazem das gotas de água estranhas centenas de minifantasmias voando pelos quintais”.

Outros aspectos relevantes que concorrem para a excelência do texto são as imagens evocadas pela comparação “seu pelo parece a sombra dos pingos de chuva” relativos à coloração do pelo da onça, e a composição do cenário pantaneiro pelo uso de expressões representativas da flora pantaneira (acori e bocaiúva) e da hidrografia da região (Rios Paraguai, Cuiabá e Piquiri).

8. Objetivos:

Geral:

- Ampliar o repertório de leitura literária dos educandos, através de práticas significativas de leitura e escrita, através dos pressupostos do letramento literário.

Específicos:

- Mobilizar estratégias de leitura, como antecipação, confirmação de hipóteses e identificação da ideia principal da obra;
- Promover a leitura coletiva e individual do poema “O cerco”;
- Propiciar um processo de interação entre leitor e o texto literário;
- Perceber expressões, mecanismos linguísticos e poéticos que caracterizam a linguagem literária;

- Perceber a literatura como espelho para compreensão de aspectos que envolvem questões humanas e sociais;
- Relacionar os elementos ficcionais do poema com a realidade vivenciada pelo educando;
- Propor atividades de escrita, reescrita do texto literário;
- Relacionar textos, comparando aproximações e diferenças entre eles.

9. Sequência didática:

A leitura do texto literário traz importantes contribuições ao educando, entre elas, o deleite, a fruição e a reflexão da sua realidade circundante. No entanto, ultimamente, nas práticas escolares, o texto literário ora tem servido, como pretexto para ensino da língua, ora tem sido visto como mero passatempo ou diversão.

Necessita-se com urgência tornar o ensino e a aprendizagem da literatura, uma prática significativa, repensar e ressignificar as práticas de leitura literária promovendo o letramento literário – uma configuração especial de letramento.

O letramento literário é único, porque a literatura ocupa um lugar único em relação à linguagem “É por possuir essa função maior de tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas” (COSSON, 2012 p. 17).

Em seu livro, Cosson (2012, p.12) assim define o termo letramento literário:

Neste livro vamos tratar do letramento literário no que se refere a processo de escolarização da literatura. A proposta que subscrevemos aqui se destina a reformar, fortalecer e ampliar a educação literária que se oferece no ensino básico. Em outras palavras, ela busca formar uma comunidade de leitores que, como toda comunidade, saiba reconhecer os laços que unem seus membros no espaço e no tempo. Uma comunidade que se constrói na sala de aula, mas que vai além da escola, pois fornece a cada aluno e ao conjunto deles uma maneira própria de ver e viver o mundo.

Devido a todos esses fatores, procurar-se-á nesse trabalho com o poema “O cerco” do poeta mato-grossense Aclyse de Mattos usar a metodologia de trabalho proposta por Cosson.

O referido autor apresenta duas propostas de letramento literário em seu livro: a sequência básica e a sequência expandida. A sequência básica é composta pelas seguintes etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação. A sequência expandida tem as mesmas etapas que a sequência básica, no entanto, na expandida há dois momentos de interpretação: a 1ª e 2ª interpretações, além do momento da expansão.

Optou-se para a realização desse trabalho a sequência expandida, porque permite um trabalho mais aprofundado, além disso, fazer relações com outros textos, dando continuidade ao trabalho.

A sequência expandida da proposta de letramento literário desse trabalho conterá as seguintes etapas: motivação, introdução, leitura, primeira interpretação, contextualizações histórica, poética, temática, presentificadora, segunda interpretação e expansão.

Motivação:

A motivação é a primeira etapa de trabalho com o texto literário, e normalmente se apresenta de forma lúdica, com uma temática relacionada ao texto, com o objetivo de incitar, promover a curiosidade pela leitura. Cosson (2012) assim define essa etapa:

Ao denominar *motivação* a esse primeiro passo da sequência básica do letramento literário, indicamos que seu núcleo consiste exatamente em preparar o aluno para entrar no texto. O sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação. Nesse sentido, cumpre observar que as mais bem-sucedidas práticas de motivação são aquelas que estabelecem laços estreitos com o texto que se vai ler a seguir. (COSSON, 2012, p. 54-5)

Para que o aluno “entre” no “bosque da ficção” como termo usado pelo autor Humberto Eco para designar a imersão do leitor no texto literário, buscar-se-á um texto de temática semelhante ao do poeta mato-grossense: a relação do homem com o animal selvagem, no caso, a onça. Para isso, será usado o conto do escritor Simões Lopes Neto intitulado “Onça Enfreada”, disponível em <http://www.paginadogauchocom.br/bibli/rom-21.htm>.

Introdução:

Depois da motivação, é o momento de tomar contato com o autor e a obra que será lida. A essa etapa é dado o nome de introdução, e, de acordo com Cosson (2012), corresponde à apresentação do autor e da obra. Para esse fim, será feito um breve relato da biografia do autor, de suas obras. Também será proporcionado aos educandos, o contato físico com o poema, e entregue uma cópia para cada um.

Leitura:

A leitura escolar, conforme Cosson (2012) precisa de acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir. Esse acompanhamento deve se diferenciar de policiamento, ou seja, o professor deve acompanhar o educando no processo de leitura e auxiliá-lo em suas dificuldades.

Será proposto aos alunos um primeiro contato individual com a obra, depois

será feita uma leitura em voz alta pelo professor.

Primeira Interpretação:

Após o término da leitura, a próxima etapa é a interpretação, e segundo Cosson, ela se dá em dois momentos: um interior – primeira interpretação - e outro exterior – segunda interpretação. O momento interior compreende a decifração, é chamado de “encontro do leitor com a obra” e não pode ser de forma alguma substituído por algum tipo de intermediação como resumo do livro, filmes ou minisséries. De acordo com Cosson, “a primeira interpretação destina-se a uma apreensão global da obra. O objetivo dessa etapa é levar o aluno a traduzir a impressão geral do título, o impacto que ele teve sobre sua sensibilidade de leitor” (COSSON, 2012, p.83).

Sendo assim, o trabalho resultante dessa primeira interpretação será sobre as impressões dos alunos a respeito da obra. Essa impressão será registrada em texto escrito, ilustração, ou outro formato que o educando escolher.

Os trabalhos realizados nessa etapa serão postados no blog Professor Sérgio, no seguinte endereço: <http://escolairanyctl.blogspot.com.br/>, disponibilizados no mural e no jornal da escola.

Contextualização:

O contexto da obra é aquilo que ela traz consigo, que a torna inteligível para o leitor, de acordo com o que afirma Cosson (2012). Dessa maneira, após a primeira interpretação, haverá o momento da segunda interpretação, o momento exterior, a “materialização da interpretação como ato de construção de sentido em uma determinada comunidade” (COSSON, 2012, p. 65).

Durante a etapa da segunda interpretação acontecerá o trabalho de contextualização. Acontecerão as seguintes contextualizações: histórica, poética, temática e presentificadora.

Contextualização histórica:

Essa contextualização visa relacionar o texto com a sociedade que o gerou ou com a qual ele se propõe abordar internamente.

Como o texto em estudo se passa no Pantanal mato-grossense e faz referência à Guerra do Paraguai, faz-se necessário um estudo do bioma e da hidrografia pantaneiros, além do evento histórico acima citado. Para isso será de grande valia a ajuda do trabalho interdisciplinar com os professores de história e geografia.

Contextualização poética:

“Na contextualização poética, o que se busca observar é a economia da obra,

como ela está estruturada, quais são os princípios de sua organização” (Cosson, 2012, p. 88).

Para conseguir êxito nessa etapa do trabalho, serão analisados os seguintes recursos poéticos presentes no poema:

- O convite feito pelo eu lírico para que o leitor tome parte na construção de sentido do texto imaginando-se no cenário em que os fatos se desenrolarão e vivendo a situação de tensão provocada pelo iminente ataque dos felinos pantaneiros.

- O uso dos verbos no modo imperativo que denota o sentido do convite feito pelo eu lírico do poema;

- Uso de expressões linguísticas que trazem o sertanejo para dentro do texto, através de uma linguagem simples como no trecho “depois pelejas de vaqueiros”.

- As imagens evocadas pela comparação “seu pelo parece a sombra dos pingos de chuva” usada para descrever a coloração do pelo da onça.

- O uso da metáfora “diamantes de água” para se referir à água que escorre da boca da onça, e na expressão “vai ser comida do mapa” em referência ao final trágico que aguarda a aldeia;

- O tom de mistério e indefinição evocado pelos trechos “não se sabe se gota ou saliva” e “fazem das gotas de água estranhas centenas de minifantasmas voando pelos quintais”.

- Pressuposições acerca do significado da “vingança” das onças ou da vila ser uma “cidade-fantasma”.

- Como o uso de elementos da flora pantaneira (acori e bocaiúva) e dos rios (Paraguai, Cuiabá e Piquiri) contribuem para dar vida ao cenário onde acontecem os fatos narrados no poema.

Contextualização temática:

Para Cosson (2012), a contextualização temática, não pode entreter-se apenas com o tema em si, mas sim com a repercussão dele dentro da obra.

O poema fala sobre a sobrevivência do ser humano em um ambiente hostil, com a natureza mostrando sua força. A relação homem e natureza é a temática a ser trabalhada no poema. Essa relação poderá ser trabalhada nos seus desdobramentos, conflitos e a necessidade que ambos os lados têm de que o contato entre os dois seja harmonioso, para a sobrevivência de ambos.

A discussão suscitada nessa etapa poderá ser complementada com um vídeo de Steve Cutts que trata de maneira ácida e irônica o menosprezo do ser humano ao meio natural em que vive. O vídeo está disponível no Canal Youtube, no seguinte endere-

ço: <http://www.youtube.com/watch?v=WfGMYdalCIU#t=106>. O filme não apresenta falas do seu único personagem, mas aparecem legendas em inglês, permitindo um trabalho interdisciplinar.

Contextualização presentificadora:

“A presentificação é a contextualização que busca correspondência da obra com o presente da leitura. Trata-se por assim dizer, de uma atualização. O aluno é convidado a encontrar no seu mundo social elementos de identidade com a obra lida, mostrando assim a atualidade do texto” (COSSON, 2012, p.89).

O processo de colonização da região norte mato-grossense é recente, em Guarantã do Norte, especificamente em torno de 33 anos. Quando da chegada das primeiras famílias à região, o desafio era sobreviver em um ambiente hostil como a floresta amazônica. As pessoas que para essa região se deslocaram tiveram que conviver com doenças (malária, principalmente), a própria flora (muitos deixaram a vida na tentativa de derrubar a floresta) e animais silvestres (cobras escorpiões, onças).

A ideia aqui é de os educandos fazerem uma pesquisa com os familiares mais antigos, pioneiros da região para lembrar e resgatar histórias desse período histórico.

Os educandos farão a pesquisa em casa, e trarão os registros da entrevista em áudio, vídeo ou anotações. Esses registros serão compartilhados, discutidos e relacionados tanto com o poema de Aclyse quanto com o texto da contextualização temática.

Produção escrita:

Cosson (2012) afirma que a segunda interpretação, ao contrário da primeira, que busca uma apreensão global da obra, tem por objetivo a leitura aprofundada de um dos seus aspectos. Afirma também que a contextualização e a segunda interpretação são realizadas como se fossem uma única atividade. Por fim, o autor ainda expõe que a segunda interpretação não pode prescindir de um registro final.

Portanto, como registro final, propõe-se uma atividade escrita que consiste em dar continuidade ao poema de Aclyse de Mattos, descrevendo a chegada das onças, e seu possível enfrentamento, ou não enfrentamento, com os moradores da suposta aldeia.

Uma segunda opção seria “imitar” o poeta cuiabano e descrever poeticamente o contato do emigrante do Norte de Mato Grosso com esse temido felino que povoa o imaginário das pessoas.

Os textos serão digitados no laboratório de informática e disponibilizados no blog Professor Sérgio, no seguinte endereço: <http://escolairanyctl.blogspot.com.br/>, disponibilizados no mural e no jornal da escola.

Expansão:

“A expansão busca destacar as possibilidades de diálogo que toda obra articula com os textos que a precederam ou que lhe são contemporâneos ou posteriores” (COSSON, 2012, P.86).

Para a expansão será feito um diálogo do poema “O cerco” com o mito indígena Kayapó sobre a origem do fogo. Esse mito encontra-se disponível em http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/9974/9974_7.PDF, acesso em 19/09/2014. Também é possível ter acesso a esse mito através do relato dos indígenas (kayapós) que vivem até hoje na região de Guarantã do Norte, na reserva indígena Mekragnotire, ou em registro gravado em vídeo pelos mesmos.

Os educandos serão convidados a relacionar os dois textos (o cerco e o mito indígena) com relação à temática: relação homem x onça, apontando semelhanças e diferenças entre os dois contextos das histórias e as ações dos personagens.

10. Ferramentas tecnológicas a serem utilizadas:

- Projetor multimídia;
- Folhas impressas;
- Quadro e pincel;
- Laboratório de informática;
- Livro “Nossas vozes, nosso chão – antologia poética comentada”;
- Rede mundial de computadores;
- Reprodutor de DVD
- CD e DVD

11. Resultados esperados:

Espera-se com esse trabalho que os alunos possam fazer a fruição estética do poema, cujo tema, por se tratar de algo próximo do cotidiano deles, faça sentido. Espera-se, também, que atividades como essa favoreçam a apreciação maior do texto poético, que encontra resistência no meio escolar e na sociedade como um todo.

12. Bibliografia:

COSSON, R. **Letramento literário teoria e prática**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

MATTOS, Aclyse de. **O cerco**. In: SILVA, Rosana Rodrigues da; COCCO, Marta Helena (orgs.) **Nossas vozes, nosso chão: antologia poética comentada**. Cuiabá, Carlini & Caniato, 2011.

13. Webgrafia

Blog Professor Sérgio. Disponível em <http://escolairanyctl.blogspot.com.br/>. Acesso em 11/09/14.

COCCO, Marta H. **Festas – Aclyse de Mattos.** Revista Biografia. Disponível em <http://sociedadedospoetasamigos.blogspot.com.br/2013/04/festas-aclyse-mattos.html>. Acesso em 04/09/2014.

CUTTS, Steve. **Man** . Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=WfGMY-dalCIU#t=106>. Acesso em 19/09/2014.

Mito de origem do fogo, mito indígena Kayapó. Disponível em http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/9974/9974_7.PDF. Acesso em 19/09/2014.

NETO, Simões Lopes. **Onça enfreada.** Disponível em <http://www.paginadogaucho.com.br/bibli/rom-21.html>. Acesso em 04/09/2014.

ANEXO 01

ONÇA ENFREADA

Isto passou-se em Minas Gerais, lá em cima, no Ribeirão das Gralhas.

Eu estava numas grotas, no fundo do mato grosso; tinha ido melar; era um dia muito quente. E tinha ido montado numa mula ruça, de boa marcha e muito mansa.

Cheguei, escolhi o ponto de parada, tirei o freio à mula e atei-a pelo cabresto, para ela ir roendo algum criciúma que por ali havia.

Era a pino do meio-dia...

Deu-me uma lombeira... uma preguiça... que não lhes digo nada! ... Peguei a cochilar. Dormi. E anoiteceu. Escuro, como breu! E dentro do mato! Então..., só mesmo quem nunca viu o que é noite escura de mato..., o escuro é preto, o preto é negro, o negro e retinto...

De repente, mesmo pesado de sono, senti faro de perigo. Olhei, e vi, na minha frente, por entre as árvores, um grupo de bugres, ferozes, já de arco entesado e flecha pronta, fazendo pontaria sobre mim! ... Se o luar não fosse tão claro ainda, talvez eu pudesse esconder-me. Disfarcei, e fazendo que os não via, para os não alarmar, fui-me esgueirando para trás, recuando, devagarinho, de mansinho recuando..

Com o intento - é claro! - de cavalgar a mula e fugir, tive a cautela de passar a mão no freio..., os arreios que ficassem!..

Sempre recuando, e sem despregar os olhos dos bugres, de costas topei com um animal que respirava forte; e sempre sem me voltar, atento aos índios, passei-lhe a cana da rédea no pescoço, enfreei o animal, e quando, pelo tato, senti que estava pron-

to, montei-o de salto, cravei-lhe as esporas e dirigi a montaria, procurando a beirada do mato.

Nesse instante os bugres descarregaram os arcos ... as flechas ventaram em volta de mim ... mas era tarde - eu já estava fora do alvo!

Gesticulando, estorcendo-se, num alarido medonho, os selvagens saíram-me nas pisadas.

E eu, vá espora!...

Notei então que o animal era habilíssimo dentro do mato: não esbarrava nos troncos, não se enredava nos cipós, não tocava nos espinhos, saltava pedras, pulava buracos...; apenas, por vezes, junto aos paus grossos, entre-parava-se, fazendo menção de querer subir por eles acima ... Então, eu dava de rédea, e vá espora!

Enfim, ao clarear do dia, consegui chegar à aba do mato, sair para a várzea, que era a salvação.

Apeei-me...acendi o cigarro... e quando puxava a primeira tragada, atirei-me pra trás, apavorado! ...

Eu havia enfreado uma onça!

Montei uma onça, nela havia fugido, na onça atravessei a floresta!

Pode parecer exagero; mas tudo se explica: enquanto eu dormia, a onça havia atacado e devorado a mula; os bugres, que isso viram, preparavam-se para flechar a fera e não a mim, como supus, e daí, a minha precipitação em fugir deles; e de costas e no escuro, julgando - de boa-fé - enfrear a mula, enfreei a onça e montei. Como nesse momento ela estivesse meio engasgada com um pedaço de carniça, não urrou, e, depois de enfreada, não pôde. E vai, como as esporadas doíam-lhe, ela obedeceu, disparou... e tanto, que os bugres perderam-nos de vista.

Mas, como dizia: apeei-me, e vendo a onça, fiquei apavorado: ... e ela, sentindo-se aliviada, também não esperou mais nada: miou de gato, e ganhou o mato!

ANEXO 02

O cerco

Faça de conta que está chovendo.

Não é difícil,

Esta semana tem chovido muito.

Agora pense que não muito longe,

Sitiando completamente a aldeia,

Estão as onças pintadas.

Seu pelo parece a sombra dos pingos de chuva
e bigode de seu focinho
tem pequenos diamantes de água
não se sabe se gota ou saliva.

Além de tudo isso é a época das cheias.
As águas do Paraguai, do Cuiabá, do Piquiri
Ilham completamente a aldeia do Pantanal.

Não há pontes. A pólvora estava no paiol
que se inundou com um vazamento no teto.
Armas de fogo falham sob a chuva.

Falta pouco para a vingança.
A aldeia cercada de onças vai ser comida do mapa.
Estranha cidade-fantasma:
Antes foi a Guerra do Paraguai
depois pelejas de vaqueiros

Mas agora é que é fatal.
As cheias do Pantanal
e o sítio das onças pintadas
fazem das gotas de água
estranhas centenas de mini-fantasmas
voando pelos quintais.

Agora faça de conta que não existe o medo
e espere seu fim
com altivez.

Afinal nada é melhor para a alma
Que vagar pelos pantanais.

ANEXO 3

**MITO DE ORIGEM DO FOGO - KAYAPÓ GOROTIRE:
PRIMEIRA VARIAÇÃO**

Ao descobrir um casal de araras num ninho localiza do no alto de uma rocha escarpada, um homem leva consigo seu jovem cunhado, chamado Botoque, para ajudá-lo a capturar os filhotes. Ele faz com que este suba numa escada improvisada, mas chegar à altura do ninho, o rapaz diz que só vê dois ovos. (não fica claro se ele mente ou não.) O homem manda joga-los; durante a queda, os ovos transformam-se em pedras e machucam-lhe a mão. Furioso, ele puxa a escada e vai embora, sem entender que os pássaros eram encantados (oiaiainga)

Botoque permanece preso durante vários dias no alto do rochedo. Emagrece; faminto e com sede, é obrigado a comer os próprios excrementos. Finalmente, ele vê um jaguar [onça pintada] trazendo arco e flechas e todos os tipos de caça. Quer pedir-lhe socorro, mas fica mudo de medo.

O jaguar vê a sombra do herói no chão; tenta pegá-la, sem sucesso, levanta os olhos, conserta a escada, procura convencer Botoque a descer. Com medo, ele hesita durante um longo tempo; finalmente, resolve descer, e o jaguar, amigavelmente, o convida a montar em suas costas para ir até a sua casa comer carne assada. Mas o rapaz não sabe o significado da palavra “assada”, pois naquele tempo os índios não conheciam o fogo e comiam a carne crua.

Na casa do jaguar, o jovem vê um enorme tronco de jatobá em brasa; ao lado, montes de pedras, com aquelas que os índios usam hoje em dia para construir forno. Ele come carne moqueada pela primeira vez.

Mas a mulher do jaguar (que era uma índia) não gosta do rapaz, que ela chama de me-on-kra-tum (“o filho alheio ou abandonado”); apesar disso, o jaguar, que não tem filhos, resolve adotá-lo.

Todos os dias, o jaguar vai caçar e deixa o filho adotivo com a mulher, que o detesta cada vez mais; ela só lhe dá carne velha e dura para comer, e folhas. Quando o rapaz reclama, ela lhe arranha o rosto, e o coitado se refugia na floresta.

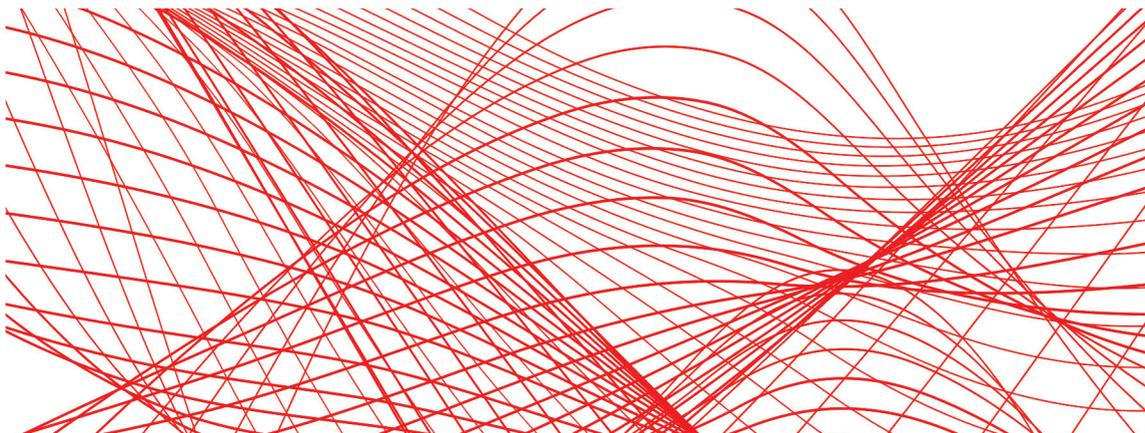
O jaguar repreende a mulher, mas em vão. Um dia, ele dá um arco novo e flechas para Botoque, ensina-o a maneja-los, e o aconselha a usá-los contra a madrasta, se necessário. Botoque a mata com uma flechada no peito. Amedrontado, ele foge, levando as armas e um pedaço de carne assada.

Ele chega à sua aldeia no meio da noite, procura às apalpadinhas a esteira da mãe, que demora a reconhecê-lo (pensavam que ele estava morto); ele conta sua história, e

distribui a carne. Os índios resolvem se apossar do fogo.

Quando chegam à casa do jaguar, não encontram ninguém; e, como a mulher estava morta, a carne caçada na véspera ficou sem cozer. Os índios assam-na e levam o fogo. Pela primeira vez, eles têm luz à noite na ladeia, podem comer carne moqueada e se aquecer no calor da fogueira.

Mas o jaguar ficou furioso coma ingratidão do filho adotivo, que lhe roubou “tanto o fogo como o segredo do arco e flecha”, e desde então odeia todos os seres, especialmente o Gênero humano. Do fogo, só lhe restou o reflexo, que brilha nos seus olhos. Ele caça com os dentes e come carne crua, pois jurou nunca mais comer carne assada.



4 A CIDADE, UM HOMEM E MUITAS HISTÓRIAS

Denis Alves Farias
Marcia Maria Silva de Souza

1. Autor: Luiz Renato de Souza Pinto

2. Texto: A cidade (capítulo 3) **Obra:** *Matrinchá do Teles Pires* **Editora:** Carlini & Caniato **Ano:** 1998

3. Ano indicado: 3ª fase do terceiro ciclo (9º ano)

4. Duração: 10 aulas

5. Temática

A obra *Matrinchá dos Teles Pires* (1998) é uma narrativa que conta a história da fundação e desenvolvimento da pequena vila de mesmo nome e formada por migrantes em sua maioria, oriundos do sul do Brasil. O capítulo 3 - A cidade - apresenta o crescimento desordenado da cidade de Cuiabá, lugar onde as pessoas pegavam o ônibus com destino à cidade Matrinchá do Teles Pires, em busca de um lugar melhor para viver. A vila ainda é um lugar com pouco crescimento, no entanto, demonstra as mazelas do progresso sem nenhum desenvolvimento sustentável. A sociedade que compõe o povoado se apresenta por meio de sua cultura, costumes, valores e as dificuldades em empreender o projeto de crescimento local. Possui como principal personagem o andarilho Eleutério, conhecido também por João Maria, experiente e sábio nas relações do homem com a natureza. A obra possui ampla relação com as questões ambientais de denúncia e crítica como o homem se apropria dos recursos naturais sem observar a necessidade e a importância do desenvolvimento sustentável. A serraria que devasta a vegetação sem planejamento de replantio, onde antes eram florestas exuberantes tornam-se campos abertos; a cooperativa que só queria vender seu adubo e não fazia análise do solo degradando-o mais ainda; a falta de rede de esgoto, em que as fossas

misturavam seus resíduos com a água do lençol freático, dentre outros, são assuntos que permeiam a obra e nos convidam a pensar no tema desenvolvimento sustentável para não comprometer gerações futuras pela destruição dos recursos naturais que são finitos.

6. Autor

Luiz Renato de Souza Pinto é professor de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT), desde 2011 e também dos cursos de EAD em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso. É graduado em Letras e Mestre em História, ambos pela UFMT e Doutor em Literaturas em Língua Portuguesa pela UNESP – Campus de São José do Rio Preto. Possui um forte engajamento com a formação de leitores. Todo o processo de documentação do livro partiu de uma revisão bibliográfica vasta que engloba questões agrárias, assentamentos de colonos, surgimento de garimpos etc. Conforme Santos (2005), em entrevista com o autor, a ideia de se escrever o livro surgiu para aproveitar informações pessoais sobre a etapa pioneira do desenvolvimento do norte de Mato Grosso. Assim visitou 54 cidades dos três estados do sul conversando com pessoas, entendendo sua cultura e adquirindo livros ou informações de várias maneiras. Costurando passagens historiográficas tendo como fio condutor um andarilho, foi possível traçar um itinerário repleto de acontecimentos importantes para a história do Brasil moderno. As lendas e tradições que de alguma forma aparecem no livro são fruto de pesquisas localizadas e dizem respeito ao imaginário popular, base para uma obra de ficção realmente consistente.

7. Estrutura textual

Tendo como referência Cosson (2014), em sua obra *Letramento Literário: teoria e prática*, propõe-se aqui a leitura do terceiro capítulo do livro *Matrinchã do Teles Pires – “A cidade”* por meio da temática do desenvolvimento sustentável. O recorte fundamenta-se no processo migratório, principalmente do Sul do país e povoação do Mato Grosso, estabelecendo a busca pela Terra Prometida. A criação e fundação da cidade com seus respectivos avanços e retrocessos, causa e consequências ligam-se à temática em uma perspectiva local e global, fomentando reflexões e discussões cotextuais e contextuais. Terra (2014) afirma que quanto à análise do gênero, é fundamental que o aluno identifique o narrador por sua experiência de leitura e o professor medeie o ponto de vista de quem conta a história, pois isso implica não só na estrutura narrativa, mas também na linguagem a ser utilizada. O narrador pode fazer intervenções de natureza variada e compartilha com o leitor conhecimentos prévios, o que lhe permite não explicitar todas as informações, deixando ao leitor a tarefa de preencher as lacunas da narrativa. Em *Matrinchã do Teles Pires*, o leitor empírico deverá ter ou possuir conhecimento histórico, geográfico e social acerca do Brasil, principalmente em relação ao século XX, das políticas getulistas e governos militares; política de expansão territorial

na região Centro-Oeste, fluxo populacional e migratório, projetos de colonização e forças ideológicas presentes nos discursos do poder. Para esse processo, é essencial um projeto interdisciplinar. O autor usa estratégias discursivas e linguísticas na construção do texto, a fim de obter os efeitos pragmáticos que deseja alcançar, como visíveis nos provérbios, relatos de experiência e histórico, biografia, autobiografia, roteiro e outros que tornam o texto polifônico e interdiscursivo. A obra é riquíssima por descrever os aspectos geográficos e históricos de Mato Grosso cumprindo sua meta em formar o aluno autônomo nas práticas discursivas.

8. Objetivos:

- Motivar os educandos para a leitura do texto literário.
- Apresentar a obra em seus aspectos exteriores, alguns personagens, o autor e a temática a ser abordada.
- Propor a leitura do capítulo três “A cidade” combinando prazo, para que a leitura seja realizada.
- Assistir ao vídeo “Desenvolvimento Sustentável”.
- Interpretar a leitura do capítulo em consonância com a temática apresentada;
- Ler e discutir oralmente buscando a compreensão do poema “Dois maços de Alface” – de Lucinda Persona, relacionando-o à temática do desenvolvimento sustentável.
- Trocar informações sobre o capítulo e a temática da leitura literária na sala de temas livres do bate – papo Uol, interagindo e expandindo ideias em um ambiente virtual.
- Aprofundar a leitura e a temática expressa no capítulo 3 – “A cidade”, por meio de contextualizações para ampliar e refletir sobre os sentidos na narrativa.
- Produzir relato de experiência a partir do texto estudado.

9. As atividades estão organizadas pelas seguintes etapas:

As atividades serão realizadas conforme Cosson (2014), em sua proposta de Sequência Expandida, ou seja, um aprofundamento de uma Sequência Básica. É a sistematização das atividades de leitura do texto literário, objetivando a formação do leitor por meio do letramento literário como uma abordagem à leitura do texto literário na escola.

1. **Motivação:** Consiste em uma atividade de preparação, de introdução dos alunos no universo do livro a ser lido.
2. **Introdução:** conhecimento prévio sobre o livro, autor e outras possibilidades.

des de encontro com a obra.

3. **Leitura:** Prioritariamente deve ser feita extraclasse, com uma negociação dos prazos de finalização da leitura. Estabelecer um sistema de verificações que pode ser feito por meio de intervalos de leitura. Esses intervalos são também momentos de enriquecimento da leitura do texto principal.
4. **Primeira interpretação:** Destina-se a uma apreensão global da obra. O objetivo dessa etapa é levar o aluno a traduzir a impressão geral do título, o impacto que ele teve sobre sua sensibilidade de leitor.
5. **Contextualização:** Aprofundamento da leitura por meio do contexto da obra. Nesse sentido, o número de contextos a serem explorados na leitura de uma obra é teoricamente ilimitado.
6. **Segunda interpretação:** Tem por objetivo a leitura aprofundada de um de seus aspectos. Uma viagem guiada ao mundo do texto, a exploração desse enfoque.
7. **Expansão:** Investir nas relações textuais. Dialogar a obra articulada com os textos que a precederam ou que lhes são contemporâneos ou posteriores.

As atividades serão desenvolvidas por:

Multimodalidade - integração dentro de um meio, de três linguagens: oral, visual e textual que envolve combinações dessas mesmas linguagens como, por exemplo: a fala, gestos, texto, processamento de imagem ou vídeos. A multimodalidade envolve sempre a coexistência de duas ou mais modalidades de comunicação. Hipertexto - uma obra com várias entradas, onde o leitor/navegador escolhe seu percurso pelos links. O sistema de hipertexto mais conhecido atualmente é a World Wide Web que é uma ligação que facilita a navegação dos internautas. Disponível em: <http://whiteacab.blogspot.com.br/2011/05/conceito-de-multimodalidade-e.html>.

Motivação

A motivação será realizada com a música **S.O.S Natureza** – Mc **Leonel**, que retrata a degradação do meio ambiente pelo homem, de uma forma crítica chamando a atenção para a preservação do meio ambiente e do desenvolvimento sustentável. Observar o ritmo, a letra, a intertextualidade e os questionamentos que são levantados pelo autor em relação ao meio ambiente. Ouvir a música e realizar as atividades abaixo para interação com o texto que está disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Xh0E1lcx6WU>.

- 1) A música S.O.S natureza (Mc Leonel) inicia-se com uma frase bastante interessante

“Nada se cria nada se perde tudo se transforma” - Antoine Laurent Lavoisier (químico francês do Séc. XVIII) nos chama a atenção para a ação do homem sobre os recursos naturais. Qual a intenção da frase na introdução da música?

2) Quais são as imagens que a música apresenta acerca da relação do homem com o meio ambiente? Anotar as respostas dos estudantes.

OBS.: Professor: depois de explorar as imagens (enchente, poluição, erosão, desmatamento, contaminação, aquecimento global e órgãos responsáveis pelo meio ambiente) contidas no texto, é importante que os estudantes possam interagir com as informações elencadas.

3) Dividir a turma em grupo e cada um confeccionará um cartaz em torno das ideias que o texto expõe. O professor distribuirá os materiais aos grupos: revistas, jornais, cartolinas, pincel atômico, cola, tesoura. Se os estudantes quiserem, poderão usar no cartaz trechos que estiverem de acordo com as imagens escolhidas. Os cartazes podem ser exibidos na escola.

Introdução

Fazer uma breve apresentação do autor e da obra, analisando a capa, contracapa, sinopse, editora. A apresentação da narrativa será realizada pela temática “Desenvolvimento Sustentável” aproveitando a atividade de motivação. Discutir com os alunos os possíveis significados dessas palavras na atualidade. Apresentação dos personagens principais: Eleutério, Francisco, Joana, Tereza e Divina. Combinar com a turma a data para que a leitura seja concretizada.

Intervalo de Leitura:

O vídeo “desenvolvimento Sustentável” que está disponibilizado em: <http://www.youtube.com/watch?v=XW2hpEeogRg> foca o tema por uma perspectiva discursiva e argumentativa, questionando a problemática e responsabilidade do ser humano em uma conjuntura ambiental. Como recurso, o vídeo utiliza uma música instrumental que se identifica com o tema por um ritmo melancólico que nos sensibiliza a aprofundar os questionamentos sob um ponto de vista calamitoso.

Com proposta educativa, o vídeo tem como primeira referência o adolescente, que segura um vaso com uma muda e a transformação sugerida por um círculo vicioso, que conduz às inovações tecnológicas e os resultados dessas interações. Assim, discute-se o desenvolvimento e progresso urbano constatado nas páginas iniciais do capítulo do texto em estudo. Relacionar o contexto de Cuiabá ao contexto local do discente. Reflexões sobre a cidade em que se situa, com pesquisas e imagens que demonstram o aspecto transformacional.

Alguns excertos são destacados: “Cuiabá crescera muito. Da noite para o dia,

e a olho nu, percebia-se o desenvolvimento. A construção civil multiplicava em prazos recordes” (p. 26). “A entrada de Cuiabá era feia e esburacada. A rodoviária, obra de incomparável angústia e estupefação... Sujeira tomando conta. O cheiro fétido, pútrido de urina espalhava-se a invadir o ar incauto” (p.27). “Conviver com os poucos horários também fazia parte das aventuras. As empresas vendiam passagens em pé, viagens que na época das secas se faziam em dez horas” (p. 28). “Matrinchá, às margens do teles Pires. É uma cidade pequena; fundada a seis de setembro de 1974, mas que em pouco tempo apresentou vertiginoso crescimento. Impressionante, se computarmos a taxa de desmatamento, da ordem de quinhentos por anos. Massacres indígenas marcaram a abertura da estrada” (p. 28). Na terceira imagem há uma pirâmide que representa a Sustentabilidade econômica/ambiental/social, composta por comunidade/equidade, proteção ambiental e crescimento econômico que resulta em uma sustentabilidade corporativa.

Neste momento, como atividade, pausa-se o vídeo e se discute cada um desses pontos e os relacionam ao 3º capítulo do livro, contextualizando-os aos enunciados discursivos da obra. Muitos trechos podem ser selecionados pelos alunos e postos em discussão. O discurso força/poder e a relação homem/natureza são aspectos indissociáveis para a reflexão e questionamento dos argumentos evidenciados pelos discentes.

Alguns trechos poderão ser identificados para a verificação da leitura: “-Lá em Santa Helena, no Paraná, eu já era pedreiro. Aqui eu vim pra tentar a lavoura, mas nun guentei não. Hôme, é um pega pra capá, sabe?” (p.28). “O senhor sai por aí deitando a mata com os machados, abrindo com facão, criando calo e tudo, pra depois vê que é só areia, sô. É um solo muito arenoso. Aí, depois a Cooperativa manda uns técnicos que num conhece a área [...]” (p.29). “-Em dois anos eu fiquei foi devendo; e pra todo mundo” (p.29). “Em frente, erguia-se soberana a Serraria Santo Antônio, a maior da cidade, Pertencia ao senhor Francisco Schimidt, gaúcho de Santa Cruz [...]” (p.30). “As matas eram extensas e, por terem grande valor econômico, foram devastadas. A madeira era transportada por grandes balsas [...]” (p.30).

Na próxima imagem, ressalta-se o papel da criança e do adolescente em uma proposta de preservação e conscientização ambiental. Insere-se o coletivo que distingue da primeira imagem, representando assim o leitor autônomo e sua relação aos grupos sociais. A verificação aprofunda-se com questionamentos sobre a relação homem x natureza e os resultados dessa interação.

Na leitura, espera-se que os discentes discorram e reflitam sobre alguns pontos, tais como verificados nos trechos abaixo: “olhando para as pilhas de madeira procurou não demonstrar espanto. Eram milhares de metros cúbicos de mogno, ipê, cerejeira, cedro e outros mais” (p.31). “Dois caminhões, carregados dessa riqueza, preparavam-se para sair com destino a São Paulo. Iriam abastecer os depósitos que cresciam e se abastavam na Pauliceia com a produção madeireira do país” (p.31). “- Vejam bem. As

mudas não devem ser puxadas, arrancadas com a mão. Tem que ser assim, cuidadosamente.” (p. 37).

Em sequência, observamos por meio de um retrato a relação homem/natureza vista de forma harmoniosa. Como proposta, discutir com os discentes, que somos parte desse processo de desenvolvimento sustentável e que essa relação sempre tem que ser de forma a preservar o verde. Outro ponto a ser observado é o uso de objetos e veículos próprios do campo em uma singularidade rudimentar. Questionar, assim, o desenvolvimento tecnológico e as novas ferramentas que substituíram o trabalho manual e conseqüentemente a mobilização do fluxo populacional do campo para a cidade e os infortúnios dessa transição e fixação nas cidades. Analisar pontos do texto que retratam a cidade de Cuiabá e Matrinchá em concretude aos espaços local e global contemporâneos. Todo o capítulo foca a temática do trabalho.

Durante a verificação da leitura, analisar as indagações e referências biográficas das personagens que comprovam toda a transformação e relação homem x natureza. A saber: Tópicos sobre a divisão do Estado de Mato Grosso, Governo Geisel e integração nacional (p.26). Desenvolvimento urbano, descrição das longas viagens, aspectos transformacionais e geracionais da cidade (causas e conseqüências) (p.27-29). Força argumentativa do discurso “tem coisa por aqui mais escondida que bicheira na ovelha, ah, isso tem!” (p.33). Em sequência, uma floresta é vista em todo o seu esplendor, uma mata virgem que dialoga com o texto “proteja o que é nosso!”, tem-se uma conexão com nossos ecossistemas e a preocupação em preservar a natureza, alguns temas podem ser aprofundados como a extinção de algumas espécies de animais e vegetais, além de um estudo interdisciplinar sobre biodiversidade.

No estudo do texto, procura-se evidenciar traços descritivos da natureza e o indígena como parte do nativismo brasileiro. Interessantes descrições são verificadas no capítulo e servem como ponto de partida para as discussões. “A geografia variava um pouco com a Serra que precede Cuiabá [...] O voo cego dos periquitos que, em bandos, se atiram, desrespeitando a lei da gravidade.” (p. 27). “As matas eram extensas e, por terem grande valor econômico, foram devastadas.” (p. 30). “O ipê, árvore nacional por excelência, estava ali, morto, aos milhares; como soldado derrotado, deixando de brotar as lindas flores da entrada do verão para dar lugar a ripinhas que virariam móveis.” (p. 31). “A bela caigangue seria ofertada a M’boy; enamorada de um belo guerreiro, forte, másculo [...]” (p.34). O vídeo registra, também, as conseqüências do consumo: grandes cidades, indústrias, desmatamento, lixo, dentre outros.

Após a exibição da mídia, propõe-se uma discussão de cada tema visto nesse tópico. Atividade extraclasse de pesquisa multimodal, com apresentação expositiva em formato seminário, são excelentes oportunidades para trabalhar o texto opinativo, definindo o tempo para cada grupo em uma relação ao cotexto e contexto do terceiro capítulo “A cidade” do livro .

Intervalo de leitura:

Leitura e reflexão do poema: **Dois maços de alface** - Lucinda Persona, para sensibilizar os educandos em relação à temática proposta. Fazer uma cópia do poema para cada aluno. Apresentar a autora do poema, se possível um livro da escritora. Leitura silenciosa do texto, depois leitura em voz alta pelo professor. As questões para promover uma discussão sobre o poema. (Deve ser feita de forma oral).

- 1) Fazer uma reflexão acerca dos três primeiros versos. O que eles propõem?
- 2) Podemos pensar nas dez horas, por que o eu lírico lava o alface neste momento? Por que às dez horas? Pode-se abordar a questão do valor da atividade realizada e também sua importância.
- 3) O que podemos dizer sobre o verso 12? “os rosários de bactérias”
- 4) Enquanto o eu lírico realiza seu trabalho pensa na vida, morte e muito mais. Qual a importância de pensar sobre essas palavras? Em que momento vocês pensam sobre esses temas apresentados? Vocês pensam só em suas vidas ou pensam na vida de outras pessoas?
- 5) No final do poema, o eu lírico comunica fazendo uma profecia. Quer dizer, se não pensarmos nas consequências dos nossos atos vamos sofrer. O que normalmente ocorre nas profecias? (Apresentar exemplos para situar os estudantes).
- 6) E se relacionarmos o poema com a obra. Será que seu Francisco pensava sobre consequências do desmatamento que realizava?
- 7) Quando Eleutério tentava indagá-lo sobre o replantio de árvore como este reagia?
- 8) Vamos pensar na vida como foi proposto no poema. Pensando no desenvolvimento sustentável. Como nós podemos pensar para promover mudanças em nossa vida? E na vida em grupo, no bairro, na cidade em que vivemos no estado e país?
- 9) O que compete a cada indivíduo para nos desenvolvermos sem destruir os recursos naturais?

Chamar a atenção dos alunos para o ritmo do poema; levá-los a perceber a impressão de calma e tranquilidade e a mudança de ritmo nos três últimos versos. Seria interessante reler o texto com a turma. Projetar uma tela para registrar no coletivo as respostas apresentadas pelos alunos e depois organizar um texto coletivo que pode ser colocado no mural, veiculado na rádio ou jornal da escola.

Primeira interpretação

A interpretação e a avaliação do capítulo não estão diretamente relacionadas com as reais condições e motivações de produção; diferentes leitores constroem significados diferentes. O significado não está no texto em si mesmo. Os leitores avaliam diferentemente os textos, de acordo com seus diferentes posicionamentos diante de um tema ou com sua maior ou menor identificação aos elementos estruturais da narrativa. Estabelece-se um diálogo entre o leitor e o livro.

Na primeira interpretação, os alunos apresentarão suas impressões gerais sobre a obra: como recepcionaram o texto, o que compreenderam e pensam do texto lido. A atividade proposta para a impressão geral do terceiro capítulo tem como objetivo a multimodalidade por meio de sala de bate-papo Uol – disponível no site <http://tc.batepapo.uol.com.br/indice/todas-salas-indicegeral.jhtm>. Assim, discussões a respeito do capítulo serão realizadas na sala de tema livre, onde se efetivarão reflexões e comentários sobre a temática “Desenvolvimento Sustentável e leitura literária”. Troca de informações, questionamentos, dúvidas e interação com outros internautas serão pontos importantes para a efetivação e divulgação da obra e temática. O professor deverá acompanhar e mediar toda discussão com os discentes, de forma a propiciar um ambiente amplo de debates sobre a leitura.

Contextualização

A contextualização é o aprofundamento da leitura por meio dos contextos que a obra traz consigo. Nesse sentido, o número de contextos a serem explorados na leitura de uma obra é teoricamente ilimitado, no entanto abordaremos para este estudo as contextualizações a seguir:

Teórica: Procura tornar explícitas as ideias que sustentam ou que estão encenadas na obra, de modo a verificar como em certas obras determinados conceitos são fundamentais.

Histórica: Abre a obra para a época que ela encena ou o período de sua publicação. Essa contextualização visa relacionar o texto com a sociedade que o gerou ou com o qual ele se propõe a abordar internamente.

Estilística: Responde pela grande demanda dos professores pelo saber literário tradicional. Ela está centrada nos estilos de época ou períodos literários. As obras informam os períodos e não o inverso, pois são construídas a partir delas.

Poética: É a leitura da obra de dentro para fora, do modo como foi constituída em termos de sua tessitura verbal. Estuda-se a linguagem descritiva que permeia o capítulo e como ela configura não só o espaço, mas também o narrador e as demais categorias narrativas.

Presentificadora: Uma forma de o professor despertar o interesse do educando pela obra, chamando sua atenção para o tema e as relações dele com o presente. O estudante

é convidado a encontrar no seu mundo social elementos de identidade com a obra lida, mostrando assim a atualidade do texto.

Temática: Caminho natural do leitor que, sem compromisso com o saber literário, comenta com o amigo ou alguém que lhe seja próximo a sua última leitura, falando do tema ou dos temas tratados na obra. Necessita-se que haja uma repercussão do tema dentro da obra.

Contextualização Teórica

A contextualização teórica, conforme Cosson (2014) procura tornar explícitas as ideias que sustentam ou que estão encenadas na obra, de modo a verificar como em certas obras determinados conceitos são fundamentais.

Luiz Renato (1998) buscou traçar em seu livro o povoamento do Mato Grosso por meio do fluxo de pessoas que deixam suas origens, tradições e parentescos em busca de novas oportunidades de vida. Esse trajeto é mostrado no terceiro capítulo “A cidade” que evidencia o percurso das personagens a tão sonhada terra prometida.

Muitos fragmentos são observados no capítulo: “As longas viagens provocavam um esgotamento físico, e muitas vezes mental, nos aventureiros e colonos.”; “A reta parecia uma só, passada a cidade de Campo Grande, os setecentos quilômetros que separam de Cuiabá...” (p. 26). “- Sim, eu sabia que a gente ia chegar numa terra virge” (p. 29). A partir desses e outros excertos que relacionam o processo de movimentação espacial do ser humano, desenvolver uma atividade de pesquisa com auxílio do professor de Geografia sobre o processo migratório humano, analisando suas causas e consequências, bem como as transformações e impactos ao desenvolvimento ambiental e cultural. A atividade poderá relacionar o espaço local a que o aluno esteja inserido e contextualizá-lo ao espaço histórico.

Contextualização Histórica

A contextualização histórica, conforme Cosson (2014) abre a obra para a época que ela encena ou o período de sua publicação. Essa contextualização visa relacionar o texto com a sociedade que o gerou ou com o qual ele se propõe a abordar internamente.

Após a leitura do capítulo, realizar uma reflexão entre os alunos sobre a dimensão histórica dos dados que foram relevantes em suas perspectivas literárias. Atividades que destaquem trechos que enfatizem suas interpretações e interesses ao campo histórico registrado, assim espera-se que se observem:

Dados históricos sobre a cidade e país – nesta atividade evidenciam-se os trechos que retratam os dados históricos, como o plano anterior e posterior (transformacional): “Cuiabá crescera muito...”; “Em Brasília, dezenove horas. O Presidente

Geisel...”; “A estrada de Cuiabá era feia e esburacada...”(p.26). “- Eu já tava cansado da lavoura. Trabalhei a terra com meus filhos lá no Rio Grande, e depois no Paraná.” (p.31). Dados políticos e sociais que evidenciem o momento histórico presentificado: “Com a divisão, o Estado Novo...”; “Velhos, já em idade de descanso...” (p.26-27). Dados culturais e linguísticos que fundamentem o nível de linguagem específico de um momento histórico: “Então, o senhor comprô gato por lebre? A terra de lá era melhor, num era, seu...” (p. 29). “-Em dois anos eu fiquei foi devendo; e pra tudo mundo...” (p. 29). “- O moço me acompanha num mate?” (p. 30). “Os dois passaram pelo oeste do Paraná, terra de Naipi e Tarobá, devastando tudo.” (p. 32).

Dados históricos que fundamentem o desenvolvimento técnico-científico: “- Já tomou a vacina? – Vacina de quê? – Febre Amarela. Já tomou” (p. 27-28). “Dois caminhões, carregados dessa riqueza...” (p. 31). “À escola, dirigiam-se mais cedo os alunos da última série, a oitava, para a aula de prática agrícolas ” (p. 36).

Dados biográficos dos personagens, narrador e do autor; “Durante o processo de escrita, foram tantas as viagens...” (p. 5). “Lá em Santa Helena, no Paraná, eu já era pedreiro.” (p. 28). “-Pois, sabe que eu tumbém tenho uma história de senzala prá conta, num sabe?” (p. 35). “Teresa era amigada com Arlindo, subchefe da Colonizadora” (p. 38).

Contextualização Estilística

Para Cosson (2014), a contextualização estilística responde pela grande demanda dos professores pelo saber literário tradicional. Ela está centrada nos estilos de época ou períodos literários. As obras informam os períodos e não inverso e são construídas a partir delas.

Em *Matrinchá do Teles Pires (1998)*, a contemporaneidade pode ser estudada a partir dos elementos intrínsecos ao texto: Regionalismo universalista, intimismo, Neo-Realismo. O importante é a atualização da obra, ressignificando o texto em relação ao local e global. Nesse aspecto, algumas obras podem ser sugeridas para estudo literário e comparativo, como *Grande Sertão: veredas (2002)* com sua originalidade e quebra linear da estrutura narrativa, linguagem inovadora, com neologismo, adágio, rupturas sintáticas, recursos poéticos incorporação do falar coloquial e variedade linguística, monólogo interior e a trajetória efetivada pela personagem em seu percurso pelo sertão de Goiás e Bahia, são ótimas oportunidades de compreender o estilo do autor Luiz Renato:

“- O senhor me adesculpe, parece até chovê no moiádo, mas não faz reflorescimento não? Acha que vai tê madeira a vida toda?” (p. 33).

“- O senhor não vai quere ensiná o padre a rezá a missa, vai?” (p.33).

“- Quando quero-quero faz baruio, é que vem chegando gente.” (p. 39).

Outro ponto a ser observado é a forma tradicional de ler, pois cada capítulo é singular em sua interpretação, podendo ser lido isolado, mas congruente aos demais para aprofundamento da realidade social e preenchimento de lacunas.

Contextualização Poética

É a leitura da obra de dentro para fora, do modo como foi constituída em termos de sua tessitura verbal. Estuda-se a linguagem descritiva que permeia o capítulo e como ela configura não só o espaço, mas também o narrador e as demais categorias narrativas: “Impressionante, se computarmos a taxa de desmatamento, da ordem de quinhentos por cento ao ano. Massacres indígenas marcaram a abertura da estrada”. (p. 28).

Em *Matrinchã do Teles Pires* (1998), o leitor terá um leque de conhecimento histórico, geográfico e social sobre o Brasil, principalmente em relação ao século XX, das políticas getulistas aos governos militares; política de expansão territorial na região centro-oeste, fluxo populacional, projetos de colonização e forças ideológicas presentes nos discursos do poder. Para todo esse processo, é essencial um projeto interdisciplinar e projeto pesquisa: “Lá no sul, sim, tem umas cooperativa organizada. Essas aqui tá é tudo concunhada pra ferrá o produtor. É cooperativa, é Banco do Brasil, é comerciante, é Colonizadora”. (p. 29).

O narrador é diversificado em suas opiniões, sendo objetivo em suas descrições, mas amplamente subjetivo em suas formas de questionamento quanto às forças políticas e sociais. Além de narrar, emite opiniões e juízos sobre o que narra. Com focalização privilegiada, heterodiegético, não participante da narrativa, adota a perspectiva do personagem Eleutério e do motorista. Seu conhecimento dos fatos e das personagens é praticamente ilimitado, pois não narra o que observa, mas é capaz de narrar o íntimo das personagens, revelando seus sentimentos mais profundos, tornando-se assim um narrador onisciente: “Sem parecer desiludido, o homem despede-se com um singelo aperto de mão, demorado; fluxo energético de vibração intensa. Seguiu-se um lancinante olhar, em busca da nudez interior da professora.” (p. 38). “Aí depois a Cooperativa manda uns técnicos que num conhece a terra. Te vende um montueiro de adubo sem fazê a análise do solo... Em quatro ano, minha terra num dava mais nem mandioca.” (p.29).

A ação estrutural do enredo releva-se pela verossimilhança, em que a sequência narrativa estabelece uma relação de não contradição e permite o leitor processar o texto como coerente. No capítulo, são aceitáveis as ideias contidas pelo narrador e pelas personagens, além da aceitação de um lugar “mítico” em consonância ao espaço real, pois o que se encontra na cidade são traços presentes no processo de desenvolvimento sustentável, situando os aspectos negativos e positivos quanto ao papel humano em sua interação ambiental. O romance abandona as formas tradicionais de enredo, em que

ocorre descronolização e a narração seguir o fluxo de consciência da personagem, como se observa nas perspectivas do narrador e das personagens:

“Em frente, erguia-se soberana a Serraria Santo Antônio; a maior da cidade. Pertencia ao senhor Francisco Schmidt, gaúcho de Santa Cruz, mas que morou muitos anos em Tenente Portela, região do Alto Uruguai.” (p. 30).

“A vila surgiu da necessidade de prestar alguma assistência para construtores da estrada” (p. 28).

“Matrinchá, às margens do Teles Pires. É uma cidade pequena, fundada a seis de setembro de 1974, mas que em pouco tempo apresentou vertiginoso crescimento.” (p. 28).

O tempo da narrativa é ficcional marcado por expressões temporais, desde o processo de criação do projeto da cidade ao de fundação. Uma das características analisada é o tempo subjetivo em que a personagem mergulha em si mesma, retornando ao passado pela memória ou projetando-se num futuro. O mergulho é feito tanto pelo narrador, como pelas personagens. Afastando-se de um padrão convencional, os elementos coesivos nem sempre estão presentes. Na obra, o tempo passa, ora rápido, ora mais devagar, retoma um acontecimento que ficou no passado. Pela leitura, podemos acompanhar anos de uma história em uma simples página, um salto temporal percebido ao início do texto: “- Em dois anos eu fiquei foi devendo; e pra tudo mundo. Sexta-feira vai tê uma manifestação lá em frente da Cooperativa” (p.29).

Na narrativa, é perceptível o papel desempenhado pelas personagens, principalmente em Eleutério, ocupando um papel até mais importante do que o fato narrado, com extrema complexidade, um mundo interior riquíssimo e que nunca se consegue apreender em sua totalidade. Há uma profundidade de reflexões, uma manifestação do discurso humano de caráter político, cuja intenção é fazer uma crítica social. Os discursos são essenciais para a formação crítica do leitor como sujeito autônomo e construção de sentidos dos dados e fatos analisados e interpretados: “A cada passo ficava mais desconfiado, intrigado com aquela prosa. Procurava um não sei quê naquela conversa sem lógica. Não gostava de ouvir tanta asneira. Primeiro foi o Agripino, agora o Schmidt. Os dois passaram pelo oeste do Paraná, terra de Naipi e Tarobá, devastando tudo” (p. 32).

O espaço tem um importante papel na construção da verossimilhança da narrativa e do tema Desenvolvimento Sustentável, parte de regiões de deslocamento, Mato Grosso em suas particularidades, desde Cuiabá ao percurso destinado em que tanto o narrador e as personagens transitam. Pelo espaço e demais elementos estruturais define-se a linguagem de cada personagem e a variedade linguística presentes em cada um deles. Nesse sentido, o estudo pode voltar-se ao aspecto fonológico e fonético em um contexto que abarque o local e o regional em relação com o nacional.

Para a compreensão dos aspectos míticos e lendários tecidos na obra, sugere-se a leitura do livro *História/Literatura: o (re)encontro com o mito* (2005), de Luzia A. Oliva dos Santos, em que a autora elabora uma pesquisa primorosa pela qual identifica e analisa as vertentes citadas, além de observar o aspecto histórico revisitado pelo olhar do narrador, guia para o leitor quanto à tessitura dos elementos constitutivos da narrativa.

Contextualização Presentificadora

É uma forma de o professor despertar o interesse do aluno pela obra, chamando sua atenção para o tema e as relações dele com o presente. O aluno é convidado a encontrar no seu mundo social elementos de identidade com a obra lida, mostrando assim a atualidade do texto. Sendo assim, propomos a leitura da reportagem: **GOL CONTRA A NATUREZA - Uma área maior que dois campos de futebol é destruída por minuto no cerrado**. Ler o texto com a turma fazendo relações com o capítulo em estudo.

Contextualização temática

Caminho natural do leitor que, sem compromisso com o saber literário, comenta com o amigo ou alguém que lhe seja próximo a sua última leitura, falando do tema ou dos temas tratados na obra. Necessita-se que haja uma repercussão do tema dentro da obra. Analisar com a turma em que momento pode se observar com a temática do desenvolvimento sustentável, nesse caso os alunos já assistiram ao vídeo e já podem pensar o tema baseando na leitura do texto.

Podemos iniciar pela narrativa da rodoviária de Cuiabá construída sem nenhum planejamento e há problemas quanto ao espaço: “Sujeira tomando conta. O cheiro fétido, pútrido de urina...”.

Podemos perceber o ponto forte de abordagem em relação à temática e ainda quando a professora ensina seus alunos a plantarem na horta comunitária que servia à escola, ao hospital e a creche dos funcionários.

Revisitar alguns trechos da obra é interessante para consolidação do tema abordado. Como nos momentos em que o narrador busca os diversos nomes de árvores que eram por ali devastadas sem a menor noção de recurso finito. O narrador assim declara:

“Dois caminhões carregados dessa riqueza, preparavam-se para sair com destino a São Paulo. Iriam abastecer os depósitos que e se abastavam na Paulicéia com a produção madeireira do país. Depois virariam cômodas, guarda-roupas e gaveteiros; criados mudos que jamais abririam a boca para reclamar o abate.”

Realizar uma atividade em que o aluno indique o livro para outro colega enfatizando o tema em si.

Obs.: Será adotado para este trabalho o Diário de Leitura para que os estudantes façam anotações acerca do estudo do texto, durante todo o processo e o professor deverá incentivá-los a registrar suas impressões, bem como todas as atividades que considerarem interessantes e dignas de serem comentadas diante do estudo do capítulo “A Cidade” - da obra *Matrinchá do Teles Pires* (1998).

10. Avaliação: diário de leitura:

- Manifestar a compreensão sobre o que o autor diz, sintetizando ou fazendo paráfrases para confirmar a compreensão;
- Expressar as dificuldades de compreensão que esteja tendo com a leitura e indicar possíveis causas;
- Pedir esclarecimentos, fazer perguntas sobre o que não entendeu ou que achar ter pouca explicação;
- Pedir justificações para afirmações do autor;
- Expressar concordância ou discordância diante de suas posições;
- Acrescentar argumentos favoráveis ou desfavoráveis, quando de seu posicionamento;
- Acrescentar exemplos;
- Expressar reações e emoções diversas sobre o que diz e sobre o modo com o diz;
- Relacionar o que o autor diz com outras experiências pessoais ou a de outras pessoas que conhecemos;
- Relacionar o que o autor diz com livros ou artigos que já leu músicas, peças de teatro, filmes, pesquisas ou trabalho que estão sendo desenvolvidos.

2ª interpretação

Para a atividade de segunda interpretação pode ser proposto aos alunos a produção de um Relato de Experiência acerca dos conhecimentos adquiridos durante os estudos do capítulo da obra *Matrinchá do Teles Pires* (1998).

11. Bibliografia:

COSSON, R. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2ed. São Paulo: Contexto: 2014.

MACHADO, Anna Rachel; LOUSADA, Eliane Gouvêa; ABREU-TARDELLI, Lília Santos. **Trabalho de pesquisa: diários de leitura para revisão bibliográfica**. São Paulo: Parábola, 2007.

MELO, Cristina Teixeira Vieira. de. **Documentários no ensino médio**. In: BUNZEN, Clecio; MENDONÇA, Márcia (Orgs). **Múltiplas Linguagens para o Ensino Médio**. São Paulo: Parábola, 2013.

PINTO, Luiz Renato de Souza. **Matrinchá do Teles Pires**. Cuiabá: Entrelinhas, 1998.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. (Orgs.) **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROUXEL, Annie. Langlade, Gérard e Rezende, Neide Luzia de (Orgs.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013.

SANTOS, Luzia A. Oliva dos. **História/Literatura: o (re)encontro com o mito**. Cáceres: Editora Unemat, 2005.

TERRA, Ernani. **Leitura do texto literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

ABREU, Márcia. **Cultura Letrada: literatura e leitura**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

ANEXO 1

S.O.S Natureza – Mc Leonel

Nada se cria nada se perde tudo se transforma
E a natureza vai passando por uma reforma
Quem não preserva tá no erro, mas nunca assume
Tudo isso um dia ainda vai virar chorume
Agente poluente causa danos ao meio ambiente
Faça a sua parte tratando seu efluente
Pra não ser mais uma vítima de uma enchente
Criando um grande oceano em nosso continente
Se tu pisa na grama não reclama da lama
Eu amo a natureza, mas não trabalho no IBAMA
A erosão faz que o vento carregue sedimentos
Mas pela ação do homem são interceptados pelo cimento
Chega de poluição chega de desmatamento
Todo dia tem um novo acontecimento
Tão acabando aos poucos com o nosso ecossistema
O INEA prometeu ser melhor que a FEEMA
Eu sou um cidadão preocupado com o problema
Por isso que estou aqui abordando esse tema

Temos a Amazônia temos o Pantanal
Mas hoje em dia eles só querem saber do pré-sal
Daqui a pouco nem a fauna e a flora temos mais
Iremos ter somente flores artificiais
Tudo isso é ruim e muda nosso clima
Estão querendo fazer tudo de matéria-prima
E a devastação da vegetação não para
Não tem vida na baía de Guanabara
Vejo tudo isso e ninguém se manifesta
Pra salvar o que resta da nossa floresta
Estão degradando não estão agradando
Estão me deixando com os olhos lacrimejando
Período cambriano diferente do presente
Causaram um acidente não foi um incidente
Intervenção do ser humano na ecologia
Atinge a todos até a meteorologia
Infelizmente o país é problemático
A contaminação do lençol freático
Eu sou pequeno demais pra viver nessa esfera
Na camada de ozônio está formando uma cratera
Abalo sísmico sei que é natural
Mas eu não posso achar normal o aquecimento global
É uma questão mundial que afeta o planeta
Com a emissão dos raios ultravioleta
Porque o sol nasce para todos quando amanhece
Se a estação for verão ele superaquece
A noite chega ele desaparece escurece
Acabando com a luz que ele nos fornece
Aí o trabalho cresce na usina de Itaipu
Vários problemas que não podem ser vistas a olho nu
São 10 milhões de hectares por ano destruídos
A maioria dos mares também tão poluídos
Todos nos somos envolvidos e dependemos dela
A natureza é uma riqueza tão bela.

Quem ama cuida se tu ama precisa cuidar
Da qualidade da água da qualidade do ar
Não quero morrer seco nem ficar sem respirar
Se não fizermos nada, nada disso vai mudar.

Mas não espero mudança porque a esperança de mudança cansa
E dessa forma a gente nunca avança
Muita tristeza tão acabando com a beleza
Sou um cidadão que está em defesa da natureza.

ANEXO 2

DOIS MAÇOS DE ALFACE (Lucinda Persona)

Infinito
É o tempo de que preciso
Para cada coisa que faço

são dez horas da manhã
lavo
com fé religiosa
dois maços de alface
a dimensão da atividade
é pequena
mas
enquanto desfaço
os rosários de bactérias
dá tempo de pensar na vida
dá tempo de pensar na morte
e ainda muito mais

ai daqueles que não pensam na vida

ai daqueles que não pensam na morte
ai daqueles que não pensam em nada.

ANEXO 3

GOL CONTRA A NATUREZA

Uma área maior que dois campos de futebol é destruída por minuto no cerrado

Rico e ameaçado. Assim é o cerrado. A cada minuto, é destruída uma área equivalente a 2,6 campos de futebol na região, um ritmo de devastação dez vezes maior do que o da Mata Atlântica. Os dados – parte de um estudo feito pela Conservação Internacional, uma organização não governamental voltada para a preservação do meio ambiente – indicam que o cerrado pode desaparecer até 2030 caso a destruição continue igual à que se vê hoje.

Pelas características de seu terreno e por ser fácil de desmatar, o cerrado é considerado um bom lugar para a agricultura e a pecuária. E é isso que o põe em risco. A destruição desse bioma começou na década de 1960, quando a construção de estradas facilitou a chegada de muitos criadores de gado. Pouco depois, na década de 1980, foi a vez de as plantações invadirem a região. Com a agricultura mecanizada de soja, algodão, milho e girassol, a vegetação nativa foi rapidamente removida.

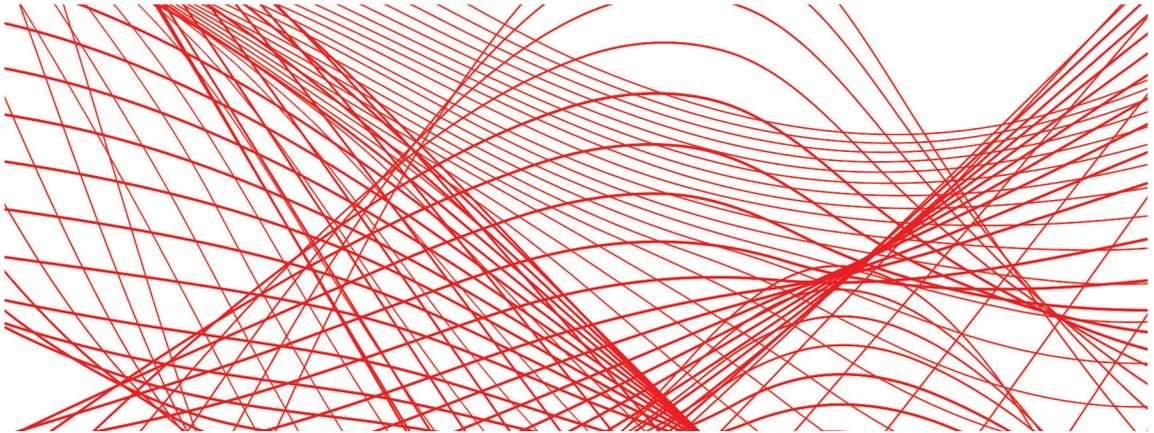
Dos 204 milhões de hectares ocupados pelo cerrado no passado, a maior parte já foi desmatada. Da área que sobrou, metade foi bastante modificada pelo homem e não conserva as características e a variedade de plantas e animais originais. A cada ano, estima-se que dois milhões de hectares do cerrado são desmatados, sendo que as áreas mais afetadas estão em Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Minas Gerais, além do oeste da Bahia.

Se a degradação continuar, no entanto, o cerrado pode desaparecer até 2030. Já imaginou que perda isso representaria para o Brasil e o mundo? Pois é para reverter esse quadro que, há três anos, pesquisadores da Conservação Internacional procuram formas de recuperar as áreas já afetadas e evitar a destruição de outros ambientes.

Esses profissionais, por exemplo, estudam a vegetação nativa por meio de imagens enviadas por satélite e, assim, podem descobrir onde está ocorrendo o desmatamento e elaborar uma estratégia de conservação.

Segundo os pesquisadores, é necessário ainda acabar com as queimadas, reduzir a caça aos animais selvagens e impedir que mais áreas sejam desmatadas para a agricultura. Só assim será possível preservar às milhares de espécies que vivem no cerrado!

(CHAGAS, Catarina. **Gol contra a natureza**. *Ciência Hoje das Crianças*, São Paulo, set. 2004. Adaptado)



5 TERRA & COLONIZAÇÃO

Maríndia Becker

1. Texto: *Pó de Serra* (2001), Marli Walker Giachini – **Editora:** UNEMAT **Ano:** 2006; *Cântico da Terra*, de Cora Coralina – **Ano:** 1993; *Carta do Cacique Seattle, da tribo Suquamish* – **Ano:** 1855.

2. Série indicada: 7º Ano (1ª fase do 3º Ciclo)

3. Duração: 30 aulas

4. Temática a ser debatida a partir da leitura dos textos:

A temática abordada a partir da leitura dos textos de Marli Walker será a Colonização da Região Norte do Mato Grosso, as implicações dessa colonização, os desafios enfrentados pelos colonos diante dos desmatamentos, queimadas, poluição de rios, matança de índios, de animais e das árvores. Além disso, discutir a destruição, o medo, a tensão que desencadearam, contrapondo com o progresso, a princípio tímido, com a ocupação dos espaços e a busca por um pedaço de terra.

Organizar debates com os alunos acerca dos assuntos que os textos abordam, deixando fluir a interpretação dos educandos, instigando-os a dizer o que entenderam da leitura dos poemas de Marli Walker, do poema de Cora Coralina, das duas versões da Carta da Terra, fazendo uma relação com os vídeos que serão exibidos. De que lugar esses sujeitos falam nos poemas e nas outras produções? Que discurso está arraigado? Esses discursos são familiares e também fazem parte da história dos alunos? Desenvolver essa temática por meio de uma sequência expandida apresentada por Rildo Cosson, em *Letramento Literário – Teoria e prática*, que é dividida em: motivação, introdução, leitura, primeira interpretação, contextualização (teórica, histórica, estilística, poética, crítica e temática); segunda interpretação e expansão. Sobre o direcionamento que pretende dar a essas atividades, cito as palavras de Cosson (2012):

[...] a história de leitor do aluno, as relações familiares e tudo mais que constitui o contexto de leitura são fatores que vão contribuir de forma favorável ou desfavorável para esse momento interno. A interpretação é feita com o que somos no momento da leitura. Por isso, por mais pessoal e íntimo que esse momento interno possa parecer a cada leitor, ele continua sendo um ato social.

Todos os fatores envolvidos no momento das leituras, das interpretações e do percurso de produção dos próprios textos dos alunos serão analisados, pois esse sujeito/aluno traz uma história – é um sujeito histórico em construção. Portanto, há necessidade de se levar em consideração as condições de produção.

6. Apresentação dos autores:

Marli Walker Giachini – nasceu e viveu sua infância e adolescência em Santa Catarina, na pequena vila de Bom Jesus D'Oeste. Aos dezoito anos, veio para Mato Grosso onde já morou em várias cidades: Santa Carmem, Vera, Cláudia e fixou residência em Sinop ainda na década de 1980. Amadureceu e cresceu junto com a cidade. Poeta, sócio fundadora da Academia Sinopense de Ciências e Letras.

É doutora em Literatura pela Universidade de Brasília e pesquisadora do Grupo de Estudos em Cultura e Literatura de Mato Grosso (RG-Dicke) e do Grupo de Pesquisa em Estudos Comparativos de Literatura: Tendências Identitárias, Diálogos Regionais e Vias Discursivas (UNEMAT/Sinop).

Publicou *Pó de Serra* em 2006 e *Águas de Encantação* em 2009, ambos poesia. Publicou artigos acerca da Literatura mato-grossense em coletâneas, revistas e meios eletrônicos. Em 2009, lançou, também, *Inferno e Paraíso na Poética de Adriane Rocha* - resultado da sua pesquisa de Mestrado.

Cora Coralina (Ana Lins do Guimarães Peixoto Brêtas) *é a grande poetisa do Estado de Goiás. Em 1903, já escrevia poemas sobre seu cotidiano, tendo criado, juntamente com duas amigas, em 1908, o jornal de poemas femininos A Rosa.* Em 1910, seu primeiro conto, *Tragédia na Roça*, é publicado no *Anuário Histórico e Geográfico do Estado de Goiás*, com o pseudônimo de Cora Coralina. Em 1911, conhece o advogado Cantídio Tolentino Brêtas, com quem foge. Vai para Jaboticabal (SP), onde nascem seus seis filhos: Paraguaçu, Enéias, Cantídio, Jacinta, Ísis e Vicência. Seu marido a proíbe de integrar-se à Semana de Arte Moderna, a convite de Monteiro Lobato, em 1922. Em 1928, muda-se para São Paulo. Em 1934, torna-se vendedora de livros da Editora José Olímpio e, em 1965, lança seu primeiro livro: *O Poema do Beco de Goiás e Estórias mais*. Em 1976, é lançado *Meu Livro de Cordel*, pela editora Cultura Goiana. Em 1980, Carlos Drummond de Andrade, como era de seu feitio, após ler alguns escritos da autora, manda-lhe uma carta elogiando seu trabalho, a qual, ao ser divulgada, desperta o interesse do público leitor e a faz ficar conhecida em todo o Brasil.

Carta da Terra do **Cacique de Seattle**, escrita em 1855 ao Presidente dos Estados Unidos. Na carta, o cacique faz indagações ao Presidente dos Estados Unidos Francis Pierce: como pode comprar ou vender, o céu, ou o calor da terra? Que não há donos da natureza e não tem como comprá-la e acha a proposta estranha por parte do grande chefe “branco”. Relaciona o valor da terra para o índio como riqueza que não tem dinheiro que a compre e da incompreensão do homem branco, que a vê apenas como uma forma de alargar fronteiras, e, segue abordando a importância da valorização da terra para que as futuras gerações possam viver de forma harmoniosa com a natureza, caso contrário, o homem sofrerá a ação da natureza sobre o seu futuro na terra.

7. Estruturas textuais:

O poema Aldeia Mato Grosso é estruturado em uma estrofe com quinze versos, sem rimas, com algumas figuras pertinentes ao espaço local, como “Paisagem com sede”; “vigiando a respiração da mata remanescente”.

Rio sem margem - estruturado em uma estrofe com dezenove versos, apresenta algumas referências aos aspectos locais, como: “e os rios em silêncio negro e profundo, choraram as matas e os bichos” (personificações); “estavas perdido em florestas de papel” (metáfora).

8. Objetivos:

- Valorizar a leitura como fonte de informação, via acesso aos mundos criados pela literatura e possibilidade de fruição estética, sendo capazes de recorrer aos materiais escritos em função de diferentes objetivos;
- Confirmar antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura;
- Inferir informações explícitas e implícitas.
- Identificar o efeito de sentido produzido pela exploração de recursos linguísticos;
- Usar os conhecimentos adquiridos por meio da prática de reflexão sobre a língua a fim de expandirem as possibilidades de uso da linguagem e a capacidade de análise crítica;
- Produzir, em dupla, cartazes com exposição das ideias sobre as obras estudadas;
- Produzir individualmente textos sobre a temática da colonização, respeitando as características do gênero “poema”, o tratamento do tema, a composição e o estilo;
- Refletir o emprego dos recursos linguístico-gramaticais adequados à produção do gênero solicitado;
- Monitorar a própria escrita durante a produção de texto e revisar o próprio

texto orientado pela professora;

- Expor em sites de poesia os poemas produzidos pelos alunos;
- Organizar juntamente com os alunos e outros professores que trabalharam com poemas (outras temáticas) um varal poético embaixo das árvores do Lago III.

9. Atividades:

Motivação - apresentação de dois vídeos: o primeiro versa acerca da temática *Desmatamento* (com três minutos de duração) - mostra somente imagens de árvores caindo ao chão e sendo arrastadas por um trator esteira (destaque também para a corrente que puxa os troncos - que é enorme). O objetivo é que a introdução da temática (colonização, desmatamentos) seja impactante, através das imagens mostradas no vídeo. O segundo vídeo *Desmatamento da Amazônia* tem duração de quatro minutos e possui imagens com fundo musical e telas escritas com frases chamativas sobre a temática. No final desse vídeo, aparece uma paródia do Greenpeace *Amazon in place* com a seguinte legenda: “charme e riqueza em um pedacinho do paraíso, conhecerá o empreendimento de seus sonhos” (25.500 km² de floresta). Esse vídeo mostra desmatamentos, apresenta dados críticos e destaca o extermínio da flora e da fauna. Após os alunos assistirem aos vídeos, iniciaremos um debate como essa temática afeta a Região Norte de Mato Grosso. Quais fatores estão envolvidos? Relacionar no editor de texto do *word* os fatores citados pelos alunos (solicitar a um aluno que faça o registro por escrito).

Introdução – escrever no programa *Microsoft Power Point 2010* o título dos poemas e solicitar aos alunos a que os poemas remetem. Deixá-los falar, participar, dizer (ouvir as vozes dos alunos). Instigá-los a dizer se há uma relação com os títulos dos poemas e os vídeos apresentados anteriormente. Escrever no *Microsoft Power Point 2010* as impressões dos alunos sobre os títulos dos poemas.

Leitura - entregar uma folha sulfite com os dois poemas e solicitar primeiramente uma leitura individual e silenciosa. Posteriormente, solicitar que façam a leitura em voz alta e discutir, em seguida, acerca das primeiras impressões dessa leitura.

Para o poema *Aldeia Mato Grosso*, propõem-se três intervalos que buscam dialogar com a obra em diferentes enfoques. O intervalo I – leitura das duas versões *Carta da Terra do Cacique de Seattle*, escrita em 1855 ao Presidente dos Estados Unidos, solicitando que os alunos façam oralmente uma comparação entre ambas em relação às semelhanças e diferenças. Em seguida, apresentação em vídeo da carta (com duração de seis minutos). Essa carta aborda a importância da valorização da terra para que as futuras gerações possam viver de forma harmoniosa com a natureza, caso contrário, o homem sofrerá a ação da natureza sobre o seu futuro na terra. No intervalo II, será mostrado um vídeo (com duração de seis minutos) apresentado na *ECO*, em 1992,

realizada no Rio de Janeiro, com um discurso/carta da Menina Canadense Vanessa, que faz um apelo às autoridades mundiais que fiquem atentas e criem leis e projetos para que o consumo desenfreado diminua, que os animais, a floresta e as pessoas sejam respeitadas em seus direitos essenciais: alimentação, moradia e distribuição de renda com equidade. O intervalo III – exposição no projetor multimídia de um vídeo (com duração de três minutos) que mostra a resistência indígena durante a colonização do Norte de Mato Grosso.

Para o poema *Rio sem margem*, apontam-se os seguintes intervalos que fazem uma analogia com a obra: o I intervalo – assistir o vídeo *Água, o mundo com ela, o mundo sem ela* (com duração de cinco minutos) - trata da importância da água para todo o planeta e o que a falta dela poderá ocasionar para as futuras gerações até 2070.

O II intervalo – assistir ao vídeo *Poluição dos rios* (com duração de cinco minutos), que apresenta como fundo musical *Planeta água*, cantada por Sandy e Junior e vai mostrando imagens de rios poluídos com vários tipos de lixo: garrafas, litros, latinhas, sacolas plásticas, sofá, animais mortos e demais detritos que as pessoas costumam jogar nos rios.

No intervalo III, os alunos assistirão o DVD *Mãos e giz*, produzido em 2006, pelo Ministério da Educação para a Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*. Trata-se de uma história (com duração de dez minutos) do gênero “memórias” que aborda a temática de poluição dos rios de maneira lúdica e as mudanças culturais que ocorreram entre essa e a geração dos nossos avós que não tinham o costume de jogar tanto lixo nos rios.

Primeira interpretação – instigar os alunos a realizarem uma análise reflexiva global da obra. A impressão geral tanto dos títulos dos poemas, como de todos os versos, qual o impacto que as obras proporcionaram sobre a sensibilidade dos alunos, quais as figuras de linguagem mais presentes – no que elas inferem para a produção de sentidos. Solicitar atividade oral (coletiva – com registro das impressões no Programa *Microsoft Power Point 2010* solicitando que um aluno as registre por escrito) e por escrito (individual) solicitar que cada aluno registre numa folha sua análise sobre os poemas e, em seguida, entregue-a à professora.

Contextualização - levar para a sala de aula um breve retrospecto em forma de telas, mostrando a eles como foi o processo de ocupação da região destacando nessas telas parte das obras de Sueli Castro – *PAC: Política de assentamento na fronteira agrícola do Norte de Mato Grosso* (1993), José V. Santos – *Matuchos: exclusão e luta, do Sul para a Amazônia* (1989), Norberto Schwantes e Luiz Salgado Ribeiro – *Uma cruz em Terranova* (1979), Vargas Delusor Pontes - *Na trilha do ouro* (2003) e o trabalho de Gradação *Terranova I - 6ª Agrovila Miraguaí – uma história de colonização construída no*

discurso (2004). Mostrar o vídeo (com duração de sete minutos) que fala da *Ocupação – Marcha para o Oeste* produzido pelo Professor Antônio Mussun. Nessas obras, os autores tratam desse processo de deslocamento de uma região para outra, das políticas de colonização e reforma agrária e de como foi essa ocupação do Norte de Mato Grosso.

Contextualização teórica – procurar explorar com a ajuda da Professora de Ciências os seguintes fatores envolvidos nessa colonização: “poluição dos rios” e “desmatamentos”.

Contextualização histórica - apresentar aos alunos breve biografia de Marli Walker, conforme segue anexo. Fazer uma relação do contexto histórico com as telas já apresentadas no breve retrospecto do processo de ocupação da região. Mostrar aos alunos em telas - fotos da região (fonte do acervo familiar e de moradores da 6ª Agrovila) e outras fontes: site da Prefeitura de Matupá, documentário em comemoração aos 25 anos da Escola Estadual “Antonio Ometto”, fotos históricas de Terranova do Norte, Peixoto de Azevedo e Sinop.

Contextualização estilística – falar brevemente da ligação em certos momentos da história com a literatura em vários períodos e o que isso representa dentro de um contexto histórico e que a poesia de Walker é contemporânea e trata de questões sociais. O social está muito presente em suas obras, com sua força tangenciando tempos e espaços, ocupados pela mão do homem, que domina a máquina e tenta dominar a natureza.

Contextualização poética – como estão estruturados os poemas de Walker – em quantas estrofes, quantos versos, sonorização, a pontuação, para que serve? Como os alunos já estudaram as figuras de linguagem, perguntar se há a presença de figuras de linguagem, quais são e como elas foram utilizadas e a quais sentidos remetem. Como os versos foram construídos – se existe uma história por traz de cada verso do poema, se o poema parece com uma narrativa, se há uma, ou várias histórias construídas durante a tessitura desses poemas: que vozes aparecem nesses poemas?

Contextualização crítica – Incentivar as seguintes discussões: já tinham ouvido falar dessa autora e de sua obra? Esses textos são importantes no tratamento da temática “colonização”? É interessante valorizar escritores regionais?

Contextualização temática - Solicitar que perguntem aos pais e avós como era a região quando vieram para Mato Grosso, quais os desafios que enfrentaram. Trairão para a próxima aula e socializarão com os colegas.

- Seus pais são oriundos de que lugar?
- E vocês são naturais de onde?
- Na visão deles, como ocorreu a ocupação da região?
- Que desafios foram e ainda são enfrentados?

Segunda interpretação – Será solicitada uma atividade escrita e com enfoque no que de mais forte apareceu nos poemas (temática) para que as duplas façam a inserção de opiniões, podendo fazer pesquisas em sites da internet sobre a autora e as obras estudadas, para que as leituras dos textos sejam mais aprofundadas. Para finalizar essa leitura, organizaremos uma atividade de elaboração e exposição cartazes pela escola.

Expansão – Essa atividade será realizada com o objetivo de apresentar outro texto que faz uma analogia com os poemas de Walker, por tratar da temática da “terra”. Entregar aos alunos uma folha sulfite com o poema *Cântico da terra*, de Cora Coralina. Após apresentar o vídeo do poema (com duração de três minutos) do texto poético e breve biografia da autora (conforme anexo). Solicitar que façam uma relação entre os textos analisados: quais são os pontos de ligação, se há diferenças e quais são as semelhanças? Para finalizar, solicitar para cada aluno, um registro por escrito dessa análise comparativa e digitação do mesmo no Laboratório de Informática.

Produção escrita – Orientar que cada aluno produza seu poema acerca da temática da colonização. Após, orientar a reescrita do texto, caso haja necessidade e utilizar o laboratório de informática da escola para digitação dos poemas produzidos. Para circulação dos textos, publicação em *blog* da escola e em sites que tratam do gênero “poema”.

Varal de poesia – juntamente com os alunos e professoras da escola que trabalharam com o “gênero poema”, propor a organização de um varal de poesia e exposição dos poemas de Walker com as referidas análises escritas pelos alunos embaixo das árvores que ficam no Lago III do Complexo dos Lagos – localizado no município de Matupá, com convite de divulgação do evento nos meios de comunicação.

10. Ferramentas tecnológicas a serem utilizadas:

Projeter multimídia para exposição dos títulos dos poemas e para registrar a leitura oral que cada aluno fizer dos poemas; folhas sulfites com os poemas digitados para as leituras e computador para digitação das leituras e análises dos alunos. Projeter multimídia para apresentação dos vídeos e das telas.

11. Resultados esperados:

Espera-se que os alunos participem com registros orais e escritos, emitindo opiniões do que entenderam, que relatem os sentimentos despertados pelos poemas, que identifiquem as vozes que aparecem nos textos, enfim, que façam uma leitura crítica reflexiva dos poemas e dos demais textos, dizendo como o espaço em que ocupam foi sendo e está sendo transformado.

12. Conclusão:

Essa proposta pode surtir efeitos satisfatórios para que o aluno perceba que sua

história e de sua família é permeada por outras vozes, outras histórias que se juntam, se completam formando trajetórias parecidas. Tal como é importante conhecer através da poesia um pouco da colonização da região norte de Mato Grosso e as implicações positivas e negativas dessa colonização.

13. Bibliografia:

BECKER, Maríndia. **Terranova I – 6ª Agrovila Miraguaí – uma história de colonização construída no discurso.** (Trabalho de Conclusão de Curso em Letras pela Universidade do Estado do Mato Grosso), 2004.

CASTRO, Sueli R. **PAC: Política de assentamento na fronteira agrícola do Norte de Mato Grosso.** *Cadernos do NERU nº 1 – Colonização.* Cuiabá: Entrelinhas, 1993.

COSSON, Rildo. **Letramento literário – Teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2012.

GIACHINI, Marli Walker. **Pó de serra.** Cáceres – MT: Editora UNEMAT, 2006.

JUBILEU de Prata da Escola Estadual “Antonio Ometto”. Direção – Professoras de História: Celi Casalli, Cleusi Hintz, Karla Fantinell, Jucélia Pio e Catiussia Hintz – *Técnica do Laboratório de Informática.* Produções TV Ourominas – Alex Salim, Matupá – MT, 2009, 30 min, Son., Color.

MATO GROSSO. SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO. **Orientações Curriculares: Área de Linguagens: Educação Básica.** Cuiabá: Gráfica Print, 2012.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e texto - formulação e circulação dos sentidos.** Campinas – SP: Pontes, 2001.

PONTES, Vargas Delusor. **Na trilha do ouro.** Sinop-MT: Editora da Amazônia Ltda, 2003.

SANTOS, José V. Tavares dos. **Matuchos: exclusão e luta, do Sul para a Amazônia.** Petrópolis, Vozes, 1993.

SCHWANTES, Norberto; RIBEIRO, Luiz Salgado. **Uma cruz em Terranova.** São Paulo: Scritta, 1989.

14. Webgrafia:

André Aleixes. **Desmatamento da Amazônia.**

Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=w96xbcMkxWU>>. Acesso em 10 de junho de 2014.

Arnaldo Nogueira Jr. **Projeto Releituras.**

Disponível em: <<http://www.releituras.com/coracoralinacantico.asp>>. Acesso em 10 de junho de 2014.

Carta do Índio.

Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=q9MhSIHqGNQ>>. *Carta do Índio de Seattle*. Acesso em 09 de junho de 2014.

Cultura Brasileira.

Disponível em: <<http://www.culturabrasil.pro.br/cartaindio.htm>>. Acesso em 10 de junho de 2014.

Danilo San. Água - o mundo com ela, o mundo – sem ela.

Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=OhDSOPxJMVU>>. Acesso em 10 de junho de 2014.

Higor Orion. Poluição dos rios.

Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=3DGKkr5gKHQ>>. Acesso em 10 de junho de 2014.

Léo Veiromber. A menina que calou o mundo por cinco minutos.

Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=OlvKFaROXOk>>. Acesso em 09 de junho de 2014.

Liv Frei. O Cântico da terra de Cora Coralina.

Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=_u4EAUW87u4>. Acesso em 10 de junho de 2014.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *DVD Mão e giz – Olimpíada de Língua Portuguesa “Escrevendo o futuro”*. Direção: Quiá Rodrigues. Duração 20m. Ministério da Educação, Brasil, 2006.

Thadeu Varone. Desmatamento.

Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=zDK8qY0EKoo>>. Acesso em 10 de junho de 2014.

Rádio Refúgio. Disponível em: <<http://www.radiorefugio.org.br/2010/01/marli-walker.html>>. Acesso em 10 de junho de 2014.

ANEXO 1:

Aldeia Mato Grosso (Marli Walker)

Árvores mortas
Labirintos de madeira
Sonhos esculpidos
Com suor e fé
Paisagem com sede
De homens valentes
Imitadores do mundo
Tão pequeno, tão perto
Vigiando a respiração
Da mata remanescente
Invasores pós-modernos
Carentes de árvores
De peles-vermelhas
De águas e pássaros
Carentes de paz...

ANEXO 2

Rio sem Margem (Marli Walker)

A mata reservou para tuas noites
O silêncio povoado de ruídos escuros
Espreitou teu sono que brincava na varanda.
O leito negro do rio redesenhou o luar
Que brincou em tela líquida, quilométrica,
E teceu uma nuvem branca para o teu amanhecer.
Pássaros azuis voaram poesia nas tuas tardes
E tu, embriagado de verde, de água e de bichos
Apagaste o caminho de volta
Teus olhos iluminaram o fogo
Teus pés atolaram na cinza
Tuas mãos denunciaram tua culpa
Teu livre arbítrio condenou tua vida.
E os rios, em silêncio negro e profundo,

Choraram as matas e os bichos.
Quando tua alma, enfim, despertou,
Era noite alta, noite sombria, fria...
Estavas perdido em floresta de papel
Que os teus filhos desenharam para ti.

ANEXO 3

POEMA INSANO (Marli Walker)

Banho frio, corpo quente
Cheiro de orquídeas selvagens
Felinas marcas morenas, orgasmo de tatuagens...

ANEXO 4

RUMOS (Marli Walker)

Caminhos do Mato Grosso
Retas estupendas
Ininterruptas
Que dirigem a vida
Sem rumo
Sem curvas
Sem atalhos
Para a imensidão do nada.

ANEXO 5

O cântico da terra (Cora Coralina)

Eu sou a terra, eu sou a vida.
Do meu barro primeiro veio o homem.
De mim veio a mulher e veio o amor.
Veio a árvore, veio a fonte.
Vem o fruto e vem a flor.

Eu sou a fonte original de toda vida.
Sou o chão que se prende à tua casa.
Sou a telha da cobertura de teu lar.
A mina constante de teu poço.

Sou a espiga generosa de teu gado
e certeza tranquila ao teu esforço.

Sou a razão de tua vida.
De mim vieste pela mão do Criador,
e a mim tu voltarás no fim da lida.
Só em mim acharás descanso e Paz.

Eu sou a grande Mãe Universal.
Tua filha, tua noiva e desposada.
A mulher e o ventre que fecundas.
Sou a gleba, a gestação, eu sou o amor.

A ti, ó lavrador, tudo quanto é meu.
Teu arado, tua foice, teu machado.
O berço pequenino de teu filho.
O algodão de tua veste
e o pão de tua casa.

E um dia bem distante
a mim tu voltarás.
E no canteiro materno de meu seio
tranquilo dormirás.

Plantemos a roça.
Lavremos a gleba.
Cuidemos do ninho,
do gado e da tulha.
Fatura teremos
e donos de sítio
felizes seremos.

ANEXO 6

SintamaadmiraçãodeDrummond,manifestadaemcartadirigidaa**Cora**em1983:
“Minha querida amiga Cora Coralina: Seu “Vintém de Cobre” é, para mim, moeda de ouro, e de um ouro que não sofre as oscilações do mercado. É poesia das mais diretas e comunicativas que já tenho lido e amado. Que riqueza de experiência humana, que sensibilidade especial e que lirismo identificado com as fontes da vida! Aninha hoje não nos pertence. É patrimônio de nós todos, que nascemos no Brasil e amamos a poesia (...).”

Editado pela Universidade Federal de Goiás, em 1983, seu novo livro “Vintém de Cobre - Meias Confissões de Aninha” é muito bem recebido pela crítica e pelos amantes da poesia. Em 1984, torna-se a primeira mulher a receber o Prêmio Juca Pato,

como intelectual do ano de 1983. Viveu 96 anos, teve seis filhos, quinze netos e 19 bisnetos, foi doceira e membro efetivo de diversas entidades culturais, tendo recebido o título de doutora “Honoris Causa” pela Universidade Federal de Goiás. No dia 10 de abril de 1985, falece em Goiânia. Seu corpo é velado na Igreja do Rosário, ao lado da Casa Velha da Ponte. “Estórias da Casa Velha da Ponte” é lançado pela Global Editora. Postumamente, foram lançados os livros infantis “Os Meninos Verdes”, em 1986, e “A Moeda de Ouro que um Pato Comeu”, em 1997, e “O Tesouro da Casa Velha da Ponte”, em 1989.

ANEXO 7

Carta do Cacique Seattle, em 1855

Em 1855, o cacique Seattle, da tribo Suquamish, do Estado de Washington, enviou esta carta ao presidente dos Estados Unidos (Francis Pierce), depois de o Governo haver dado a entender que pretendia comprar o território ocupado por aqueles índios. Faz mais de um século e meio. Mas o desabafo do cacique tem uma incrível atualidade. A carta:

“O grande chefe de Washington mandou dizer que quer comprar a nossa terra. O grande chefe assegurou-nos também da sua amizade e benevolência. Isto é gentil de sua parte, pois sabemos que ele não necessita da nossa amizade. Nós vamos pensar na sua oferta, pois sabemos que se não o fizermos, o homem branco virá com armas e tomará a nossa terra. O grande chefe de Washington pode acreditar no que o chefe Seattle diz com a mesma certeza com que nossos irmãos brancos podem confiar na mudança das estações do ano. Minha palavra é como as estrelas, elas não empalidecem.

Como pode-se comprar ou vender o céu, o calor da terra? Tal ideia é estranha. Nós não somos donos da pureza do ar ou do brilho da água. Como pode então comprá-los de nós? Decidimos apenas sobre as coisas do nosso tempo. Toda esta terra é sagrada para o meu povo. Cada folha reluzente, todas as praias de areia, cada véu de neblina nas florestas escuras, cada clareira e todos os insetos a zumbir são sagrados nas tradições e na crença do meu povo.

Sabemos que o homem branco não compreende o nosso modo de viver. Para ele um torrão de terra é igual ao outro. Porque ele é um estranho, que vem de noite e rouba da terra tudo quanto necessita. A terra não é sua irmã, nem sua amiga, e depois de exauri-la ele vai embora. Deixa para trás o túmulo de seu pai sem remorsos. Rouba a terra de seus filhos, nada respeita. Esquece os antepassados e os direitos dos filhos. Sua ganância empobrece a terra e deixa atrás de si os desertos. Suas cidades são um tormento para os olhos do homem vermelho, mas talvez seja assim por ser o homem vermelho um selvagem que nada compreende.

Não se pode encontrar paz nas cidades do homem branco. Nem lugar onde se possa ouvir o desabrochar da folhagem na primavera ou o zunir das asas dos insetos.

Talvez por ser um selvagem que nada entende, o barulho das cidades é terrível para os meus ouvidos. E que espécie de vida é aquela em que o homem não pode ouvir a voz do corvo noturno ou a conversa dos sapos no brejo à noite? Um índio prefere o suave sussurro do vento sobre o espelho d'água e o próprio cheiro do vento, purificado pela chuva do meio-dia e com aroma de pinho. O ar é precioso para o homem vermelho, porque todos os seres vivos respiram o mesmo ar, animais, árvores, homens. Não parece que o homem branco se importe com o ar que respira. Como um moribundo, ele é insensível ao mau cheiro.

Se eu me decidir a aceitar, imporei uma condição: o homem branco deve tratar os animais como se fossem seus irmãos. Sou um selvagem e não compreendo que possa ser de outra forma. Vi milhares de bisões apodrecendo nas pradarias abandonados pelo homem branco que os abatia a tiros disparados do trem. Sou um selvagem e não compreendo como um fumegante cavalo de ferro possa ser mais valioso que um bisão, que nós, peles vermelhas matamos apenas para sustentar a nossa própria vida. O que é o homem sem os animais? Se todos os animais acabassem os homens morreriam de solidão espiritual, porque tudo quanto acontece aos animais pode também afetar os homens. Tudo quanto fere a terra, fere também os filhos da terra.

Os nossos filhos viram os pais humilhados na derrota. Os nossos guerreiros sucumbem sob o peso da vergonha. E depois da derrota passam o tempo em ócio e envenenam seu corpo com alimentos adocicados e bebidas ardentes. Não tem grande importância onde passaremos os nossos últimos dias. Eles não são muitos. Mais algumas horas ou até mesmo alguns invernos e nenhum dos filhos das grandes tribos que viveram nestas terras ou que tem vagueado em pequenos bandos pelos bosques, sobrá para chorar, sobre os túmulos, um povo que um dia foi tão poderoso e cheio de confiança como o nosso.

De uma coisa sabemos, que o homem branco talvez venha a um dia descobrir: o nosso Deus é o mesmo Deus. Julga, talvez, que pode ser dono Dele da mesma maneira como deseja possuir a nossa terra. Mas não pode. Ele é Deus de todos. E quer bem da mesma maneira ao homem vermelho como ao branco. A terra é amada por Ele. Causar dano à terra é demonstrar desprezo pelo Criador. O homem branco também vai desaparecer, talvez mais depressa do que as outras raças. Continua sujando a sua própria cama e há de morrer, uma noite, sufocado nos seus próprios dejetos. Depois de abatido o último bisão e domados todos os cavalos selvagens, quando as matas misteriosas federem à gente, quando as colinas escarpadas se encherem de fios que falam, onde ficarão então os sertões? Terão acabado. E as águias? Terão ido embora. Restará dar adeus à andorinha da torre e à caça; o fim da vida e o começo pela luta pela sobrevivência.

Talvez compreendêssemos com que sonha o homem branco se soubêssemos quais as esperanças transmite a seus filhos nas longas noites de inverno, quais visões

do futuro oferecem para que possam ser formados os desejos do dia de amanhã. Mas nós somos selvagens. Os sonhos do homem branco são ocultos para nós. E por serem ocultos temos que escolher o nosso próprio caminho. Se consentirmos na venda é para garantir as reservas que nos prometeste. Lá talvez possamos viver os nossos últimos dias como desejamos. Depois que o último homem vermelho tiver partido e a sua lembrança não passar da sombra de uma nuvem a pairar acima das pradarias, a alma do meu povo continuará a viver nestas florestas e praias, porque nós as amamos como um recém-nascido ama o bater do coração de sua mãe. Se te vendermos a nossa terra, ama-a como nós a amávamos. Protege-a como nós a protegíamos. Nunca esqueça como era a terra quando dela tomou posse. E com toda a sua força, o seu poder, e todo o seu coração, conserva-a para os seus filhos, e ama-a como Deus nos ama a todos. Uma coisa sabemos: o nosso Deus é o mesmo Deus. Esta terra é querida por Ele. Nem mesmo o homem branco pode evitar o nosso destino comum.”.

ANEXO 8

Outra versão da carta:

Em 1855, o cacique Seattle, da tribo Suquamish, do Estado de Washington, enviou esta carta ao presidente dos Estados Unidos (Francis Pierce), depois de o Governo haver dado a entender que pretendia comprar o território ocupado por aqueles índios. Faz já mais de cento e cinquenta anos. Mas o desabafo do cacique tem uma incrível atualidade. A carta:

“Como podeis comprar ou vender o céu, a tepidez do chão? A ideia não tem sentido para nós.

Se não possuímos o frescor do ar ou o brilho da água, como podeis querer comprá-los? Qualquer parte desta terra é sagrada para meu povo. Qualquer folha de pinheiro, qualquer praia, a neblina dos bosques sombrios, o brilhante e zumbidor inseto, tudo é sagrado na memória e na experiência de meu povo. A seiva que percorre o interior das árvores leva em si as memórias do homem vermelho.

Os mortos do homem branco esquecem a terra de seu nascimento, quando vão pervagar entre as estrelas. Nossos mortos jamais esquecem esta terra maravilhosa, pois ela é a mãe do homem vermelho. Somos parte da terra e ela é parte de nós. As flores perfumadas são nossas irmãs, os gamos, os cavalos a majestosa águia, todos nossos irmãos. Os picos rochosos, a fragrância dos bosques, a energia vital do pônei e do homem, tudo pertence a uma só família.

Assim, quando o grande chefe em Washington manda dizer que deseja comprar nossas terras, ele está pedindo muito de nós. O grande Chefe manda dizer que nos reservará um sítio onde possamos viver confortavelmente por nós mesmos. Ele será nosso pai e nós seremos seus filhos. Se é assim, vamos considerar a sua proposta sobre a compra de nossa terra. Mas tal compra não será fácil, já que esta terra é sagrada para

nós.

A límpida água que percorre os regatos e rios não é apenas água, mas o sangue de nossos ancestrais. Se vos vendermos a terra, tereis de lembrar a nossos filhos que ela é sagrada, e que qualquer reflexo espectral sobre a superfície dos lagos evoca eventos e fases da vida do meu povo. O marulhar das águas é a voz dos nossos ancestrais.

Os rios são nossos irmãos, eles nos saciam a sede. Levam as nossas canoas e alimentam nossas crianças. Se vendermos nossa terra a vós, deveis vos lembrar e ensinar a nossas crianças que os rios são nossos irmãos, vossos irmãos também, e deveis a partir de então dispensar aos rios a mesma espécie de afeição que dispensais a um irmão.

Nós mesmos sabemos que o homem branco não entende nosso modo de ser. Para ele um pedaço de terra não se distingue de outro qualquer, pois é um estranho que vem de noite e rouba da terra tudo de que precisa. A terra não é sua irmã, mas sua inimiga, depois que a submete a si, que a conquista, ele vai embora, à procura de outro lugar. Deixa atrás de si a sepultura de seus pais e não se importa. A cova de seus pais é a herança de seus filhos, ele os esquece. Trata a sua mãe, a terra, e seus irmãos, o céu como coisas a serem comprados ou roubados, como se fossem peles de carneiro ou brilhantes contas sem valor. Seu apetite vai exaurir a terra, deixando atrás de si só desertos. Isso eu não compreendo. Nosso modo de ser é completamente diferente do vosso. A visão de vossas cidades faz doer aos olhos do homem vermelho.

Talvez seja porque o homem vermelho é um selvagem e como tal, nada possa compreender.

Nas cidades do homem branco não há um só lugar onde haja silêncio, paz. Um só lugar onde ouvir o farfalhar das folhas na primavera, o zunir das asas de um inseto. Talvez seja porque sou um selvagem e não possa compreender.

O barulho serve apenas para insultar os ouvidos. E que vida é essa onde o homem não pode ouvir o pio solitário da coruja ou o coaxar das rãs à margem dos charcos à noite? O índio prefere o suave sussurrar do vento esfolando a superfície das águas do lago, ou a fragrância da brisa, purificada pela chuva do meio-dia ou aromatizada pelo perfume dos pinhos.

O ar é precioso para o homem vermelho, pois dele todos se alimentam. Os animais, as árvores, o homem, todos respiram o mesmo ar. O homem branco parece não se importar com o ar que respira. Como um cadáver em decomposição, ele é insensível ao mau cheiro. Mas se vos vendermos nossa terra, deveis vos lembrar que o ar é precioso para nós, que o ar insufla seu espírito em todas as coisas que dele vivem. O ar que vossos avós inspiraram ao primeiro vagido foi o mesmo que lhes recebeu o último suspiro.

Se vendermos nossa terra a vós, deveis conservá-la à parte, como sagrada,

como um lugar onde mesmo um homem branco possa ir sorver a brisa aromatizada pelas flores dos bosques.

Assim consideraremos vossa proposta de comprar nossa terra. Se nos decidirmos a aceitá-la, farei uma condição: O homem branco terá que tratar os animais desta terra como se fossem seus irmãos.

Sou um selvagem e não compreendo de outro modo. Tenho visto milhares de búfalos a apodrecerem nas pradarias, deixados pelo homem branco que neles atira de um trem em movimento.

Sou um selvagem e não compreendo como o fumegante cavalo de ferro possa ser mais importante que o búfalo, que nós caçamos apenas para nos mantermos vivos.

Que será dos homens sem os animais? Se todos os animais desaparecem, o homem morreria de solidão espiritual. Porque tudo isso pode cada vez mais afetar os homens. Tudo está encaminhado.

Deveis ensinar a vossos filhos que o chão onde pisam simboliza a as cinzas de nossos ancestrais. Para que eles respeitem a terra, ensinai a eles que ela é rica pela vida dos seres de todas as espécies. Ensinai a eles o que ensinamos aos nossos: Que a terra é a nossa mãe. Quando o homem cospe sobre a terra, está cuspidando sobre si mesmo. De uma coisa nós temos certeza: A terra não pertence ao homem branco; O homem branco é que pertence à terra. Disso nós temos certeza. Todas as coisas estão relacionadas como o sangue que une uma família. Tudo está associado. O que fere a terra fere também aos filhos da terra.

O homem não tece a teia da vida: É antes um dos seus fios. O que quer que faça a essa teia, faz a si próprio.

Mesmo o homem branco, a quem Deus acompanha e com quem conversa como um amigo, não pode fugir a esse destino comum. Talvez, apesar de tudo, sejamos todos irmãos.

Nós o veremos. De uma coisa sabemos, é que talvez o homem branco venha a descobrir um dia: Nosso Deus é o mesmo Deus.

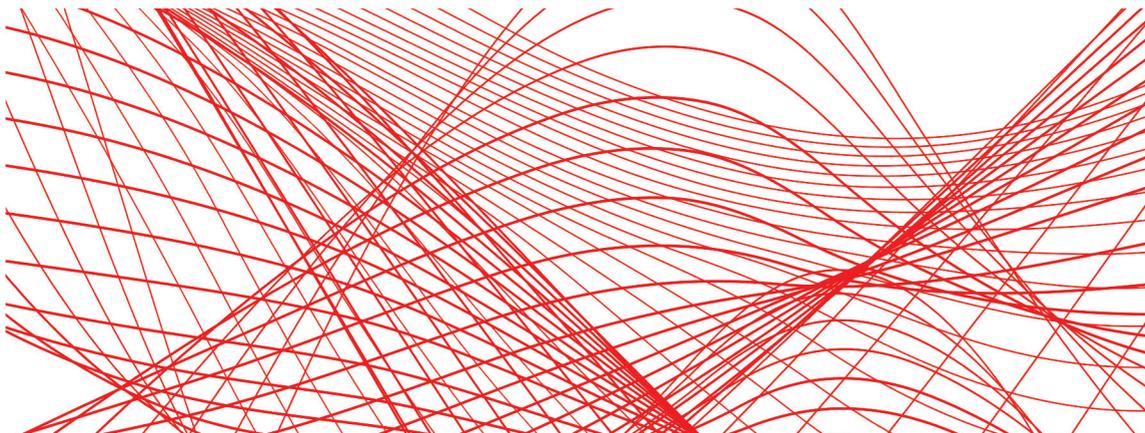
Podeis pensar hoje que somente vós o possuis, como desejais possuir a terra, mas não podeis. Ele é o Deus do homem e sua compaixão é igual tanto para o homem branco, quanto para o homem vermelho.

Esta terra é querida dele, e ofender a terra é insultar o seu criador. Os brancos também passarão talvez mais cedo do que todas as outras tribos. Contaminai a vossa cama, e vos sufocareis numa noite no meio de vossos próprios excrementos.

Mas no nosso parecer, brilhareis alto, iluminado pela força do Deus que vos trouxe a esta terra e por algum favor especial vos outorgou domínio sobre ela e sobre

o homem vermelho. Este destino é um mistério para nós, pois não compreendemos como será no dia em que o último búfalo for dizimado, os cavalos selvagens domesticados, os secretos recantos das florestas invadidos pelo odor do suor de muitos homens e a visão das brilhantes colinas bloqueada por fios falantes.

Onde está o matagal? Desapareceu. Onde está a águia? Desapareceu. O fim do viver e o início do sobreviver”.



6 TRAVESSIAS DE LEITURA PELAS MARGENS DA CRÔNICA “MURMÚRIOS DO RIO CUIABÁ”

Nilze Maria Malaguti

1. Texto: Murmúrios do Rio Cuiabá

2. Autor: Vera Randazzo **Editora:** Academia Mato-Grossense de Letras **Ano:** 2008

3. Outros: A terceira margem do rio (Conto) **Autor:** João Guimarães Rosa; Filme: A terceira margem do rio. Diretor: Nelson Pereira dos Santos

4. Ano indicado: 2º ano do 2º segmento da Educação de Jovens e Adultos – EJA

5. Duração: 10 aulas

6. Temática a ser debatida a partir da leitura do texto:

A leitura da crônica “*Murmúrios do Rio Cuiabá*”, de Vera Randazzo, aborda a temática das transformações da paisagem e da vida diante do processo de colonização do Estado de Mato Grosso e das mudanças decorrentes do tempo.

No texto, a autora retrata liricamente a história de Cuiabá por meio do diálogo de uma jovem brisa com o rio e faz uma crítica à ação humana daqueles que vieram para o Estado em busca do ouro de suas terras.

Com a temática, pretende-se transportar o aluno para contextos onde a história se repete, além de conduzir para a leitura do conto “A Terceira Margem do Rio”, de João Guimarães Rosa. Assim como as águas do rio Cuiabá, as águas do rio Aripuanã permitiram a chegada dos primeiros colonizadores e exploradores das terras onde tantas histórias foram sendo construídas e transformadas pelo curso do rio.

7. Apresentação do autor:

Vera Randazzo nasceu em Caxias do Sul (RS) e se mudou para o Mato Grosso

em 1955. Ocupou a cadeira 19 da Academia Mato-Grossense de Letras e fez parte como membro do Instituto Histórico Geográfico do Estado. É autora de livros e catálogos da literatura contemporânea de Mato Grosso. A crônica selecionada para ser trabalhada nesta sequência faz parte da obra *Pagmejera, pagmejera*, publicada em 1992, livro que reúne uma coletânea de contos e crônicas voltados a temas diversos do dia a dia.

8. Estrutura textual:

Na crônica, a autora se vale do lirismo para retratar a história de Cuiabá. A poesia e a memória são transportadas para o texto em um entrecruzamento de gêneros a partir da narrativa, escrita em forma de diálogo. A linguagem se caracteriza pela harmonia e simplicidade das palavras em que a figura animada do Rio Cuiabá que dialoga com uma brisa em murmúrio melancólico de sentimento de abandono mediante o progresso e desenvolvimento da cidade. A realidade é transportada para a ficção com uma carga poética voltada ao regionalismo e ao incansável louvor à terra.

9. Objetivos:

- Motivar a leitura do texto literário por meio de atividades de antecipação;
- Favorecer o recebimento positivo do texto pelo leitor mediante previsões acerca do texto;
- Proporcionar o momento de leitura e fruição estética do texto literário;
- Ampliar a capacidade de construção dos sentidos do texto literário;
- Aprofundar a leitura por meio da contextualização temática e poética do texto;
- Tematizar questões que permitam refletir criticamente sobre as transformações da vida em decorrência do tempo;
- Ampliar os limites de leitura e a possibilidade de diálogo entre textos por meio da atividade de expansão, a fim de contribuir com o repertório do leitor para a construção dos sentidos do texto literário.

10. Atividades:

Motivação

A leitura de um texto literário demanda de preparação para o leitor receber a obra, ou seja, uma antecipação que favoreça o processo. Cosson (2006) sugere para esse momento a construção de situações que promovam discussões e exigem o posicionamento do aluno em torno de temas que serão abordados.

A fim de motivar a leitura da crônica dessa sequência, a aula será iniciada divi-

dindo a turma em pequenos grupos e entregue para cada um deles os questionamentos abaixo para serem discutidos e, posteriormente, socializados:

- a) Quais as diferenças percebidas entre o ontem e o hoje do lugar em que eu vivo?
- b) Que benefícios e consequências trazem o desenvolvimento?
- c) Podemos estabelecer relações entre as transformações no ambiente natural com as transformações na vida das pessoas?

Introdução

Acreditamos que o professor desempenha um papel fundamental para o direcionamento das ações pedagógicas e a forma como o texto será recebido pelo aluno. Solé (1998, p.58) já afirmava que “interesse se cria, se suscita e se educa” e depende muito do entusiasmo, da apresentação que o professor faz de uma determinada leitura, bem como das possibilidades de exploração a partir das estratégias proporcionadas.

Com base nesse pressuposto, introduza o texto com a apresentação de uma breve biografia da autora e informações acerca da obra.

Desafie ainda os alunos a descobrirem os sentidos do texto por meio da formulação de hipóteses levantadas a partir do título e das discussões geradas no momento da motivação.

Leitura e Primeira Interpretação

No primeiro contato do aluno com o texto, é interessante abrir espaço para a leitura silenciosa, em seguida, uma leitura em voz alta, feita pelo professor com entonação para caracterizar o diálogo do personagem ‘Rio’ com a personagem ‘Brisa’, possibilita que os recursos linguísticos utilizados para marcar o lamento melancólico do Rio em relação a um tempo de prosperidade que já se foi, sejam percebidos.

Após a leitura, é momento de ouvir as impressões do aluno acerca da obra. Para isso os questionamentos abaixo ajudam a direcionar as discussões.

- a) O que você observou no texto?
- b) Que relação pode ser estabelecida entre os aspectos abordados e as discussões levantadas no momento da motivação?
- c) Quais hipóteses levantadas podem ser confirmadas?
- d) E quais podem ser refutadas?
- e) Que tal agora escrever a sua impressão acerca do texto?

Nesta primeira interpretação, é interessante orientar a respeito daquilo que se espera em relação ao registro, porém devemos tomar o cuidado para não interferir com as nossas impressões, afinal, o objetivo da atividade é permitir a reflexão e argumentação em torno dos sentidos construídos com a leitura da obra.

O resultado da atividade servirá de referência para avaliar aquilo que o aluno é capaz de produzir, a fim de poder intervir para ampliar e aperfeiçoar o olhar sobre o texto literário. Ao avaliar as produções é interessante observar e mediar a organização da estrutura textual e o uso de mecanismos linguístico-discursivos.

Contextualização e Segunda Interpretação

Depois de ter escrito a primeira impressão acerca da obra, é hora de aprofundar a leitura do texto em relação à estrutura e sua composição. As questões sugeridas abaixo permitem orientar a prática.

- Caracterização dos personagens;
- Tempo e espaço em que as lembranças se desenrolam;
- Expressões de lamento pela perda de um passado;
- Recursos utilizados que comprovam a crítica à ação dos colonizadores diante do processo de crescimento e desenvolvimento da cidade de Cuiabá;
- Importância do rio no momento anterior e posterior ao crescimento da cidade;
- Expressões que comprovam o caráter ficcional e outras que comprovam o caráter real da história;
- Linguagem poética.

A discussão posterior em torno de cada questão e a retomada ao texto será fundamental para o aluno perceber como esses elementos contribuem na formação de um texto literário e as possibilidades de construção dos sentidos. Para a contextualização temática, o acesso ao site <http://www.youtube.com/watch?v=qZpOj6IJI&list=PL174A3FBD82140E4F&index=3> possibilita conhecer um pouco da história do Rio Cuiabá, contexto retratado pelo personagem em seu lamento.

A presentificação, ou seja, a contextualização do texto com a atualidade pode ser feita acessando o site http://www.prefeituradearipuana.com.br/site.php?site_id=6, a fim de conhecer e dialogar em torno da história do município de Aripuanã e de seu processo de formação às margens do rio.

Os registros realizados durante a pesquisa aos sites serão levados para a sala de aula, discutidos e comparados com as questões apresentadas no momento de motivação e, acima de tudo, com a crônica, afinal, nesse momento, assim como recomenda Cosson (2006), não podemos perder de vista o estudo do texto literário e fugir da obra em favor do tema.

Tomando como referência as discussões realizadas em sala, propomos que os alunos retomem o registro das primeiras impressões acerca do texto, avaliem as orien-

tações feitas em relação à organização da estrutura textual e o uso de mecanismos linguístico-discursivos e, em pequenos grupos, produzam as novas impressões. Oriente-os a expor as ideias, críticas e demais reflexões, bem como recursos utilizados pela autora na construção da crônica.

O registro em pequenos grupos e a socialização dos resultados em sala de aula permite unir a turma em um mesmo horizonte de leitura.

Expansão

É momento de ultrapassar os limites do texto, para isso o filme *A Terceira Margem do Rio*, dirigido por Nelson Pereira dos Santos e baseado no conto de João Guimarães Rosa, possibilita um diálogo com a crônica, incentiva à leitura da obra e oferece um repertório de possibilidades para a construção do texto final.

No link <http://www.cineconhecimento.com/2012/01/a-terceira-margem-do-rio/> é possível assistir ao filme. Em seguida, solicite aos alunos que leiam o conto, disponível na íntegra no link http://www.releituras.com/guimarosa_margem.asp. e discuta com eles acerca dos sentidos que o texto nos permite construir, bem como as relações com a crônica de Vera Randazzo.

Produção

Tomando como referência a crônica *Murmúrios do Rio Cuiabá*, sugerimos que o aluno assuma o personagem 'Rio' e crie um diálogo com outro personagem, em um momento de reminiscência e lamento de um tempo que já se foi.

Oriente acerca do caráter ficcional do texto literário e da possibilidade de mesclar o real ao imaginário no ato da produção.

Após a leitura e revisão das crônicas produzidas, os alunos deverão digitá-las e selecionar imagens, cores, sons e animação para reuni-las em um *ebook* da turma.

11. Ferramentas tecnológicas a serem utilizadas:

Textos fotocopiados, livros, máquina fotográfica e filmadora para registrar o momento de motivação, computador e internet.

12. Bibliografia:

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Editora Artmed, 1998.

VERLANGIERI, Amália; MORBECK, Arlinda; RANDAZZO, Vera. **Vozes Femininas**. Vol.6. Cuiabá: UNEMAT, 2008.

13. Webgrafia:

ROSA, João Guimarães. **A terceira margem do rio**. Disponível em: http://www.releituras.com/guimaraosa_margem.asp Acesso em 15 de junho de 2014.

<http://www.cineconhecimento.com/2012/01/a-terceira-margem-do-rio/> . Acesso em 15 de junho

<http://www.youtube.com/watch?v=qZpOj6IJI&list=PL174A3FBD82140E4F&index=3>. Acesso em 18 de abril de 2014.

http://www.prefeituradearipuana.com.br/site.php?site_id=6 , Acesso em 18 de abril de 2014.

ANEXO 1

Murmúrios do Rio Cuiabá (Vera Randazzo)

Foi num entardecer de abril!

Uma brisa jovem e travessa brincava com o rio encrespando-lhe as águas, que corriam por entre as pedras, estufando as roupas que as lavadeiras estendiam nos arbustos das margens, derrubando galhos e flores na corrente. Depois, quando chegou a noite, cansada, aninhou-se com graça feminina no regaço do riu e pediu-lhe:

- Conta-me sua vida!

No murmúrio musical e suave próprio dos rios, ele falou:

Sou da família do Prata e descendente do lendário Xaraés que outrora ocupou esta vasta região num domínio fabuloso. Cataclismos e o Tempo diminuíram nossas águas. Há cerca de trezentos quilômetros no meio de buritizais altaneiros, encontra-se meu berço natalino.

- Ouves o rumor da cidade que tem o meu nome? Dei-lhe a vida.

- Outrora havia só homens de pele cor de cobre em minhas margens e nas de meus afluentes, ou viajando sobre suas pirogas esguias.

- Pelas noites de luar, acendiam festivas fogueiras, e, ao som dos atabaques, dançavam na areia macia. Seus pés escuros pisavam em estranhas pedrinhas.

- Mais tarde, nestes mesmos lugares, desembarcaram homens barbudos e brancos de vozes tonitruantes. Vinham cruelmente aprisionar meus inocentes filhos, para transformá-los em míseros escravos.

- Ouve, porém, algo mais precioso para estes brancos cobiçosos; em minhas margens reboou um grito formidável: OURO!

- E logo surgiram embarcações diferentes, carregadas de mais gente e provisões. As margens foram ficando movimentadas e em breve construíram, na parte mais

elevada, casas rústicas, muito diferentes dos aldeamentos primitivos...

- O vento quando soprava forte, contava aos índios assustados, as novidades...

- E vieram mulheres que por amor aos seus maridos, enfrentavam mundos desconhecidos...

Banhavam em minhas águas seus cumpridos cabelos e mais tarde as primeiras crianças brancas nascidas ao meu lado...

- Sentiam-se tristes, pois não tinham um lugar para suas orações, e seus homens levantaram a primeira capela de palha de buriti, no meu afluente Coxipó sob a piedosa invocação de Nossa Senhora da Penha de França...

- Mas nunca souberam que sempre que lhes ouvi as preces ou que sobre mim caíram lágrimas de saudades, as recolhi e minhas águas as levaram aos seus destinos .

- Porque já não me eram desconhecidos esses brancos, amava-os como filhos, como amava os acobreados. Era eu que os alimentava com meus peixes saborosos, os gordos pacus, jaús, pintados, ou os rútilos dourados. Era em mim que se divertiam à tardinha, quando cansados do trabalho vinham retemperar-se em minhas águas frescas...

- E as embarcações sucediam-se cada vez maiores e mais atulhadas. Padres e soldados, aventureiros e marafonas, desiludidos da civilização e comerciantes. Vinham administradores enviados por reis longínquos...

- Meus filhos já não tão inocentes, eram agora amigos dos brancos também estavam aprendendo o valor das pepitas...

- Naturalmente quando descobri que era por causa destas pepitas que se implantava nos homens a cobiça, a inveja, a maldade, até cometer crimes monstruosos, tratei de escondê-las, o mais possível no seio das minhas águas...

Não era mais com a facilidade inicial que retiravam de dentro do cascalho e areia. Tinham que cavar minhas encostas, fazer afanosamente canais, transportar águas.

- Mais aos poucos fui sentindo com alegria que os homens que a principio chegavam atraídos pelo ouro, criavam raízes tão profundas as árvores gigantescas de minhas matas e ficavam.

- E assim nasciam, cresciam e morriam. Ouvia-lhes suas alegres risadas, suas melodiosas canções, a conversa vibrante das mulheres e crianças, os gritos de guerra e os ais de desespero e dor!

- O tempo passava e a povoação aumentava.

- No espelho de minhas águas, refletiam-se rostos das terras distantes e nos murmúrios das minhas corredeiras ampliavam-se nomes. Alguns tinham tal ressonân-

cia que até hoje pairam no vento, no ar e ainda são ouvidos. Luiz de Albuquerque... Ricardo Franco... Francisco Prado... Langsdorff... Hércules Florence... os dois Tau-nay... os dois Den Steinem... Leverger... Alexandre Ferreira... Castelnau... e tantos, tantos outros...

- Daqui saíram homens dos quais me orgulho de terem meu apelido. Padre Siqueira... Totó Paes de Barros... Senador Azeredo... Dom Francisco de Aquino... o grande Rondon... Estevão de Mendonça... Eurico Dutra... os Corrêa da Costa... Generoso Ponce... Virgílio Corrêa Filho... Nilo Póvoas e os Póvoas e muitos mais, seja do passado ou do presente, destacando-se nas mais variadas atividades... e em especial as fantásticas mulheres, como Maria do Carmo Mello Rego, Zulmira Canavaros, Diva Hugue-ney de Siqueira, Maria de Arruda Muller, prof. Galega, Dunga Rodrigues e algumas anônimas, mas não menos importantes que conheci ou gostaria de ter conhecido.

- Como era vibrante este rio que te fala!

Todos da cidade dependiam de mim, levava-os para onde quisessem, trazia-lhes notícias de todo o mundo. Tinham por mim as alegrias, os divertimentos zarzuelas e circos, amores e amizades. Ai de mim, também a tristeza, as dores, o luto.

- Mas, disse a brisa espreguiçando suas asas diáfanas, embora com os olhos cheios de atenção, porque falas só em termos do passado e com esta nostalgia?

- Porque sou um pai um tanto esquecido, embora orgulhoso da independência de sua obra.

Cuiabá criou asas, por assim dizer, pelo menos ocupa mais os ares, que o rio.

- Se isto é o progresso, o que me alegra, não seriam mais a poesia de minhas margens ou as viagens indolentes pelas minhas correntes musicais?

- Sou agora, o rio dos humildes. Das Marias, Sebastianas, Filomenas, que dão um colorido belo e até doloroso com seus panos multicores secando em minhas pedras, dos pescadores que nunca me abandonam, o que confiados em mim arrastam suas redes, certos que as devolvo, bojudas de peixes; dos feirantes que chegam com suas canoas carregadas de singelos produtos.

- Sou também o Rio dos amigos de sempre, embora às vezes como qualquer pai incho de raiva, mas minhas zangas são passageiras, recolho-me logo ao leito e continuo levando Cuiabá para a História.

Calou-se então o Rio, porque a aurora vinha chegando com o sol.

A jovem brisa ergueu-se dos braços do rio e rodopiando graciosamente, iniciou um bailado fantástico e invisível enquanto se mirava sobre as águas. Depois beijou de leve o Rio, e arrepiando-se toda subiu célere para a cidade a fim de reunir-se às suas companheiras: iriam fazer a primeira chuva das flores dos cajus.

ANEXO 2

A TERCEIRA MARGEM DO RIO (João Guimarães Rosa)

Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação. Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos. Só quieto. Nossa mãe era quem regia, e que ralhava no diário com a gente — minha irmã, meu irmão e eu. Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa.

Era a sério. Encomendou a canoa especial, de pau de vinhático, pequena, mal com a tabuinha da popa, como para caber justo o remador. Mas teve de ser toda fabricada, escolhida forte e arqueada em rijo, própria para dever durar na água por uns vinte ou trinta anos. Nossa mãe jurou muito contra a idéia. Seria que, ele, que nessas artes não vadiava, se ia propor agora para pescarias e caçadas? Nosso pai nada não dizia. Nossa casa, no tempo, ainda era mais próxima do rio, obra de nem quarto de légua: o rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre. Largo, de não se poder ver a forma da outra beira. E esquecer não posso, do dia em que a canoa ficou pronta.

Sem alegria nem cuidado, nosso pai encalçou o chapéu e decidiu um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou matula e trouxa, não fez a alguma recomendação. Nossa mãe, a gente achou que ela ia esbravejar, mas persistiu somente alva de pálida, mascou o beijo e bramou: — “Cê vai, ocê fique, você nunca volte!” Nosso pai suspendeu a resposta. Espiou manso para mim, me acenando de vir também, por uns passos. Temi a ira de nossa mãe, mas obedeci, de vez de jeito. O rumo daquilo me animava, chega que um propósito perguntei: — “Pai, o senhor me leva junto, nessa sua canoa?” Ele só retornou o olhar em mim, e me botou a bênção, com gesto me mandando para trás. Fiz que vim, mas ainda virei, na grota do mato, para saber. Nosso pai entrou na canoa e desamarrou, pelo remar. E a canoa saiu se indo — a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida longa.

Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para. estarrecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia. Os parentes, vizinhos e conhecidos nossos, se reuniram, tomaram juntamente conselho.

Nossa mãe, vergonhosa, se portou com muita cordura; por isso, todos pensaram de nosso pai a razão em que não queriam falar: doideira. Só uns achavam o entanto de poder também ser pagamento de promessa; ou que, nosso pai, quem sabe, por escrúpulo de estar com alguma feia doença, que seja, a lepra, se desertava para outra sina de existir, perto e longe de sua família dele. As vozes das notícias se dando pelas certas pessoas — passadores, moradores das beiras, até do afastado da outra banda —

descrevendo que nosso pai nunca se surgia a tomar terra, em ponto nem canto, de dia nem de noite, da forma como cursava no rio, solto solitariamente. Então, pois, nossa mãe e os aparentados nossos, assentaram: que o mantimento que tivesse, ocultado na canoa, se gastava; e, ele, ou desembarcava e viajava s'embora, para jamais, o que ao menos se condizia mais correto, ou se arrendia, por uma vez, para casa.

No que num engano. Eu mesmo cumpria de trazer para ele, cada dia, um tanto de comida furtada: a idéia que senti, logo na primeira noite, quando o pessoal nosso experimentou de acender fogueiras em beirada do rio, enquanto que, no alumiado delas, se rezava e se chamava. Depois, no seguinte, apareci, com rapadura, broa de pão, cacho de bananas. Enxerguei nosso pai, no enfim de uma hora, tão custosa para sobrevir: só assim, ele no ao-longe, sentado no fundo da canoa, suspendida no liso do rio. Me viu, não remou para cá, não fez sinal. Mostrei o de comer, depositei num oco de pedra do barranco, a salvo de bicho mexer e a seco de chuva e orvalho. Isso, que fiz, e refiz, sempre, tempos a fora. Surpresa que mais tarde tive: que nossa mãe sabia desse meu encargo, só se encobrando de não saber; ela mesma deixava, facilitado, sobra de coisas, para o meu conseguir. Nossa mãe muito não se demonstrava. Mandou vir o tio nosso, irmão dela, para auxiliar na fazenda e nos negócios. Mandou vir o mestre, para nós, os meninos. Incumbiu ao padre que um dia se revestisse, em praia de margem, para esconjurar e clamar a nosso pai o 'dever de desistir da tristonha teima. De outra, por arranjo dela, para medo, vieram os dois soldados. Tudo o que não valeu de nada. Nosso pai passava ao largo, avistado ou diluso, cruzando na canoa, sem deixar ninguém se chegar à pega ou à fala. Mesmo quando foi, não faz muito, dos homens do jornal, que trouxeram a lancha e tencionavam tirar retrato dele, não venceram: nosso pai se desaparecia para a outra banda, aproava a canoa no brejão, de léguas, que há, por entre juncos e mato, e só ele conhecesse, a palmos, a escuridão, daquele.

A gente teve de se acostumar com aquilo. Às penas, que, com aquilo, a gente mesmo nunca se acostumou, em si, na verdade. Tiro por mim, que, no que queria, e no que não queria, só com nosso pai me achava: assunto que jogava para trás meus pensamentos. O severo que era, de não se entender, de maneira nenhuma, como ele aguentava. De dia e de noite, com sol ou aguaceiros, calor, sereno, e nas friagens terríveis de meio-do-ano, sem arrumo, só com o chapéu velho na cabeça, por todas as semanas, e meses, e os anos — sem fazer conta do se-ir do viver. Não pojava em nenhuma das duas beiras, nem nas ilhas e croas do rio, não pisou mais em chão nem capim. Por certo, ao menos, que, para dormir seu tanto, ele fizesse amarração da canoa, em alguma ponta-de-ilha, no esconso. Mas não armava um foguinho em praia, nem dispunha de sua luz feita, nunca mais riscou um fósforo. O que consumia de comer, era só um quase; mesmo do que a gente depositava, no entre as raízes da gameleira, ou na lapinha de pedra do barranco, ele recolhia pouco, nem o bastável. Não adoecia? E a constante força dos braços, para ter tento na canoa, resistido, mesmo na demasia das enchentes,

no subimento, aí quando no lanço da correnteza enorme do rio tudo rola o perigoso, aqueles corpos de bichos mortos e paus-de-árvore descendo — de espanto de esbarro. E nunca falou mais palavra, com pessoa alguma. Nós, também, não falávamos mais nele. Só se pensava. Não, de nosso pai não se podia ter esquecimento; e, se, por um pouco, a gente fazia que esquecia, era só para se despertar de novo, de repente, com a memória, no passo de outros sobressaltos.

Minha irmã se casou; nossa mãe não quis festa. A gente imaginava nele, quando se comia uma comida mais gostosa; assim como, no gasalhado da noite, no desamparo dessas noites de muita chuva, fria, forte, nosso pai só com a mão e uma cabaça para ir esvaziando a canoa da água do temporal. Às vezes, algum conhecido nosso achava que eu ia ficando mais parecido com nosso pai. Mas eu sabia que ele agora viraria cabeludo, barbudo, de unhas grandes, mal e magro, ficado preto de sol e dos pêlos, com o aspecto de bicho, conforme quase nu, mesmo dispondo das peças de roupas que a gente de tempos em tempos fornecia.

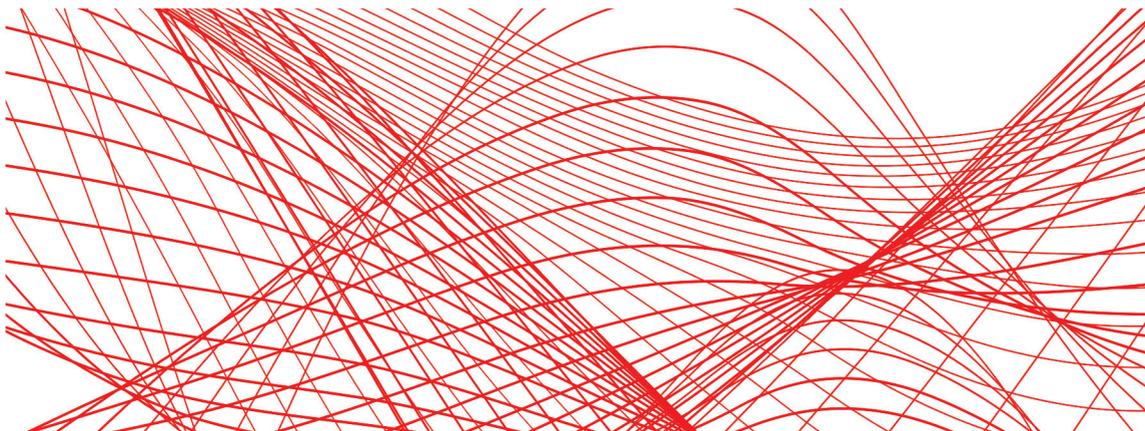
Nem queria saber de nós; não tinha afeto? Mas, por afeto mesmo, de respeito, sempre que às vezes me louvavam, por causa de algum meu bom procedimento, eu falava: — “Foi pai que um dia me ensinou a fazer assim...”; o que não era o certo, exato; mas, que era mentira por verdade. Sendo que, se ele não se lembrava mais, nem queria saber da gente, por que, então, não subia ou descia o rio, para outras paragens, longe, no não-encontrável? Só ele soubesse. Mas minha irmã teve menino, ela mesma entestou que queria mostrar para ele o neto. Viemos, todos, no barranco, foi num dia bonito, minha irmã de vestido branco, que tinha sido o do casamento, ela erguia nos braços a criancinha, o marido dela segurou, para defender os dois, o guarda-sol. A gente chamou, esperou. Nosso pai não apareceu. Minha irmã chorou, nós todos aí choramos, abraçados.

Minha irmã se mudou, com o marido, para longe daqui. Meu irmão resolveu e se foi, para uma cidade. Os tempos mudavam, no devagar depressa dos tempos. Nossa mãe terminou indo também, de uma vez, residir com minha irmã, ela estava envelhecida. Eu fiquei aqui, de resto. Eu nunca podia querer me casar. Eu permaneci, com as bagagens da vida. Nosso pai carecia de mim, eu sei — na vagação, no rio no ermo — sem dar razão de seu feito. Seja que, quando eu quis mesmo saber, e firme indaguei, me diz-que-disseram: que constava que nosso pai, alguma vez, tivesse revelado a explicação, ao homem que para ele aprontara a canoa. Mas, agora, esse homem já tinha morrido, ninguém soubesse, fizesse recordação, de nada mais. Só as falsas conversas, sem senso, como por ocasião, no começo, na vinda das primeiras cheias do rio, com chuvas que não estivam, todos temeram o fim-do-mundo, diziam: que nosso pai fosse o avisado que nem Noé, que, por tanto, a canoa ele tinha antecipado; pois agora me entrelembro. Meu pai, eu não podia malsinar. E apontavam já em mim uns primeiros cabelos brancos. Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? Se o meu

pai, sempre fazendo ausência: e o rio-rio-rio, o rio — pondo perpétuo. Eu sofria já o começo de velhice — esta vida era só o demoramento. Eu mesmo tinha achaques, ânsias, cá de baixo, cansaços, perrengue de reumatismo. E ele? Por quê? Devia de padecer demais. De tão idoso, não ia, mais dia menos dia, fraquejar do vigor, deixar que a canoa emborcasse, ou que bubuiasse sem pulso, na levada do rio, para se despenhar horas abaixo, em tororoma e no tombo da cachoeira, brava, com o fervimento e morte. Apertava o coração. Ele estava lá, sem a minha tranqüilidade. Sou o culpado do que nem sei, de dor em aberto, no meu foro. Soubesse — se as coisas fossem outras. E fui tomando ideia.

Sem fazer véspera. Sou doido? Não. Na nossa casa, a palavra doido não se falava, nunca mais se falou, os anos todos, não se condenava ninguém de doido. Ninguém é doido. Ou, então, todos. Só fiz, que fui lá. Com um lenço, para o aceno ser mais. Eu estava muito no meu sentido. Esperei. Ao por fim, ele apareceu, aí e lá, o vulto. Estava ali, sentado à popa. Estava ali, de grito. Chamei, umas quantas vezes. E falei, o que meurgia, jurado e declarado, tive que reforçar a voz: — “Pai, o senhor está velho, já fez o seu tanto... Agora, o senhor vem, não carece mais... O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas vontades, eu tomo o seu lugar, do senhor, na canoa...” E, assim dizendo, meu coração bateu no compasso do mais certo. Ele me escutou. Ficou em pé. Manejou remo n’água, proava para cá, concordado. E eu tremi, profundo, de repente: porque, antes, ele tinha levantado o braço e feito um saudar de gesto — o primeiro, depois de tamanhos anos decorridos! E eu não podia... Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. Porquanto que ele me pareceu vir: da parte de além. E estou pedindo, pedindo, pedindo um perdão.

Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio.



7 LEITURA DO TEXTO LITERÁRIO: “CONFERÊNCIA NO CERRADO” E A PREOCUPAÇÃO COM O MEIO AMBIENTE

Ademir Juvêncio da Silva
Maria Salete Dias Antônio

1. Texto: Conferência no cerrado

2. Autores: Durval de França e Cristina Campos **Editora:** Tanta Tinta Editora
Ano: 2008

3. Série indicada: 7º Ano do Ensino Fundamental

4. Duração: 29 aulas

5. Temática a ser debatida a partir da leitura do texto

A literatura é levada a realizar sua função formadora sem se confundir com uma missão pedagógica. Com efeito, ela dá conta de uma tarefa a que está voltada toda a cultura – a de conhecer o mundo ao seu redor e o próprio ser humano (ZILBERMANN, 2003). A literatura também propicia uma emancipação pessoal do leitor e, em sala de aula, leva a escola a repensar novos caminhos em prol de uma aprendizagem significativa.

A escola deve viabilizar o agir dos educandos em atividades significativas de linguagem, de acordo com suas capacidades, resultando em práticas sociais letradas, envolvendo diversos gêneros textuais. De acordo com Bakhtin (1992, p. 272):

Os gêneros constituem formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura, caracterizados por três elementos: conteúdo temático, estilo e construção composicional. As intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, geram usos sociais que determinam os gêneros que darão forma aos textos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 2000), que norteiam o ensino público brasileiro, orientam os educadores a utilizarem, durante as aulas, de forma interdisciplinar, abordagens relacionadas ao cotidiano. Portanto, aliar temas atuais por meio de recurso tecnológico bastante presente no dia a dia são maneiras de cumprir essa meta.

Como agente de letramento, o professor deve promover práticas letradas em que o aluno possa participar e agir nas atividades e ações de linguagem, como produções textuais para *podcast* (arquivo de áudio digital utilizado para gravação de voz com efeitos especiais), textos radiofônicos, teatrais, entre outros, favorecendo o desenvolvimento de múltiplos letramentos nos sujeitos, principalmente a competência discursiva.

Por meio da leitura da obra *Conferência no cerrado* (2008), depreendem-se os seguintes temas: o meio ambiente e o desequilíbrio ecológico, debatidos nos dias atuais em sala de aula. A escola deve considerar esses assuntos como parte integrante do programa anual para que possa cumprir com seu papel fundamental de formadora para a vida.

A leitura da obra para os alunos auxiliará na interpretação, uma vez que haverá explicações sobre determinados termos ou expressões presentes na mesma. E, de acordo com Rojo (2013, p. 21), “[...] o leitor/ouvinte utiliza tudo o que sabe, consciente ou inconscientemente, sobre o funcionamento da língua para interpretar o texto.”

6. Apresentação dos autores

Durval de França é graduado em Biologia e em Pedagogia e especializou-se em Didática, pela Faculdade de Educação de Assis-SP. Foi professor da rede pública municipal e estadual. Publicou vários livros, crônicas e contos em jornais mato-grossenses. Faleceu em Cuiabá, em 1998.

Cristina Campos é graduada em Letras e doutora em Educação. Leciona Português e Literatura no CEFET-MT (Centro Federal de Educação Tecnológica). Publicou o livro *Pantanal mato-grossense: o semantismo das águas profundas* e é revisora e organizadora de diversas publicações.

7. Estrutura textual

A obra possui a narrativa como tipologia textual predominante e apresenta os gêneros: convite, lenda, poema, canção, discurso, entre outros. A linguagem predominante é a formal, porém bem simples e acessível para o alunado do 7º ano do Ensino Fundamental. Além disso, aborda temas que despertam a curiosidade dos alunos, já que se referem a aventuras na selva, ficção, crenças populares e, principalmente, em decorrência de a narrativa ter como cenário terras mato-grossenses.

8. Objetivos

- Reconhecer a literatura produzida em Mato Grosso enquanto espaço de análise crítica;
- Desenvolver a capacidade de interpretação do texto narrativo, a oralidade, a imposição da voz, leitura e expressão corporal;
- Identificar as ideias principais a fim de tomá-las como objeto de pesquisa, adequação e aprimoramento ao usá-las;
- Proporcionar a interação entre os alunos;
- Relacionar o enredo do texto com o contexto histórico regional e a atualidade;
- Compreender a importância da prática de revisão do texto para aperfeiçoamento da produção final;
- Refletir acerca da situação em que se encontram os biomas do nosso Estado e conscientizar para a importância de proteger o meio ambiente;
- Formar leitores da literatura mato-grossense, partindo do pressuposto do trabalho com o hipertexto e da utilização das novas TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação).

9. Atividades

Motivação

Será apresentado um vídeo do youtube, disponível no endereço eletrônico <https://www.youtube.com/watch?v=lqfiwCzlsqGg> mostrando a lenda do Currupira. Logo após, será perguntado aos alunos se já conheciam o personagem lendário e sua função no meio ecológico. Fazer um levantamento dos conhecimentos prévios que os alunos possuem sobre as lendas do Saci-Pererê e Boitatá. Oralmente, será explorada cada lenda com a participação dos alunos que conhecem, resgatando as características e funções de cada personagem lendário.

Introdução

Explicar a proposta de trabalho a ser desenvolvida com eles, apresentando o livro *Conferência no cerrado* (2008) e os autores e solicitar que se organizem em grupos conforme as orientações seguintes: 1º grupo 6 alunos serão responsáveis por fazerem as anotações necessárias de cada leitura para, no final, apresentarem uma dramatização/fantoches da obra por meio de um vídeo; 2º grupo 4 alunos farão, como produto final, um resumo digitado em uma folha de papel de ofício A4 (que será dividida por um traço na horizontal) e uma ilustração que represente o capítulo lido. O livro reproduzido será encadernado para ser exposto na biblioteca escolar; 3º grupo 6 alunos

sintetizarão a obra em forma de uma paródia gravada no programa *Audacity* e salvo em mp3; 4º grupo 8 alunos elaborarão uma entrevista representando os autores e alguns personagens envolvidos no enredo para expor em forma de vídeo; 5º grupo 6 alunos produzirão um vídeo utilizando os programas *Audacity* e *Movie Maker* apresentando a síntese da obra.

Leitura

Assim como o restante da obra, o professor iniciará a leitura para que os alunos possam ouvir atentamente, acompanhar pelo *data show* a obra digitalizada e anotar o que entenderam. Nesta primeira parte, será lido para os alunos o primeiro capítulo (*O despertar do Currupira*, p. 9 -14), com exceção do convite que Currupira escreveu para encaminhar aos colegas. Após a leitura, os alunos farão as anotações resumidas para utilizarem no trabalho final de cada grupo. Ao encerrarem as anotações, será trabalhado o conceito e características do gênero textual convite e solicitado que formulem o convite que Currupira teria escrito para encaminhar aos demais personagens. Os alunos serão instigados a elaborar um convite dando ênfase à importância de se proteger o meio ambiente em nosso Estado, evitando queimadas, poluição de rios e florestas e o uso indevido da pesca e da caça.

Leitura

O professor lerá o capítulo 2 da obra (*Distribuição dos convites*, p. 16-20) e será pedido que cada grupo faça as anotações necessárias.

Primeiro intervalo

Os alunos elegerão um representante da sala que assumirá a função de carteiro para distribuir os convites elaborados que estarão em uma caixa montada para este fim. Recebidos, os convites serão lidos pelos alunos que farão análises referentes à estrutura e conteúdo dos mesmos. Será observado se enfatizaram a questão da proteção às florestas, rios e animais para uma vida melhor.

Leitura

Será lido o capítulo 3 (*O encantamento da viagem*, p. 21-27) e solicitado que cada grupo faça as anotações necessárias.

Leitura

Será lida a primeira parte do capítulo 4 (*A conferência*, p. 28-35) e solicitado que cada grupo anote as impressões observadas.

Segundo intervalo

Nesta parte, os alunos serão questionados oralmente se estão entendendo a lei-

tura da obra e feitos alguns comentários sobre os possíveis desfechos com antecipações sugeridas por eles. É um momento importante de intervenção para que o educador tome conhecimento do andamento do trabalho e da recepção por parte dos educandos.

O professor instigará a participação dos alunos levando-os a pensar na situação em que se encontra o meio ambiente da cidade onde moram, fazendo com que haja a conscientização sobre ações simples e necessárias para diminuir o volume da agressão à natureza, como jogar papéis de bala na rua, gomas de mascar, latas de refrigerante, sacolas plásticas.

Leitura

Será lida a segunda parte do capítulo 4 (*A conferência*, p. 38-41) e solicitado que cada grupo anote as impressões observadas.

Leitura

Será lido o capítulo 6 (*Jornada ao coração de cristal da Mãe Terra*, p. 46-50) e solicitado que cada grupo anote as impressões observadas.

Leitura

Será lido o capítulo 7 (*Mensagem da Mãe Terra*, p. 51-56) e solicitado que cada grupo anote as impressões observadas.

Trabalho final

O professor dará auxílio à elaboração do trabalho final de cada grupo ajustando o que achar conveniente, fazendo as intervenções, inclusive disponibilizando-se a prestar orientações aos educandos em horário oposto ao das aulas.

Apresentação dos alunos

Cada grupo apresentará na sala de aula o produto final.

Divulgação dos trabalhos

A destinação final dos trabalhos será feita por meio da postagem na página do *Facebook* da instituição escolar criado com o apoio da Equipe Diretiva e do professor de Língua Portuguesa e, em ocasiões oportunas, serão apresentados à comunidade escolar.

10. Ferramentas tecnológicas a serem utilizadas

Data show, lousa, pincel, computador, papel, câmera digital, impressora, *internet*.

11. Resultados

Espera-se que, a partir das perspectivas dos multiletramentos, os alunos possam compreender as estruturas dos diferentes gêneros textuais; conscientizem-se da importância da proteção do meio ambiente para as gerações futuras, bem como o uso das novas tecnologias no desenvolvimento dos trabalhos, estimulando o processo de aprendizagem de forma interativa.

12. Bibliografia

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MÉDIA E TECNOLÓGICA. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, 2002.

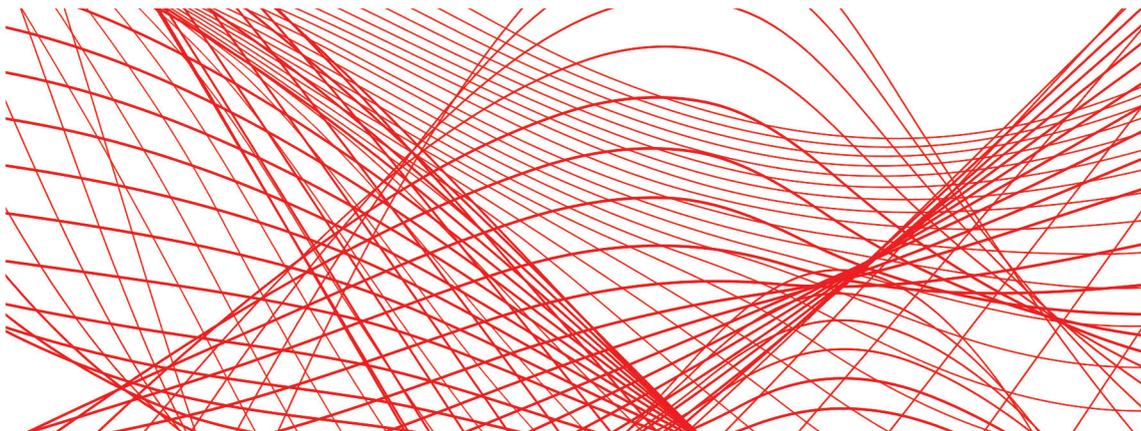
FRANÇA, Durval de; CAMPOS, Cristina. **Conferência no cerrado**. Ilustrações de Ricardo Leite. Cuiabá/MT: Tanta Tinta Editora, 2008.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ZILBERMANN, Regina. **A literatura infantil na escola**. Rio de Janeiro: Global, 2003.

13. Webgrafia

CURUPIRA, O. **Série 'Juro que vi'**. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=lqfwCzlsqGg>>. Acesso em 16/06/2014, às 21h10min.



8 METAMORFOSE POÉTICA

Alessandra de Oliveira

1. Texto: O Voo da Borboleta (Rosana Varela) **Editora:** Clube de Autores **Ano:** 2012

2. Texto: Arca de Noé (Vinícius de Moraes) **Editora:** Cia das Letrinhas **Ano:** 1991

3. Série Indicada: 6º ano

4. Duração: Sete aulas

5. Temática a ser debatida a partir da leitura do texto:

Ler e produzir poemas em sala de aula pode ser uma atividade muito prazerosa, divertida e original. Nesta proposta, trabalharemos a temática Borboleta e sua Metamorfose através do gênero poético, a partir da leitura de poemas selecionados na obra *O Voo da Borboleta* (2012), da poetisa mato-grossense Rosana Varela, bem como do poema “Borboletas”, de Vinícius de Moraes. Espera-se que os alunos se apropriem do gênero não apenas como apreciadores, mas que eles próprios passem por uma metamorfose, ou seja, uma (trans)formação de leitores em leitores e produtores literários, sendo, pois, sujeitos autores nessa apropriação.

6. Apresentação dos autores:

Rosana de Barros Varela, natural de Sinop-MT, é formada em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. Para a autora, “redigir um poema é como pintar um quadro: nele coexistem luz e sombra, realidade e abstração num mesmo espaço. Assim também é o processo criativo, pois muitas vezes se escreve sobre coisas que são e outras tantas que desejaríamos que fossem”.

O poeta Marcus Vinícius da Cruz de Mello Moraes, o “poetinha”, nasceu a 19 de outubro de 1913, no Rio de Janeiro. Formou-se em Direito e produziu muitos poemas, essencialmente líricos, para adultos e para crianças, dentre eles: “A Arca de Noé”,

“a Porta”, “a Foca”, “o Elefantinho”. Vinícius morreu aos 66 anos, no dia 9 de julho de 1980, em sua casa, no Rio de Janeiro.

7. Estrutura Textual:

Nesta proposta, será trabalhado o gênero poético lírico, que tem como principal característica a subjetividade, uma vez que, pela poesia, são extravasados a emoção, o estado de alma, os pensamentos e os sentimentos do eu lírico. Dentre os textos selecionados, há poemas livres (que não possuem métrica e rima regulares) e acrósticos (composição em verso, na qual, ora a primeira, ora a última letra da linha é lida em ordem, fazendo ou não sentido com as frases que surgem de cada uma delas).

Os poemas que compõem o livro *O Voo da Borboleta* (2012) são de uma linguagem bastante acessível à leitura e à compreensão dos alunos acerca do gênero. A obra divide-se em três capítulos: Metamorfose, Equilíbrio e Realidade; nesse sentido, faz-se analogia ao ciclo de vida de uma borboleta: a transformação que dá origem a um novo ser, mas que necessita equilibrar-se em suas próprias asas para alçar voo rumo à liberdade. A poesia da autora, extraída das coisas simples do dia a dia, revelam a sensibilidade da poetisa, que nos apresenta, com essência poética, a transformação do ser humano em sua existência.

O livro infantil *A Arca de Noé*, publicado pela primeira vez em 1970, traz 32 poemas de Vinícius de Moraes, também lançados em 1980 em forma de canção, muitos deles musicados pelo próprio autor, que se tornaram famosos nas vozes de Chico Buarque, Milton Nascimento, Toquinho, Marina Lima e Ney Matogrosso, entre outros intérpretes.

Os poemas escolhidos para a temática deste trabalho são: “Acróstico nº 1” e o “Voo da Borboleta”, de Rosana Varela, publicados na obra *Voo da Borboleta* (2012) e “As Borboletas”, de Vinícius de Moraes, da obra *A Arca de Noé* (1991).

Outros textos motivadores para este trabalho são: “O Pássaro Lapão”, da obra *Malasaventuras: safadezas de Malasarte* (1996), de Pedro Bandeira, e “Acróstico”, de Roberto Carlos, terceira música do álbum *Pra Sempre*, lançado em 2003.

8. Objetivos:

Pretende-se, a partir da leitura e produção do gênero de composição poética, que os alunos estabeleçam relação com o que já conhecem sobre poesia (parlendas, cantigas de roda, músicas da infância, entre outros) e reconheçam as principais características de textos poéticos, além de levá-los a aprimorar ou desenvolver habilidades de leitura, de interpretação e de produção de poemas. Desenvolver esse gênero é imprescindível tanto para a formação do leitor e do escritor criativo, que aprecia e sabe fazer uso de recursos da linguagem literária, como para enriquecer uma percepção mais sensível da realidade, proporcionando-os abstrair poesia de tudo que os cerca.

9. Atividades:

“Alimento da Lagarta” - Roda de Leitura:

Na primeira aula, os alunos, sentados numa roda, serão instigados a falar acerca do que eles sabem ser poesia, se conhecem algum poema ou algum poeta, se já escreveram alguns versos, se reconhecem as características dos textos poéticos, se gostam ou não de poesia e por que e, ainda, se sabem qual é a diferença entre poema e poesia. Em seguida, no centro do círculo, devem ser dispostos vários textos de diferentes gêneros, tendo o cuidado em fazer prevalecer o gênero poético. Pedir aos alunos que selecionem dentre os textos, aqueles que eles julgarem ser poéticos e que os leiam em voz alta. Nesse momento, o professor deve desfazer possíveis equívocos em relação à escolha de gêneros não poéticos. Pedir aos alunos que tragam para a próxima aula algum poema para ser declamado.

Declamação e Audição:

- Após a roda de leitura, será declamado pelo professor o texto em verso *O Pássaro Lapão*, de Pedro Bandeira, que de forma divertida e lúdica, interage com os alunos na produção de rimas para compor o final da história. Com esta atividade, pretende-se desmistificar conceitos equivocados a respeito de poesia, estimulando o gosto pelo gênero. Nesta aula, indagar os alunos acerca do texto lido, se gostaram do poema, se pensam haver poesia neste texto, se já conheciam alguma história do Pedro Malasartes e, ainda, se imaginavam que uma história poderia virar poema.

- A seguir, os alunos ouvirão o poema musicado “As Borboletas”, de Vinícius de Moraes, na voz de Gal Costa. O professor motivará, após a audição, comentários acerca de quais imagens construíram, o que imaginaram ao ouvir a música. Neste momento, será revelado que aquela canção é um poema escrito por um famoso poeta (o professor pode, brevemente, levá-los a conhecer um pouco acerca do poeta e suas obras). Será, ainda, projetado o mesmo poema, no suporte vídeo.

- Em seguida, pedir que os alunos leiam (declamem) os poemas trazidos de casa; promover a interação entre eles, motivando-os a comentar: quais já conheciam, de quais gostaram mais, por que gostaram deste ou daquele poema e ainda se há alguma relação com a realidade que eles conhecem.

“Confecção do Casulo” - Primeira Produção

Na terceira e quarta aulas, os alunos serão indagados acerca da composição acróstico. Em seguida, serão trabalhados os conceitos do gênero de composição e, após a explanação, será lido o poema “Acróstico nº 1”, da obra *O Voo da Borboleta*, com análise dos elementos poéticos do texto, dos sentidos que se formam entre a palavra escrita na vertical com os versos que surgem a partir de cada letra, no caso, a palavra METAMORFOSE. O professor irá instigá-los a responder: O que significa esta palavra?

Qual sua relação com as borboletas? Por que ela está presente neste poema? Encerrado o debate, apresentar o vídeo: *Metamorfose de uma borboleta*.

Será apresentada, também, em vídeo, a música *Acróstico*, de Roberto Carlos. Após a leitura do poema e apresentação da música, os alunos serão questionados quanto à percepção das rimas e ritmos nos dois textos e, em seguida, serão motivados a produzir, no caderno, um acróstico utilizando seu próprio nome e suas características pessoais. Neste momento, é interessante indagá-los quanto à escolha ou não por rimas em suas produções. Após a produção, os alunos poderão compartilhá-los, lendo-os para a classe e expondo-os num mural.

“A Metamorfose” - Sensibilização Poética

Na quinta aula, o professor abordará os diferentes gêneros e formas de composição poética existentes. Os alunos, então, serão convidados a um passeio pelo jardim e pátio da escola, no intuito de perceberem uma nova forma de leitura, utilizando o tato, olfato, audição e visão, elementos antes desconhecidos ou indiferentes a eles (vento, flores, árvores, insetos, estruturas). Após o passeio, deverão escolher um novo tema, para criarem um novo poema, na composição poética que desejarem. Nesta etapa, os alunos trocarão os textos entre si e, numa nova roda de leitura, lerão os textos dos colegas em voz alta para partilhar as impressões acerca do que o eu lírico apresenta nos poemas.

- O professor irá motivar a reescrita dos textos produzidos, no intuito de aprimorar a competência com o uso da língua, com correções e adequações que se fizerem necessárias, respeitando a liberdade poética, conforme a composição escolhida.

“O Voo da Borboleta” - Autoria e Publicação

- Na sexta e sétima aulas será declamado para a classe o poema “O Voo da Borboleta”, da obra de mesmo nome. Neste momento, os alunos serão indagados se conhecem a autora. O professor irá apresentar a autora mato-grossense no intuito de motivá-los no processo de autoria e publicação, uma vez que se trata de uma poetisa da região. Neste momento, é interessante lembrá-los que muitos autores famosos iniciaram suas carreiras bem jovens; que em nossa cidade temos vários autores que já publicaram livros e que em nosso estado temos autores reconhecidos mundialmente.

- Motivá-los a refletir a respeito do que seria a borboleta do poema, que mundo cheio de possibilidades é o citado no texto e quais esperanças do mundo voam em suas asas.

- Na sétima aula, as produções realizadas nas partes 2 e 3 serão digitadas pelos alunos no Laboratório de Informática, para serem impressas na forma de um livro de poesias, com título e ilustrações a serem definidos por eles. A publicação poderá ser realizada na Feira de Conhecimentos, Noite Cultural, Recital ou qualquer evento afim

da escola, inclusive com dedicatórias e autógrafos dos novos poetas escritores.

10. Diálogo com os autores:

O processo de letramento literário deve ir além do ato da leitura, propiciando conexões entre o mundo do texto e o mundo do leitor: “o sentido do texto só se completa quando esse trânsito se efetiva, quando se faz a passagem de sentidos entre um e outro” (COSSON, 2009, p. 27). Em seguida, Cosson (2009, p.27) acrescenta: “a interpretação é um ato solidário [...]. Ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o texto, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultados de compartilhamento de visões do mundo entre homens no tempo e no espaço”. Deste modo, a produção de sentidos trabalhada no gênero poesia perpassa a leitura e encontra lugar na interação social ou relação dialógica entre os sujeitos: autor do texto e leitor.

Acerca da produção literária, a autora Rouxel, afirma que se nota “antes de tudo nos jovens leitores a necessidade de escrever, de imitar o texto lido, de se identificar com o escritor” (2013, p.183). Nesse sentido, o trabalho com poesia contribui para um relacionamento mais intenso entre aluno e texto, uma vez que estimula os sentidos, a liberdade expressiva, a capacidade crítica e, sobretudo, o imaginário.

A respeito do compartilhamento, Cosson (2009, p.65) afirma que “na escola é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura.” Desta forma, levar os alunos a socializar suas impressões acerca das leituras dos poemas, bem como compartilhar/publicar suas produções, contribuirá para a formação de leitores e escritores competentes, envolvidos pelo universo literário e comprometidos com a leitura.

11. Ferramentas tecnológicas a serem utilizadas:

Computadores do Laboratório de Informática, projetor multimídia e impressora.

12. Resultados esperados:

Espera-se, com este trabalho, que os alunos desenvolvam o gosto pela leitura e produção de poemas, produzindo textos deste gênero de forma criativa, além de estimulá-los a uma percepção mais sensível da realidade.

13. Bibliografia:

BANDEIRA, Pedro. *Malasaventuras: safadezas de Malasarte*. São Paulo: Moderna, 1996.

- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2009.
- MORAES, Vinícius de. *A Arca de Noé*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia (Orgs.). *Leitura subjetiva e ensino de literatura*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2013.
- VARELA, Rosana. *O Voo da Borboleta*. Publicação da autora, 2012.

13. Webgrafia:

- <http://educador.brasilecola.com/estrategias-ensino/a-poesia-na-sala-aula.htm>
- <http://espacoeducar-liza.blogspot.com.br/2012/05/o-que-e-um-acrostico-como-o-a-crostico.html>
- <http://revistalingua.uol.com.br/textos/76/reescrever-e-sobreviver-250903-1.asp>
- http://wikidoamarelinho.pbworks.com/f/antologia_contos_contemporaneos.pdf
- <http://www.infoescola.com/literatura/acrostico/>
- <http://www.kathleenlessa.prosaeverso.net/visualizar.php?id=2773794>
- <http://www.vagalume.com.br/roberto-carlos/acrostico.html>
- <https://www.youtube.com/watch?v=21y6zeU3gXs>
- <https://www.youtube.com/watch?v=oSwXW4OZ3GE>
- https://www.youtube.com/watch?v=PPGz0_7hdVY
- <https://www.youtube.com/watch?v=ryuWHNlomek>

ANEXO 01

Pedro Malasartes e O Pássaro Lapão

Pedro Bandeira

Do tal Pedro Malasartes,
você já ouviu falar?
Pois prepare sua risada
que estou pronto pra contar.

Esse Pedro é uma caipira
Bem do tipo brasileiro:
É quietão, de fala mansa,
Mas sabido e muito arteiro.

Pra dar duro no batente,
nosso Pedro é só preguiça,
mas não perde ocasião
de vingar uma injustiça.

E injustiça é o que não falta
nessa vida lá da roça.
Só se livra das maldades
o sujeito que tem bossa.

Foi assim que certa vez
o Martinho Deodato,
capataz do coronel,
foi caçar jacu no mato.

Quando ouviu um barulhinho,
levou a espingarda ao peito,
mas errou a pontaria,
deu um tiro tão sem jeito
que matou o cabritinho
da viúva do Chicão
e em vez de pagar a perda
inda disse um palavrão.

A viúva foi ao Pedro
contar a situação.
Pedro não era de briga,
mas jurou reparação.

Tratou logo de comer
uma janta reforçada:
rapadura, dois repolhos
e uma enorme feijoada...

Frente à casa do Martinho,
agachou-se bem na estrada.
Esperou fazer efeito...
e soltou a feijoada!

Com o seu velho chapéu,
tudo aquilo ele tapou
e agarrando bem as abas
calmamente ele esperou.

Foi aí que o Deodato
a tal cena veio ver
mas achando muito estranho
malcriado quis saber:

*-Que será que está havendo?
Será louco esse sujeito?
O que está fazendo aí
agachado desse jeito?
Pra erguer esse chapéu
você não tem força, não?
Ou será que esse chapéu
tá pregado aí no chão?*

Malasarte até gostou
da caçoada do safado,
pois chegara a ocasião
de físgá-lo bem físgado.

*-Nada disso, meu amigo,
é que eu consegui pegar
o tal pássaro lapão
que não pode me escapar.
Ele é muito valioso:*

*a mulher do delegado
prometeu dar um milhão
se eu pegar este danado...*

Quando ouviu falar
a cobiça começou
a crescer no Deodato,
e o safado comentou:

*-Um milhão é um bom dinheiro,
muito mais que o senhor pensa.
E por que não vai buscar
essa grande recompensa?*

A arapuca estava pronta,
só faltava um bocadinho
para ver o Deodato
cair nela direitinho.

*Esse é um bicho delicado,
qualquer coisa lhe faz mal.
Só se deve transportá-lo
em gaiola especial.
A gaiola é muito cara,
fabricada no estrangeiro.
E eu nem sei o que fazer
já que não tenho dinheiro.*

A cobiça foi crescendo,
Até dava comichão,
pois aquele capataz
só pensava no milhão:

-Vou enganar esse caipira,

*pelo jeito ele é um cretino.
Não fosse eu, o Deodato,
um sujeito tão ladino...*

Se a questão era dinheiro,
e se o outro nada tinha,
para ele estava fácil,
era só manter a linha:

*-Gostaria de ajudar
e o problema resolver.
A gaiola, quanto custa?
Gostaria eu de saber...*

Malasarte suspirou,
fez um cálculo mental,
lembrou da boa viúva
e do seu pobre animal.

*-A gaiola, meu amigo,
é bem cara, eu admito.
Ela custa, lá na venda,
mais que o preço de um cabrito...*

Sem perder nem um segundo,
nem contar o que continha,
Deodato lhe estendeu
a carteira bem cheinha.
*-Eis aqui todo o dinheiro,
não precisa nem contar.
Deixe que eu seguro as abas,
e a gaiola vá comprar!*

Malasarte foi pegando

o dinheiro sem demora,
montou rápido na mula
e tratou de ir logo embora.

Foi pra casa da viúva,
que chegou a dar um grito
quando viu tanto dinheiro
pra comprar outro cabrito.

O Martinho Deodato
Ficou vendo o Pedro ir
e assim que se viu sozinho,
bem feliz ficou a rir:

*-Pelo preço de um cabrito,
vou ganhar esse milhão!
Agora é só agarrar
o tal pássaro lapão!*

Foi pegar o passarinho,
mas, com medo de feri-lo,
devagar ergueu a aba
e enfiou a mão naquilo!

Ai, que o Pedro Malasartes
é um sujeito bem danado!
E eu estou muito contente
se alguém achou gozado.

Só que eu quero uma ajuda
pra fazer final diverso
para a história que eu contei
e que foi escrita em verso.

O final de uma anedota
muito jeito tem pra ser.
Se me acharem boa rima,
outro verso eu vou fazer:

Foi pegar o passarinho
de uma forma meio lerda
Devagar ergueu a aba
E enfiou a mão na

Mas que sensibilidade!
que um anjinho diga amém!
Uma alma de poeta
é o que vocês todos têm!

Uma rima é uma rima
dos poetas é a glória,
pois podia ser assim
o final da nossa história:

Foi pegar o passarinho,
Bem do jeito que ele gosta.
Devagar ergueu a aba
e enfiou a mão na ...

Vocês são poetas natos
Do começo até o final!
Isso eu posso garantir:
são artistas sem igual!

De encontrar fico feliz
tão profunda inspiração.
Ver poesia a transbordar
da alma e do coração!

Fazer poesia é bem fácil,
vou contar como se faz.
Todo verso dá bem certo
para a frente e para trás.

Estes versos, eu repito,
pra o que eu disse comprovar,
vamos ver se fica certo
se as palavras eu mudar:

Fico feliz de encontrar
inspiração tão profunda.
Ver transbordar a poesia
do coração e da... alma?!

Parece que não deu certo
Esse jeito de rimar...
Artistas como vocês
é impossível enganar!

Só que agora eu me despeço,
Pois eu tenho de partir.
Mas eu levo o seu carinho
se quiserem me aplaudir!
(*Malasaventuras*: safadezas de Malasarte, 1996, 7-15)

ANEXO 02

As borboletas

Vinícius de Moraes

Branças
Azuis
Amarelas
E pretas
Brincam

Na luz
As belas
Borboletas.

Borboletas brancas
São alegres e francas.

Borboletas azuis
Gostam muito de luz.

As amarelinhas
São tão bonitinhas!

E as pretas, então...
Oh, que escuridão!
(*A Arca de Noé*, 1991, p.50).

ANEXO 03

Acróstico nº 01

Rosana Varela

Meus sentidos dão conta de que um novo ser
Evolui lentamente em minhas entranhas
Transforma a mim e ao meu mundo
Ao cair do dia tenho asas, mas não posso voar
Me falta ainda o equilíbrio, de modo que silencio nessa espera reluzente
Olho para este ser que agora sou
Renascida e borboleta
Frágil e intrépida
Observo ao meu redor e
Sinto a mudança
Ecoar a cada minuto que passa.

ANEXO 04

Acróstico

Roberto Carlos

Mais que a minha própria vida
Além do que eu sonhei pra mim
Raio de luz

I nspiração
A mor você é assim
R ima dos versos que eu canto
I menso amor que eu falo tanto
T udo pra mim
A mo você assim

M eu coração
E ternamente
U m dia eu te entreguei

A mo você
M ais do que tudo eu sei
O sol
R aiou pra mim quando eu te encontrei
(Álbum *Pra Sempre*, 2003)

ANEXO 05

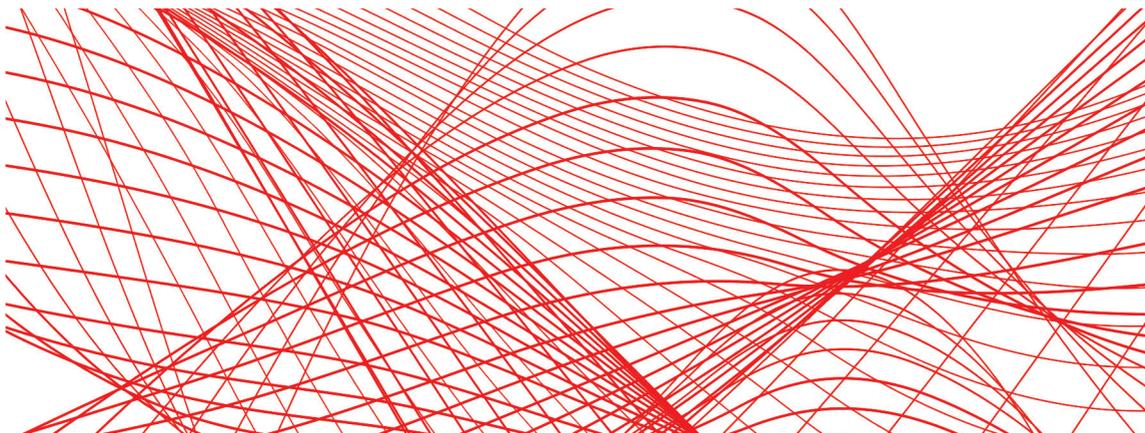
O Voo da Borboleta

Rosana Varela

Avisto de longe uma borboleta
Repleta de matizes brilhantes e surreais
Em meio aos bosques e montanhas e flores
Sobrevoa um mundo cheio de possibilidades

Mas o que será que procura?
Nem ela sabe ao certo

E eu a contemplo no cair do horizonte
E fico a imaginar
Que a esperança do mundo voa em suas asas.
(*O Voo da Borboleta*, 2012, p.66)



9 EM BUSCA DO LETRAMENTO LITERÁRIO: UMA LEITURA DO CONTO INDÍGENA “A FORÇA DA SUCURI”

Elisangela Dias Saboia

1. **Texto:** A força da sucuri

2. **Autores:** Cláudio e Orlando Villas-Bôas **Editora:** Kuarup **Ano:** 1984

3. **Série indicada:** 7º ano do Ensino Fundamental II

4. **Duração:** 16 aulas

5. Sinopse do livro:

Os autores mostram no livro **Xingu: os contos do Tamoin**, por meio do diálogo entre índio e civilizado, uma face ainda pouco conhecida na época do silvícola brasileiro relacionada com a sua maneira de viver, com o seu equilíbrio tribal, eminentemente humano no seu modo de ser, de agir e de se relacionar entre si. Nenhum dos contos do Tamoin foi criado pelos autores, segundo suas próprias afirmações. Os textos são oriundos da coletividade indígena, assim como a figura do sempre bem humorado Tamoin (avô). Os velhos Tamoins *são responsáveis por transmitir aos jovens a história de sua gente e, ainda, as lições aprendidas na experiência da vida.*

6. Temática a ser debatida a partir da leitura do texto

Por meio do texto podem ser debatidos os costumes e a cultura dos índios do Xingu, bem como relatados seus contos e lendas a fim de reconhecer e valorizar a cultura indígena brasileira e sua contribuição para a formação do país.

7. Apresentação dos autores

Os irmãos Villas-Bôas foram sertanistas e indigenistas, realizaram os primeiros

trabalhos de desbravamento levados a efeito pela Vanguarda da “Expedição Roncador-Xingu” (1944/48). Buscaram por meio de uma nova política indigenista defender os valores culturais do índio, como meio de evitar a marginalização e o desaparecimento de grupos e tribos.

8. Objetivo Geral

- Ampliar a leitura literária dos estudantes a fim de valorizar a literatura indígena e sua função social.

Objetivos Específicos

- Explorar as potencialidades da linguagem simbólica utilizada pela música “Amor de índio”;
- Refletir acerca do assunto do texto literário por meio da antecipação;
- Promover leitura coletiva e individual do texto “A força da sucuri”;
- Possibilitar um processo de interação entre leitor e o texto literário;
- Propiciar o ensino e aprendizagem da leitura e escrita através do conto;
- Proporcionar uma experiência estética por meio do conto indígena;
- Despertar a sensibilidade, a criatividade e o senso crítico do aluno a partir do texto literário;
- Perceber o uso particular da linguagem literária;
- Sensibilizar os estudantes a apreciarem os costumes e cultura indígena;
- Promover o letramento literário;
- Contribuir com a formação de leitores literários;
- Recontar o texto literário por meio da produção de uma história em quadinhos a partir do *site* www.pixton.br.

9. Atividades:

As atividades deste trabalho foram organizadas por meio da sequência básica do letramento literário (COSSON, 2014), que envolve quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação.

Motivação:

A motivação constitui o primeiro passo para a sequência básica do letramento literário proposta por Rildo Cosson (2014) e consiste em favorecer a leitura como um todo. Segundo o autor, esta etapa prepara o leitor para receber o texto, exerce uma influência sobre suas expectativas, porém não determina a leitura. A motivação pode ser

tanto oral quanto escrita, e esta atividade, para Cosson, evidencia que não há sentido em separar o ensino da literatura do ensino de língua portuguesa, uma vez que ambos estão interligados.

Como atividade de motivação foi selecionada a música “Amor de índio”, composição de Beto Guedes e interpretada pela cantora Maria Gadú disponível no endereço eletrônico <http://www.vagalume.com.br/maria-gadu/amor-de-indio.html>. A canção possibilita o trabalho com o tema, o estereótipo e as características indígenas por meio da linguagem simbólica, a qual exige leitura crítica e leitura de mundo.

Nesta atividade, o aluno pode, mediado pela professora, perceber a relação de amor do índio com a sua terra e depreender os sentidos que a letra apresenta, pois ela antecipa a leitura do conto “A força da sucuri”, lido posteriormente. O tempo estipulado para a motivação é de uma aula, uma vez que a música foi ouvida, discutida e compreendida pelos estudantes.

Introdução:

Esta fase, de acordo com Cosson (2014), corresponde à apresentação do autor e da obra. A introdução, apesar de ser uma atividade simples, exige do professor alguns cuidados, como, por exemplo, não transformar esta etapa em uma aula muito longa e expositiva (COSSON, 2014). Neste momento, torna-se mais relevante fornecer informações básicas sobre o autor, ligadas, se possível, ao texto a ser trabalhado.

Para introduzir a apresentação da obra, apresentar aos estudantes o livro **Xingu: os contos do Tamoin**, dos irmãos Villas-Bôas, onde se encontra o conto “A força da sucuri”. Os alunos terão contato com os textos impressos e poderão manusear o livro. Expor ainda aos estudantes o porquê da seleção do conto e da obra. Ao apresentar o título do conto os alunos, questionar acerca do que trata o texto.

É importante ressaltar, como expõe Cosson (2014), que a introdução não pode se estender muito, pois sua função é apenas permitir que o aluno receba a obra de uma maneira positiva.

Leitura:

Para Cosson (2014) a leitura escolar precisa de acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir e este objetivo precisa estar claro. O professor precisa acompanhar o processo de leitura de seus alunos para auxiliá-los em suas dificuldades, até mesmo naquelas referentes ao ritmo da leitura. Para o autor, a leitura do texto literário é uma experiência única uma vez que proporciona uma experiência estética não apenas pela história que conta.

Por isso, deverá ser feito o acompanhamento do processo da leitura, utilizando-se, inicialmente, a leitura silenciosa feita pelos alunos para poderem conhecer o

texto e, posteriormente, feita uma leitura expressiva pela professora. A opção por esta leitura pode ser justificada pelo fato do professor conhecer bem o texto, tendo, assim, melhores condições de realizá-la com qualidade (COSSON, 2014). Uma estratégia utilizada para a realização da atividade são os intervalos, os quais possibilitam à professora diagnosticar a decifração no processo da leitura.

Os intervalos

Os intervalos são atividades específicas que podem ser de natureza variada. Para Cosson (2014), a atividade pode ser a leitura de textos menores que tenham alguma ligação com o texto maior, funcionando como uma focalização sobre o tema da leitura e que permita que se façam aproximações breves entre o que já foi lido e o novo texto. É relevante mencionar que, de acordo com o autor, os intervalos não podem ser muito longos, pois podem levar o aluno a perder o foco da atividade.

É por meio dos intervalos que o professor terá condições de observar as dificuldades de leitura dos estudantes, sendo, assim, um diagnóstico da etapa de decifração no processo. Cosson (2014) defende que a utilização dos intervalos é o início de uma intervenção eficiente na formação do leitor.

Intervalo 1:

O primeiro passo será propiciar a leitura do conto “A força da sucuri”, para ressaltar os costumes e a cultura indígena, bem como a linguagem literária do texto a fim de propiciar uma experiência estética. Em seguida, os estudantes serão conduzidos ao laboratório de informática, onde pesquisarão na internet acerca da cultura e costumes dos povos indígenas que habitam o Xingu para conhecerem um pouco mais as etnias e o Parque Nacional.

Os estudantes terão a oportunidade de saber o porquê da existência do parque e entender o contexto histórico da época em que o livro foi escrito. Será preciso, neste momento, por meio da mediação docente, mobilizar conhecimentos históricos para entender o contexto atual tanto da Reserva quanto da nossa sociedade não indígena.

Os estudantes realizarão as pesquisas em duplas e cada uma delas ficará responsável por pesquisar uma etnia do parque. Após a pesquisa, os estudantes socializarão os resultados com os colegas de sala, destacando o estilo de vida e costumes de cada grupo indígena.

Intervalo 2:

Neste segundo intervalo, será apresentado um vídeo sobre pluralidade cultural, organizado pela TV Escola disponível no endereço eletrônico http://www.youtube.com/watch?v=HA_0X2gCfLs. O título do vídeo é “Índios no Brasil, quem são eles?”, tem duração de 17 minutos e 42 segundos. O objetivo será contrastar a visão do bran-

co sobre o índio, do índio sobre o branco e sobre si mesmo.

De acordo com informações contidas no endereço eletrônico mencionado anteriormente, o vídeo “Índios no Brasil, quem são eles?” trata da relação da população indígena brasileira com a natureza, com o sobrenatural e com os não-índios. O episódio apresenta quem são e como vivem os indígenas no Brasil atual, tomando como foco a relação deles com os outros brasileiros. Alguns representantes das etnias Krenak, MG; Kaxinawá, AC; Ashaninka, AC; Yanomami, RR; Pankararu, PE e Kaingang, SC, conversam sobre o assunto e expressam seus depoimentos.

A intenção de se utilizar o vídeo como um intervalo consiste em fomentar mais uma vez discussões em sala com os alunos acerca da rica cultura destes povos, a fim de sensibilizar os estudantes a entenderem e apreciarem os costumes indígenas, os quais têm deixado muito de suas contribuições para a cultura brasileira.

Intervalo 3:

Nesta atividade, será entregue para cada aluno o poema “A vida do índio”, de Edmar Batista de Souza (Itohã Pataxó), disponível no *site* www.indiosonline.net. O *site* tem como objetivo estimular o diálogo intercultural dentre outros e divide a gestão compartilhada com quatro povos indígenas totalizando cinco gestores, sendo eles: Alex Makuxi, de Roraima; Patrícia Pankararu, de Pernambuco; Nhenety Kariri-Xocó, de Alagoas e Fábio Titiah e Yonana Pataxo há há há, da Bahia.

O poema possibilita a apreciação da linguagem poética, o conhecimento e a reflexão sobre a situação atual dos índios brasileiros no tocante aos seus sentimentos e pensamentos. Por meio do poema, será trabalhada a intertextualidade presente nos seguintes textos: conto “A força da Sucuri”; música “Amor de índio” e ainda o vídeo “Índio no Brasil, quem são eles?”.

O poema, assim como o conto, apresenta a figura do guerreiro, do lutador, de um povo cheio de cultura, assim como a música, pois esta exalta o sentimento de amor pela terra, pela natureza. Tanto no vídeo “Índios no Brasil, quem são eles?” quanto no poema é apresentada a visão do indígena em relação às atitudes do homem branco para com seu povo e a esperança de viverem dias melhores, bem como buscar ou conservar uma identidade perdida, não conhecida pela sociedade brasileira. Há um sentimento de busca para sair do anonimato, como se os textos apresentassem, por meio das palavras escritas, um grito do indígena para chamar a atenção e ser visto, respeitado como povo diferente, existente com seus costumes próprios e sua rica cultura.

Intervalo 4:

Para finalizar a parte dos intervalos, os alunos assistirão ao filme “Xingu”, o qual conta a história de três irmãos que decidem viver uma grande aventura. Orlando (Felipe Camargo), 27 anos, Cláudio (João Miguel), 25, e Leonardo (Caio Blat), 23,

Villas-Bôas.

Segundo a sinopse do filme, os irmãos alistam-se na expedição Roncador-Xingu e partem numa missão desbravadora pelo Brasil Central. Os irmãos Villas-Bôas conseguem fundar o Parque Nacional do Xingu, um parque ecológico e reserva indígena que, na época, era o maior do mundo, do tamanho de um país como a Bélgica. Na aventura, mostrada pelo filme e baseada em uma história real, os irmãos Villas-Bôas conseguem passar pelo território Xavante, de índios corajosos e guerreiros sem nenhuma baixa de ambos os lados.

Ao recontar a saga dos irmãos, o longa metragem acompanha essa grande luta pela criação do parque e pela salvação de tribos inteiras que transformaram os Villas-Bôas em heróis brasileiros. Cabe ressaltar que a atividade torna-se relevante para a sequência básica uma vez que apresenta a história contada pela perspectiva do homem branco e não do indígena que vivenciou todo o processo de intervenção em seu cotidiano. O filme possibilita uma análise crítica do papel da expedição e uma reflexão sobre as suas consequências para as etnias indígenas da região.

Interpretação:

A interpretação, conforme registra Cosson (2014), torna-se o momento de se fazer o entrecimento dos enunciados, que se referem às inferências, até se chegar à construção do sentido do texto, envolvendo um diálogo entre autor, leitor e comunidade. O autor propõe, pensando no letramento literário, a interpretação em dois momentos: um interior e um exterior.

O momento interior refere-se ao acompanhamento da decifração, palavra por palavra, página por página, capítulo por capítulo, e envolve a apreensão global da obra que realizamos logo após terminar a leitura. Cosson (2014) denomina este momento de encontro do leitor com a obra.

O momento exterior é tomado pelo autor como a concretização da interpretação como ato de construção de sentido em uma determinada comunidade. É o momento em que o letramento literário feito na escola se distingue da leitura literária.

Cosson (2014) ressalta que as atividades de interpretação devem ter como princípio a externalização da leitura, ou seja, seu registro. O registro, para o autor, varia de acordo com o tipo de texto, a idade do aluno e a série escolar, dentre outros fatores.

Refletindo acerca dessas questões, será feita uma terceira leitura, comparando a primeira e a última a fim de refletir acerca das relações entre os textos utilizados como intervalos, buscando fazer inferências e atribuir sentidos ao texto, além de ressaltar o momento de fruição da leitura feita no início e a interação do leitor com o conto.

A atividade de interpretação será finalizada com a produção de uma história em quadrinhos em duplas no *site* interativo www.pixton.com. Por meio desta ferra-

menta, os estudantes terão a oportunidade de criar uma história sobre um índio que saiu de sua aldeia e veio morar na cidade. Os estudantes construirão os quadrinhos, as falas e escolherão as personagens envolvidas na história, fazendo uso da internet.

A atividade proporcionará aos estudantes utilizarem a criatividade, a imaginação e apresentarem suas impressões referentes ao texto literário. O processo de interpretação finalizará com a produção da história em quadrinhos nesta sequência básica. A produção final dos quadrinhos pode ser arquivada no próprio *site* ou compartilhada com outras séries da escola.

Vale lembrar que, assim como defende Cosson (2014), ao compartilharem suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura.

10. Ferramentas tecnológicas utilizadas:

Projeter multimídia, notebook, caixa de som, computadores, livros, laboratório de informática, internet.

11. Bibliografia

COSSON, Rildo. **Letramento literário: Teoria e prática**. 2ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

VILLAS-BÔAS, Cláudio e Orlando. **Xingu: Contos do Tamoin**. São Paulo: Kuarup, 1984.

12. Webgrafia

www.indiosonline.net

<http://www.vagalume.com.br/maria-gadu/amor-de-indio.html>.

http://www.youtube.com/watch?v=HA_0X2gCfLs

www.pixton.com

ANEXO 1

A força da sucuri

- *Urutsi*, nós já falamos em casamento, filho, morada e muita coisa mais. Agora eu queria saber se nesse casamento tão complicado pode haver separação.

- Pode sim. O motivo principal e o mais importante é se o casal não vier a ter filhos. Nesse caso, a separação se faz e cada um tenta novo casamento. Só que esse segundo não tem nenhuma preparação ou cerimonial.

- Mas no que nós devemos voltar a conversar, Villinha, é sobre o menino na passagem pra moço, quando ele fica preso também.

- Nós já vimos que a menina-moça fica presa até o cabelo cobrir todo o rosto.

- O moço não. A prisão é muito mais demorada, o primeiro período nunca é menos do que 10 1 12 luas (10 1 12 meses).

- Quer dizer que ele fica mais de um período preso?

- Perfeitamente. Depende do pai, se ele quer fazer do filho um grande lutador, aumenta os períodos de separação e continua dando ao filho o melhor alimento possível. De tempos em tempos, dá uma beberagem forte que provoca vômitos, medida que todos acreditam ajudar o desenvolvimento. Nessa ocasião, ele usa todo o tempo para aprender uma porção de trabalhos: tecer cestas, fazer pentes, flechas, ralo e muitas coisas mais. Durante a prisão, isto ao longo de todo o tempo, ele fala baixinho. Primeiro por acanhamento, segundo para não ser notado.

- E esse negócio de sucuri com o prisioneiro?

- É uma maneira que o pai tem para experimentar a resistência e a vontade do filho, para que ele se torne um grande lutador. O rabo da sucuri, com o qual, no final de tudo, ele vai dançar, transmite ao moço a sua poderosa força, e o bafo, a sua grande resistência.

- Mas como é que acontece tudo isso?

- Bem, primeiro, o pai procura até encontrar uma sucuri de 3 a 4 metros. Feito isso, um dia ele leva o filho até lá onde ele encontrou a sucuri desejada. Depois de provocar bem a cobra a ponto de irritá-la, ele manda o filho se aproximar dela e oferecer-lhe o braço para o bote. Nessa altura, o moço, prevenido, se defende com o braço e ali recebe o bote da cobra. Ele tem sempre o cuidado de manter o rosto virado, para evitar o que uma vez aconteceu com outro, de ser alcançado nesta parte. Quantos mais botes der a cobra, tanto mais contente fica o pai. Três botes é uma quantidade boa.

- Puxa! Isso já é uma luta.

- Sem dúvida. Depois, com grande esforço, ainda preso pelo braço, o moço arrasta a cobra para fora d'água, livrando-se dela com a ajuda do pai. Este, antes que a cobra fuja, corta-lhe o rabo, 3 palmos mais ou menos, e deixa que ela vá embora de rabo cortado. Terminada a luta, o filho volta à prisão e lá é arranhado (escarificado) com dentes de peixe e, sobre a arranhadura, o pai cuidadosamente passa a banha da sucuri.

- *Urutsi*, esse ritual não é nada mole!

- A coisa continua, Villinha, não acaba nesse dia não. No dia seguinte, o pai procura saber se o filho teve algum sonho. Se por acaso teve e o sonho foi sobre ca-

samento, o pai se aborrece porque acha que isso o enfraquece. Não contente com o acontecido, torna a fazer no filho nova escarificação e, desta vez, passa óleo de *piqui* (fruto silvestre) misturado com a banha da cobra.

- Essa brincadeira não acaba?

- Qual nada! Novo período de prisão. Desta vez, com saídas ocultas do moço para treinar luta com um companheiro, mas sem que ninguém veja. Um dia, o pai, contente, sabendo que o filho está em ótimas condições, leva-o ao centro da aldeia para lutar com qualquer adversário. Nessa ocasião anuncia que o filho está fraco, magro, que nada o engorda, que é bom que apareça alguém para derrubá-lo para ele aprender. Em verdade, ele está em boa forma. Deixando-o sozinho, volta a sentar-se na porta do rancho para de lá assistir a luta. Tudo saindo bem, a prisão é suspensa, mas caso contrário, começa um novo período de reclusão.

- E o rabo da sucuri, onde foi parar?

- Foi descarnado e cheio com um pau roliço bem moldado ou então com algodão, e posto para secar sobre o fogo. Uma vez seco, é sempre pendurado no punho da rede do filho. No dia em que sair da prisão, o moço dança o *uruá*, trazendo pendido nas costas o rabo da sucuri.

- Ainda bem que em todo esse tempo de prisão a alimentação foi à vontade.

- Aí você está enganado. Na prisão comum, sim, a alimentação é livre. Pra moça também é a mesma coisa, mas, com o ritual da sucuri, a coisa muda de figura. Durante o tempo em que está envolvido com a cerimônia da sucuri, não pode comer sal, peixe gordo, macaco, jacubim, macuco e mutum. Peixe magro pode comer, porém cozido, mas sem caldo.

ANEXO 2

Amor de Índio

Cantora: Maria Gadú

Compositor: Beto Guedes - Ronaldo Bastos

Tudo o que move é sagrado
E remove as montanhas
Com todo o cuidado, meu amor.
Enquanto a chama arder,
Todo dia te ver passar,
Tudo viver ao seu lado
Com o arco da promessa
Do azul pintado pra durar.

Abelha fazendo mel
Vale o tempo que não voou

A estrela caiu do céu
O pedido que se pensou
O destino que se cumpriu
De sentir seu calor e ser todo
Todo dia é de viver
Para ser o que for e ser tudo.

Sim, todo amor é sagrado
E o fruto do trabalho
É mais que sagrado, meu amor.
A massa que faz o pão
Vale a luz do teu suor
Lembra que o sono é sagrado
E alimenta de horizontes
O tempo acordado de viver.

No inverno te proteger
No verão sair pra pescar,
No outono te conhecer,
Primavera poder gostar.
No estio me derreter
Pra na chuva dançar e andar junto
O destino que se cumpriu
De sentir seu calor e ser tudo.

Sim, todo amor é sagrado
E o fruto do trabalho
É mais que sagrado, meu amor.
A massa que faz o pão
Vale a luz do teu suor
Lembra que o sono é sagrado
E alimenta de horizontes
O tempo acordado de viver.

No inverno te proteger
No verão sair pra pescar,
No outono te conhecer,
Primavera poder gostar.
No estio me derreter
Pra na chuva dançar e andar junto
O destino que se cumpriu
De sentir seu calor e ser tudo.

ANEXO 3

A vida do índio (Edmar Batista de Souza - Itohã Pataxó)

O índio lutador,
Tem sempre uma história pra contar.
Coisas da sua vida,
Que ele não há de negar.
A vida é de sofrimento,
E eu preciso recuperar.

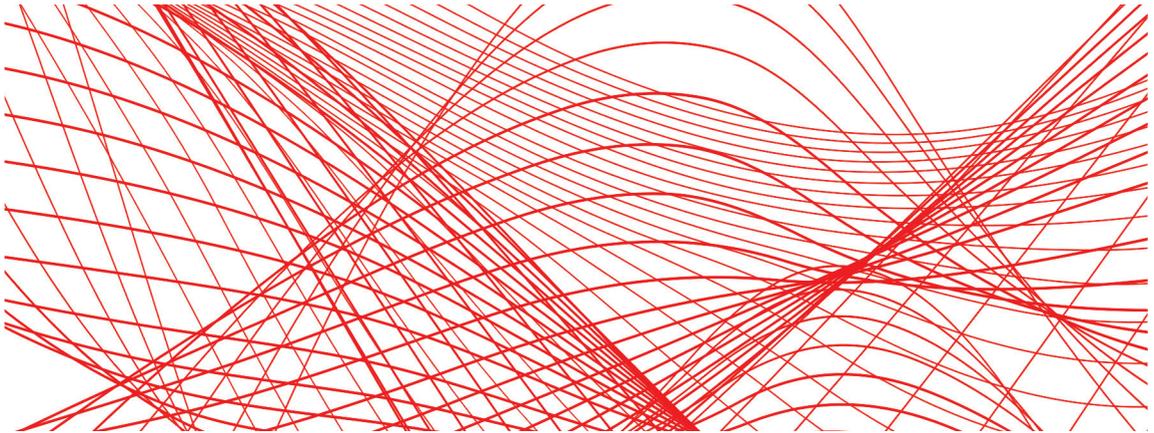
Eu luto por minha terra,
Por que ela me pertence.
Ela é minha mãe,
E faz feliz muita gente.
Ela tudo nós dar,
Se plantarmos a semente.

A minha luta é grande,
Não sei quando vai terminar.
Eu não desisto dos meus sonhos,
E sei quando vou encontrar.
A felicidade de um povo,
Que vive a sonhar.

Ser índio não é fácil,
Mas eles têm que entender.
Que somos índios guerreiros.
E lutamos pra vencer.
Temos que buscar a paz,
E ver nosso povo crescer.

Orgulho-me de ser índio,
E tenho cultura pra exibir.
Luto por meus ideais,
E nunca vou desistir.
Sou Pataxó Háháhãe,
E tenho muito que expandir.

(Publicado originalmente na Rede Índios on Line - www.indiosonline.net)



10 NOSSAS HISTÓRIAS, NOSSO PATRIMÔNIO CULTURAL

Edivaldo Aparecido Mazolini

Elaine Lima Xavier Babinski

1. Introdução

Esta sequência literária expandida foi elaborada com o intuito de resgatarmos a importância dos estudos literários voltados à fruição, a fim de atender as necessidades de ficção e imaginação imanentes do ser humano, principalmente as histórias e contos voltadas a nossa cultura popular que em muitos casos ainda permanecem na oralidade. Para tanto, será tomado como texto base o conto popular *O lobisomem*, de Mário Rizério Leite¹. Além dele, será apresentada uma música e outras obras literárias de natureza popular com ênfase no fantástico, os quais nortearão o trabalho a ser desenvolvido com alunos.

2. Temática a ser debatida

A temática desse trabalho consiste em fazer um resgate dos contos populares, que, há algumas décadas, consistia num gênero textual oral. Devido ao modo de vida da atualidade, pais e avós não têm mais tempo para contar histórias populares da cultura para filhos e netos. Assim, foram sendo deixados de lado pela família e até mesmo pela escola. A mídia televisiva ocupou esse espaço com outras histórias que, em sua maioria, não satisfazem a necessidade de fantasia e de ficção dos adolescentes. Então, esses jovens passam a consumir literatura gótica, ou até mesmo literatura de massa, com temas a partir de matizes culturais estrangeiras e deixam de ter acesso ao patrimônio cultural produzido pelos antepassados. Pretende-se aprofundar o debate acerca de como essas narrativas foram desenvolvidas e passaram a constituir o imaginário sociocultural e como eram vistas pela sociedade. Para tanto, serão trabalhados dois

¹ Mário Rizério Leite publicou “O lobisomem” em *Lendas de Minha Terra*. Bolsa de Publicações, organizado por Hugo de Carvalho Ramos em Goiânia, 1951, pp. 45-60.

intervalos que reforçam a temática em perspectivas diferentes das do conto.

3. Apresentação do autor:

Mário Rizério Leite nasceu em Brumado (Capital do Minério), no dia 08 de novembro de 1912. Ingressou, em 1931, na Faculdade de Medicina da Bahia e formou-se em 1937. Mário era um boêmio, esportista e amante da música e da dança de salão. Destacou-se, também, na literatura com a edição dos seguintes livros: Lendas de Minha Terra, sua primeira obra, publicada em 1951; romance Poeira no ar (1955); contos e lendas Xuruê (1970); romance Muçurana (1981); romance O Vaqueiro Ciriaco (2001). Elegeu-se para a Academia de Letras, ocupando a cadeira número 39, da qual tomou posse em 1984, no dia 8 de novembro.

4. Abordagens referentes aos aspectos narrativos no texto:

Nesta sequência, além das atividades de leitura, produção e compreensão serão trabalhados os elementos e a estrutura da narrativa, em um módulo específico, no qual o professor mediará a construção de conhecimentos dos aspectos da narrativa com outros conhecimentos prévios que os estudantes possuem. Esse estudo será desenvolvido através da participação dos alunos com suas observações e questionamentos.

5. Objetivo Geral:

Estimular os estudantes à leitura e à produção de contos populares fantásticos, ampliando o elo com seus familiares, para resgatar a cultura dos antepassados.

Objetivos específicos:

- Propiciar aos alunos momentos de interação com os colegas, com a família e com a escola;
- Resgatar no meio escolar e familiar os contos populares;
- Assegurar aos estudantes o acesso à leitura de obras que fazem parte da cultura popular;
- Possibilitar aos alunos o aprimoramento das competências leitoras e escritoras;
- Aprofundar os conhecimentos sobre estrutura e elementos da narrativa;
- Desenvolver a produção textual fundamentada na compreensão e conhecimento sobre determinada temática.

6. Módulos

Módulo 1 - Motivação:

A motivação será feita através de uma oficina intitulada contos populares que é uma adaptação de “Contos de fadas modernos”, proposta por Rildo Cosson, na obra Letramento Literário (2012). O professor pedirá aos alunos que relembrem as histórias populares que ouviram dos pais ou avós. Em seguida, os alunos, por turnos, vão expor à turma oralmente. Nesse momento, não há necessidade de escrever a história. Apenas farão o relato das lembranças.

Em seguida, o professor solicitará aos alunos que citem objetos da atualidade usados no cotidiano, que serão escritos em colunas no quadro – o ideal é que liste no mínimo quarenta objetos. Os alunos, em duplas, deverão escolher um conto popular para escrever, no qual devem incluir no mínimo dois objetos dos listados no quadro para incorporá-los à história. Após a produção, em sala, os alunos farão uma roda de leitura para socializarem suas produções. Em seguida, o professor passará um clipe da música “Mistérios da meia noite”, de Zé Ramalho.

Módulo 2 – Atividade extraclasse:

Os alunos solicitarão a seus pais ou avós que lhes recontem uma história popular, que ouviam quando criança. Os alunos escreverão essa história fazendo as adaptações que julgarem necessárias e a socializarão na próxima aula.

Módulo 3 – Socialização e leitura do conto:

Após socialização das produções textuais a partir das histórias contadas pelos pais ou avós, em um círculo de leitura, os alunos farão silenciosamente a leitura do conto “O lobisomem”, de Mário Rizério Leite.

Com a conclusão da leitura, os alunos terão um espaço para comentá-lo, expondo o que quiserem sobre o mesmo; também serão instigados, pelo professor, a refletirem, relacionando-o com as suas produções, escritas a partir das narrativas contadas pelos pais, estabelecendo principais aspectos que caracterizam um mesmo gênero na forma oral e na forma escrita.

Módulo 4 – Atividade extraclasse:

Nesta atividade, os alunos farão dois registros no “diário de leitura”. No primeiro, destacarão as impressões, sentimentos, emoções que tiveram ao ouvir uma história contada por alguém de sua família, bem como sobre as próprias histórias narradas a partir dos relatos de seus familiares. No segundo, consiste relatar acerca do conto “O lobisomem”: as impressões, sentimentos, emoções ou ainda o que o conto lhe fez pensar, tudo que em sua opinião merecer registro. Nessa atividade escrita, os alunos

também poderão comparar as duas narrativas expondo o que julgar importante.

Módulo 5 – Estudo da narrativa:

Neste módulo, o professor instigará os alunos a observarem os elementos e a estrutura das narrativas, mediando o acionamento de conhecimentos prévios que estes possuem acerca de narrativas. Todo este trabalho será desenvolvido em forma de debate, não será priorizada a teorização conceitual dos elementos e estrutura da narrativa.

Como atividade de fundamentação, os alunos assistirão ao vídeo em que é narrado oralmente o cordel “A chegada de Bezerra da Silva no céu”, de Lobisomem do Cordel. Em seguida, o professor questionará os elementos e estrutura da narrativa no referido cordel, solicitando aos alunos que, em duplas, relatem em quais partes do cordel ocorrem passagens narrativas.

Módulo 6 – Reescrita textual:

Os alunos retomarão a produção escrita a partir das histórias populares contadas pelos pais ou avós e produzirão uma narrativa ficcional tendo como tema contos populares fantásticos. O professor fará um retrospecto dos elementos e estruturas dessas narrativas e da diversidade de histórias produzidas a partir dessa temática. Para tanto, será organizado um círculo de leitura de contos populares oriundos do folclore de Mato Grosso e de Goiás. A produção será iniciada em sala e os alunos terão uma semana para concluí-la como atividade extraclasse.

Módulo 7 – Contação de histórias populares:

Os alunos ficarão incumbidos de encontrar, na comunidade, contadores de histórias populares e, juntamente com o professor, convidá-los a virem à escola para contar algumas histórias populares à turma.

Módulo 8 – Versão final da produção escrita e transcrição no caderno de produção textual:

Análise das produções, em conjunto com o aluno, abordando os desvios sintáticos e semânticos; analisando também a estrutura e a adequação da narrativa ao gênero conto popular, deixando as contribuições que forem necessárias à produção, antes de redigir a versão final. Os alunos cujas produções não atenderem aos quesitos previstos nos objetivos da sequência serão orientados à refacção e, se necessário for, receberão atendimento individualizado no apoio pedagógico.

Módulo 9 – Divulgação das produções:

As produções serão digitadas em um editor de textos, ou caso os estudantes prefiram ilustrá-las, serão escaneadas para a publicação em um livreto. Dentre as tur-

mas, os professores poderão selecionar alguns contos populares para publicação na Revista Escolar.

7. Ferramentas tecnológicas a serem utilizadas:

- *notebook* com acesso à internet;
- data show;
- caixa de som;
- pendrive;

8. Resultados esperados:

Com o desenvolvimento desta sequência literária, espera-se que os alunos estabeleçam um diálogo com seus familiares, fazendo um retrospecto cultural entre gerações, ou seja, que possam estabelecer um elo entre a cultura popular, geralmente divulgada na forma oral, e a escrita, que também enfrenta um momento de crise, devido à preferência da mídia televisiva estar voltada para histórias que compõem o patrimônio cultural de outros povos.

Assim, os alunos constatarão que em suas origens há contos populares que foram produzidos oralmente para atender a necessidade de ficção/fantasia dos antepassados, contando e recontando, inventando e reinventando ficcionalmente histórias do mundo real que passaram a constituir o patrimônio cultural literário. Isso os levará a perceberem que ao estudá-las, é possível ampliar o conhecimento sobre nossa formação cultural, além de desenvolver as competências leitoras e escritoras.

Diante do exposto, pretende-se que os alunos compreendam o contexto ficcional relacionando-o com o cotidiano, além de produzirem textos narrativos.

9. Bibliografia:

COSSON, Rildo. **O texto literário: teoria e prática**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

LEITE, Mário Rizério. **O lobisomem**. In: _____. **Lendas de Minha Terra**. Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos, Goiânia, 1951, pp. 45-60.

10. Webgrafia

Clipes Musicais da música *Mistérios da Meia noite* de Zé Remalho.

<https://www.youtube.com/watch?v=sfG4OojSalM&feature=kp>

<https://www.youtube.com/watch?v=FpUQsU097vM>

<https://www.youtube.com/watch?v=jSGTnbsRDtw>

VÍDEO DO CORDEL: O CORONEL E O LOBISOMEM – versão oficial de José Cândido de Carvalho.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qLTzbfopMmE>

VÍDEO DO CORDEL: A CHEGADA DO BEZERRA DA SILVA NO CÉU DE LOBISOMEM DO CORDEL.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bRPbOnbQxxE>

LEITE, Mário Rizério. **O lobisOMEM**

Disponível em: <http://www.consciencia.org/lobisomem-existe-conto-de-terror-folclore-brasileiro>

ANEXO I

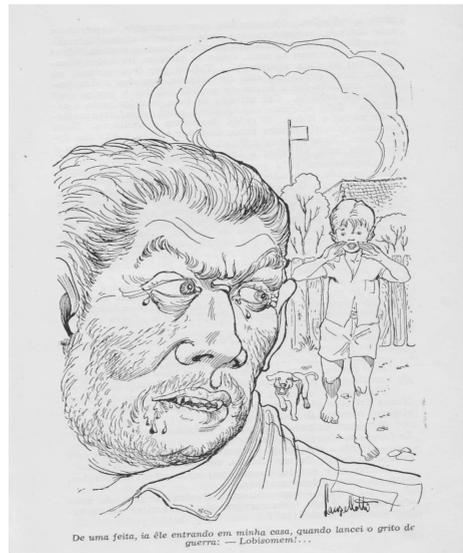
O LOBISOMEM

Conto de Terror do Folclore Brasileiro

No meu bom tempo de criança, naquela vilazinha sertaneja, minha terra natal, ouvia lindas histórias. A maioria está hoje esquecida. Uma porém, por haver tido existência real naquela época, impressionou-me tanto que me recordo dos seus menores detalhes. Seu protagonista foi um desses tipos de rua que toda gente conhece e estima por compaixão.

Porfírio era um velhinho baixo, amarelo e de barbicas no queixo. Era por demais conhecido em toda Bom Jesus dos Meiras. Dedicava-se a uma única profissão e não tinha concorrentes. Pilava arroz a quinhentos réis a quarta e reputava bom preço.

Porfírio era um velhinho baixo, amarelo e de barbicas no queixo. Era por demais conhecido em toda Bom Jesus dos Meiras. Dedicava-se a uma única profissão e não tinha concorrentes. Pilava arroz a quinhentos réis a quarta e reputava bom preço. Quem o visse nas ruas a arrastar-se de uma das pernas, escorado naquele bordão, não poderia ajuizar da tenacidade e persistência com que se detinha diante de um pilão, só o abandonando para a refeição que o próprio freguês lhe oferecia. Calmo e resignado, não deixava de ser irascível, quando as brincadeiras lhe não convinham. Era muito procurado e só trabalhava de empreita. Tinha família numerosa, morava distante da vila e não admitia que seus filhos o sustentassem, de vez que podia pilar arroz. Era reverente,



cuidadoso e sincero. Condenava a fraude como o maior dos pecados e temia o inferno como tribunal impiedoso de além-túmulo. Tomava rapé e fungava em excesso, o que o identificava à distância.

A garotada vadia era o seu terrível flagelo. Evitava-a medroso e irado, como satanás a cruz. Alguns já lhe conheciam o peso do bordão e se mantinham cautelosos e arredios. Passaram a adotar uma tática que a experiência lhes havia ensinado.

Em minha casa encontrava sempre trabalho para o seu ofício. De começo, éramos bons amigos. Cedo, porém, nos tornamos em cão e gato.

Chefiando a molecada travessa, não podia acender uma vela e dois senhores.

Quando ia à cozinha, a cata de algum torresmo, encontrava-o no alpendre. Passava por ele, fingindo boa intenção e nos olhávamos com respeito. Êle resmungava qualquer coisa que eu não entendia e continuava seu trabalho. Brigávamos sempre nas ruas, fora do alcance do bastão ou detrás dalgum obstáculo. Meu grupo batia em retirada, numa confusão dos diabos.

De uma feita, ia ele entrando em minha casa, quando lancei o grito de guerra:

— Lobisomem!...

Êle virou-se rápido. Percebendo que a distância não lhe concedia vantagens, atirou-me o bordão com violência. Desviei-me com calculada precisão, indo o projétil atingir, em cheio, o Cassimiro. Com um grito de dor, largou-se rua abaixo, numa carreira incerta e ridícula.

— Você é um deles, não perdi o meu tempo — exclamou satisfeito vindo em busca do pau.

— Nosso grupo se dispersou, receando uma surpresa.

Minha mãe atendia àquela série interminável de queixas, às quais eu havia de reparar com oneroso tributo. Obrigava-me a vestir um camisolão de pano ordinário que, de tão grande e frouxo, tirava-me toda a agilidade. O próprio Porfírio teria compaixão de mim, naquele traje.

— Assim ficarás em casa — dizia ela.

Na verdade, era-me perigoso qualquer excursão dentro daquele pastel, como era conhecida tal vestimenta. Eu, sem o querer, assumia o aspecto grotesco de um peregrino saído de Canudos. O pano era tecido ali mesmo, no Tanque de Pedra, com o algodão mais barato da safra.

Dentre os cães que se intrigaram comigo, em virtude de camisola, um se destacava pela tenacidade e ousadia com que me importunava. Era o afamado “Tamandaré”

de propriedade do Dr. Mário Meira. Assemelhava-se a um espião inteligente e sua jurisdição estendia-se até minha porta. Às vezes, cansado, por certo, de perambular pelas ruas, deitava-se no meu terreiro. Apenas punha eu os pés fora de casa, saltava ele de lá, furioso, obrigando-me a recolher rápido.

Houve uma ocasião, na qual saí de camisola, contra os meus hábitos. Esta aventura notabilizou-se na vila, em virtude do desfecho burlesco que teve. Pelo espaço de duas semanas fiquei em casa, envergonhado, desmoralizado.

Munido de todas as normas de precaução, saí para “dar uma voltinha” no velocípede do Parmênio. O cão dormia no terreiro e não me foi difícil chegar até lá.

— O velocípede está no quintal — disse-me ele.

Fui buscá-lo e escolhi a calçada para meus exercícios. Uma garota que eu tinha como namorada, observava minhas acrobacias. Esquecendo, por momentos, a pavorosa saia listrada, empenhava-me num sensacionalismo infantil, na pretensão de ampliar meu prestígio junto à amada. Meus olhos procuravam os seus, como se pudesse ler neles o entusiasmo de uma aprovação. Talvez por isso mesmo, ao fechar uma curva no alto da calçada, um das rodas traseiras repuxou-me a barra do vestido. Senti o perigo mas não pude evitá-lo. Fui atirado ao solo, o velocípede a cavaleiro. Este acidente representou, para mim, uma catástrofe moral e física. O ruído despertou o cachorro. Num instante, investiu contra mim, sem dar tempo a que me defendesse. Num relance adivinhei a desigualdade da luta e encontrei uma solução: a fuga.

Disparei-me pela praça em fora, em busca de casa, numa corrida cuja velocidade faria inveja a qualquer campeão no gênero. O medo e a vergonha obrigaram-me àquela retirada sem precedentes. O vento deslocado enfunava a camisola, como se fosse um balão, prestes a se elevar. Esta circunstância protegia o meu cruel perseguidor que, por duas vezes a alcançou com os dentes. Desastradamente também, por duas vezes, fui ao chão, numa nuvem de poeira. A turba gozava aquele espetáculo. Eu, por força de um cão desaforado, desempenhava o papel perigoso de um palhaço improvisado. As vaias enchiam o espaço e golpeavam-me o rosto, onde o sangue acorria, num pudor incon-tido. Não contentes com as zombarias instigavam, em altas vozes, o desumano carrasco. O fundo do meu vestuário havia desaparecido: “Tamandaré” já o estraçalhara com os dentes.

Agora eu corria quase nu, o que me ampliava às preocupações futuras.

— Ecô!... Ecô!... Pega!... Pega — gritavam.

Não podia e nem tencionava olhar para trás. O receio de um atropelo e a nudez posterior não me permitia isso.

Finalmente alcancei a casa, exausto e em farrapos. Numa tal situação, não há filosofia capaz de equilibrar o sistema nervoso de um Diógenes.

O “galo” da testa doía muito mais do que os arranhões da face e as dentadas das pernas.

— Perdi a namorada — murmurei, desolado. Com este escândalo fiquei desmoralizado, caí no ridículo...

Minha mãe surgiu, como sempre, bondosa e enérgica, para os necessários curativos.

— Aí está! — censurou-me. Devias ter pejo de uma coisa desta. Ainda terás coragem de sair assim? Já te esqueceste da “Borboleta”?

Eu não estava para apreciações. A água-de-sal ardia-me terrivelmente. Maior, porém, era a dor moral de haver perdido a namorada e desmerecido a confiança dos meus soldados.

O velho Porfírio deveria dar boas gargalhadas, se me visse em tal estado. Não lhe dei, contudo, este prazer; escondi-me. Certamente estaria ele estranhando minha ausência e desejando que a mesma se prolongasse. Fiquei com raiva do velho.

Nosso grupo achava-se reunido na porta de casa, naquela noite. A Filinha, ao passar, encarou-nos desconfiada, resmungando entre dentes:

— Os capetas estão reunidos...

Já não se falava mais na “história do Tamandaré”. Eu me reabilitara completamente e a namorada era a mesma. Contávamos casos e traçávamos planos de caçada. Na roça do coronel Santos existiam preás. Na Cavallhada, um quarto além, havia juritis.

O “Lindo Preto”, assim chamado por causa da côr da pele, era perito em abelhas. Sempre tínhamos mel.

— Sei de três arapuás, no Fonte-do-Meio, dizia.

— Achei duas camas de preás — afirmava o Sinhô de Júlia. j

Isto me fazia pensar na espingarda de cano de guarda-chuva, cuja construção havia deixado a cargo de Virgínio. O Manoel Antônio tomou a palavra:

— Vocês já pensaram no velho Porfírio? A quaresma está perto.

— Deveras! — exclamou o Cassimiro, como se ainda sentisse a bordoadas nas pernas. Dizem que êle “vira” lobisomem.

— É preciso ter cuidado! advertiu o Ariston de Cazuzza. Êle não gosta de nós...

— Isso será verdade? — indaguei.

— Ora se é! — retrucou Manoel Antônio. Toda a gente da vila acredita. É só reparar nele, depois da Páscoa. Fica todo arranhado e fraco que só vendo...

— Como é que se “vira” lobisomem? — perguntou o Sinhô de Júlia.

— Os mais velhos contam assim:

Por ocasião da Quaresma, pressentindo a aproximação do encanto, Porfírio desaparece. Abandona a casa e interna-se no mato, em busca de uma capoeira velha. Na Quinta-Feira-Santa, por volta da meia-noite, deita-se num espojador de animais, aí permanecendo a rolar de um lado para outro, envolto em poeira. Quando no relógio da Igreja soa a derradeira badalada das vinte-e-quatro horas, a transformação começa. Em primeiro lugar os pés, em seguida os braços e finalmente a cabeça e o resto do corpo. Depois se levanta, sacode as orelhas enormes e emite um uivado lúgubre e prolongado. Em seguida, parte em louca disparada, atacando todo o vivente que encontra. O sacudir das orelhas colossais produz um ruído característico, como se um bombo gigantesco vagueasse no escuro da noite, tocado por mil demônios. Tem predileção por criancinhas e cabritos. As galinhas são ingeridas com as penas, as quais, por inúteis, são vomitadas no dia seguinte, à sombra de uma gameleira. Os cães o perseguem sempre, entrando, com êle, em lutas desesperadas. É perigoso ser alvejado com arma de fogo, a menos que seja atingido no dedo-mindinho.

Pai João disse-me que, se ele chegar a ser ferido nesse dedo, a visão do sangue quebrará o encanto.

Ontem mesmo “seu” Teófilo estava dizendo que havia presenciado, escondido, o velho “virando” lobisomem.

Nossa atenção estava fixa na história do companheiro, que era o mais velho da turma. Somente a sua voz ressoava no ambiente, modulando no ar a impressão de um perigo que nos rondava.

— Fecha a boca, Lindo Preto! — reclamou o Ariston, intrigado com o hábito do outro.

O preto resmungou amuado e corrigiu, com disfarce, a posição dos lábios.

— É como estou falando, companheiros — continuou o Manoel Antônio. Se duvidam, é só reparar no velho Porfírio. Êle desaparece naquele espaço entre a Quarta-Feira-de-Cinzas e o Domingo-de-Páscoa...

Estávamos em plena Quaresma. A apreensão era grande e uma forte tensão de espírito nos tirava o sossego.

Tínhamos bem presente a última recomendação do amigo:

— Depois da meia-noite, quando a vila quase toda estiver dormindo, prestem ouvidos. A cachorrada fica assanhada. Num dado momento larga a correr no encalço de um grande cão de orelhas desmedidas e olhos enormes e afogueados.

O velho Porfírio sumira-se, havia dias. Ninguém sabia dizer onde se achava. Nosso grupo ardia em curiosidade, pondo-se de atalaia ou dedicando-se a sérias inves-

tigações. Pouco havíamos conseguido, no entanto, pois o medo nos acompanhava em toda a parte. Sem embargo, alguma coisa tínhamos descoberto: o velho desaparecera.

A derradeira pancada da meia-noite acabava de soar, no relógio de minha casa. Ecoou como uma vibração sinistra e agourenta, agitando o manto escuro e misterioso de uma noite mal-assombrada.

Uma atmosfera de receio nos envolvia pesadamente, contornando toda a praça num silêncio de morte. Impacientes e muito quietos, procurávamos um vislumbre de ruído dentro das trevas.

— Está demorando — disse um do grupo.

Súbito, um barulho longínquo para as bandas do Escôncio. Aos poucos, foi-se tornando mais perceptível, a medida que se aproximava da vila, até se tornar numa algazarra ensurdecadora. A julgar pela confusão dos uivos e latidos, deviam ser numerosos os componentes daquele grupo infernal.

— Lá vem a coisa! — falou o Manoel Antônio. Vamos entrar e fechar as portas.

Num movimento instintivo, corremos para dentro, fazendo eu questão de não ser o último.

O ruído avançava vertiginoso, cada vez mais forte, a medida que se ampliava o número dos perseguidores. Defronte o vetusto cemitério interdito, o cortejo estacou ruidoso. Uma luta dantesca se generalizou. Uivos lancinantes de cães batidos chegaram até nós, numa espécie de lamento que nos causava arrepios. Bruscamente o desfile precipitou-se na direção da praça. Ao dobrar a esquina, tivemos a impressão nítida de que vinha sobre nós. Algumas das poucas casas abertas, fecharam-se com estrépito. A estranha comitiva atravessou célere a Praça do Mercado, enveredou-se pela Rua do Paço, até não mais ser ouvida.

De vez em quando percebíamos um leve murmúrio para os lados da Rua da Gameleira, ao pé da ponte.

— Será que foram embora? — indaga o Lindo Preto, que morava por lá.

— Vocês ouviram o barulho das orelhas? — perguntou Manoel Antônio.

— Eu ouvi.

— Eu também.

E assim estivemos comentando o estranho fato. Nosso historiador de costume, descia a minúcias sobre a biografia do enigmático velhinho.

A certa altura lançou-nos esta advertência:

Deixem de andar importunando o velho! Com quem “vira” lobisomem, não

se brinca...

— Ariston! — Chamou o Lindo Preto —, que vamos fazer agora?

Colhido de surpresa sobre uma questão que não lhe havia passado pela mente perturbou-se e esteve algum tempo meditando.

— Só há um jeito — disse. Ficarmos aqui, com o Azarias.

— Com muito gosto — secundei.

Essa decisão voltou a tranquilizá-los. O Sinhô de Júlia e o Cassimiro eram meus vizinhos; não tinham problemas.

— Escutem! bradou o Altamirano de Virgínio. O “negócio” vem voltando.

Na verdade, o tropel retomava a nossa direção, com mais furor e balbúrdia. Com as janelas semicerradas procurávamos lobrigar o perigo, sem maiores cuidados. Já agora estava tão perto que nos obrigou a fechá-las. O bando chegou ao nosso terreiro, onde a refrega assumiu proporções excessivas. Dois cães foram lançados à distância, soltando uivos aflitivos. Mas outros retiraram-se ganindo.

— Não faça isto, Cassimiro! — vociferou o Manoel Antônio. Você está louco! Ele nos pega!... Feche a janela!...

Pouco depois o séquito dirigia-se para a Rua de Cima e enveredava-se pelo caminho donde surgira, deixando no espaço notas soltas de uma sinfonia macabra.

Passada a Semana-Santa, o velho Porfírio continuava desaparecido.

Casualmente encontrei-me com um de seus filhos, o Zé Barriguinha, como era conhecido.

— Olá, Zé! Onde está o seu pai?

— Está doente. Foi cortar lenha, feriu-se com o machado. Vim buscar remédios.

— Onde foi o ferimento?

— Numa porção de lugares.

Todos nós sabíamos que o velho não era lenhador, em virtude de uma enfermidade que o impedia. Além do mais, um machado, por mais desastrado que fosse o seu manejo, não causaria tantos ferimentos, de uma só vez, e em pontos diversos.

Certo dia reapareceu em minha casa. Lá estava ele todo encolhido a um canto do alpendre, sentado no lugar predileto.

Minha mãe perguntou-lhe:

— Como vai passando “seu” Porfírio?

— Nem bem nem mal, D. Ciça... Como Deus é servido.

Havia naquela voz uma tristeza tão profunda, que não resisti a tentação de observá-lo mais de perto. Fingindo que ia à procura de um objeto na cozinha, parei-me junto dele, em atitude pacífica. Espantei-me com o aspecto deplorável do seu rosto. Pareceu-me que se empenhara num tremendo duelo com dezenas de gatos.

Voltei a meditar nas palavras de Manoel Antônio. Um arrependimento poderoso apossou-se de mim. Senti que o remorso tocava, de maneira impressionante, a fibra mais sensível do meu coração. Tive compaixão do infeliz e atribulado velhinho. Ia dirigir-lhe a palavra, num desabafo de conciliação, quando êle se levantou de mau-humor, en-caminhando-se para o quintal. Notei-lhe demasiada fraqueza no corpo. O andar bamboleante fazia-o dobrar as pernas trôpegas, numa ginástica excruciante para evitar uma queda. Senti uma pressão no peito e me afastei desapontado.

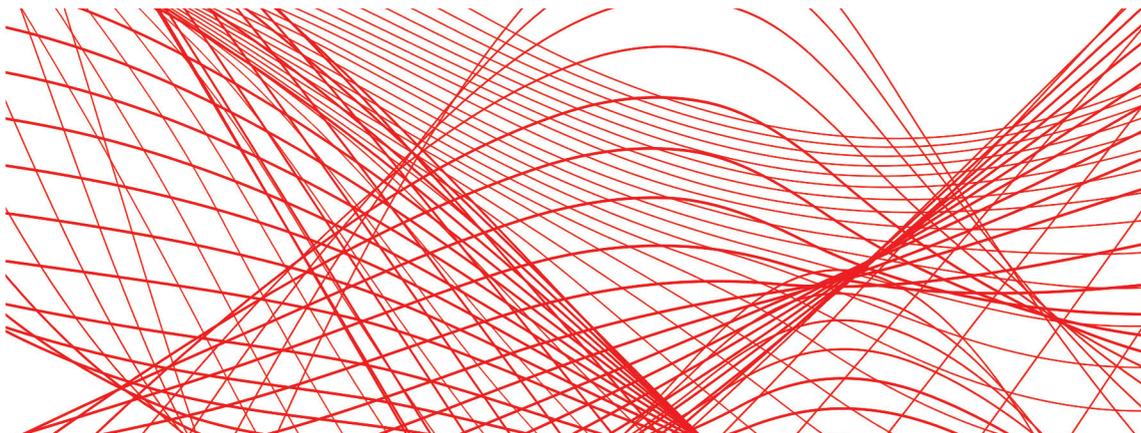
No ano seguinte, o mesmo drama se repetiu. Mil demônios percorreram a vila em desabalada correria e pavorosa confusão, levando o terror e a inquietação a todos os lares.

Uma semana depois, uma notícia que consternou a todos espalhou-se dolorosamente por toda a povoação de Bom Jesus dos Meiras.

A alferes Cirilo havia dito, na feira:

— O velho Porfírio morreu...

Seu corpo fora encontrado numa capoeira velha, dentro de um espojador de animais.



11 O BICHO PAPÃO DESMASCARADO

César Vicente da Costa

1. **Texto:** *Bicho papão* – da obra *Diário de uma quase*
2. **Autor:** Paulo Sesar Pimentel **Editora:** Carlini & Caniato **Ano:** 2010
3. **Série indicada:** 3ª fase do 3º ciclo (9º ano) do Ensino Fundamental
4. **Duração:** 10 aulas
5. **Temática a ser debatida a partir da leitura do texto:**

A violência contra a criança vem sendo debatida e combatida constantemente nos meios de comunicação de massa e é tema recorrente no interior das escolas. Na Escola Estadual Padre Ezequiel Ramin, esse assunto também é preocupação dos professores que discutem o assunto na Sala do Educador (formação continuada dos profissionais da educação), para tentar encontrar a melhor forma de abordar essa questão. O texto *Bicho papão*, de Paulo Sesar Pimentel, apresenta subsídios para o trabalho do tema com os alunos da 3ª fase do 3º ciclo, primeiramente, porque o título leva o adolescente a lembrar as lendas e mitos que permeiam o folclore brasileiro, e que possivelmente já ouviram relatos através de algum parente próximo (pai, mãe, tio, avô). Segundo, porque o conto nos mostra o sentimento de impotência juvenil diante do “monstro”: “Não queria mais a menina dormir, descansar era-lhe impossível... Era-lhe impossível qualquer sonho.” (PIMENTEL, 2010, p. 21). Esse excerto demonstra toda a fragilidade da criança em relação ao adulto e por último deixa claro que a criança violentada muitas vezes não tem o apoio necessário dos familiares: “A mãe ocupada demais. Os irmãos crescidos já indiferentes a medos” e a total indiferença da sociedade “a corja humana não a notava”, como acontece na maioria dos casos na vida real (PIMENTEL, 2010, p. 21).

6. Apresentação do autor:

Paulo Sesar Pimentel é natural de Coronel Sapucaia–MS e mora em Mato Grosso há mais de 20 anos. É graduado em Letras (UNEMAT/Sinop-MT) e mestre em Estudos de Linguagem (MeEL/UFMT). Publicou as coletâneas de contos *Café com Formigas* (2005), *Ângulo Bi* (2002), (com outros autores mato-grossenses), *o guia de leitura Dez Modernistas*(2004), (com Santiago Villela Marques), *Diário de Uma Quase*(2010) e *O cão sem penas*(2014). Atua como professor de literatura no Ensino Médio e Superior em Cuiabá-MT.

7. Estrutura textual:

Bicho papão é o segundo conto da obra *Diário de uma quase* (2010), segundo livro do autor Paulo Sesar Pimentel. Nos elementos estruturais encontramos todos os itens que o determinam como conto, pois é um assunto ficcional e imaginário, a narrativa é linear e condensada (o narrador atua como observador), tem um número reduzido de personagens (pai, mãe, filha e irmãos), o tempo e o espaço são bem delimitados. É um conto que nos faz refletir acerca de nós mesmos e de nossa vida em sociedade. A experiência vivida pelas personagens reflete o mundo a sua volta, uma experiência literária que transporta a ficção para a realidade instantaneamente, considerando que se trata de um tema atual e de ampla discussão social.

É inegável a função social que a literatura exerce, por isso, a didatização proposta tenta marcar ainda mais o território da literatura na escola, conforme preconiza Cosson (2006, p. 47):

As práticas de sala de aula precisam contemplar o processo de letramento literário e não apenas a mera leitura das obras. A literatura é uma prática e um discurso, cujo funcionamento deve ser compreendido criticamente pelo aluno. Cabe ao professor fortalecer essa disposição crítica, levando seus alunos a ultrapassar o simples consumo de textos literários.

É nessa linha de pensamento que o professor deve abordar o conto. Ele tem a incumbência de desmistificar a literatura como uma leitura para o simples deleite ou com o foco nos elementos estilísticos e estruturais, sua mediação como formadora perpassa esses itens citados anteriormente, mas para se efetivar o letramento literário, o aluno deve ter condições de avaliar criticamente um texto ou uma obra literária completa. E a sequência básica sugerida pelo autor citado e desenvolvida nesse trabalho tem essa intenção.

8. Objetivos:

- Motivar e preparar os alunos para a leitura do conto para que percebam a estética e a temática a ser trabalhada no conto;

- Apresentar autor e obra para que esse estreitamento de relações entre leitor, obra e autor se torne prazerosa;
- Ler, interpretar e fruir esteticamente o conto em estudo;
- Produzir uma peça teatral baseada no conto lido e na temática abordada durante a sequência básica.

9. Atividades:

As atividades para o letramento literário a partir do conto *Bicho papão* seguirão o processo de sequência básica proposta no livro “Letramento Literário”, de Rildo Cosson (2006), e terá as seguintes etapas:

Motivação

Quando os alunos chegarem à sala de aula, encontrarão vários cartazes e banners pendurados na parede, que se referem à Campanha de Prevenção à Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes. O professor estará vestido com uma camiseta da referida campanha e no quadro estará escrito as seguintes palavras: violência, pedofilia, incesto e bicho papão. Em seguida, numa breve atividade oral, ele irá perguntar aos educandos se já conhecem a campanha e de que forma eles tiveram contato com ela. Perguntará também sobre as palavras escritas no quadro, a fim de constatar se os alunos conhecem o significado delas e, posteriormente, oferecerá aos alunos um dicionário para que possam realizar a leitura dos verbetes das palavras listadas no quadro, para constatar se realmente seus conhecimentos acerca daquelas palavras estão corretos. Para finalizar, o professor esclarecerá alguns pontos que os alunos ainda não tiverem clareza sobre a campanha, comentará sobre a pesquisa no dicionário. A motivação preparará os alunos para a introdução na temática do conto e no universo da leitura a ser realizada, buscando uma construção dos sentidos e significação da obra.

Introdução

A introdução, segundo Cosson (2006, p. 57) é “a apresentação do autor e da obra”. O professor levará os alunos para o laboratório de informática da escola, e eles realizarão uma pesquisa na internet, buscando informações básicas sobre o autor e a obra. Para isso, o professor utilizará os links:

<http://editora-carlini-caniato.blogspot.com.br/2011/01/paulo-sesar-pimentel-sobre-obra-diario.html> e

<https://www.facebook.com/pimpaulo?ref=ts&fref=ts>.

No primeiro link, o aluno irá navegar no blog da editora Carlini & Caniato que publicou o livro *Diário de uma quase* (2010), de onde foi extraído o conto em estudo. Ele encontrará informações básicas a respeito da obra e do autor. No segundo

link, o educando terá acesso à rede social *Facebook* em que o autor mantém um perfil e poderá conhecê-lo melhor, saber o que ele compartilha, visualizar suas fotos, suas publicações e também mandar convite para adicioná-lo como amigo ou apenas segui-lo. Na sequência, o professor apresentará o livro impresso para os alunos e realizará uma leitura coletiva e destacará algumas inferências sobre a obra total e o conto escolhido. Procederá ainda a leitura da orelha do livro em que há uma apreciação crítica de Mário Cezar Silva Leite. Após essa leitura, eles poderão manusear um exemplar do livro impresso.

Leitura

Para a leitura, os alunos se deslocarão ao laboratório de informática e mais uma vez e acessarão o link: <http://sociedadedospoetasamigos.blogspot.com.br/2012/05/paulo-sesar-pimentel-professor-e.html>.

Nesse blog, eles encontrarão novamente informações sobre o autor e a obra, mas o objetivo será ler o conto *Bicho papão* que está publicado e disponibilizado para eventuais consultas. A leitura será realizada de forma individual e silenciosa, logo após, o professor, por ser um leitor mais experiente e se tratar de um texto curto, realizará a leitura do texto na íntegra para que os alunos possam perceber melhor a composição e a estética de um texto literário e consigam compreender bem a temática tratada no conto. No final, será dado o enfoque de como a literatura pode ser apreciada por outros suportes de leitura, que não apenas o livro impresso.

Intervalos

Cosson, (2006, p. 64), fala dos intervalos de leitura e nos diz: “por meio dele o professor resolverá problemas ligados ao vocabulário e à estrutura composicional do texto, entre outras dificuldades ligadas a decifração.” Considerando o exposto, mesmo o texto não sendo muito extenso, o professor deve lançar mão desse recurso para que o aluno obtenha uma melhor compreensão para que o Letramento Literário o leve à fruição estética do texto lido.

Intervalo 1:

Para o primeiro intervalo, considerando a temática do conto, o professor realizará uma atividade interdisciplinar com o CREAS – Centro de Referência Especializado de Assistência Social de Juína-MT. Convidará a psicóloga responsável pelas campanhas de não violência contra crianças e adolescentes no município. Ela proferirá uma palestra sobre as campanhas, aos alunos da turma da 3ª fase do 3º ciclo “A”. Essa palestra contribuirá para que os alunos relacionem o conteúdo com a temática do conto, que traz um caso de violência contra uma criança.

Intervalo 2 :

Para o segundo intervalo, será projetada, na sala de vídeo, a “**Cartilha Educativa da Campanha de Prevenção à Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes**” – disponível no link abaixo: http://portal.mj.gov.br/sedh/spdca/T/cartilha_cartilha_educativa_SEDH_1512.pdf

Essa cartilha foi produzida em uma iniciativa conjunta do Poder Público, setor empresarial e sociedade civil. Ela aborda os principais tipos de violência que as crianças e adolescentes sofrem e como eles podem se defender.

Intervalo 3:

Para esse intervalo, será realizada uma atividade extraclasse. A atividade será resgatar o conhecimento dos pais e avós dos alunos envolvidos, a respeito do bicho papão com o auxílio de um questionário produzido por eles com a orientação do professor. Os alunos deverão anotar as respostas obtidas, aqueles que possuírem aparelhos celulares com a tecnologia de gravação de vídeo e/ou voz, poderão apresentar da forma que for mais conveniente. Os conhecimentos adquiridos serão socializados na aula posterior.

Intervalo 4:

Neste intervalo, assistiremos ao filme *Monstros SA Universidade Monstros*, disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=9PzD1C6IhDg>. O filme conta a história de uma cidade chamada Monstrópolis, na qual há uma empresa chamada Monstros S.A. Seu objetivo é captar energia por meio do trabalho dos seus funcionários, que são especializados em assustar crianças, e os sustos são transformados em energia. A fábrica de sustos fica localizada em uma dimensão paralela e ela constrói portais que levam os monstros para os quartos das crianças. Nesse aspecto em particular, o filme tem uma aproximação com o conto em estudo, pois o quarto de uma criança é também o espaço onde o conto se desenvolve.

O aspecto lúdico do filme é o ponto forte deste intervalo, pois faz um contraponto com o conto em estudo que tem um caráter mais sombrio e amedrontador.

Considerando esse e outros aspectos do filme, associado com a leitura do conto, a pesquisa realizada com os pais e avós dos alunos e a palestra realizada pela psicóloga, procederemos a uma análise mais detalhada sobre a personagem principal do conto, do filme e as pesquisas realizadas. Faremos alguns questionamentos para os alunos, para verificar se eles conseguem estabelecer relações entre eles:

Quais são as características do bicho papão do conto?

Quais são as características do assustador no filme *monstros S.A*?

Quais as semelhanças e as diferenças entre eles?

Quais são as características do “bicho papão” apontados nas pesquisas com os

pais e avós?

Existe bicho papão na vida real? Algum ser humano poderia ser considerado um bicho papão?

Qual deles é mais feio ou mais assustado? O do conto? O do filme? Ou aqueles que vocês pesquisaram?

Por que algumas crianças têm medo dos adultos?

Parte 5: interpretação

Na interpretação, os alunos agenciados pelo professor, se organizarão para montarem uma peça teatral baseada no conto *Bicho papão* e em todos os conteúdos vistos e discutidos em sala de aula. A peça teatral, será apresentada para a comunidade escolar em algum momento festivo da Escola Estadual Padre Ezequiel Ramin em Juína-MT. A peça escrita deverá ser publicada no jornal escolar *Informezequiel* e também filmada para ser publicada no *Facebook* da referida escola.

10. Ferramentas tecnológicas a serem utilizadas:

Livro, *notebook*, *data show*, cartilha digital, lousa digital, laboratório de informática, celular, *banners* e cartazes.

11. Conclusão:

Será fundamental a participação efetiva do aluno, não como mero espectador (que afasta o leitor do texto literário) como tradicionalmente se construía o perfil do aluno/leitor. Espera-se que os alunos, ao final desta sequência, possam se posicionar criticamente como sujeitos da apreensão do conto estudado e que relacionem a ficção com a vida real realizando uma atualização da obra literária.

12. Bibliografia:

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.
PIMENTEL, Paulo Sesar. **Diário de uma quase**. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2010.

13. Webgrafia:

<http://editora-carlini-caniato.blogspot.com.br/2011/01/paulo-sesar-pimentel-sobre-obra-diario.html> acesso em: 13/06/2014.

<http://sociedadedospoetasamigos.blogspot.com.br/2012/05/paulo-sesar-pimentel-professor-e.html> acesso em: 13/06/2014.

<http://www.infoescola.com/redacao/conto/> acesso em: 13/06/2014.

<https://www.facebook.com/pimpaulo?ref=ts&fref=ts> acesso em: 13/06/2014.

<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/anagrama/article/viewFile/7604/7000> acesso em: 13/06/2014.

http://www.youtube.com/watch?v=Qe8s4gjP_mw acesso em: 13/06/2014.

<https://www.youtube.com/watch?v=9PzDlC6IhDg> acesso em: 29/10/2014.

http://portal.mj.gov.br/sedh/spdca/T/cartilha_cartilha_educativa_SEDH_1512.pdf acesso em: 13/06/2014.

<http://www.brasile scola.com/folclore/bichopapao.htm> acesso em 13/06/2014.

ANEXO 1

Bicho papão

O monstro vinha quase toda noite. Era só a mãe apagar a luz que ele deslizava leve, sutil, fluido e esfumaçado. A princípio, ele só olhava. Ela nem sequer abria os olhos, mas percebia as brasas queimando no escuro, esperando, aguardando, com um cheiro nauseabundo a inundar as narinas, suadas e dilatadas, da menininha assustada. No princípio era isso, olhava. Depois ia embora, mas deixava a presença na memória, assustada demais, que não pegava no sono, o que talvez explique as olheiras que começaram a deslizar por sua face. Monstros deveriam ser impedidos de agredir, de atacar, mas eles sempre encontram o atalho mais curto até o susto das criancinhas.

Ninguém notava absolutamente nada. As olheiras, sozinhas, em pouco tempo se somaram a um cansaço que a deixava lânguida em toda a pequenez desajeitada de pré-adolescente. Letargia. Mas ainda era pouco. O monstro já se revelava e nem que as noites insones deformassem completamente a impúbere criaturinha, a vontade de ferir, machucar, tomar pra si se revelaria em sua forma quase que abstrata. Por toda a vida, as marcas do medo ficariam. O medo é o pior ferro em brasa, queima profundo e deixa sequelas, queima mais e deixa mais sequelas, queima as sequelas formando outras, maiores, mais fundas, mais eternas e invisíveis. O que verdadeiramente dói é invisível aos olhos, dos outros.

A litania do monstro formava já uma ladainha de gemidos ocos, sentidos, dor ou prazer, qualquer limiar, impossível de traçar. Existia ele e ela sabia. Estava instaurado o medo. Estava instaurado um certo caos. Era crescente. Um buraco negro incontrollável. Não queria mais a menina dormir, descansar era-lhe impossível... Era-lhe impossível qualquer sonho. Maturidade sofrida em corpo infantil. As carnes parcas da criaturinha sobre a cama nem sequer reclamar podiam. A mãe ocupada demais. Os irmãos crescidos e já indiferentes a medos. Ou causadores dele num mundo que não é feito para meninas. Mas ela sabia que ele existia. Mais cedo ou tarde, suas mãos grandes, ásperas e peludas passeariam pelo corpo impúbere. Cedo ou quem sabe cedo demais não haveria escapatória. Seu corpinho seria destroçado por toda a brutalidade

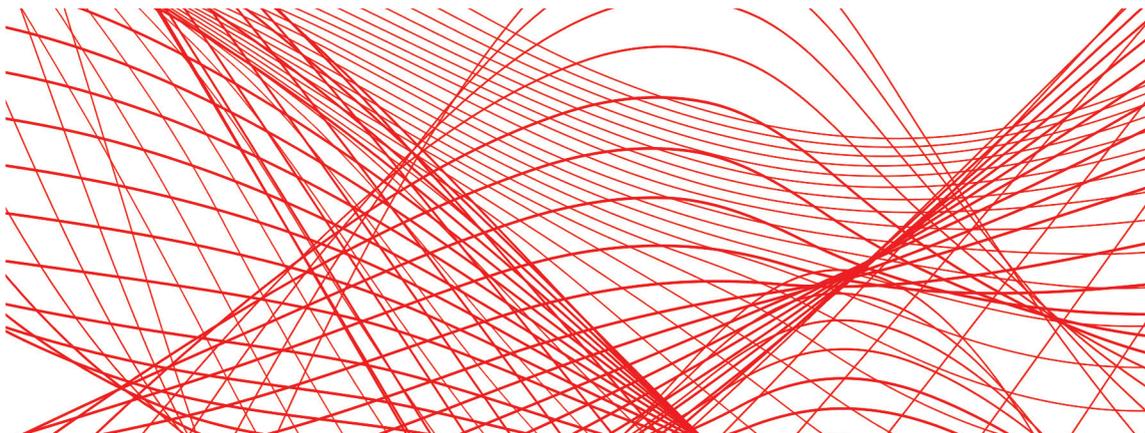
que vinha dessa luz efêmera, desse bafo forte, desses brilhos maldosos atrás da porta, espiantes, curiosos de suas formas humanas.

Que se faz? Sozinha no mundo, esquecida no escuro, com a vida na mão e nenhuma experiência de como se defender? Que se faz com tanta tristeza ainda misturada ao gosto do leite materno? Ah, a indiferença, por fim. Que se faz com ela? Se por um lado a corja humana não a notava, por outro lado, devido ao monstro, ela sabia que estava perdida. O Caminho é longo, a volta é impossível.

Consciência demais faz mal. Mais ainda na infância. Conhecimentos em excesso distorcem a vista, os miolos. Tudo se desmancha quando se sabe. E ela já sabia. O monstro já existia. Não havia retorno. Quem sabe, nem mesmo, só por um ínfimo instante, não havia final feliz?

Foi quando uma noite. Só isso, uma noite. Começada como tantas outras. Com medos, com inquietações, com a dor da espera. Mais uma noite. Mais alguns pesadelos. Uma respiração suada em todos os poros, pela extensão de pele macia de menina em transformação. Foi nessa noite que ele chegou e entrou. Chegara a hora. Sem chances de fuga qualquer. Pra qualquer um chega o dia e nada há de especial nisso. Ele chegou. Ela, a pequena e triste e comum menina, não esboçou reação. Sussurrou apenas, palavras inaudíveis e sempre inúteis, clamando alguma humanidade:

— Papai...



12 O GÊNERO POÉTICO EM SUAS DIFERENTES MODALIDADES E MÍDIAS

Miguel Rodrigues de Oliveira

1. Texto: “Última canção de uma árvore”

2. Autor: Irineu Bruno Jaeger - (pseudônimo- Benjamin da Caturra) - publicação do autor - **Ano:** 2003

3. Série indicada: 6º Ano

4. Duração: 19 aulas

5. Temática a ser debatida a partir da leitura do texto:

Atualmente, assistimos a uma busca exagerada pela posse dos mais diversos bens de consumo. Da mesma forma que alguns se dedicam para adquirir maiores conhecimentos, outros concentram seus esforços para acumulação de riquezas materiais. Há, ainda, aqueles que ascendem socialmente praticando ações predatórias ao meio ambiente e explorando os seus semelhantes. Assim, devido à ganância exacerbada do ser humano, a natureza vem sofrendo desgastes físicos irreparáveis. Em consequência disso, a vida no nosso planeta está se tornando mais difícil ao longo dos tempos. Dada a importância do tema em questão, selecionamos a leitura do poema “Última canção de uma árvore”, da obra *Luzerna*, do poeta sinopense Irineu Bruno Jaeger, pseudônimo Benjamin da Caturra, na qual procuraremos envolver a questão da preservação do meio ambiente, destacando atitudes favoráveis e desfavoráveis para a manutenção de uma vida saudável e autossustentável, respeitando e protegendo as diferentes espécies animais e vegetais.

6. Apresentação do autor:

O escritor Irineu Bruno Jaeger dedicou a maior parte de sua vida a lecionar Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, Língua Latina e Literatura Latina, na Uni-

versidade do Estado de Mato Grosso, *campus* de Sinop. Foi o primeiro presidente da Academia Sinopense de Ciências e Letras.

7. Estrutura textual:

A poesia é uma maneira especial de ver, sentir e interagir com o mundo, acompanha o ser humano em todas as fases de sua vida. Tendo em vista a grande diversidade temática por ela abordada, podemos perceber sua presença em qualquer situação em que nos encontramos, basta que estejamos sensibilizados para isto. É nos textos escritos em formato de poema, que esta se destaca. Assim, é de fundamental importância a distinção dos significados dos termos poema e poesia. O primeiro refere-se ao formato dos textos constituídos por estrofes versos e rimas, enquanto que o segundo trata-se dos sentimentos, emoções, sensibilidades que um poema, uma prosa, uma obra de arte, uma música, entre outros, é passível de causar nos leitores ou apreciadores.

Quanto à estrutura, o poema apresenta formas livres e formas fixas. Em se tratando das primeiras, o poeta não tem qualquer compromisso no sentido de que na sua obra haja estrofes, versos ou rimas. As formas fixas são compostas de números de estrofes e versos, tipos de rimas e métrica. Fazem parte dos poemas outros elementos como as figuras de linguagem: aliteração e assonância para a representação de diferentes sons, trazendo assim maiores possibilidades de interpretações. A linguagem conotativa é empregada constantemente, sendo este o fator principal de distinção entre o texto poético e o científico. Vindo todos esses elementos a contribuir na interação entre texto, autor e leitor.

O poema selecionado para estudo trata dos sentimentos de uma árvore, que se expressa em primeira pessoa, para lamentar que está prestes a ser cortada com alegações de que ela está sendo prejudicial às pessoas. A partir desta leitura, poderão ser abordadas diferentes questões relacionadas ao meio ambiente, como: fatores que interferem na promoção de uma vida saudável, atitudes positivas e negativas do ser humano em relação ao meio onde vive, entre outras. O referido poema apresenta uma estrutura composta de 26 versos livres, com quantidades irregulares de sílabas, em um único bloco, não há separação em estrofes, nem a preocupação com as rimas. Sugere um ritmo suave para a leitura, que pode ser associado à tranquilidade transmitida pela natureza. A escolha de fazer poemas com versos livres oferece maiores possibilidades de transmissão de diferentes sentidos ao leitor, em razão de que o poeta não precisa ficar preso em determinadas palavras ou expressões.

8. Objetivo geral:

- Ler e interagir com textos do gênero poético, buscando desenvolver o gosto pela leitura e a escrita, com abordagens das questões relacionadas ao meio ambiente.

9. Apresentação da situação

- Descrição do formato da Sequência Didática
- Diálogos acerca da convivência dos alunos com o gênero poético
- Leitura compartilhada de poemas.

10. Objetivos específicos

- Apresentar aos alunos o gênero poético em suas diferentes modalidades e mídias.
- Diagnosticar gostos e conhecimentos com referência ao tema em estudo.
- Fazer leitura compartilhada de poemas para aproximar os educandos do gênero em questão.

11. Procedimentos metodológicos

Inicialmente, apresentar o trabalho no qual serão realizadas diversas leituras, comentários, interpretações, recriações das obras, jogos dramáticos, poemas virtuais, entre outros, com abordagens em questões relacionadas ao meio ambiente, dentro de um espaço democrático em que poderão expressar as suas ideias, opiniões, articulando as diferentes atividades para ampliação dos sentidos dos textos. Em seguida, questioná-los se gostam ou não de ler poemas, quais os seus favoritos, características específicas, fazendo anotações na lousa e no caderno do professor. Leitura compartilhada dos poemas. O relógio (Vinícius de Moraes), Trem de ferro (Manuel Bandeira) e Ou isto ou aquilo (Cecília Meireles), como forma de incentivá-los à leitura.

12. MÓDULO 01

- Apresentação do autor e da obra
- Articulação dos elementos pertinentes ao livro

Objetivos específicos

- Conhecer dados referentes ao autor e à obra em estudo.
- Relacionar elementos textuais na composição do livro.

Procedimentos metodológicos

Informar aos alunos que o escritor Irineu Bruno Jaeger, pseudônimo Benjamim da Caturra, reside em Sinop, dedicou a maior parte de sua vida a lecionar Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, Língua Latina e Literatura Latina na Universidade do Estado de Mato Grosso. Foi o primeiro presidente da Academia Sinopense de Ciências e Letras.

Destacar a importância de se trabalhar com obras clássicas e locais. As primeiras por dar acesso às grandes obras e escritores conhecidos nos diferentes países e as segundas como forma de reconhecer e promover a cultura em nosso meio, interagindo com diferentes obras na construção de distintos conhecimentos. Nesse sentido, a obra Luzerna é adequada para o letramento literário por tratar em seus poemas de assuntos atemporais, conectados com a contemporaneidade.

Logo após, apresentar o livro aos alunos, solicitando que digam quais os sentidos da palavra luzerna, mediando suas respostas para que cheguem a algo como: brilho intenso, claridade forte, luz potente figura brilhante. Se as imagens da capa se articulam com o nome do livro e o que esperam encontrar na obra. Neste momento, realizar a leitura compartilhada do poema “Luzerna” que integra a lista de poemas do livro, fazendo questionamentos de forma a articular imagens, título e poema em uma rede de significados. Dar continuidade, lendo os agradecimentos, índice e prefácio, de forma que percebam a interrelação entre as partes, podendo vir a adotar tais atitudes em leituras posteriores. Após a apresentação, dar oportunidade para que tenham acesso ao material em estudo.

14. MÓDULO 02

- Motivação, leitura e interpretação do poema “Última canção de uma árvore”.
- Linguagem denotativa e Linguagem conotativa.

Objetivos específicos

- Preparar os alunos para receber o texto de maneira que possam ter as melhores expectativas sobre o mesmo;
- Discutir questões relacionadas ao meio ambiente;
- Realizar diferentes modalidades de leitura no sentido de ampliar as possibilidades de significações do poema em estudo;
- Interpretar o poema “Última canção de uma árvore”, destacando a multiplicidade de significados possíveis, articulando com a estrutura textual e temática;
- Distinguir as linguagens conotativa e denotativa;

Procedimentos metodológicos

Propor aos alunos a seguinte questão: A secretaria de obras do município de Sinop pretende transplantar as árvores da Av. Tarumás em outros locais da cidade, com o objetivo de ampliar o espaço local para estacionamento, construção de pista de caminhada e colocação da tubulação da rede de esgotos, com isto, provavelmente algumas árvores serão sacrificadas. Você concorda com esta ação? Justifique. Responder por escrito e em seguida, fazer a leitura e discussão com a classe.

Distribuir o poema “Última canção de uma árvore” e solicitar que, primeiramente, façam uma leitura silenciosa. A seguir, ler em voz alta e com expressividade, para que percebam outros elementos não detectados na primeira leitura. Retomar o texto, destacando as palavras, expressões que lhes chamaram a atenção, bem como questões relacionadas ao tema, estrutura textual, aspectos relacionados ao autor, entre outros; fazendo anotações sobre suas observações e, logo após, convidar cada aluno a se manifestar, com base nas anotações anteriores. O professor fará intervenções pontuais, complementando as participações e respondendo as indagações que ocorrerem, com vistas à ampliação dos significados do poema. Na oportunidade, falar sobre a distinção entre as linguagens conotativa e denotativa e que na compreensão dos textos literários a linguagem conotativa adquire maior relevância, uma vez que é propósito dos mesmos promover a multiplicidade de construções de significados.

Observação: Optamos em apresentar a obra e o autor no módulo anterior.

15. MÓDULO 03

- Apresentação da situação de produção oral;
- Leitura e *performance* de poemas com jogos dramáticos;
- Socialização do trabalho realizado para a comunidade escolar

Objetivos específicos

- Ler poemas de forma expressiva, interagindo por meio de jogos dramáticos;
- Compartilhar leituras e performances com a comunidade escolar;

Procedimentos metodológicos

Leitura oral e expressiva dos textos: O relógio (Vinícius de Moraes), Trem de ferro (Manuel Bandeira), Grilo (Elias José), Sonata (Aclyse de Mattos), Ou isto ou aquilo (Cecília Meireles), Cadê? (José Paulo Paes). A seguir, distribuir exemplares dos poemas lidos, solicitar que formem grupos de 3 ou 4 membros, para lerem e discutirem como deverá ser a entonação de voz, ritmo, gestos, expressão facial que cada poema sugere. Dependendo da oportunidade, poderão realizar ensaios extraclasse. Quando estiverem prontos, será marcada a apresentação para a comunidade escolar.

16. MÓDULO 04

- Apreciação de poemas em vídeo youtube
- Acesso ao site <http://www.ciberpoesia.com.br/>
- Uso da ferramenta PowerPoint na produção de poemas

Objetivos específicos

- Oportunizar o acesso dos alunos a diferentes modalidades de poemas virtuais, para que possam se identificar com algumas dessas leituras.
- Demonstrar o uso do PowerPoint na criação/recriação de poemas.

Procedimentos metodológicos

Assistir ao vídeo do youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=0Etkb-cZu9BA> que aborda questões relacionadas ao meio ambiente. Dando continuidade, fazer comentários com base no poema “Última canção de uma árvore” e no vídeo assistido, listando em conjunto com os alunos atitudes favoráveis e desfavoráveis na proteção do meio ambiente.

Apresentação do site <http://www.ciberpoesia.com.br/>, que disponibiliza a recriação de poemas visuais nos mais diversos formatos, sendo que cada disposição sugere diferentes interpretações poéticas. Se possível, levar a turma ao laboratório de informática para que possam interagir virtualmente com tais modalidades textuais. Na sequência, dar demonstrações de como utilizar a ferramenta PowerPoint na produção ou recriação de poemas, articulando escrita, imagem e som.

17. MÓDULO 05

- Produção de poemas

Objetivos específicos

- Produzir poemas com apoio nos conhecimentos adquiridos sobre tal gênero textual.
- Tornar as produções adequadas para a recepção dos leitores.

Procedimentos metodológicos

Solicitar à turma que, em duplas, escrevam um poema, com versos livres ou que tenha rimas e estrofes, abordando um tema relacionado ao meio ambiente e, como suporte o trabalho desenvolvido até o momento. Durante a realização desta atividade, o professor circulará pela classe observando como os alunos estão desenvolvendo a tarefa, fazendo intervenções de acordo com as necessidades, verificando também o nível de conhecimento vocabular, da estrutura textual com referência ao gênero em estudo. O importante é que procurem abordar o assunto de forma a sensibilizar para a problemática da natureza e possibilitar diferentes interpretações. Após terminarem a tarefa, recolher os textos para análise e reescrita posterior até que fiquem adequados para socialização e divulgação.

18. MÓDULO 06

- Transposição dos trabalhos produzidos para o programa PowerPoint
- Socialização e divulgação das produções

Objetivos específicos

- Interligar as diferentes modalidades textuais com as novas tecnologias;
- Dar sentido ao trabalho de leitura, escrita e oralidade, realizado em sala de aula;
- Promover o incentivo à leitura, utilizando a diversidade de linguagens.

Procedimentos metodológicos

Conduzir a turma ao laboratório de informática para que recriem os seus textos no programa PowerPoint, com inserção de imagens e sons. Finalmente, combinar com os educandos uma data para apresentação dos poemas para a comunidade escolar. Os trabalhos ainda serão divulgados no mural da escola e nas redes sociais.

19. Ferramentas tecnológicas a serem utilizadas:

Livro, data show, computador, caixa de som, impressora.

20. Resultados esperados:

Com a realização do presente trabalho, espera-se que os alunos adquiram competências adequadas em relação à leitura e produção do gênero poético, bem como desenvolvam habilidades de linguagens adequadas durante as apresentações orais.

21. Conclusão

O gênero poético é pouco trabalhado em sala de aula, talvez por falta de preparo dos professores. Para reverter esse quadro, é necessário que haja aprofundamento no estudo do tema, seja em cursos de formação continuada, os quais possibilitarão aos docentes realizar práticas eficazes, sensibilizando os alunos para a leitura e produção de tal modalidade discursiva, de forma que possam adotar atitudes mais humanizadas com os seus semelhantes, uma vez que a poesia trata do subjetivo e da alteridade, que, atualmente, estão comprometidos pelo bombardeio de informações e imagens que nos são dirigidas.

22. Bibliografia:

COSSON, Rildo. *Letramento Literário: Teoria e prática*. 2ed. São Paulo: Contexto, 2012.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Orgs.) *Multiletramentos na escola*. São Paulo:

Parábola Editorial, 2012.

JAEGGER, Irineu Bruno. **Luzerna**. Sinop-MT, 2003.

24. Webgrafia:

GRUSZYNSKI, Ana Cláudia; CAPPARELLI, Sérgio. **Ciber&poemas**. Disponível em: <http://www.ciberpoesia.com.br/>. Acesso em: 26/11/2014.

NOTARY, Divino. **Poesia a natureza chora por você**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0EtkbcZu9BA/>. Acesso em: 26/11/2014.

MORAES, Vinícius de. **O relógio**. Disponível em:

<http://letras.mus.br/vinicius-de-moraes/87218/>. Acesso em: 26/11/2014.

BANDEIRA, Manuel. **Trem de ferro**. Disponível em:

<http://www.luso-poemas.net/modules/news03/article.php?storyid=861/>. Acesso em: 26/11/2014.

JOSÉ, E. **Grilo grilado**. Disponível em:

<http://keylapinheiro.blogspot.com.br/2013/01/poema-grilo-grilado-de-elias-jose.html/>. Acesso em: 26/11/2014.

MATTOS, Aclyse de. **Sonata**. Disponível em:

http://www.panoramadapalavra.com.br/poesia3_58.html/. Acesso em: 26/11/2014.

MEIRELES, Cecília. **Ou isto ou aquilo**. Disponível em:

<http://frasesdofundodaalma.blogspot.com.br/p/poesias-de-cecilia-meireles-no-livro-ou.html/>. Acesso em: 26/11/2014.

PAES, José Paulo. **Cadê?**. Disponível em:

<http://versosdecrianca.blogspot.com.br/2008/12/cad-jos-paulo-paes.html/> acesso em: 26/11/2014

ANEXO 1

Luzerna (Benjamim da Caturra)

Ainda não sei se é luz do sol
Ou da lua,
é suave, doce, diferente
não vejo a luz,
sinto-a de uma forma diferente.

Faço um último esforço
tento ir de encontro à luz,
quebrar as barreiras do além.
Desprendo-me do meu corpo,
vejo-o na cama, inerte.
Aquele luz doce corta-o,
ele não se mexe.

Mas quem sou eu?
Tento identificar-me.
Procuro seguir o facho da luz
para subir, descer, sei lá...
Mas algo ainda me atrela
Àquele corpo carcomido pela doença.

A luzerna ofusca-me embora pálida
sinto a eternidade
mas ela ainda não começou,
falta transpor uma ponte

para chegar perto da LUZ.
Tento um salto
algo se quebra.
Caio novamente
mergulhando no meu corpo doente
e a luz se transforma
nos poderosos holofotes
da sala de cirurgia.
(Benjamim da Caturra)

ANEXO 2

Última canção de uma árvore (Benjamim da Caturra)

Durante dezenove anos
minha sombra acolheu

sonhadores de todas as idades
meus galhos receberam
passarinhos, moleques e insetos
meus frutos foram saboreados
por pessoas e outros viventes.
Agora decretaram minha morte
acusações pesadas sobre mim:
minha sombra está fazendo proliferar
dengue, malária, que sei mais...
meu tronco e minha raízes
bem como minhas folhas douradas
estão atrapalhando...
amanhã virá o algoz.
Já afiou a moto-serra
já providenciou o caminhão
para levar meus restos ao cemitério
lugar cheio de detritos
como se eu fosse lixo.
Ainda tenho uma noite
neste fundo de quintal
depois, seja o que Deus quiser.
Oxalá nestas derradeiras horas
um casal romântico de rolinhas
venha pousar em meus galhos.

ANEXO 3

O relógio (Vinícius de Moraes)

Passa, tempo, tic-tac
Tic-tac, passa, hora
Chega logo, tic-tac
Tic-tac, e vai-te embora
Passa, tempo
Bem depressa
Não atrasa
Não demora

Que já estou
Muito cansado

Já perdi
Toda a alegria
De fazer
Meu tic-tac
Dia e noite
Noite e dia
Tic-tac
Tic-tac
Tic-tac

ANEXO 4

Trem de ferro (Manuel Bandeira)

Café com pão
Café com pão
Café com pão
Virge Maria que foi isso maquinista?
Agora sim
Café com pão
Agora sim
Voa, fumaça
Corre, cera
Ai seu foguista
Bota fogo
Na fornalha
Que eu preciso
Muita força
Muita força
Muita força
(trem de ferro, trem de ferro)

Oô...

Foge, bicho
Foge, povo
Passa ponte
Passa poste
Passa pasto
Passa boi
Passa boiada
Passa galho
Da ingazeira
Debruçada
No riacho
Que vontade
De cantar!
Oô...
(café com pão é muito bom)

Quando me prendero
No canaviá
Cada pé de cana
Era um oficiá
Oô...
Menina bonita
Do vestido verde
Me dá tua boca
Pra matar minha sede
Oô...
Vou mimbora vou mimbora
Não gosto daqui
Nasci no sertão
Sou de Ouricuri
Oô...

Vou depressa
Vou correndo

Vou na toda
Que só levo
Pouca gente
Pouca gente
Pouca gente...
(trem de ferro, trem de ferro)

ANEXO 5

Grilo grilado (Elias José)

O grilo,
Coitado,
Anda grilado,
E eu sei
O que há.

Salta pra aqui,
Salta pra ali.
Cri-cri pra cá,
Cri-cri pra lá.

O grilo,
Coitado,
Anda grilado
E não quer contar

No fundo,
Não ilude,
É só reparar
Em sua atitude
Pra se desconfiar.

O grilo,
Coitado,
Anda grilado

E quer um analista
E quer um doutor.

Seu Grilo,
Eu sei:
O seu grilo
É um grilo
De amor.

ANEXO 6

Sonata (Acllyse de Mattos)
Periquitos – violinos
Com seus gritos finos.

Papagaios – violas
Com currupacos e curriolas.

Araras: violoncelos
Com sons e sóis amarelos

Os contrabaixos – tucanos
Com as bicancas tocando.

Está formada a orquestra
Sinfônica da floresta
Que vem tocar na fogueira
Junto à cerca do curral.

Em três versões: matinal,
Depois do almoço
E pôr do sol no quintal.

ANEXO 7

Ou isto ou aquilo (Cecília Meireles)
Ou se tem chuva e não se tem sol,

ou se tem sol e não se tem chuva!

Ou se calça a luva e não se põe o anel,
ou se põe o anel e não se calça a luva!

Quem sobe nos ares não fica no chão,
quem fica no chão não sobe nos ares.

É um grande pena que não se possa
estar ao mesmo tempo nos dois lugares!

Ou guardo o dinheiro e não compro o doce,
ou compro o doce e gasto o dinheiro.

Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo...
e vivo escolhendo o dia inteiro!

Não sei se brinco, não sei se estudo,
se saio correndo ou fico tranquilo.

Mas não consegui entender ainda
qual é melhor: se é isto ou aquilo.

ANEXO 8

Cadê? (José Paulo Paes)

Nossa! Que escuro!

Cadê a luz?

Dedo apagou.

Cadê o dedo?

Entrou no nariz.

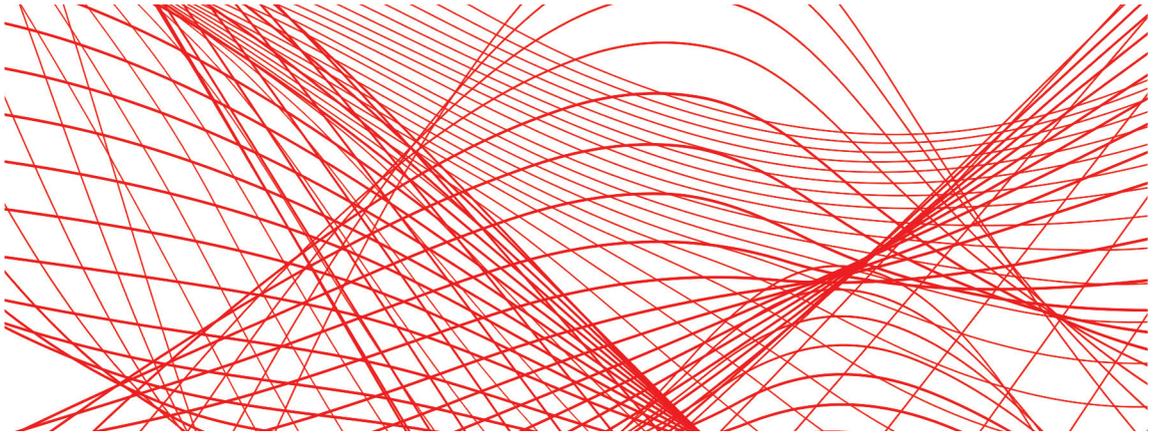
Cadê o nariz?

Dando um espirro.

Cadê o espirro?

Ficou no lenço.

Cadê o lenço?
Dentro do bolso.
Cadê o bolso?
Ficou na calça.
Cadê a calça?
No guarda-roupa.
Cadê o guarda-roupa?
Fechado à chave.
Cadê a chave?
Homem levou.
Cadê o homem?
Está dormindo
de luz apagada.
Nossa! Que escuro!



13 INTERAÇÃO E REFLEXÃO SOCIAL POR MEIO DO TEXTO LITERÁRIO

Elen Cristina Freire
Polyana Sampaio da Silva Scrimim

1. Texto: O grilo na palma da mão.

2. Autora: Marilza Ribeiro **Editora:** Via Lettera **Ano:** 2002

3. Série indicada: 8º Ano do Ensino Fundamental.

4. Duração: 25 aulas

5. Temática a ser debatida a partir da leitura do texto

A cada ano que passa, o Brasil muda os índices referentes a problemas sociais como desemprego, fome, saúde precária, habitação e saneamento básico, educação de baixa qualidade, miséria, violência e muitos outros. Esses indicadores, de uma maneira ou de outra refletem significativamente no comportamento do indivíduo e estão presentes nas cidades e nas comunidades que cercam a escola.

O conto “O grilo na palma da mão” faz parte da obra *Na margem Esquerda do rio: contos de fim de século (2002)*, organizada por Juliano Moreno e Mário Cezar Silva Leite. Aborda questões que refletem problemas sociais presentes na sociedade em que vivemos, movida pelo descaso e abandono. Por se tratar de uma autora mato-grossense, é importante conhecer sua obra e sua temática, como forma de valorizar a arte de autores locais.

6. Apresentação da autora

Marilza Ribeiro Cardoso nasceu em Cuiabá, em 27 de março de 1934. É filha de descendentes europeus. Aos dezessete anos era locutora de uma rádio em Cuiabá, e desde jovem dedicou-se à literatura através dos contos. Participou de um grupo de es-

critores mato-grossenses e na década de 70 e conheceu escritores nacionais. Formou-se em Psicologia na Faculdade de São Marcos, o que ajudou a expressar em suas obras sua indignação com as injustiças sociais, preocupando-se com as angústias, medos, marginalização e miséria. Reside em Cuiabá, onde se dedica à produção literária.

7. Estrutura textual

A proposta deste trabalho consiste em promover o letramento literário a partir de atividades de leitura de contos, fundamentada na Estética da Recepção que trata, especificamente, de como o leitor recebe a obra. A sistematização da literatura surge na Alemanha na década de 60, tendo como precursor Hans Robert Jauss. Foi durante um congresso na Universidade de Constança, mais conhecida como “Provocação”, que a vida universitária foi afetada devido a aspectos políticos e sociais e investigações literárias, dando força ao poder jovem. Os métodos de ensino de literatura eram questionados e tidos como desinteressantes.

De acordo com Zilberman (1989), Jauss denuncia a “fossilização da história da literatura” e linhas metodológicas divergentes que não levavam em consideração a história durante a análise do texto literário. Porém, surgiram outras vertentes como: Reader-Response Criticism, tem como representantes Stanley Fish (1980), Jhonathan Culler e o alemão Wolfgang Iser (1999), que tratam dos efeitos que o texto causa no leitor no momento da leitura, importantes para estabelecer sentido. A Sociologia da Leitura “tem como objetivo estudar o público enquanto fator ativo no processo literário”, pois acredita-se que a circulação e produção dos textos dependem do gosto e preferência do leitor.

A leitura do texto literário ocorre de forma pouco eficaz nas escolas, focando na simples leitura, fichas de leitura ou na elaboração de resumos e seminários. Para Cosson (2014), simplesmente lendo o texto literário, a escola está negando o processo de letramento, pois os livros não falam por si só, sendo necessária a intervenção do professor que criará condições através de mecanismos de interpretação.

Cosson (2014) alerta para os critérios de seleção dos textos, dividindo-os em três: obras canônicas, fundamental ao indivíduo letrado por fazer parte de nossa herança cultural; os textos contemporâneos, de leitura fácil, linguagem simples e temas pertinentes ao horizonte do leitor; pluralidade e diversidade de autores, obras e gêneros.

Para a realização prática dessa atividade, será utilizada a Sequência Básica do Letramento, pautada na teoria de Cosson (2014) e o gênero textual escolhido é o conto. Esta sequência é dividida em quatro partes: motivação, introdução, leitura e interpretação, como seguem na sequência de atividades.

O conto caracteriza-se por ser um gênero narrativo curto, com um número pequeno de personagens e que trata de apenas um conflito. Geralmente, há uma grande

dificuldade em trabalhar com leitura e produção textual em sala de aula, o que faz com que essas atividades sejam vistas como de menor importância, substituídas por outras consideradas mais significativas. Quando o trabalho com leitura é realizado, o conto é um gênero bastante utilizado, uma vez que é bem aceito pelos alunos, especialmente aqueles que ainda não descobriram o prazer que um texto ou livro pode proporcionar.

O fato que torna o conto um texto ideal para ser trabalhado em sala de aula, além de sua escrita concisa, é a possibilidade de reprodução do gênero, pois sua estrutura visa à objetividade, levando em conta que os estudantes ainda não adquiriram conhecimento suficiente para uma escrita mais complexa e profunda.

Não se tem exatamente registros das origens do conto, mas sabe-se que a arte de contar e ouvir “estórias” é muito antiga. Para Gotlib (2014), a arte de contar estórias sempre reuniu pessoas, e, em sociedades primitivas, os sacerdotes eram transmissores de mitos e ritos através do ato de *contar*.

Todas as pessoas, em algum momento de suas vidas, tiveram contato com “estórias” contadas pelos pais, pelos avós, casos ou também “causos” contados por pessoas idosas, trazendo a força do mito, da religiosidade e do folclore.

A evolução do conto, de acordo com Gotlib (2006), vai desde a oralidade até a escrita, tendo como principais escritores Grimm e Edgar Allan Poe. Mostra também três acepções para a palavra *conto*, que, de acordo com Julio Casares, pode ser: relato de um acontecimento; narração oral ou escrita de um acontecimento; fábulas que se contam às crianças para diverti-las. Gotlib (2006) afirma que o conto tem que promover o “sequestro do leitor”, para que ele se prenda a um efeito permitindo uma visão do conjunto da obra.

8. Objetivos

- Promover o letramento literário a partir de atividades de leitura de contos;
- Explorar os diversos aspectos do conto para estabelecer relações entre o contexto social, autor e obra;
- Compreender as especificidades do gênero conto para compor produção individual.

9. Atividades

MOTIVAÇÃO

- Apresentação de um vídeo com a música “Até quando”, de Gabriel o Pensador, com imagens que retratam as dificuldades e miséria vivenciadas pela população, possibilitando uma reflexão acerca de questões sociais.

- Socialização do vídeo com a turma, abordando os principais fatores que de-

sencadeiam a desigualdade social no Brasil e no mundo.

- Ouvir as impressões dos alunos a respeito das imagens e da letra da música;

INTRODUÇÃO

- Apresentação da autora Marilza Ribeiro e do livro de contos “Na Margem Esquerda do Rio: contos de fim de século” (2002).

- Levar ao conhecimento dos alunos o nome do conto “O grilo na palma da mão”, levantando hipóteses do conto de maneira contextualizada e explorar o título quanto às impressões obtidas e a ligação entre o contexto social vivenciado pela autora e o conto, justificando a escolha da obra.

LEITURA

Será feita a leitura silenciosa do conto “O grilo na palma da mão”, da escritora mato-grossense Marilza Ribeiro, para estabelecer conexões entre o vídeo apresentado anteriormente e letra da música de Gabriel o Pensador. Em seguida, será feita uma análise crítica dos aspectos que desencadeiam a miséria, marginalização e preconceito e, sobretudo, o posicionamento das pessoas frente aos problemas sociais vivenciados e atitudes a serem tomadas. Cópias do conto serão distribuídas para os alunos, e também será projetado em data show. Durante a leitura, será feito um intervalo para melhor compreensão do conto e sua temática, utilizando estratégias abaixo descritas.

PRIMEIRO INTERVALO:

Será projetado o documentário “No Recife, infância no meio do lixo”, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=u_HFnIxlywU#t=82, retratando a miséria em que vivem as crianças locais, que têm sua infância interrompida e correm riscos à procura de lixo reciclável para ajudar na renda familiar. O vídeo servirá para estabelecer relação com a miséria vivenciada por Chiquinho, personagem do conto de Marilza, bem como a omissão da sociedade frente a uma realidade tão cruel.

Após a leitura do conto de Marilza Ribeiro, será promovida uma discussão e reflexão em torno da miséria, da fragilidade, da falta de afeto do menino Chiquinho, relacionando com situações reais nas quais os alunos se deparam no cotidiano.

INTERPRETAÇÃO

Levar os alunos ao laboratório para um contato maior com outros contos e outros autores, sugerindo sites de literatura digital como: hiperconto.com.br / literaturadigital.com.br dentre outros. Salientar a importância do texto literário para a transformação do indivíduo no aspecto cultural, tornando-o um cidadão crítico e atuante na sociedade em que vive.

Propor um trabalho de filmagem, como um documentário, com pessoas que conheçam (família, amigo, vizinho, parente qualquer) falando de suas dificuldades, história de vida, uma história interessante que queiram lembrar. Trazer esses relatos para a sala de aula, para que sejam compartilhados com a turma.

PRODUÇÃO

Após o contato com vários contos e autores diferentes, lembrar a estrutura do conto. Com as informações coletadas, transformar a história de vida em um conto, evidenciando que este será “baseado” em fatos verdadeiros.

REESCRITA

Fazer um trabalho de reescrita e finalização com os alunos (coletivamente, em duplas, em grupos) para publicar seus textos na internet (facebook ou blog) e também para a comunidade em forma de coletânea dos contos de forma impressa.

10. Ferramentas tecnológicas a serem utilizadas:

Data show, cópias impressas do texto, laboratório de informática, aparelho de som, notebook, impressora, papel sulfite A4.

11. Resultados

Espera-se que a partir do contato com o texto literário, o aluno compreenda o gênero narrativo e perceba que, mais que uma atividade de fruição, a leitura literária pode também promover reflexões a respeito de variados temas como os relacionados às questões sociais, comprovando a função humanizadora da literatura.

12. Bibliografia:

COSSON, Rildo. **Letramento Literário, teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

GOTLIB, Nádía. **Teoria do conto**. São Paulo: Editora Ática, 2006.

RIBEIRO, Marilza. **O grilo na palma da mão**. In: MORENO, J. & LEITE, M. C. S. (org.). **Na margem Esquerda do rio: contos de fim de século**. São Paulo: Via Lettera, 2002.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.

13. Webgrafia

https://www.youtube.com/watch?v=u_HFnlxlywU#t=82

ANEXO 1

O grilo na palma da mão (Marilza Ribeiro)

Uma pequena mão espalmada. Os olhinhos do menino olhando, olhando, o pequeno inseto pousado em sua mão direita.

Noite de lua possuindo o corpo da paisagem. Mas um corpo doente, deformado: favelas miseráveis mostrando um tumor social aberto, crônico e profundo.

Chiquinho, seminu, mergulhado nesse instante de contemplação. Ele e o grilo como criaturas imóveis, distantes de tudo, no centro de tudo, no centro da própria imobilidade. Como um respirar suspenso, imerso na atenção, preso aos mínimos movimentos do grilo. Uma curiosidade feita de teia armada para segurar o inseto. Seu peito magro enchia-se de prazer por ter na mão esse estranho bichinho. Uma forma estranha para ele... o que era aquilo? Olhava para as perninhas finas, engraçadas, e para aquele ente esquisito em seus contornos.

A avó ameaçava com sua voz arrastada de sono e cansaço: “Se num drumi logo, esse grilo come ocê”.

Mas o bichinho continuava ali, quieto, quieto. Bem pequenininho e ele tão grande! Chiquinho ficava olhando-o com seus olhos extasiados, ancorados naquele ponto em sua mão. Era um desses minúsculos insetos que nem era bonito ou atraente, mas para ele uma novidade surpreendente. Uma descoberta alegre num espaço onde os seres humanos viviam como lagartos cinzentos movendo-se por entre objetos sujos, quebrados, amontoados. Para o garoto, de repente, aquele ambiente do barraco é que era a irrealidade que o cercava – um inferno atroz carregado de gemidos, fome, insultos e gritarias. Seu mundo real era agora aquele grilo pousado em sua pequena mão, situado num minúsculo território planetário de enlevo – como o centro do mundo. Uma doce estação feita de repouso para seu coração. Chiquinho continuava estático. Temia que qualquer movimento seu pudesse fazer o animalzinho escapulir, pondo fim ao seu prazer, deixando-o num vazio sem mais coisa alguma para se apoiar. Intimamente, sentia que o grilo era seu chão que o exilava de um atormentado cotidiano.

Aquela estranha ligação, quase hipnótica, entre e o inseto mantinha-o fora de uma realidade que o machucava sempre. Assim, não mais sentia aquele mal estar no estômago que o enfraquecia cada vez mais. Não existia a voz estrondosa do pai com suas mãos ásperas, peludas, a lhe bater tão pesadamente. Nem existia também o cheiro forte do lixo por todos os lados. Ele estava ali no chão daquele mágico momento, esquecido das confusões de cada dia. Ele até sorriu, de repente.

Mas a voz desafinada e contundente da vó Xinha interrompeu novamente seu prazer encantado: “Ocê ta é manganó comigo, guri teimoso! Larga já essa porcaria de grilo e venha deitá aqui”. A mão magra da avó bateu em sua mãozinha fazendo o grilo

pular para bem longe. Assustado, Chiquinho recuou. Seus olhinhos aflitos buscaram onde poderia estar a bichinho. Quis gritar com raiva, mas a dor do estômago lhe queimando por dentro foi mais aguda do que o seu desespero. Sentiu uma forte tontura e caiu sobre os trapos sujos onde deveria dormir. A avó acudiu-o, afobada: “Chiquinho, meu Deus! Minha Santa Rita de Cássia!” Segurou o corpinho frágil que suava frio. Apertou-o contra o seio enrugado: “Fala comigo. Fala com sua avó!” Chamou logo um dos cinco meninos. Trouxeram-lhe um copo d’água. Ele foi voltando a si. Comeu depois um pedaço de pão velho que a avó lhe deu. O estômago melhorou. O brilho voltou ao seu olhar. Sua avó suspirou aliviada. Cada um voltou ao seu lugar, ali no chão duro, tendo por cama uns panos sujos, velhos.

Durante a noite toda, o menino sofreu pela ausência do grilo. Em alguns momentos, as lágrimas escorriam pelo seu rosto magro. A lembrança da perda era, então, uma nova agonia entre outras tantas que enfrentava a cada dia. Ficava pensando: “Será que o grilo também não tinha mãe como ele? Será que gostava dele?” Suas faces encharcavam-se de uma tristeza sombria, profunda. Ele se sentia despojado de mais uma coisa entre tantas que desejava ter: mãe, comida, casa bonita, uma rua alegre só para brincar com seus amiguinhos, e um estômago que não doesse tanto! Claro, também outros grilos para conversar com ele.

Mas, apesar daqueles sonhos no canto de seu coração, ele sentia bastante mágoa, amargura a lhe roer o mirrado peito.

Porém, eis que seu olhar pousou num ponto próximo do seu sapato rasgado clareado pelo luar que jorrava pela fresta da janela descascada: o grilo, bem vivinho! Seus olhos sonolentos e lacrimosos se abriram na obscuridade rarefeita do barroco. O grilo estava ali! Seu coração bateu mais forte. Enxugou os olhos com as mãos trêmulas para se certificar do fato. Lentamente, foi estendendo a mão direita até ele, numa tímida proximidade. E o que desejava ardentemente aconteceu. Milagrosamente, o grilo pulara sobre sua mãozinha tremula de expectativa e ternura.

Parece que o grilo lhe soprou uma nova chama de vida, retirando de dentro dele um outro sorriso mais farto ainda, que sentiu sair rolando de dentro de seu estômago até seus lábios como a explosão de uma satisfação rara e reprimida, que guardava consigo desde que sua mãe morrera. Ele que só engolia amargura e pão seco, mais os gritos da sua avó, os tapas do pai, os sopapos dos irmãos. Aquele sorriso como uma pequena estrela ali na escuridão de sua vida. Foi um alívio para seu pequeno corpo.

O grilo era tão engraçado! Tão pequenino! Tão pequeno como ele se sentia muitas vezes quando os adultos ficavam tão raivosos. Pareciam até que eles se espichavam e ficavam gigantes tentando esmagar sua fragilidade.

O grilo estava ali quietinho em sua mão. Se ele se fosse – pensava – seria capaz de morrer. Por que viver mais sem o grilo? Ia ficar muito mais só com sua fome e aque-

la dor terrível em suas entranhas. Aquela dor que o acompanhava como um monstro malvado dentro dele. Quantas vezes fazia força para não gritar, com medo de que seu pai lhe batesse.

Chiquinho, iluminado pela luz suave do luar, contemplava com um saboroso encantamento e doçura o inseto pequenino.

Nesse minuto, um espirro desastroso cortou o silêncio.

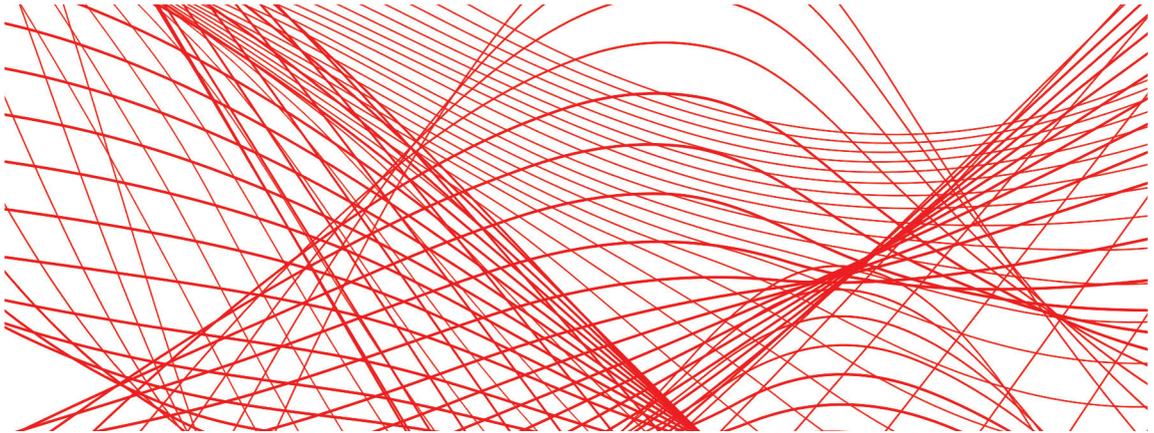
O susto do menino foi menor que o seu desespero em ver o grilo escapar em pulos até sumir pela janela entreaberta.

Sentiu uma dor a lhe rasgar por dentro. Um líquido quente subiu do estômago até a boca. O sangue, aos borbotões, espirrou pelo espaço como um grito vermelho, quase sufocando e molhando os farrapos. Lembrou-se da mãe que o havia abandonado um dia, como aquele grilo. Agora também o grilo o traía, sem confiar no quanto ele lhe queria bem. Esse sentimento agudo virou pelo avesso todo o prazer que o envolvera há pouco tempo. Uma dor enorme lhe atravessou o corpo inteiro. Depois, um frio intenso foi ocupando sua carne e seus ossos.

Aos poucos, Chiquinho adormeceu para nunca mais acordar...



PARTE II



1 SALA DAS LETRAS: O LUGAR DE ONDE FALO

Luzia A. Oliva dos Santos

Sim, falo daqui da Sala das Letras. Em meio a tantos discursos acerca do exercício de ler literatura, como minha voz a dos alunos do curso de mestrado do Proffletras/UNEMAT/Sinop que se encorajaram a dizer que o texto literário deve ser tratado com mais cuidado no contexto escolar, dadas as situações visualizadas gradativamente ao longo das mudanças impetradas pelo sistema educacional. A sala de onde falo constitui-se, primeiramente, pelas concepções teórico-metodológicas em torno do trabalho com o texto literário em sala de aula, das quais compartilho parte de seus aportes, como também, erige-se de um contexto de mais de trinta e cinco anos dedicados exclusivamente à prática docente, da educação infantil à pós-graduação *stricto sensu*.

Iniciei a carreira no magistério, em 1979, com dezesseis anos, e não tinha a menor ideia do que seria letramento literário. Estava ainda em formação no ensino médio, quando me convidaram para ser professora. O convite foi feito por um senhor simpático, prefeito da cidade de Iretama – PR, que me chamou e disse quase ordenando: quer assumir uma sala de aula? Devo ter manifestado um brilho nos olhos tão evidente que na semana seguinte estava em sala de aula de uma escola rural, com três turmas no mesmo turno. Três? Sim. Sala multisseriada: primeira, terceira e quarta séries (denominação da época) estudavam na mesma sala e no mesmo turno. Eu me dividia entre as três. Hoje, aqui deste outro espaço, percebo que não era tão absurdo assim, uma vez que as teorias atuais em andamento esboçam uma prática não mais fragmentada, em disciplinas encaixadas nas gavetas, ou colocando alunos de acordo com idade e ano escolar, apontando para o trabalho coletivo, para a interação e a construção solidária. Assim, naquele espaço compartilhado, trabalhei por um tempo significativo, fazendo pequenas experiências científicas em sala, muitas vezes mostrando os resultados para alunos da quarta série sob o olhar atento dos demais que ainda iniciavam as primeiras letras. Além disso, atividades com leitura, canções, adivinhações e muitas

histórias contadas sempre foram a tônica para torná-los leitores e críticos.

Da escola rural para a urbana, houve uma mudança de cenário, pois eram turmas únicas, salas mais confortáveis, o que impulsionou um trabalho mais fecundo com a formação de leitores. Ainda que o panorama se apresentasse um pouco mais adequado, não se dispunha de muitos recursos tecnológicos para resolver certas situações de aprendizagem. Não se tinha notícia de computadores, nem tampouco de *internet*. Talvez, intuitivamente, com dedicação singular de quem nasceu com vocação para ser professora e não sê-lo por opção, o trabalho com a literatura foi posto em relevância em minha atuação docente.

Durante onze anos, atuei com turmas de quarta série especificamente. Uma experiência indescritível, pois durante esse tempo comecei os estudos em Letras. Não poderia ter escolhido área mais acertada, uma vez que reafirmei a prática de sala de aula desenvolvida há alguns anos nas formulações de autores teórico-críticos voltados para a formação de leitores. Entre tantas experiências, não poderia deixar de destacar algumas que ilustram a construção de um patrimônio prático que se entranhou em minha memória, a partir do incentivo aos alunos quanto à capacidade de leitura e de escrita de textos poéticos e narrativos. Uma delas, ousada para uma época em que a circulação do livro era algo quase surreal, diz respeito à montagem de um livreto de poemas. Não se tratava de um livro impresso em editoras, com capa ilustrada e prefácio de gente famosa não. Era um compilado de poemas escritos e reescritos com meu acompanhamento, motivando-os para a linguagem poética, para a metáfora, a sonoridade, as estrofes e rimas, entre outros aspectos. Depois de elaborados, foram escritos em papel-carta. Hoje, em salas povoadas de *smarts*, seria um estranhamento falar de papel-carta, mas na época era moda. Foram feitas cópias de cada poema e juntadas num livreto. Até aí seria uma atividade comum, sem nenhum traço merecedor de ocupar parte de minha memória, não fosse um aluno gago que compunha a turma.

Pela dificuldade de se expressar em público, sempre houve de minha parte uma atenção especial para que não se sentisse constrangido perante a turma, quando da leitura em voz alta. Sempre que solicitados, havia os que se manifestavam rapidamente porque a atividade era desenvolvida de maneira prazerosa. Em determinada ocasião, quando apresentavam a versão final dos poemas, Luís manifestou-se e se dirigiu à frente da turma, com uma postura digna de poeta. Poema em mãos e, sem nenhum traço de gagueira, desfiou os versos de sua autoria:

Passarinho

Que voa no ar,
Que canta
E que dorme.

Passarinho que
 Faz seu ninho,
 Que arranja
 Pauzinhos.
 Passarinho
 Que dorme
 A noite inteirinha,
 Passarinho que voa
 O dia inteirinho.
 Passarinho que
 Dorme, que voa
 E que canta.

Diante do quadro, os aplausos foram intensos pelos colegas, não pelo fato de não ter apresentado sinais de gagueira, mas pelo fato de que tal necessidade não o impediu de exercer seu direito à leitura, o direito à escrita e à autoria de imagens poéticas tão sublimes quanto as de Quintana ou Manoel de Barros, ocupadas com as coisas simples do cotidiano. A expressividade do momento daria matéria para páginas de reflexão, uma vez que o aluno assumiu sua condição de falante e de escritor ainda que pudessem ocorrer cortes em sua fala, o que acarretaria desconforto perante os demais. As questões feitas em 1988, por ocasião do evento descrito, são retomadas aqui, depois de uma longa caminhada de leituras e exercícios, de acertos e de enganos. Qual é a lógica da leitura e da escrita de poemas para uma criança que se intimida em usar a voz com receio de se sentir observada como diferente? Poderíamos listar uma série de considerações, entre elas o tamanho do verso, que possibilita a pausa na respiração, facilitando a pronúncia. Creio que, além desse aspecto, posso assinalar que o aluno, em estado de encantamento, por se sentir autor de um texto que fazia sentido a ele, motivou-se a ler a partir da convicção de que a escrita lhe pertence e, assim sendo, a voz seria a materialização de um espírito sublime que permeia a criação poética. Não seria diferente, se ao invés de um poema fosse uma dissertação? Compor e ler o poema exigiu, do aluno em questão, “trabalho e paciência”, como disse João Cabral de Melo Neto acerca da arte da composição.

Ao reportar o caso de Luís, retomo alguns questionamentos feitos na contemporaneidade por um estudioso do assunto que aponta para uma obra de excelência organizada pela Professora Aparecida Paiva e outras, na qual o assunto é a difusão da literatura e a formação do leitor do ponto de vista de autores que já trilharam essa estrada. Batista assim pergunta (2007, p.07) na apresentação:

Como a escola propõe ao jovem e à criança modos de relação com a cultura

literária? Que conteúdos essa cultura seleciona e exclui? Que capacidades e procedimentos – de escolha, de leitura, de apreciação – jovens leitores desenvolvem no contato com a literatura na escola? Quais os efeitos das práticas escolares sobre a formação literária de jovens e crianças?

As questões nos deixam muitas vezes “sem norte e sem bússola”, como diz o autor citado. Concordo plenamente com as interpelações acima, uma vez que os relatos de experiência oriundos da prática exercida em sala de aula pelos mestrandos do Profletras dão conta de um afastamento do texto literário em favor de outros gêneros considerados mais relevantes na formação do leitor. Minhas inferências são feitas, claro, a partir de um fragmento do mapa brasileiro que tem sido emblemático quando se refere ao meio ambiente ou à produção de grãos, mas não difere largamente dos índices de outras regiões do país quando o assunto é leitura e escola.

Ouvi a declaração de um docente da educação superior, não há muito tempo, que não existe a disciplina de literatura na educação básica, o que dispensaria os cursos de Letras de ofertarem tal formação. Tal disparate me fez contorcer de indignação pelo fato de perceber a falta de percepção no que diz respeito ao tratamento dado ao texto literário. A literatura somente estaria presente na escola se houvesse uma disciplina específica? Que leitura acerca do assunto tem o profissional da área de Letras? A predileção por determinados gêneros na escola, a percepção ultrapassada de que a literatura tem de ser “ensinada”, que deve ocupar aulas específicas, como assunto separado da língua, com conteúdo distinto fazem destacar os questionamentos de Batista apontados acima. A literatura é língua viva, não necessita de ser colocada em oratórios, em púlpitos, como visto em séculos atrás ou em gavetas nas escolas, como se fora delas não existisse. “A arte não mente”, diz Paulino (2007, p.13). E por não mentir, tenho a convicção de que muitos professores que atuam na área resistem à manipulação de textos literários em sala de aula, pela dificuldade de adentrar ao universo hermético da linguagem poética e narrativa, do imaginário, pela obediência cega aos livros didáticos pré-formatados e aos programas estabelecidos pelo sistema que mais reduz que amplia o horizonte de letramento literário.

O que posso reforçar neste coro de vozes em torno da relação Literatura/Ensino é que existe um corolário de aspectos intrincados que perenizam uma prática distorcida em sala de aula, desde a formação do aluno na educação básica, que se inicia com a leitura dos clássicos infantis, momento em que o livro circula livremente e causa interesse, à lacuna entre o quinto e nono anos, quando o prazer do contato com o livro literário cede espaço amplo para a sistematização da língua tanto nos livros didáticos quanto nas escolhas dos próprios docentes que primam por esta atividade. A leitura literária deixa de fazer sentido neste íterim porque não há liberdade de escolha do aluno frente ao acervo que lhe é oferecido, quando há, pois a realidade tem mostrado escolas com bibliotecas minúsculas, empoeiradas, sem funcionários especia-

lizados para o atendimento. Quando o aluno alcança o ensino médio, mais uma vez não tem escolha. Se o livro didático for a tônica, encontrará alguns poucos fragmentos de obras com questões de interpretação extremamente dissociadas do que pretende o letramento literário. Além disso, ainda se tem uma prática enraizada na história da literatura, pela qual os movimentos e escolas têm maior acento que o texto em si. Esses fatores implicam seriamente na formação do leitor literário em virtude de não promover o encontro com o que há de singular na literatura: “essa linguagem é língua oral ou escrita que ultrapassa padrões, tanto na materialidade significativa quanto na instauração de sentidos” (PAULINO, 2007, p. 13-4).

O fazer sentidos a que se refere Paulino deságua num campo fértil mais amplo do letramento literário porque, além da presença do outro no texto literário, conforme entende a autora, pautando-se na concepção bakhtiniana, o aluno necessita encontrar, por meio dessa alteridade, linhas que o conduzam ao encontro de seus anseios, de seus sonhos, de suas emoções, entre outros aspectos. Assim, as estratégias levadas pelo professor à sala de aula são fulcrais no desenvolvimento da identidade leitora. Não haverá sentido se o texto não dialogar com seu leitor, como no jogo entre os dois proposto por Iser (1996).

Além do encontro com a alteridade que o texto literário proporciona, é importante sublinhar o aspecto coletivo que envolve a leitura e a produção escrita de textos que ultrapassam a esfera do observável, sem perder o caráter do sentido individual que deve permear atividades desta natureza. Uma experiência desenvolvida com quarta série (hoje, ciclos de formação humana ou fases) mostrou-me que unir o subjetivo com o coletivo pode render bons resultados. Após a escolha e leitura de textos literários narrativos, nos quais o teor da aventura se mostrou evidente, a turma foi motivada a escrever coletivamente uma história ilustrada que captasse a atmosfera da aventura, do imaginário, do conhecimento popular, dentre outros elementos. Um dos alunos, com habilidade em desenhos, propôs-se a ilustrar a narrativa. Foi um período longo de trabalho, pois quando se trata de dar vez e voz a um grupo, são necessárias estratégias bem definidas, como escolha do tema, definição de personagens, delimitação de tempo para a arquitetura da história, o esboço da ação, tempo e espaço, como também o elemento singular que fará com que o aluno perceba que não está apenas elaborando um relato de algo vivenciado ou assistido em seu cotidiano, e sim, uma situação imaginada que pode ser crível sob o olhar da verossimilhança interna da obra.

Cada passo mereceu especial atenção, pois todos se manifestaram efusivamente, e, muitas vezes, ao mesmo tempo. Nesse aspecto, cabe sempre ao professor o papel de mediador, mas nunca o de decidir o que fazer e como fazer, pois a construção coletiva carece de respeito à opinião do outro e congrega diferentes ideias, o que pode se apresentar como tarefa difícil. Diante das decisões do grupo, a história tomou forma ao final de dois meses de trabalho, destinando em torno de uma hora diária para escrita

e reescrita. Depois, o trabalho do ilustrador ocupou um tempo curto, uma vez que a motivação da turma exigia que fosse finalizado para impressão. A narrativa foi digitada em papel sulfite e as ilustrações encaixadas conforme as cenas representadas. Cada aluno recebeu uma cópia, entregue durante uma reunião com os pais, que apoiaram a proposta e ficaram tão entusiasmados quanto os filhos com a produção. Dentre os detalhes da narrativa, chamou particular atenção o fato de se utilizarem de conhecimentos populares, gerados em suas famílias, para determinada situação a ser resolvida em meio à floresta, quando o balão foi perfurado por um pássaro curioso. Um dos alunos fez questão de assinalar a presença de uma fruta silvestre capaz de produzir uma cola extremamente eficaz. Diante do desfecho, alunos e professora retornam sãos e salvos da aventura.

A experiência relatada brevemente me faz refletir acerca do poder que o texto literário exerce no aluno, não apenas no que lhe é de mais especial, a surpresa, o diferente, o impensável, mas as possibilidades lúdicas que permitem ser manipuladas durante a construção do texto. A criatividade, tão carente em épocas de imagens prontas, é um ponto sensível ao reler a prática de meus alunos. Há que se compreender que um adolescente em formação ainda não consegue criar uma narrativa utilizando recursos estilísticos elaborados, mas a possibilidade de resolver conflitos, de arquitetar situações e de elaborar perfis de personagens tornam as leituras mais motivadoras. Quanto mais a literatura fizer parte de sua identidade de leitor, mais estará propenso a ampliar o repertório de imagens no ato de sua escrita.

Todas as experiências decorridas da prática com alunos do ensino fundamental fizeram-me cimentar uma sólida convicção de que não existe aluno que não goste de ler literatura. Os obstáculos que se apresentam em boa parte dos discursos dos docentes emergem muito mais de outros fatores que tangenciam práticas equivocadas, o que gera muito mais aversão do que gosto pela leitura literária. Quem nunca ouviu um jovem dizer que leu *Iracema* (José de Alencar) no ensino médio para fazer resumo ou prova? Leu por obrigação, não por compreender o valor da leitura na construção de sua identidade literária.

Um aspecto exponencial que Jouve (2013, p.53) aponta como positivo no campo da leitura é a abertura para a subjetividade: “cada um projeta um pouco de si na sua leitura, por isso a relação com a obra não significa somente sair de si, mas também voltar a si”. Isso demanda uma construção gradativa, exige um trabalho a longo prazo para que a identidade literária seja alicerçada em solo seguro. Os meios para promover esse encontro com a leitura literária é que precisam urgentemente passar por revisões no contexto escolar, uma vez que “é mais fácil, no plano pedagógico, fazer com que um aluno se interesse por um objeto que fale dele próprio; e não é desinteressante, no plano educativo, completar o saber sobre o mundo pelo saber sobre si” (p.54).

As reflexões do autor citado deságuam no que o panorama atual de formação

de leitores tem mostrado. Sabe-se que as imagens que o leitor arquiteta ao ler uma obra estão imersas nas experiências impressas em seu cotidiano; que o texto literário não é constituído de uma linguagem direta e cristalina; que, se o leva a pensar além do enunciado, é porque se estabeleceu uma relação subjetiva nessa troca sinestésica de significados. Em suma: “a confrontação do leitor consigo mesmo é, portanto, uma das dimensões maiores da leitura. A questão é saber como introduzi-la no ensino”, diz Jouve (2013, p.61).

Se o aluno não estabelecer esse vínculo com o texto literário, orientado para voltar-se a si mesmo e “ver-se” no outro, a leitura não alcançará seu objetivo. Todos esses fatores desembocam no conceito de “identidade literária”, que Rouxiel (2013, p.70) considera assunto complexo:

a noção de identidade literária supõe, pois, uma espécie de equivalência entre si e os textos: textos que eu gosto, que me representam, que metaforicamente falam de mim, que me fizeram ser o que sou, que dizem aquilo que eu gostaria de dizer, que me revelaram a mim mesmo. Essa noção requer e estabelece a memória de textos que perfizeram um percurso – evoca um universo literário – mas inclui também uma relação com a língua, com a escrita e com a singularidade do modo de ler [...].

Diante da lúcida expressão acerca da “identidade literária”, pode-se compreender a análise que a autora faz a partir de autobiografias e de sua pertinência nas escolas. Poderia um aluno de ensino médio, por exemplo, escrever sua autobiografia literária, mesmo ciente de que é um não leitor? Ainda que os desafios sejam numerosos, a autora aponta para os benefícios que a atividade pode trazer enquanto experiência de leitor ou um desvendar-se pelo outro quando da identificação com determinadas personagens.

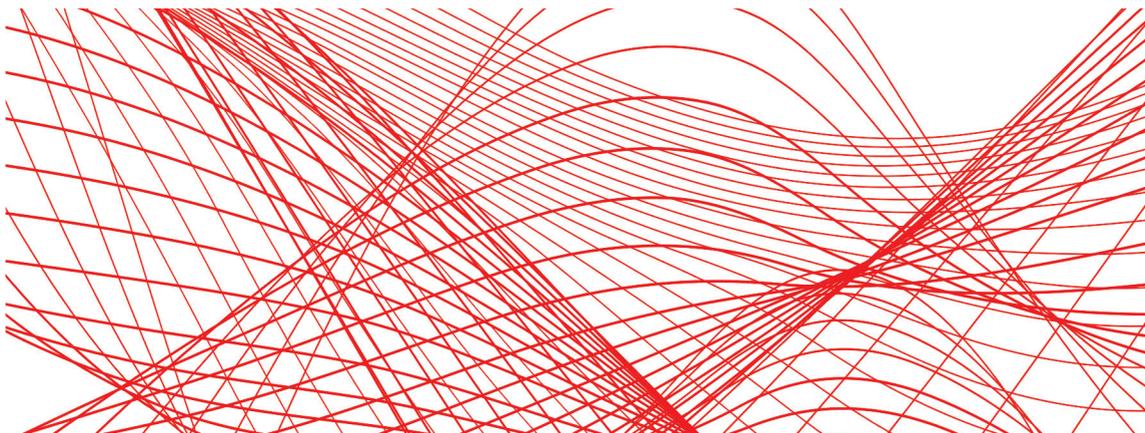
Não há dúvida de que a leitura do texto literário passa primeiramente pela questão: “o que é feito da obra literária?”. Se a obra não for ressignificada no universo de sentidos do leitor, não se estabelecerá a abertura para as intersecções de leitura com outros campos do conhecimento que não seja apenas o do enunciado em nível fabular. Nessa esteira, a proposta de Cosson (2006) direcionada à sequência básica e à sequência expandida configura-se como uma das estratégias viáveis para garantir a possibilidade de leitura ampla, que demanda associação com o mundo em que o leitor vive, com outro campo de significação. O texto literário, nessa concepção, sempre será o foco. O que compõe o seu entorno são situações sensoriais que precisam ser ouvidas e intercaladas aos momentos de leitura e de interpretação para que a obra não seja lida apenas com fins tecnicistas. O leque de possibilidades de compreensão do texto literário oriundo do entrosamento com outras faces do conhecimento conduz o leitor a se manifestar a partir das inferências que faz do seu mundo, ou seja, de sua subjetividade. Assim, a moça tecelã pode ser a rendeira que mora ao lado ou o homem à beira do rio

se assemelha ao personagem de Rosa.

O que os estudos mais recentes têm mostrado converge para a leitura que faço a partir da experiência em sala de aula. O aluno, leitor literário em formação, necessita de um professor mediador que lhe dê oportunidade de se expressar diante do que lê, que lhe garanta a possibilidade de escolha de autores e obras significativos para sua trajetória individual e social. Ler passa a ter sentido na vida do aluno quando ele puder manifestar o que compreendeu de maneira subjetiva, sem imposições de provas e resumos ou de perguntas que mais se preocupam com dados estruturais. Não acredito em letramento literário no campo escolar se o professor não for um leitor antes de tudo para mediar situações de leitura que exijam estratégias interseccionadas ao conhecimento de mundo do aluno. Não haverá letramento literário se não houver planejamento de atividades coerentes e um sistema educacional aberto aos sentidos além dos muros e portões. Enquanto a literatura estiver aprisionada nas estantes de salas escuras, com portas trancadas e de difícil acesso; enquanto a prática docente for centrada em leituras iguais para alunos com pensamento diferente, o letramento literário será apenas tema de discussão. Ainda que em pequenas proporções, trabalhos de natureza como este que tive o prazer de organizar são uma resposta a muitos questionamentos acerca da leitura do texto literário. É necessário que se ouse dizer o que fazemos, como fazemos e para que fazemos leitura literária. Assim, teremos lançado sementes em terra fértil. Haverá quem colha os frutos.

Bibliografia

- BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Apresentação**. In: PAIVA, Aparecida et al (Orgs.). **Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces – o jogo do livro**. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FAE/UFMG, 2007.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.
- ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. São Paulo: Editora 34, 1996.
- JOUVE, Vincent. **A leitura como retorno a si: sobre o interesse pedagógico das leituras subjetivas**. In: REZENDE, Neide Luzia *et al* (Orgs.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013.
- PAULINO, Graça. **Livros, críticos, leitores: trânsitos de uma ética**. In: PAIVA, Aparecida et al. (Orgs.). **Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces – o jogo do livro**. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FAE/UFMG, 2007.
- ROUXIEL, Anne. **Autobiografia de leitor e identidade literária**. In: REZENDE, Neide Luzia *et al* (Orgs.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013.



2 LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA: DESAFIOS E CAMINHOS

Antonio Aparecido Mantovani

A indisciplina e a falta de interesse dos alunos pelas aulas estão entre as maiores reclamações dos professores, ambas associadas ao baixo nível do aprendizado. Não surpreende mais a constatação de que muitos alunos chegam ao Ensino Médio e até ao universitário como analfabetos funcionais uma vez que mal escrevem e não conseguem compreender um texto de leitura fluente. Entre as justificativas para esta preocupante realidade, surgem a falta de estrutura das escolas com prédios precisando de reformas urgentes, a inexistência de laboratórios ou estes com computadores inoperantes, sem internet e técnicos de informática. A aprovação automática também é citada como responsável pelo comodismo de muitos alunos. Os professores de Língua Portuguesa reclamam ainda da diminuição destas aulas e do desaparecimento da disciplina de Literatura do currículo escolar da maioria das escolas brasileiras.

Há quem culpabilize o trabalho dos educadores como parte do fracasso do ensino, pois muitos ainda fazem uso de métodos obsoletos que não despertam mais a atenção dos alunos diante das novas tecnologias que, ausentes nas escolas, tornaram-se arcaicas e desinteressantes. A escola nega espaço para o estranho e o inusitado ao enfatizar demasiadamente o conhecimento muitas vezes quase unicamente através dos livros didáticos e do saber do professor num formato que privilegia a repetição, a objetividade de respostas sem valorizar o desenvolvimento da subjetividade e criticidade do aluno.

Neste formato, os melhores alunos podem ser os que memorizam os conteúdos e respondem questões direcionadas até mesmo aos professores através dos livros dos mestres com respostas prontas. Há, ainda, professores que pouco atualizam seus planos de ensino e material didático, repetem questões e provas antigas apenas com uma nova roupagem agora facilitada com o uso do computador, fazem uso de uma bibliografia defasada em resistência a novas leituras e poucos trabalham e leem autores

contemporâneos. Como tornar os alunos leitores assíduos, transmitir a magia do texto literário quando o professor não demonstra paixão pela literatura?

A necessidade de tornar os alunos leitores permanentes não é uma preocupação recente, Teresa Colomer (2007) lembra que ainda em meados do século XIX, cobrava-se de alunos do antigo primário a leitura de uma novela para que lessem pelo menos um livro na vida, enquanto no ensino secundário; exigia-se a leitura de textos gregos e latinos, no original. No entanto, este modelo de ensino falhou por não formar leitores, uma vez que se limitava na leitura e escrita com foco na decodificação e memorização de conteúdos.

Lembra a autora que na busca de um leitor competente, na segunda metade do Século XX, novas teorias dão ao desenvolvimento da linguagem uma atenção especial ou enfoca mecanismos em que o significado do texto escrito é construído pelo leitor num novo modelo na reflexão educativa que busca uma competência interpretativa como necessária e realizada através da leitura. Todavia as escolas muitas vezes prendem-se em como se estrutura uma obra, e não numa experiência literária em que o gosto, o prazer e a livre seleção dos livros ocorrem sem o medo de uma avaliação.

Leyla Perrone-Moisés (2006), antecipando a uma realidade atual, chamou a atenção sobre o risco do desaparecimento da literatura enquanto disciplina. Em seu artigo, lembrou Antoine Compagnon que fizera um triste diagnóstico de que a presença da literatura não cessava de reduzir pelo mundo e que “os estudantes que chegam aos cursos de Letras na universidade não são mais leitores apaixonados (2006, p. 16)”. Esta constatação também pode ser feita nas universidades brasileiras, onde os alunos encontram muitas dificuldades em produzir um texto compatível a um curso acadêmico. Verificam-se, por aqui, cursos de licenciatura esvaziados e muitos acadêmicos confessam que optaram por eles por serem menos concorridos.

A autora chama a atenção de que não basta os professores universitários apenas constatarem e lamentarem as dificuldades de leitura e de escrita dos novos universitários, problema agudo da Educação Básica, principalmente das escolas públicas. E chama a atenção para o abismo entre “as especulações dos pós-graduandos e pós-doutores, informados de sofisticadas teorias” e “dos conteúdos didáticos ou práticas cotidianas do básico e do secundário” (2006, p. 18).

Sobre o “desaparecimento” da disciplina Literatura no ensino médio em vários estados brasileiros, substituída pela disciplina “comunicação e expressão” entre 2001 e 2002, lembra Perrone-Moisés (2006) que no Brasil isto gerou apenas alguns protestos isolados, sem nenhum movimento de repúdio, enquanto na França a ameaça de se retirar dos currículos do ensino médio o ensino literário tradicional levou à queda do Ministro da Educação num grande movimento aderido por multidões de alunos e pais. Em Portugal, numerosos professores protestaram contra uma proposta que minimizava o ensino de literatura. Este desaparecimento no Brasil acaba por levar como se

verifica um tempo reduzido para a leitura, sobretudo, no ensino secundário, quando o professor, ciente da necessidade da leitura, impõe-na ao tentar preparar os alunos para os vestibulares e mesmo ao Enem: o primeiro cobra a leitura de obras pontuais, o último exige uma melhor interpretação dos enunciados. No entanto, este tipo de leitura impositiva apenas aumenta o número de leitores ocasionais, não humanizados pela literatura.

Neste universo, Antonio Candido (2002) atenta para *a função humanizadora da literatura* sobre o homem. O autor chama a atenção de que no estudo da obra literária há um momento analítico de cunho científico voltado a “problemas relativos ao autor, ao valor da obra [...] e um momento crítico” (2002, p. 82) que questiona “a validade da obra e sua função como síntese e projeção da experiência humana” (2002, p. 82).

O autor afirma que o homem sente uma espécie de necessidade universal de ficção e de fantasia a que ele nomeia de função psicológica. Para Candido, esta necessidade elementar ocorre no “indivíduo primitivo e civilizado, na criança e no adulto, no instruído e no analfabeto” (2002, p. 83) e a literatura aparece como resposta a uma necessidade universal, num nível mais humilde e espontâneo através da adivinha, da anedota e do trocadilho, por exemplo. Enquanto num nível mais complexo surge nos cantos folclóricos, nas narrativas populares, nos mitos e nas lendas que num ciclo civilizado aparece nas formas impressas em forma de poemas, de contos e de romances em livros e revistas, por exemplo.

Esta necessidade de ficção e fantasia sentida pelo homem como afirma o autor justifica o prazer que o aluno pode encontrar na leitura de um texto. Neste sentido, o texto literário é uma importante ferramenta para promover o letramento literário dos alunos, e se a literatura tem o poder de educar, tornar as pessoas mais críticas e melhores, cabe à escola proporcionar o encontro dos alunos com o texto literário. Este, segundo Candido (2002), serviu como instrução do homem em países civilizados, daí “o elo entre a formação do homem, humanismo, letras humanas e o estudo da língua e da literatura (p. 84)”. Isto leva ao que o autor chama de função educativa da literatura, e que “a literatura pode formar, mas não segundo a pedagogia oficial, pois ela impacta o leitor e o educa de forma ímpar, com altos e baixos, luzes e sombras (p. 84)” nunca como os manuais de virtudes.

Para o autor, mais de que uma forma de expressão, a literatura é um meio de conhecimento em que

o leitor, nivelado ao personagem pela comunidade do meio expressivo, se sente participante de uma humanidade que é sua, e deste modo, pronto para incorporar à sua experiência humana mais profunda o que o escritor lhe oferece como visão da realidade (CANDIDO, 2002, p. 85).

Graça Paulino e Rildo Cosson (2009, p. 68-69), nesta perspectiva, reforçam que a literatura possibilita que o leitor viva a experiência do outro pela palavra, uma vez que ela constrói e reconstrói sua identidade pela leitura ao ser atravessado pelo texto. A experiência da literatura possibilita que o leitor seja o outro sendo ele mesmo. Sua formação se dá tanto pelos textos lidos e que atravessam seus corpos pelo impacto recebido pela experiência do outro quanto pelo que ele viveu. A experiência vivida pela literatura dá sentido ao mundo e ao leitor de forma singular e diferenciada, por isso o letramento literário pode ser concebido como “um processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos” (2009, p. 70).

Sobre o letramento literário na escola, os autores chamam a atenção às dificuldades que ele encontra para se tornar efetivo no ambiente escolar tanto como escolarização na literatura tanto como formação do leitor como disciplina curricular por enfocarem “os usos inadequados do texto literário na aprendizagem da escrita ou no tratamento da literatura como mera herança cultural” (2009, p. 71). E enfatizam que há outros elementos da tradição escolar que dificultam e até impedem a formação de leitores literários.

Graça Paulino e Cosson (2009) fazem também alguns apontamentos do que é necessário para que o letramento literário se concretize na escola. Para isto, o contato direto do leitor com o texto literário é fundamental, no sentido básico, pois a vivência com a literatura só se dá com esse contato permanente. Cabe à escola e ao professor permitirem e disponibilizarem de forma efetiva e constante que este contato efetivo oferecendo um acervo bibliográfico, espaço, tempo e oportunidades para a leitura. Reforçam ainda que o ensino de literatura necessita de um espaço curricular como uma disciplina ou à parte, “com atividades sistematizadas e contínuas envolvendo os textos literários que devem ser desenvolvidas dentro e fora da sala de aula (2009, p. 74)”.

Como práticas que ajudam a efetivar o letramento literário na escola também indicam a necessidade de um “estabelecimento de leitores de uma comunidade na qual se respeitem a circulação dos textos e as possíveis dificuldades de respostas à leitura deles (2009, p. 74)”. Medida simples e importante segundo os autores porque “assegura a participação ativa do aluno na vida literária, e por meio dela, a sua condição de sujeito” (2009, p. 74). Entre as estratégias de que o professor pode lançar para tal, estão os grupos de estudo e os clubes de leitura. Vale lembrar que Rildo Cosson lançou recentemente o livro *Círculos de leitura e letramento literário* (2014). Nesta obra, apresenta uma proposta sistematizada de atividades que auxilia leitores e educadores na organização e funcionamento de círculos de leitura.

Ainda sobre essas práticas, Paulino e Cosson (2009) chamam a atenção de que a literatura não se faz presente apenas em textos reconhecidos como literário, mas também em outras formas que contribuem para a formação do sistema literário. Nesta perspectiva, ressaltam a importância de se explorar textos da tradição oral, dos meios

de comunicação de massa e de outras manifestações artísticas.

Os autores destacam que o texto literário, acima de tudo, é produzido por quem escreve melhor que nós. O professor também melhora sua escrita com quem escreve melhor que ele. Entre os exercícios para a escrita, os autores lembram que um leitor assíduo será mais facilmente um bom produtor de texto no exercício da palavra escrita, não necessariamente de poeta, e defendem exercícios de paráfrases, estilização e paródia, por exemplo, por promoverem um diálogo criativo do aluno com o universo literário como respostas à leitura dos textos. Estas práticas:

devem ter como horizonte a formação de um sujeito da linguagem, de um produtor de textos, de um leitor que tenha a competência de interagir com a literatura em várias frentes, selecionando livros, identificando diferentes suportes com seus intertextos e articulando contextos de acordo com seus interesses pessoais e da sua comunidade (2009, p. 76).

Para os autores, a experiência da literatura proporciona a interação verbal e o (re)conhecimento do outro e do mundo, por isso “a literatura é tão importante para o desenvolvimento cultural do ser humano e apropriar-se da literatura como construção literária de sentido” (2009, p. 76) é o que constitui o letramento literário.

Para isto, criar condições para que o aluno desenvolva o gosto pela leitura, transformando-se num leitor deve uma atribuição do professor. Este, contudo, deve ter o cuidado para que o texto não seja apenas um instrumento para atingir seu objetivo de ensino. O texto literário, antes de tudo, é uma obra de arte e deve ser visto como tal. Esta vai desenvolver a sensibilidade e a capacidade de juízo do leitor. Carlos Ceia chama a atenção de que muitas vezes o “que se ensina é que rodeia ou contextualiza o literário e não o literário propriamente dito” (2002, p. 24). Muitos professores ainda ficam presos a fichários sobre escolas literárias, o historicismo monumentalista, o biografismo enquanto o texto literário fica em segundo plano. A soma de conhecimento sobre literatura sem a experiência com o texto literário não forma o leitor.

Alunos passam pela escola e saem dela sem serem leitores, ouvem que Paulo Coelho não é bom, que Machado de Assis é melhor que Joaquim Manuel de Macedo sem compreenderem o porquê. E os escritores de que gostam geralmente são os que os professores não indicam seus textos. Saem da escola sem formação para a escolha dos livros e acabam por ler casualmente uma obra indicada por um amigo, o que vira modismo como as sagas de *Harry Potter* e *Crepúsculo*, ou leituras de obras cobradas em vestibulares. Estas estão ficando desnecessárias com resumos e exercícios disponíveis na internet, além do crescente desaparecimento dos vestibulares substituídos pelas provas do Enem.

Também é preocupante a constatação de que no ensino básico, geralmente

com professores leigos aos estudos literários, a criança desenvolve o gosto pela leitura e se sente fascinada por um mundo encantado, cheio de aventuras, sonhos e fantasias. Contudo, como já se disse, ao mudar de ciclos, não custa para que as cobranças comecem por meio de leituras muitas vezes incompatíveis a sua idade e formação e de atividades como fichamentos e resumos, solicitadas por um professor perdido em suas convicções. O texto literário vai além de um manuscrito e de uma conotação, é uma forma única de ver o mundo através dos olhos de cada leitor. Para Vincent Jouve (2012), a especificidade da obra literária, enquanto objeto cultural, não está apenas na natureza dos conteúdos, mas também na maneira como ela os comunica. E a força do impacto do discurso transmitido pelo texto literário não seria sentido por um discurso racional. Além disto, o texto literário é sentido antes mesmo de ser compreendido e a informação transmitida pode ser sentida de forma inconsciente.

Para Jouve (2012), o professor não pode contentar-se apenas com o trabalho de interpretação, ele deve tornar acessíveis as informações necessárias sobre as obras cuja linguagem se tornou opaca aos leitores. A história literária é importante porque a obra exprime muito nos planos cultural e histórico. O autor chama a atenção de que a história literária não deve ser confundida com história de pessoas, de instituições, com uma cronologia de estudos diacrônicos. Ela pode levar o leitor a compreender o que o texto literário exprime sobre o ser humano, o que se esperava dele na época e o que traz de inédito nos dias de hoje. Segundo Jouve, os estudos literários só têm legitimidade se eles resultarem em algo útil para a sociedade, “não basta provar que um poema é belo é necessário também mostrar que ele enriquece nossa compreensão de mundo, sobre o que somos e a realidade em que vivemos” (2012, p. 139).

O texto literário, entre tantos saberes de que dispõe, encontra-se o universo cultural do autor e de seus contemporâneos, ele primeiramente se dirigia aos leitores de seu tempo, mas sempre se reinveste à sociedade atual. Por isto, um dos desafios do professor de literatura é possibilitar as informações necessárias ao aluno para que ele sinta o que o texto tem para dizer. O que apreciamos hoje em *Dom Casmurro* não é necessariamente o que se os leitores de sua época entendiam, mas esta obra continua falando com os leitores da atualidade.

Da mesma forma, uma nova análise de uma obra precisa trazer elementos não atualizados. A narrativa do romance *O cortiço*, de Aluísio Azevedo continua atual na sociedade em que vivemos e pode ser observada, em muitos aspectos, na maioria das cidades brasileiras. Não se deve discutir o romance *Iracema* simplesmente como uma narrativa de amor entre uma indígena e um português. Em seu contexto, é importante estudá-la como um romance inserido no nacionalismo romântico de um país que se tornara independente. Sobre a atualidade deste romance, o professor pode explorar o colonizador representado no personagem Martim e as marcas da colonização deixadas em Moacir, o filho da dor e do sofrimento pela perda da mãe Iracema, anagrama de

América. A colonização, revestida de neocolonialismo, pode ser constatada até os dias atuais. Mudam-se apenas as formas de exploração sobre os países em desenvolvimento.

Vincent Jouve chama a atenção para o risco do professor “fazer estudar um texto perfeitamente banal pelo mero motivo de ele agradar por razões conjunturais (2012, p.133)”. Neste sentido, não se pode fazer uso do texto literário simplesmente para o estudo de outras “ciências”. O estudo do texto literário precisa ser visto por um viés próprio. Pelo da gramática, como ficaria autores como José Saramago e Lobo Antunes que dispensam a prosódia normativa e a sintaxe das gramáticas convencionais? Carlos Ceia (2002) chama a atenção de autores como estes “chegaram a um conhecimento avançado dos mecanismos da língua portuguesa” (p. 47). Um leitor desavisado pode afirmar que Saramago não sabe fazer a pontuação como já se publicou equivocadamente em revistas brasileiras. A especificidade da obra literária não está apenas na natureza de seus conteúdos, mas como ela os comunica. O impacto das informações transmitidas pelo texto literário nunca seria alcançado num discurso racional. Para isto, faz uso de uma linguagem única, com uma combinação de sons, ritmos, melodias que se reinventa e se altera a cada verso ou frase.

São muitos os desafios para o professor, consciente do poder da leitura na formação humana e na inclusão social, ele precisa encontrar meios para aproximar o leitor ao texto literário, numa sociedade que não valoriza a leitura como um importante meio de transformação e de acesso ao conhecimento. A leitura, como afirma Michèle Petit (2009), pode ser uma poderosa máquina de guerra contra os totalitarismos, contra os conservadorismos e contra todos que querem de alguma forma nos imobilizar. Ela é um pré-requisito do acesso ao exercício de um verdadeiro direito de cidadania por propiciar uma reflexão própria. A autora ressalta também o trabalho do mediador, aquele que aproxima o leitor ao texto e desperta seu gosto pela leitura. Para Michèle Petit (2009), este trabalho não deve ser unicamente do professor, é importante contar com o apoio de uma equipe. O bibliotecário, por exemplo, pode auxiliar na contação de histórias e na escolha do livro. Uma simples permissão para que a criança carimbe um livro pode fazê-la sentir-se parte daquele ambiente.

A leitura é uma porta aberta ao letramento literário. Este, um processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos. Como afirmam Graça Paulino e Rildo Cosson, é “um estado permanente de transformação, uma ação continuada, e não uma habilidade que adquire como aprender a andar de bicicleta” (2009, p. 67). O leitor apropria-se do texto, incorpora e transforma o que leu. A apropriação vai além de um conjunto de textos, compõe-se de um repertório cultural e literário que propicia uma forma única de construção de sentidos. Para os autores, o letramento literário não se inicia e nem termina na escola. É uma atividade que segue o leitor por toda vida e se renova a cada leitura. Cabe ao professor, criar meios, intervir e proporcionar o encontro dos alunos com o texto literário, sua leitura se encarregará

de torná-los mais críticos e melhores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. In: *Textos de intervenção*. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

CEIA, Carlos. **O que é ser professor de literatura**. Lisboa: Edições Colibri, 2002.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo; PAULINO, Graça. **Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola**. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania M. K. (Orgs.) **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009. (Coleção Leitura e Formação).

_____. **Círculo de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

JOBIM, José Luís. **A literatura no ensino médio: um modo de ver e usar**. In: RÖSING, Tânia M. K; ZILBERMAN, Regina (Orgs.). *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.

JOUBE, Vincent. **Por que estudar literatura?** Trad. Vincent Jouve; Marcos Bagno e Marcos Marciolino. São Paulo: Parábola, 2012.

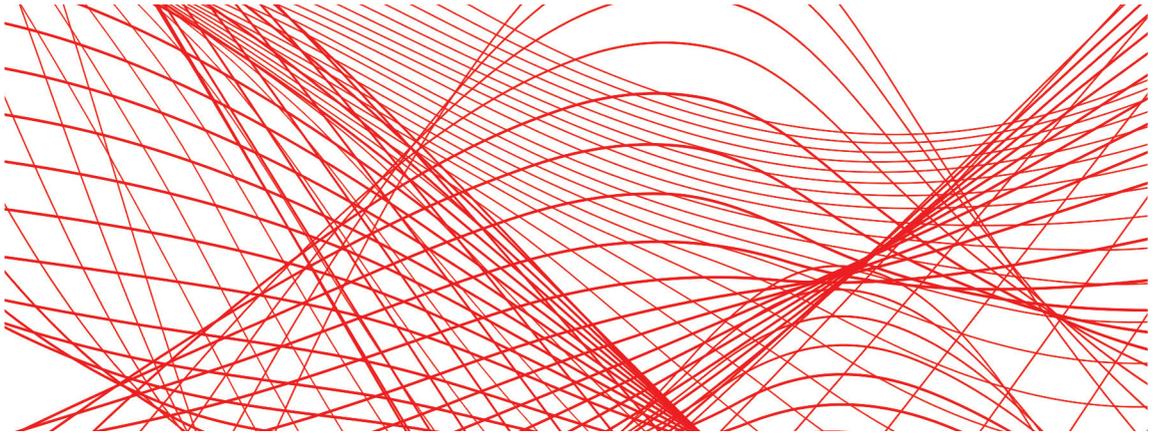
LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2000.

PAIVA, Aparecida. MARTINS, Aracy, PAULINO, Graça, VERSIANE, Zélia (Orgs.). **Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces**. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FaE/UFMG, 2007.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Literatura para todos**. In: **Literatura e Sociedade**. SÃO PAULO: USP/FFLCH/DTLLC, 2006.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. 2ed. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2009.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Editora Artmed, 1998.



SOBRE OS AUTORES

Ademir Juvêncio da Silva é graduado em Língua Portuguesa (UNEMAT), especialista em Linguística Aplicada ao Ensino do Português como Língua Materna (UNEMAT) e Gestão do Trabalho Pedagógico: Supervisão e Orientação Escolar (FACINTER), mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS (UNEMAT/Sinop). É professor de Língua Portuguesa do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental da rede municipal na cidade de Sorriso, Mato Grosso, atuando na Escola Municipal Rui Barbosa. Endereço eletrônico: ademih@hotmai.com

Alessandra de Oliveira é graduada em Língua Portuguesa (UNEMAT), especialista em Educação Língua Portuguesa e Literatura (UNEMAT), mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS (UNEMAT/Sinop). É professora de Língua Portuguesa do 9º ano do Ensino Fundamental, na Escola Estadual Antonio Ometto e no 2º e 3º anos do Ensino Médio, na Escola Estadual Jardim das Flores, na cidade de Matupá, Mato Grosso. Endereço eletrônico: aleoliveira.matua@hotmai.com

Antonio Aparecido Mantovani é doutor em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo – USP; professor do curso de Letras do *Campus* de Sinop e do Profletras – Mestrado Profissional em Letras; Endereço eletrônico: amantovani@unemat.br

César Vicente da Costa é graduado em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e respectivas Literaturas (UNEMAT/Tangará da Serra), Língua Espanhola e respectiva Literatura (UFMT/Sinop) e Educação Física (UFMT/Cuiabá), mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS (UNEMAT/Sinop). É professor de Língua Portuguesa do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental e no Ensino Médio da rede Estadual na Escola Estadual Padre Ezequiel Ramin, na cidade de Juina, Mato

Grosso. Endereço eletrônico: rasevcv@hotmail.com

Cleunice Fernandes da Silva é graduada em Licenciatura Plena em Letras (UFMT/Rondonópolis), especialista em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Portuguesa e Inglesa (UNEMAT/Sinop), mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS (UNEMAT/Sinop). É professora de Língua Portuguesa do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental da Escola Estadual Rosa dos Ventos, na cidade de Sinop, Mato Grosso. Endereço eletrônico: cleonicefernandes_silva@hotmail.com

Denis Alves Farias é graduado em Letras com habilitação em Língua portuguesa e Língua Estrangeira Moderna – Inglês (UPE), especialista em Língua Portuguesa e Literatura (UNEMAT/Sinop), mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS (UNEMAT/Sinop). É professor de Língua Portuguesa do Ensino Básico, na escola Estadual 21 de Abril, no município de Juína, Mato Grosso. Endereço eletrônico: farias.denis@ibest.com.br

Edivaldo Aparecido Mazolini é graduado em Língua Portuguesa e especialista em Língua Portuguesa e suas Literaturas pela UNEMAT – Campus Universitário Vale do Telles Pires, mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS (UNEMAT/Sinop). É professor de Língua Portuguesa do ensino fundamental (6ª ao 9º anos) e ensino médio na rede estadual, lotado na Escola Estadual José Domingos Fraga, situada no município de Sorriso, Mato Grosso. Endereço eletrônico: edivaldomazolini@gmail.com

Elaine Xavier Lima Babinski é graduada em Língua Portuguesa com habilitação em Língua Inglesa (UNEMAT/Cáceres), especialista em Linguística Aplicada em Língua Portuguesa e Língua Inglesa (UNEMAT/Sinop), mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS (UNEMAT/Sinop). É professora de Língua Portuguesa do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental e Ensino Médio na Escola Estadual José Domingos Fraga, na cidade de Sorriso, Mato Grosso. Endereço eletrônico: ela13ine@hotmail.com

Elen Cristina Freire é graduada em Língua Portuguesa (FAFIPA – Faculdade Estadual de Educação, Ciências e Letras de Paranavaí – PR), especialista em Língua Portuguesa e Literatura pela mesma faculdade, mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS (UNEMAT/Sinop). É professora de Língua Portuguesa do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental da rede Estadual na cidade de Nova Mutum, Mato Grosso, atuando na Escola Estadual Virgílio Corrêa Filho. Endereço eletrônico: elencf@outlook.com

Elisangela Dias Saboia é graduada em Letras, com habilitação em Português, Inglês

e respectivas Literaturas (UNEMAT), especialista em Educação de Jovens e Adultos (Instituto Cuiabano de Educação), mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS (UNEMAT/Sinop). É professora de Língua Portuguesa e Língua Inglesa de 6º a 9º anos do Ensino Fundamental da rede municipal de ensino da cidade de Colider, Mato Grosso. Endereço eletrônico: elisangela.saboia@hotmail.com

Luzia A. Oliva dos Santos é doutora em Literaturas de Língua Portuguesa (UNESP/SJRP). Atua como docente na área de Literatura no curso de Letras da UNEMAT, *campus* universitário de Sinop e no Programa de pós-graduação profissional em Letras – Profletras, no qual exerce a função de coordenadora (2013-2016). Endereço eletrônico: luoliva@unemat.br

Marcia Maria Silva de Souza é graduada em Letras, com habilitação em: Português, Espanhol e respectivas Literaturas (UNIVAG), especialista em Língua Portuguesa pelo Instituto Pró-Minas, mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS (UNEMAT/Sinop). É professora de Língua Portuguesa na Escola Estadual Ubaldo Monteiro da Silva de 6º ao 3º ano do Ensino Fundamental e Médio da rede pública de ensino na cidade de Várzea Grande-MT. Endereço eletrônico: marcia.amarillo@hotmail.com

Marcia Weber é graduada em Língua Portuguesa (FURG), especialista em Psicopedagogia (FASIPE) e Metodologias do Ensino de Línguas Portuguesa e Estrangeiras (UNINTER/Sinop), mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS (UNEMAT/Sinop). É professora de Língua Portuguesa do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental na Escola Estadual Professora Cleufa Hübner, na cidade de Sinop, Mato Grosso. Endereço eletrônico: marciapweber@hotmail.com

Maria Salete Dias Antônio é graduada em Língua Portuguesa (UNIOESTE), especialista em Educação Infantil, Alfabetização e Educação Especial (AVEC), mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS (UNEMAT/Sinop). É professora de Língua Portuguesa do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental e Ensino Médio das redes Municipal (C.M.E.B. Sorriso) e Estadual (Escola Estadual 13 de Maio) na cidade de Sorriso, Mato Grosso. Endereço eletrônico: promarsal@hotmail.com

Maríndia Becker é graduada em Letras (UNEMAT), especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira (UNEMAT), mestranda do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS (UNEMAT/Sinop). É professora de Língua Portuguesa em duas turmas do 7º ano do Ensino Fundamental na Escola Estadual Antonio Ometto (Rede Estadual de Educação) no município de Matupá, Mato Grosso. Endereço eletrônico:

marindiabecker@yahoo.com.br

Miguel Rodrigues de Oliveira é graduado em Letras (UNEMAT/Sinop), especialista em Linguística Aplicada ao Ensino do Português como Língua Materna (UNEMAT/Sinop), mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS (UNEMAT/Sinop). Atua como docente na Escola Municipal de Educação Básica Silvana, em Sinop, Mato Grosso. Endereço eletrônico: miguelrodrigues1968@oi.com.br

Nilze Maria Malaguti é graduada em Língua Portuguesa (UNIOESTE), especialista em Atualização Pedagógica (UFRJ) e em Língua Portuguesa (AJES), mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS (UNEMAT/Sinop). É professora de Língua Portuguesa do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental e Ensino Médio das redes Municipal e Estadual na cidade de Aripuanã, Mato Grosso. Endereço eletrônico: nilzemalaguti@hotmail.com

Polyana Sampaio da Silva Scrimim é graduada em Licenciatura Plena em Letras (UNEMAT), mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS (UNEMAT/Sinop). É professora de Língua Portuguesa do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental da rede Estadual na cidade de Juara, Mato Grosso, atuando na Escola Estadual Luiza Nunes Bezerra. Endereço eletrônico: polyanascrimim@gmail.com

Sérgio Cervieri é graduado em Língua Portuguesa (UNIFLOR – Universidade de Alta Floresta), especialista em Educação Ambiental para a conservação da Amazônia mato-grossense (UNEMAT), mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS (UNEMAT/Sinop). É professor de Língua Portuguesa do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental e no Ensino Médio da rede Estadual na Escola Estadual Irany Jaime Farina, na cidade de Guarantã do Norte, Mato Grosso. Endereço eletrônico: sergiocervieri@hotmail.com

Sidnei Alves da Rocha é graduado em Língua Portuguesa (UNEMAT/Sinop), especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira (FIP - Faculdades Integradas de Patrocínio/MG) e Tecnologia em Educação (PUC), mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS (UNEMAT/Sinop). É professor de Língua Portuguesa do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental na Escola Municipal Vista Alegre e do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio na Escola Estadual 12 de Abril, na cidade de Terra Nova do Norte, Mato Grosso. Endereço eletrônico: profsidneirocha@hotmail.com